

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**  
**PPGPEH**  
**CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

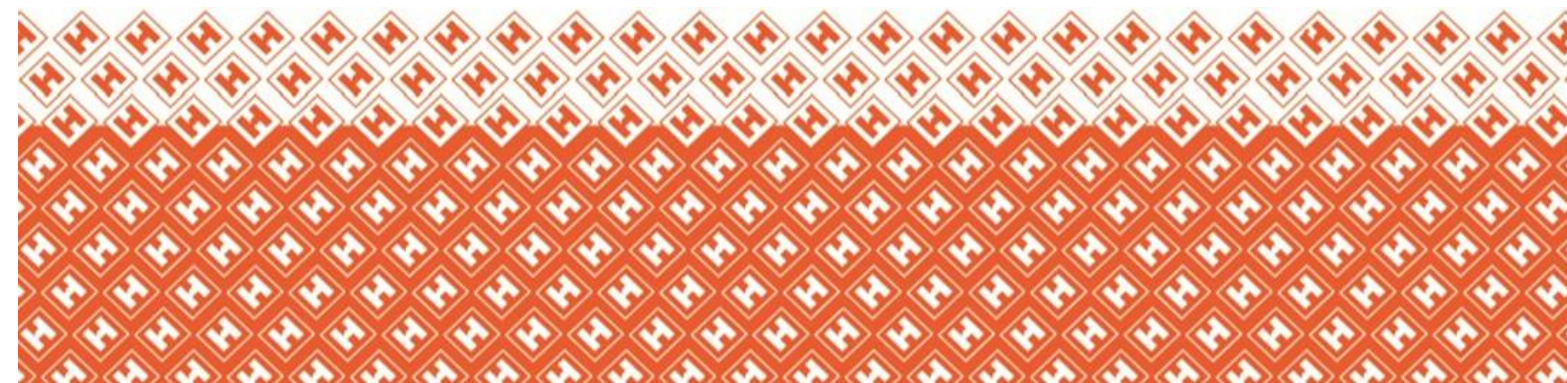


---

**ANGELA MARIA ALVES DE PAULA**

**MULHERES DA FLORESTA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: A EXPERIÊNCIA DE  
MULHERES SERINGUEIRAS DO ACRE (1950-2023) E O ENSINO DE HISTÓRIA**

**RIO BRANCO**  
**2024**



**ANGELA MARIA ALVES DE PAULA**

**MULHERES DA FLORESTA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: A EXPERIÊNCIA DE  
MULHERES SERINGUEIRAS DO ACRE (1950-2023) E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PPGPEH da Universidade Federal do Acre, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: **Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão**

Orientador: **Dr. Eduardo Silveira Netto Nunes**

RIO BRANCO

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

P324m Paula, Ângela Maria Alves de, 1972 -  
Mulheres da floresta na Amazônia brasileira: a experiência de mulheres  
seringueiras do Acre (1950-2023) e o ensino de história / Ângela Maria Alves de  
Paula; orientador: Dr. Eduardo Silveira Netto Nunes. – 2023.  
208 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-  
Graduação Profissional em Ensino de História - PPGPEH, Rio Branco, 2023.  
Inclui referências bibliográficas e anexos.

1. Ensino de História. 2. História das mulheres – Acre. 3. Educação básica.  
I. Nunes, Eduardo Silveira Netto (orientador). II. Título.

CDD: 910

---

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Titulo da Dissertação: **Mulheres da floresta na Amazônia acreana: a experiência de mulheres seringueiras do Acre (1950/2023) e o Ensino de História**

Autor: **Ângela Maria Alves de Paula**

Orientador: **Dr. Eduardo Silveira Netto Nunes**

Dissertação aprovada como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ensino de História, pela Banca Examinadora:

DATA DA APROVAÇÃO: 30 de julho de 2024.

**BANCA EXAMINADORA:**

Assinado Eletronicamente  
**Dr. EDUARDO SILVEIRA NETTO NUNES**  
Orientador  
Universidade Federal do Acre – UFAC

Assinado Eletronicamente  
**Drª. VERONICA APARECIDA SILVEIRA AGUIAR**  
Avaliadora Interna  
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Assinado Eletronicamente  
**Drª. LILIAN MARIA MOSER**  
Avaliadora Externa  
Universidade Federal de Rondônia - UNIR



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Silveira Netto Nunes, Professor do Magisterio Superior**, em 31/07/2024, às 12:05, conforme horário de Rio Branco - AC, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Veronica Aparecida Silveira Aguiar, Usuário Externo**, em 31/07/2024, às 14:16, conforme horário de Rio Branco - AC, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Maria Moser, Usuário Externo**, em 01/08/2024, às 20:36, conforme horário de Rio Branco - AC, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade do documento pode ser conferida no site [https://sei.ufac.br/sei/valida\\_documento](https://sei.ufac.br/sei/valida_documento) ou click no link [Verificar Autenticidade](#) informando o código verificador **1329717** e o código CRC **EB29E55E**.

## RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida no percurso do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História ProfHistória. Buscamos através de fontes orais, escritas e fontes oficiais, investigar a história das mulheres que viveram nos seringais de Xapuri, estado do Acre, mulheres que tiveram seus nomes apagados na historiografia e no Ensino de História. No percurso da história da humanidade, a história ensinada no âmbito escolar, foi pensada e escrita sobre o viés androcêntrico e positivista. As mulheres, assim como outros grupos sociais, foram excluídas, invisibilizadas, silenciadas. Na sociedade brasileira, e no Acre em particular, não é diferente. A presença da mulher na constituição dos seringais e da sociedade acreana é algo quase que ignorado pela historiografia regional. Aqui percorremos um caminho investigativo no campo da História das Mulheres e atravessamos a historiografia escrita tanto brasileira, quanto Amazônica e Acreana para encontrar mulheres da floresta. A possibilidade de pesquisa se consolida a partir das lacunas deixadas pela historiografia sobre as histórias das mulheres. Também foi mapeada as lacunas no Ensino da História das Mulheres na educação acreana, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo de Referência Único do Acre (CRUA), buscando perceber a relevância de Ensinar a História das Mulheres Seringueiras na educação básica e, em especial, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, dialogamos com autores que tratam desta temática em questão como: Saffioti, Michelle Perrot, Joan Scott, Circe Bittencourt, Selva Guimarães Fonseca, Cristina Scheibe Wolff, Teresa Almeida Cruz, Carlos F. Castelo, Carlos Alberto A. Souza, Montysuma, M. & Cruz e outro. Na dimensão propositiva, apresentamos uma proposta pedagógica em formato de plano de aula na disciplina de História do Acre direcionada a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), podendo ser utilizada em outras modalidades de ensino. Inserir a História das Mulheres no Ensino de História é uma maneira de reverter essa tendência, destacando as conquistas, lutas e triunfos nas diversas esferas da sociedade.

**Palavras-chave:** História das Mulheres. Ensino de História. Educação Básica. Educação de Jovens e Adultos. História do Acre.

## ABSTRACT

This research was developed within the Professional Master's Program in History Teaching - ProfHistória. It aims to investigate the history of women who lived in the rubber tappers' settlements of Xapuri, Acre, Brazil, women whose names have been erased from historiography and History Teaching. Throughout human history, the history taught in schools has been conceived and written from an androcentric and positivist perspective. Women, like other social groups, have been excluded, invisibilized, and silenced. In Brazilian society, and in Acre in particular, this is no different. The presence of women in the constitution of the rubber tappers' settlements and Acrean society is almost ignored by regional historiography. Here, we follow an investigative path in the field of Women's History and traverse both Brazilian, Amazonian, and Acrean historiography to find women of the forest. The research possibility is consolidated based on the gaps left by historiography about women's stories. The gaps in the Teaching of Women's History in Acrean education, in the National Common Curriculum Base (BNCC), and in the Acre Unique Reference Curriculum (CRUA) were also mapped, seeking to perceive the relevance of Teaching the History of Rubber Tappers' Wives in basic education, and especially in Adult Education (EJA). The practical dimension is directed to the context of Adult Education. We present a pedagogical proposal in the form of a lesson plan in the History of Acre discipline directed at the modality of Adult Education (EJA), which can be used in other teaching modalities. Inserting Women's History into History Teaching is a way to reverse this trend, highlighting the achievements, struggles, and triumphs in the various spheres of society.

**Keywords:** History Teaching. Women's History. Basic Education. Adult Education. Amazon.

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta Dissertação à*

Á Deolinda Gomes Alves, minha mãe (*In memoriam*), Obrigado mãe pelos anos que passamos juntas. A senhora é uma referência na minha vida e nos caminhos que eu venho trilhando. Ah mãezinha você sempre será o meu amor.

Á Josias Pinheiro de Paula (*In memoriam*), lembra meu sogro que todas as vezes que nos encontrávamos o senhor dizia, e o Mestrado quando você vai começar? Hoje estou finalizado e dedicando ao senhor. Lembro-me que por muitas vezes tentei engavetar esse sonho, mais quando eu lhe encontrava o senhor sempre avivava a minha esperança. Ah, e obrigada por me emprestar seu sobrenome “PAULA

Duas pessoas mais inspiradoras que já conheci!

Gostaria que estivessem aqui comigo

Sempre amarei vocês.



Saber que DEUS está conosco é o SUFICIENTE para AGRADECER antes de receber, LOUVAR antes de ver, BENDIZER antes de entender os porquês."  
Flavia Leticia

## AGRADECIMENTOS

Deus,

Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.

Tuas obras são maravilhosas!

Digo isso com convicção. Tu és sempre bom e sua bondade se estende de geração a geração. (Salmos 139:14)

Obrigado senhor, pelo seu amor. Como é bom viver milagres.

Obrigado Senhor, pelo Seu Favor

Minha esperança está em Ti

A conclusão deste trabalho implicou em uma caminhada de dois anos, nos quais eu aprendi que o exercício da pesquisa é um ato coletivo, e não solitário.

Em primeiro lugar agradeço a minha família, que tanto me incentivou a continuar esta pesquisa, que não deixa de ter um cunho pessoal, já que entre as mulheres entrevistadas, está inserida minha mãe, ex serigueira, professora, rezadeira e exemplo de fé.

Em especial a meu esposo Dr. Amós D'Avila, sempre te falo amor. Você é o melhor, o mais compreensivo dos esposos. A profissão que escolhi, a profissional que me tornei, só foi possível mediante a sua compreensão.

Aos meus amados filhos, Railan A. Feitosa meu engenheiro favorito, Mary Angel de Paula e Josias Felipe de Paula, meus advogados preferidos, minha nora Dra. Daniela Feitosa e meu presente Liz Maria, o amor da vovó. Agradeço e peço desculpas pela minha "ausência". Vocês trazem luz e alegria para minha vida, dão sentido ao meu existir. Sou motivada a cada dia por vocês.

Agradeço a meu Pai Mário Agenor Alves, que veio do Rio Grande do Norte no ano de 1943, para o Acre em busca de um sonho de se tornar um soldado da Borracha. E hoje o senhor é sim, o soldado mais lindo que veio do Nordeste para o Acre, e graças ao senhor existo e tenho orgulho de ser filha de seringueiro nordestino. Hoje com 95 anos de lucidez, amo ouvir as histórias contadas pelo senhor.

A meus irmãos que até o dia de hoje são extrativistas de coração e minhas irmãs agradeço o apoio incondicional.

Agradeço em especial a meu orientador Dr. Eduardo Silveira Netto Nunes, pelo incentivo, troca de experiência e orientação durante todo esse processo. Agradeço a meus coordenadores Dr. Sérgio Roberto Gomes, Dr. Francisco Bento e Dra. Tereza Almeida Cruz, por sempre me auxiliarem em minhas dúvidas, obrigada pela presteza. Agradeço ao Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma, Dra Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque e Dra. Tereza Almeida Cruz por participarem da minha Banca de Qualificação. Os apontamentos e os questionamentos feitas no ato da qualificação, foram essenciais para os ajustes e a conclusão da pesquisa.

Agradeço a todas as colaboradoras que receberam-me dentro de seus lares. Com vocês, aprendi o que é generosidade. São Mulheres que me acolheram e compartilharam histórias sobre as suas vivências, andanças, sobre as suas experiências, sobre os seus sonhos. Por isso – e por tudo – eu sou eternamente grata. Com vocês aprendi que podemos construir um novo mundo, que já está em nosso horizonte!

Durante essa caminhada, repleta de aprendizados, emoções, sentimentos, histórias de vidas, Deus enviou pessoas mais que especiais para me auxiliar nessa pesquisa, para que eu pudesse conseguir permanecer e dar concretude a esse sonho. Pessoas que estiveram comigo durante toda a pesquisa, dividindo suas experiências e conhecimentos adquiridos no interior da floresta. Obrigados colaboradoras, hoje posso lhes chamar de amigas, pelo tempo que passamos juntas aprendendo umas com as outras.

A vocês minha gratidão.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – CHARGE 01: Formação do novo mundo, O Malho, 10/12/1904, ano III, nº 117, p. 18.....	52
Figura 2 – Trabalhadores reunidos em seringal de Xapuri/ AC, momento do Empate .....	93
Figura 3 – Jornal Varadouro. Edição Nº 16 .....	96
Figura 4 – Foto da Festa de São Sebastiao – Xapuri – Acre .....	104
Figura 5 – Igreja de São Sebastião de Xapuri-Acre .....	105
Figura 6 – Foto da Festa de São Sebastiao – Xapuri – Acre .....	106
Figura 7 – Foto da Capela de São João do Guarani – Xapuri - Acre .....	110

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de entrevistadas .....	18
Tabela 2 – Ervas e plantas medicinais mais utilizadas pelas entrevistadas – parte 1 .....	116
Tabela 3 – Ervas e plantas medicinais mais utilizadas pelas entrevistadas – parte 2 .....	117
Tabela 4 – Matriz Curricular do Estado do Acre – Educação de Jovens e Adultos (EJA)	
Composição assuntos sobre o a História do Acre .....	130

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dissertações do Programa Nacional de Mestrado Profissional de Ensino de História (2016 a 2022).....	23
Gráfico 2 – Plantas fitoterápicas utilizadas nos seringais xapurienses .....	119
Gráfico 3 – Número de matrículas na educação de jovens e adultos, segundo a faixa etária e o sexo – BRASIL – 2020 .....	137

## **LISTA DE SIGLAS**

**ANPUH** – Associação Nacional dos Professores Universitários de História

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**CONAB** – Ministério de Desenvolvimento Social e Companhia Nacional de Abastecimento

**CRUA** – Currículo de Referência Único do Acre

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**PAA** – Programa de Aquisição de Alimentos

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PNLD** – Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)

**PROFHISTÓRIA** – Mestrado Profissional em Ensino de História

**UFAC** – Universidade Federal do Acre

**UFRN** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. AS MULHERES E SUAS HISTÓRIAS: entre silenciamentos e esquecimentos</b> .....	<b>33</b>
1.1 Considerações acerca da História da Mulher .....	<b>37</b>
1.2 Entre ausências e presenças, as mulheres na historiografia amazônica e acreana .....	<b>48</b>
1.3 Ensino de história e a ausência das mulheres .....	<b>59</b>
<b>2. EXPERIÊNCIAS DE SER MULHER NA FLORESTA</b> .....	<b>66</b>
2.1 Infâncias e adolescências como meninas camponesas .....	<b>69</b>
2.2 Camponesas no cotidiano da floresta .....	<b>79</b>
2.3 Mulheres de luta: empates, territórios e sobrevivência .....	<b>92</b>
2.4 Mulheres de Fé.....	<b>100</b>
2.5 Mulheres de cura: parteiras, benzedeiras e rezadeiras.....	<b>111</b>
2.5.1 Mulheres de cura: Saberes terapêuticos e Medicinais.....	<b>113</b>
2.6 Mulheres de letras .....	<b>122</b>
<b>3. O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES SERINGUEIRAS DO ACRE</b> .....	<b>128</b>
3.1 Discentes da EJA: A Importância de conhecer a própria história..	<b>131</b>
3.2 Por que ensinar história das mulheres na EJA? .....	<b>136</b>
3.3 Dialogando com mulheres seringueiras e sua relação com o currículo de história	<b>139</b>
3.4 Dimensão propositiva .....	<b>142</b>
3.4.1 Proposta Pedagógica.....	<b>143</b>
3.4.2 Proposta pedagógica e execução do plano de aula. ....	<b>150</b>
3.4.3 Aplicação e Resultados.....	<b>155</b>
<b>4. SITUAÇÕES DE APRENDIZAGENS (RELATÓRIO)</b> .....	<b>157</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>178</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>191</b>
<b>Anexo I – Entrevistas</b> .....	<b>191</b>

<b>I - Maria Alzenira Alves .....</b>	<b>191</b>
<b>II – Deolinda Gomes Alves .....</b>	<b>196</b>
<b>III – Nadir Dias da Costa.....</b>	<b>202</b>

## INTRODUÇÃO

Por que a história das mulheres seringueiras, camponesas, que viveram suas trajetórias mergulhadas na floresta amazônica sul ocidental, em Xapuri, estado do Acre, desde as décadas 1960/1970 justificariam uma dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História? Como viveram essas mulheres? Como a história das mulheres seringueiras podem ser trabalhadas e ressignificadas no Ensino de História? Perguntas essas que guiam este trabalho!

O interesse em pesquisar a história das mulheres seringueiras do Acre, está relacionado a alguns fatores que considero de grande relevância. Primeiramente, se justifica pelo anseio particular da autora em produzir conhecimentos acerca da histórias vividas por mulheres seringueiras, as quais moraram no interior dos seringais de Xapuri, onde conheceram seus esposos, tiveram seus filhos, netos, sua participação na constituição familiar e no trabalho desenvolvidos nestes seringais; Segundo, como professora de História da Educação Básica, alinhada ao contexto político econômico e social, tendo como prioridade e necessidade de produzir reflexões em sala de aula, referentes às relações de gênero pelas mais diversas áreas, incluindo o Ensino de História; Terceiro, mesmo diante das mudanças frente a instrumentos como: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e o Currículo de Referência Único do Acre (CRUA), o ensino de história do Acre, segue em sua maioria, com resquícios da história tradicional acreana, privilegiando temáticas ligadas à história política, econômica e de domínio público, com fontes oficiais, administrativas e militares, nas quais as mulheres não estão presentes.

Destaca-se, que a temática anteposta tem relação direta com a trajetória de vida da pesquisadora. A preferência pelo tema não é obra do acaso. Nasci em época em meus pais eram extrativistas, meu pai seringueiro, minha mãe fazia de tudo um pouco. Enquanto mulher do campo, sua jornada de trabalho era regida pelo calendário agroextrativo, marcadamente por época de plantar roça e colher, cortar seringa, quebrar castanha, fazer farinhada e adjuntos intermináveis. A dimensão de tempo era integrada ao fazer do cotidiano, e as crianças faziam parte dessa dinâmica de trabalho. Mesmo diante de jornada de trabalho intenso, minha mãe instruía seus filhos a leem, escreverem e fazer contas. Mesmo diante disto, não faltava tempo para ouvirmos suas Histórias depois do jantar. Histórias fascinantes sobre a floresta, histórias vividas por



ela ou por outros, algumas em forma de contos, lendas, mitos e outras histórias. Ao ouvir suas histórias permitiu-me mesmo criança e posteriormente adulta, continuasse a construir outras histórias, e nos varadouros da vida optar por ser historiadora de mulheres.

Um estímulo ainda importante veio com a graduação em Licenciatura em História na década de 90, no município de Xapuri, Acre. Foi lá na graduação que iniciei a primeira experiência com pesquisa em história oral e com a temática homens extrativistas, que culminou na publicação de um capítulo do livro Xapurys Vol. 01 e 02, sob a orientação do Dr. Carlos Alberto Alves de Souza (1996-1997). A interpretação histórica resultante disto foi extremamente positiva, servindo de impulso e continuidade da pesquisa, agora direcionada prioritariamente à História das Mulheres Seringueiras de Xapuri, no Estado do Acre.

A História das Mulheres passa a ser um caminho investigativo a se percorrer pela historiografia escrita tanto brasileira, quanto Amazônida e Acreana. A possibilidade de pesquisa se consolida a partir das lacunas deixadas pela historiografia sobre a histórias das mulheres. Percebe-se que na historiografia brasileira, encontram-se registros sobre a História das Mulheres, suas vivências e experiências, entretanto, em quantidade insuficiente frente ao protagonismo e a importância delas para a sociedade, em sua maioria, são produções feitas por homens sob o viés eurocêntrico, que mesmo passando por adaptações e transformações ocorridas ao longo do tempo, ainda não contemplam a significativa história dessas mulheres.

Mas por que estudar a história das mulheres? Não há registros sobre elas? A presente dissertação visa justamente responder essa indagação.

Ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram desafios sistemáticos e discriminatórios que afetaram seu acesso à educação, reconhecimento social e participação em eventos históricos significativos. Os fatores que subsidiaram no silenciamento da mulher e na omissão de sua história na historiografia são diversos, no entanto, embora a desigualdade de gênero ainda ocorra em grande escala nas diversas nações do mundo, vemos que na contemporaneidade, inúmeras mulheres romperam com estes padrões e foram em busca de sua emancipação e da escrita de sua história, como aquelas que impetraram a oportunidade de estudar e alcançar locais e postos que antes, eram destinados apenas aos homens.

Inserir a História das Mulheres no currículo de Ensino de História é uma maneira de reverter essa tendência, destacando as conquistas, lutas e triunfos nas diversas esferas da sociedade. Além disso, ao apresentar modelos femininos inspiradores, o Ensino de História pode motivar as alunas a perseguirem seus objetivos, promovendo a igualdade de gênero e quebrando barreiras culturais que limitam o potencial das mulheres, e aos alunos a percepção de que elas fazem e fizeram parte da história do Acre.

E por que a história das mulheres foi e continua sendo negligenciada? Qual seria o motivo para tal silenciamento? Certamente estas são perguntas pertinentes a serem respondidas. O silenciamento sempre foi uma arma utilizada pela figura masculina, seja pai, seja irmão, seja esposo. O silenciamento se tornou uma imposição comum às mulheres, ao longo dos tempos, e algumas ainda, atualmente, são submissas a esse silêncio. E por quê? Acredito que seria por falarem e falarem a verdade. Seria por suas verdades serem impertinentes, verdades incômodas? Seria por suas histórias exporem seu ponto de vista e as facetas indigestas da vida social, das opressões vividas, dos calas bocas recebidos? Com certeza as perguntas retro assentadas, por certo resolveram dezenas de páginas a mais nessa dissertação, e por mais que não se atinja uma resposta completa a esse silêncio em sua amplitude, por certo a presente pesquisa joga luz em muito a essas perguntas.

O silêncio das mulheres é algo intrínseco; é conveniente ao patriarcalismo e à violência de gênero; é um preceito que permeia longas datas, sendo reiterado através dos séculos, pelas religiões, pelos sistemas políticos, normas e costumes estabelecidos pela sociedade, a qual infere que as mulheres devem ser “comportadas”. Comportadas ou silenciadas?

A história das mulheres é constantemente marcada pela presença e pelos reflexos do sistema patriarcalista. É um preceito que permeia longas datas, sendo reiterado através dos séculos, pelas religiões, pelos sistemas políticos, normas e costumes estabelecidos pela sociedade, a qual infere que as mulheres devem ser “comportadas”. Comportadas ou silenciadas?

Dessa maneira, a submissão ao homem e sua dependência em relação a ele, as desigualdades de poder e a restrição de vida ao ambiente doméstico são alguns elementos que revelam o cotidiano de diversas mulheres, as quais possuem suas funções e papéis devidamente disseminados pelos patriarcas.

O silêncio também circunda as assembleias políticas majoritariamente masculinas, que com sua eloquência e voz grossa, abafam a fala dessas mulheres, mesmo tendo algumas poucas que subsistem a tal desempenho, uma hora ou outra são silenciadas. Essa “desigualdade longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, por estruturas de poder e agentes envolvidos na trama de relações sociais” afirma a Saffioti (1999, p. 83).

Segundo Bourdieu (2007) esse “trabalho de reprodução dessa cultura, esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a família, a igreja e a escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes” dos indivíduos.

Durante o século XIX e anteriores, por exemplo, os que escreviam sobre a história, registravam pouco sobre as mulheres, seus traços e seus feitos. Ademais, no momento que tomavam nota sobre algum evento frequentado por elas, utilizavam-se de estereótipos pejorativos como: mulheres sem valor, mulheres frágeis e histéricas.

Michele Perrot (2005) afirma que muitas dificuldades se apresentam para quem ousa enveredar pelos estudos das mulheres, pois se trata de terreno “minado de incertezas, saturado de controvérsias movediças, pontuado de ambiguidades sutis”. Ao referir-se aos estudos relativos à temática feminina e à história das mulheres nas sociedades ocidentais, afirma que elas

(...) não existiram para o espaço público (...) As mulheres agricultoras ou de artesãs, cujo papel econômico era considerável, não são recenseadas, e seu trabalho, confundido com as tarefas domésticas e auxiliares, torna-se assim invisível. Em suma, as mulheres “não contam”. E existe aí muito mais do que uma simples advertência (Perrot, 2005, p. 11)

Diante do exposto, verifica-se que no decurso do tempo, o patriarcalismo e a religião impuseram à mulher uma condição de submissa, por meio da qual, a mesma se tornou dependente do homem, limitada e marginalizada. Ademais, as mulheres foram condicionadas a ocuparem um papel secundário nas mais distintas esferas sociais. Para tanto, a “historiografia oficial atuou como uma eficaz ferramenta de dominação e de justificação das estruturas existentes, baseadas em uma ideologia posta a serviço do patriarcado” (Tedeschi, 2012, p. 23).

Não é diferente a perspectiva hegemônica na história do Acre, a qual em sua maioria enaltece o masculino, ao passo que silencia o feminino. Ao referir-se à história da Amazônia e Acre, em sua maioria, são permeadas de relatos fantasiosos, cheio de

alegorias, crendices, mitos, criam uma Amazônia da maneira como seria mais apropriado ao colonizador. Histórias de grandes heróis, grandes vultos, história associada a conflitos sangrentos e maquiados pelo narrador da história positivista. História que emociona pela maestria da pena do escritor. Mas, não só de datas importantes, guerras e conquistas vive a humanidade. As verdadeiras heroínas, que não receberam menção honrosa, estão até a presente data pouco vistas, excluídas da história. Mulheres que dedicaram sua infância, mocidade, vida adulta a estarem realizando suas experiências conjuntamente aos seus pais, irmãos e companheiros na imensidão da floresta, passando privações e adversidades de todas as espécies. Mulheres que nasceram, cresceram e morreram na floresta. Mulheres desconhecidas, silenciadas pela historiografia positivista e excludente.

Ao fazermos referência ao termo seringueira ou mulheres seringueiras, estamos nos referindo aos sujeitos oriundos de outros estados que vieram para os seringais do Acre ou nascido na região, sujeitos que viveram ou ainda vivem na florestas praticando a extração do látex de seringueiras (*Hevea brasiliensis*); coletando castanha (*Bertholletia excelsa* H.B.K); criando pequenos animais, principalmente para autoconsumo; praticando agricultura de subsistência e pecuária de pequena dimensão, entre outras atividades. Como as mulheres apresentadas neste estudo (tabela 1):

Tabela 1 – Relação de entrevistadas

Nome	Idade	Atividades Realizadas	Data e local da entrevista
Deolinda Gomes Alves	88	Nasceu em Xapuri, no ano de 1939, filha de pai nordestino e mãe amazonense. Morou no seringal com seu pai até a idade de 8 anos de idade e depois foi entregue aos padrinhos seringalistas para ser cuidada e alfabetizada. Casou-se com um seringueiro, teve 13 filhos, morou no Pavilhão, Sumaré, Olho D'água, Filipina e na data da entrevista morava em Xapuri, na rua Coronel Brandão. Dona Deolinda Gomes Alves veio a óbito após um ano que havia concedido a entrevista.	Rua Coronel Brandão, Xapuri-Acre.
Alcenira F. A. Araujo (Mira)	63	Mulher extrativista, morou em vários seringais e colocações. Desenvolveu atividades de Extração do Látex até idade de 24 anos, depois já casada foi morar	Entrevista concedida em: 05 de junho de

		em colônia na Br 317. Mas continuou nos afazeres da agricultura de subsistência.	2023, na cidade de Xapuri Acre
Ceilândia S. de Brito (Cila)	75	Nasceu na divisa do Brasil com a Bolívia, no ano de 1948, filha de pai nordestino e mãe indígena. Após terem sido expulsos do seringais da Bolívia vieram morar na região do Seringal Cachoeira. Hoje tem 75 anos. Segunda a entrevistada passou a infância, adolescência e idade adulta, trabalhando na extração do látex e na coleta da castanha. Sem contar, os trabalhos na agricultura (plantação de roçados e colheita), trabalhando para família e as vezes trabalhavam na diária ou meia.	P.A Promissão BR 317. 12 de janeiro de 2023
Maria Helena G. da Silva	59	Nasceu em 1964, no Seringal Porvir, morou no pavilhão, Colocação Hina, Fazendinha. Sempre trabalhou na extração do látex, na quebra da castanha e na agricultura de subsistência. Morou em vários seringais e hoje permanece na Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), É filha de pai nordestino, “Soldado da Borracha” e mãe acreana.	Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex) - Xapuri. 13 de Junho de 2023.
Maria Dias de Lima		É filha do ex-seringueiro Bento Lima, nasceu em Xapuri no ano de 1954, diz ser filha de “mãe soldado da borracha”, pela importância que dar a mãe que após a morte do pai, criou os filhos sozinha no seringal. Dona Maria Dias ainda mora na Zona rural de Xapuri. É alfabetizada e aprendeu práticas de parteira com a mãe.	Xapuri Acre, 21 de maio de 2023.
Maria Aldeir Pereira de Matos	61	Nascida em Xapuri em 21 de março de 1962. Dona Aldeir cuidava dos irmãos, da casa e trabalhava na agricultura no roçado, cortando arroz, fazendo farinha e cuidava das atividades domésticas. Conseguiu terminar o ensino médio na modalidade EJA, depois de casada.	Xapuri-Ac 20 de janeiro de 2023.
Maria da Silva Pereira	88	Nasceu no Rio Grande do Norte, no ano de 1935, segundo ela veio para os seringais do Acre com 10 anos, no ano 1945, veio com o pai e a mãe. Quando chegaram foram encaminhados para os seringais entre Brasil e Bolívia, lá ficaram uns 9 anos e depois vieram para o Seringal Carmem, hoje Fazenda Carmem, e depois para região próximo onde hoje é o Cachoeira (que não lembra o nome), sempre trabalhando ao lado do esposo (extração do Látex, roçado,	Br 317, divisa Xapuri/Capixaba, 05 de agosto de 2023

		domando animais, encoivarando, torrando farinha) e outros serviços.	
Maria Raimunda Ferreira da Silva	62	É filha de ex-seringueiros, seus pais moraram e trabalharam nos seringais da Bolívia, onde nasce, moraram na Bolívia até os 11 anos, ao sair moraram em outros seringais: Filipina, Olho D'água e na Br 317, 15 Km de Xapuri. Dona Maria sempre ajudou os pais e esposo nos trabalhos. Diz fazer "tudo que aparecia", não tinha trabalho de homem e de mulher "tudo era trabalho". Foi alfabetizada no seringal por sua mãe, e quando moraram mais próximo da cidade ela e os irmãos vinha estudar de ônibus. Estudavam na cidade e voltava cedo, no "ônibus das 6hs da manhã", para trabalhar na roça. Hoje é formada em Pedagogia, foi professora, coordenadora de Programas de Ensino na Zona Rural. Atualmente está aposentada.	Bairro Laranjal, Xapuri Acre, 08 de junho de 2023.
Maria Alzenira Farias Alves	63	Nasceu no Seringal Pavilhão divisa com a Bolívia no ano de 1961, morou na Colocação Água Limpa, Fazendinha, morou alguns anos na cidade e retornou para zona rural Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), onde permanece até o dia de hoje. É filha de pai migrante nordestino "Soldado da Borracha" e mãe acreana, filha de amazonense. Trabalhou na extração do látex, coleta da castanha, e agricultura de subsistência. Gosta de plantas e ervas medicinais, desenvolveu habilidades nos preparos de remédios caseiros.	Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), Xapuri Acre. Xapuri-Ac 08 de junho de 2023
Marisa Fernandes	66	Nascida em 1958, no Olho D'Água, filha de "Soldado da Borracha", hoje tem 66 anos, trabalhou na agricultura até os 21 anos, foi alfabetizada no seringal, veio para Rio Branco fazer o ensino Médio e se formou em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, voltou para a zona rural de Xapuri como professora e hoje mora na colocação Barrinha, Sibéria.	Xapuri-Ac 08 de junho de 2023.
Raimunda Gomes Silva	90	É filha de pai cearense e mãe acreana, nasceu no seringal (não lembra o nome), morou no seringal Adélia na Bolívia, Chipamano, Caramano, Porto Rico e Olho D'água. Dona Raimunda é viúva, aposentada, foi professora por muitos anos na zona rural e terminou sua carreira como professora na cidade de	Bairro Laranjal Xapuri Acre, 20 de junho de 2023.

		Xapuri. Ainda hoje os filhos ainda moram na zona rural, diz ter vontade de morar no seringal ainda.	
Nadir Dias da Costa	95	Nascida no Ceará, veio para o Acre ainda criança, morou em vários seringais: São Francisco do Itacema, São João do guarani, trabalhando na extração do látex, em derrubada, na roça, criação de animais domésticos, cultivava ervas medicinais, era parteira e benzedeira. Ficou viúva muito cedo, criou os filhos sozinhas na roça. Não é alfabetizada, sempre morou em lugares distantes. Hoje é aposentada de soldado da borracha, tem cinco filhos, todos nasceram no seringal.	Rua Major Salina, Xapuri-Acre, 02 de junho de 2023.
Ana L. Magalhães	54	Nascida no seringal da Bolívia, sempre trabalhou na agricultura (roçado, plantio e arranca), farinha. Trabalhou também na extração do látex, na caça e pesca e ainda nos serviços domésticos. Hoje depende da agricultura familiar, mora na Colocação Barrinha, Sibéria.	Colocação Barrinha, Xapuri, junho de 2023.

Tabela: Elaborada pela Autora

Ponderando o exposto, é que emana a presente pesquisa, a qual busca tratar sobre a história de mulheres seringueiras do Acre, que por muito tempo foram e ainda são marginalizadas e silenciadas dentro da historiografia, e de como esse silenciamento também é transposto para o Ensino de História. Assim, o estudo fornece contribuições importantes para a compreensão da temática, evidenciando como a História Oral pode contribuir para que as experiências das mulheres tenham expressão na escrita e no Ensino da História.

Para tanto, direcionou-se o foco da pesquisa para a história de vida dessas Mulheres, com intenção de compreender suas vivências e experiências no contexto do seringal, as dificuldades que essas trabalhadoras enfrentaram e como resistiram, se reinventando dentro da imensidão da floresta, aprendendo novas técnicas, novas formas de viver. Por meio de narrativas orais, descrevemos aqui os trabalhos realizados por elas como extrativistas, na extração do látex, na coleta da castanha e na produção de subsistência. Também discutimos a fé e religiosidade, os saberes e práticas nos cuidados a saúde e outras atividades desenvolvidas no contexto do seringal.

Os relatos orais trazem uma perspectiva diferente das apresentadas por historiadores tradicionais em relação ao papel atribuído à mulher, que anteriormente era simbolizada como debilitada para executar as tarefas realizadas pelos homens. Ao percorrer a escrita desta dissertação perceberemos que, homens e mulheres marcaram a história do Acre, trabalhando, de igual modo, para o desenvolvimento dos seringais, como são descritos pelas entrevistas.

Para tanto, busco aqui como objetivo, analisar através de narrativas orais, memórias e vivência dessas mulheres, desde a infância a idade adulta, considerando principalmente a presença e a participação feminina na realidade dos seringais do Acre. Dessa forma, o estudo iniciou o seu desenvolvimento com uma perspectiva que possibilitasse compreender como, e de que forma a história das mulheres foi sendo construída historicamente, procurando perceber as implicações disso, na produção de uma nova escrita. No transcorrer da pesquisa, buscou-se compreender como se davam as relações de gênero no interior da floresta, abrangendo análise do modo de vida dessas mulheres seringueiras em relação a cultura e, na dinâmica social dos seringais; como essas relações são invisibilizadas no Ensino de História; e, como podemos desenvolver atividades didáticas considerando as mulheres como protagonistas da história.

A pesquisa caminha para compreender o viver dessas mulheres, o que abrangerá a infância, adolescência, namoro, abrasamento e a escolha do esposo. Nessa direção, estudamos a relação dessas Mulheres com a fé cristã, assim como com os saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras, culminando nas escutas sobre os cuidados com a saúde através de medicina tradicional, também, com sua presença na escola, visando descobrir como se deu a alfabetização e início das primeiras letras.

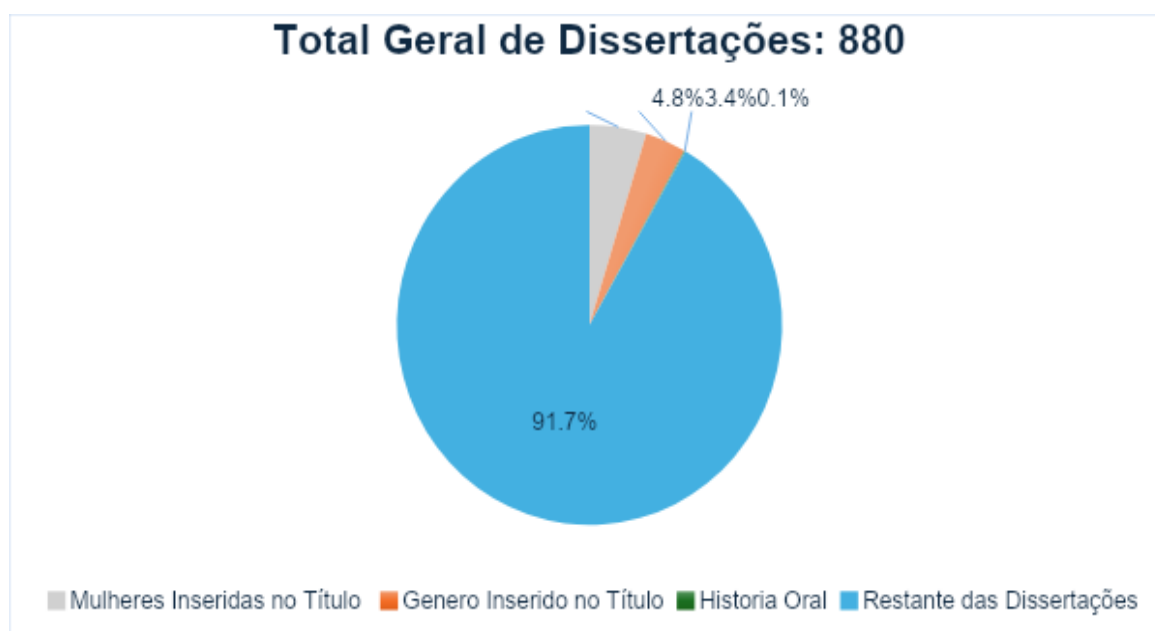
Nota-se a ausência de figuras femininas ao longo dos anos, tanto na história como nos registros didáticos ao longo de décadas. Essa ausência das mulheres também ocorre nos livros didáticos. Um exemplo ilustrativo é a pesquisa realizada por Sanches 2017, na coleção “História, Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos Jr. (FTD), uma das coleções de História mais distribuídas em 2015 para o ensino médio público. Diante da análise nos três volumes que compõem a obra, dos 859 personagens destacados 789 são homens e somente 70 personagens são mulheres, perpassando 91,8% de personagens homens e 8,2% de personagens mulheres. Algo



mais grave ainda é que esse “aparecimento” das mulheres acontecem em sua maioria nos rodapés e caixas laterais de textos, fora do texto central da narrativa.

Ao verificar os dados inseridos no Banco de Dissertações do Programa ProfHistória/UFRJ, que compila as produções acadêmicas dos demais programas que compõem a rede, foram pesquisadas por essa autora, 880 dissertações. A intenção aqui era certificar quantas dessas pesquisas tinham alguma ligação com a História das Mulheres. Para realizar a procura utilizou-se a pesquisa por categoria “Dissertação” utilizando como palavra-chave o termo “Mulheres” ou “Mulher”, encontramos 42 dissertações por este critério. Seguiu-se a pesquisa com o descritor “História das Mulheres”, a qual não foram encontradas nenhuma pesquisa relacionada à temática. Ao pesquisar a categoria “Gênero”, foram encontradas 30 dissertações que continham a referida palavra no título. Quando buscamos pesquisas relacionadas à “História Oral” encontramos uma única dissertação. Os resultados dos temas pesquisados e suas porcentagens mediante o total geral de Dissertações do Programa Nacional de Mestrado Profissional de Ensino de História, abarcando 39 Universidades participantes, entre os anos de 2016 a 2022 podem ser verificado no gráfico 01.

Gráfico 1 – Dissertações do Programa Nacional de Mestrado Profissional de Ensino de História (2016 a 2022)



Fonte: <http://site.profhistoria.com.br/universidades-participantes/>. Acesso em: 07 jun. 2023

Diante do resultado da pesquisa foram encontrados 4,8% de títulos contendo o substantivo “Mulher ou Mulheres”, 3,4% dos temas relacionados a questões de “Gênero”. 0% título referente a “História das Mulheres” e 0,1% títulos relacionados a “História Oral”. Observa-se que as dissertações que uma vez ou outra utilizam-se do substantivo “Mulher ou Mulheres” nos títulos, representa pouco mais de 8% do total das dissertações defendidas ao longo destes quase sete anos e em sua maioria utiliza de maneira genérica.

E de outra parte, observando o novo Currículo do Estado do Acre para o Ensino Médio, a presença das mulheres é absolutamente lateral, sendo mencionada apenas uma única vez, como um “Objeto de Conhecimento”, assim descrito: “O papel da mulher na sociedade, uma longa história pela conquista de direitos iguais” (ACRE, 2021, p. 322). Quando buscamos temas relacionados à História do Acre e dos seringueiros, as mulheres seringueiras não são encontradas redundando em um rotundo e absoluto silêncio.

Se as mulheres não são “estudadas” nas salas de aula, das escolas do Acre, do mesmo modo, também, são privilegiadamente excluídas da educação formal, fazendo com que o abandono dos estudos tenha significativa recorrência que acaba por se traduzir na procura delas pela Educação de Jovens e Adultos, sobretudo considerando que o número de matriculados acima de 30 anos nesta modalidade de ensino, de acordo com o Censo Escolar de 2020, são mulheres que não tiveram oportunidade de concluir sua formação e que trazem para o ambiente de sala de aula suas culturas, crenças e experiência, individuais e coletivas, podendo ser discutidas no ambiente escolar com os pares.

Portanto, trazer a discussão da história das mulheres do Acre, é abrir uma possibilidade de reverberar a voz de todas as mulheres que empreenderam suas ações em busca da emancipação do Estado e contribuíram com o processo de regionalização e inserção cultural no Acre. Essas mulheres são exemplos de força e resistência e cabe ao ambiente da sala de aula, enfatizar esses atos, bem como romper com os discursos hegemônicos colonizadores, e passar a dar voz aos silenciados e excluídos da história.

Um importante destaque a ser dado nesta dissertação, é que a pesquisa foi realizada e sustentada sob a sistemática do Programa de Pós-graduação stricto sensu, ProfHistória, com ênfase no Ensino de História. Esse programa tem como objetivo proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da

qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica, visando a qualificação certificação para o exercício da profissão de professor de História.

Bittencourt (2022) ao citar Beillerot (2021), afirma que é necessário distinguir entre “estar em pesquisa” e “fazer pesquisa” ou ainda entre “fazer pesquisa” e “ser pesquisador” (Bittencourt, 2022, p.7). Essas diferenças são relevantes partindo do pressuposto, que são a minoria dos professores da Educação Básica que associam a pesquisa como atividade obrigatória de suas carreiras profissionais, diferentemente dos professores do Ensino Superior (Bittencourt, 2022). A partir da interação dessas forças, podemos sugerir que a adição de professores da Educação Básica envolvidos na pesquisa, no contexto acadêmico, seja capaz de promover a mudança que se faz necessária. Diante disto, o Programa de Pós-graduação ProfHistória, traz consigo essa possibilita, esse acesso.

Em relação ao percurso formativo do ProfHistória, de acordo com (Bittencourt, 2022), os estudantes, inseridos no enquadramento da pós-graduação, em face as diferenciações que há entre estar em pesquisa na escola e fazer pesquisa na universidade, deverão incorporar um conjunto de requisitos, de modo que passem a se reconhecer enquanto professores e pesquisadores.

Diante do exposto, entende-se que a atividade de pesquisa acadêmica exige delimitar, o objeto de pesquisa, assim como delimitar as formas de investigação, de acordo com uma escolha metodológica. Exige ainda aprender a exercitar a linguagem acadêmica, da qual o pesquisador e professor encontra-se distanciado, desde a finalização do curso de graduação, tomando como exemplo a minha experiência, a qual terminei a graduação em 1999 e somente em 2022 retomei a formação acadêmica. Ou seja, na constituição dos próprios percursos de pesquisa ao longo do mestrado profissional, deverão incorporar um deslocamento do ponto de vista da docência e da reflexão sobre ela.

Ao propor aos professores alguns saberes necessários para a prática docente, Paulo Freire (1996) enfatiza a importância da rigorosidade metódica, da pesquisa e da criticidade para nossas práticas e no processo de ensino-aprendizagem. Porém, sem abdicar ou hierarquizar saberes dos alunos advindo das suas experiências de vida, nos apresenta o seguinte questionamento: “Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo?” (Freire, 1996, p. 30). Nesse sentido, Paulo Freire (1996) enfatiza que não há “na diferença e na distância entre

ingenuidade e criticidade, (...) uma ruptura, mas uma superação” e tal “superação se dá na medida em que a curiosidade ingênua se critica, sem deixar de ser curiosidade, tornando-se assim curiosidade epistemológica” (Freire, 1996, p. 31)

Portanto, trazer para o campo do ensino de história as memórias de pessoas que vivenciaram diferentes temporalidades “torna-se um trabalho de compreensão da formação da identidade plural do lugar onde vivem” (Fonseca, 2006), logo podemos também problematizar a história universal, pois “a história deixa de ser única e homogênea, deixa de privilegiar as vozes dominantes a favor da multiplicidade de outras vozes e sujeitos históricos que construíram e constroem a história local” (Fonseca, 2006, p. 134). Além disso, a prática da entrevista é capaz de mobilizar diferentes habilidades dos alunos e dos professores envolvidos no processo.

De acordo com Walter Benjamin (1994), “perder a capacidade de narrar é uma consequência do esvaziamento da experiência do homem moderno”. Lucília Delgado (2003), apresenta a ideia de que “nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências ao que é importante, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber”.

Isto posto, Paul Veyne (1998) nos aponta que “a história é filha da memória. Os homens nascem, comem e morrem, mas só a história pode informar-nos sobre suas guerras e seus impérios [...] somente a história nos dirá. (Veyne, 1998, p.20)

Pelo que sugere o citado, tais narrativas são muito valiosas. Ao selecionar narrativas dessas mulheres, promovemos o reconhecimento da participação feminina, seja índia, caboclas, nordestinas, acreanas, ribeirinhas, o que importa é a valorização de sua oralidade, que após ser convertida em documento escrito, se tornam fonte de pesquisa para as futuras gerações, permitindo que essas experiências se prolonguem por um maior espaço de tempo possível.

Não é o caso da colaboradora Deolinda Gomes Alves, uma das mais importantes colaboradoras, por ser a primeira e causadora de hoje eu me tornar historiadora de mulheres. Dona Deolinda ou Professora Deolinda, foi uma das professoras mais extraordinárias da cidade de Xapuri, onde utilizava seu fascínio por geografia do Acre, sempre carregava embaixo do braço seus inúmeros mapas cartográficos e seu estojo de lápis de cor, para que os alunos pudessem desenhar e pintar seus mapas como atividade em sala de aula. Mesmo sendo um dia, mulher seringueira e esposa de seringueiro, buscou melhorias para sua família, deixando uma história de experiências e aprendizado aos seus filhos e netos. Hoje não podemos

mais contar com sua “voz”, o que nos resta é o que essa grande mulher narrou antes de partir, concedendo essa entrevista no ano de 2022. Como dona Deolinda, as vozes dessas mulheres não podem ser esquecidas no tempo. Pois amanhã ou depois, eu não sei. Não teremos mais a quem recorrer, se não escrevermos sobre elas no presente.

Não é sem razão que Carmelo Distante, recorrendo à voz da poesia afirma: “Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um ‘coração antigo’, isto é, se o futuro não se basear na memória do passado” (Distante, 1992, p. 84)

Ao fazermos referência ao termo seringueiro ou mulheres seringueiras, estamos nos referindo aos sujeitos oriundos de outros estados que vieram para os seringais do Acre ou nascido na região, sujeitos que viveram ou ainda vivem na florestas praticando a extração do látex de seringueiras (*Hevea brasiliensis*); coletando castanha (*Bertholletia excelsa* H.B.K); criando pequenos animais, principalmente para autoconsumo; praticando agricultura de subsistência e pecuária de pequena dimensão, entre outras atividades.

Nessa perspectiva, no intuito de alcançar os objetivos delineados, o propósito, é “buscar compreender as possíveis mudanças, sob a ótica da experiência vivida e narrada pelos próprios sujeitos da ação histórica” (Souza, 2019 p.2). Diante disto, a História Oral foi escolhida como aporte metodológico para acessar as experiências das mulheres. A proposta seria dialogar com as vozes dos sujeitos, mulheres seringueiras, bem como observar, analisar e narrar seus modos de vida.

Com relação a observar os modos de viver, Albuquerque (2005) discute que o pesquisador no ato da pesquisa, deve adentrar no cotidiano das pessoas. Para tanto, sem os dados da observação e da vivência, não se consegue interpretar bem as entrevistas e, conseqüentemente, o que resulta desses relatos na vida das pessoas e do lugar. (Castelo, 2014, p.17).

A pesquisa limitou-se aos seringais xapurienses: Seringal Cachoeira e Seringal Sibéria. Entrevistamos 13 (treze) mulheres entre 50 e 95 anos sem adoecimentos, que limitassem a rememoração de suas experiências.

As questões apresentadas, nos conduziu a um diálogo com os autores que tratam desta temática em questão como: Cristina Scheibe Wolff (Mulheres da Floresta, 1999); Teresa Almeida Cruz (Movimento de Mulheres Camponesas do Acre: 25 anos de organização e lutas 2012); Teresa Almeida Cruz (O despontar de novos horizontes

para as mulheres camponesas do Acre: os muitos aprendizados, 2015); Aldemira Ferreira de Almeida (Trabalho feminino em seringais do Acre, 1960-1980, 2016); Jose Sávio da Costa Maia (Seringueiros, Globalização e a História: Necessidade de novos paradigmas?, 2008); Carlos Ferreira Castelo (Experiências de seringueiros de Xapuri no Estado do Acre e outras histórias, 2014); Carlos Alberto Alves de Souza (Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre, 2010), Montysuma, M. & Cruz, T. (A Perspectivas de gênero acerca de experiências cotidianas no seringal Cachoeira – Acre, 2008); Simonian, Lígia T.L. Mulheres da Amazônia Brasileira: entre o trabalho e a cultura. Belém, UFPA/NAEA, 2001); Lage, M.M.L & Morgan, A.E. (Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano, 2015); José Dourado de Souza (Entre Lutas, Porongas e Letras: A escola vai ao seringal (Re)Colocações do Projeto Seringueiro Xapuri/Acre – 1981 / 1990, 2011); Simonian, Lígia T.L. Mulheres da Amazônia Brasileira: entre o trabalho e a cultura (2001).

Mediante a contribuição trazida pelos autores pesquisados e a pesquisa nos seringais, interpretamos as mulheres seringueiras como pessoas dotados de conhecimentos, hábitos, costumes, crenças, “que vivem contradições e experimentam condições objetivas na subjetividade de seus modos de ser” (Castelo, 2014, p. 21). Mulheres da floresta que através do seu modo de viver e se comunicar com a natureza e seus afazeres se tornam multifacetada.

Diante do objeto a ser pesquisado, optamos por trabalhar com a metodologia de História Oral. Sobre as fontes orais, Verena Alberti (2015, p. 169), traz-nos uma perspectiva metodológica importante, de que [...] através da oralidade é possível tratar as experiências desses indivíduos. Reconhecer os paradigmas que estão na base da história oral não implica renunciar a sua capacidade de ampliar o conhecimento sobre o passado. Segundo a autora, uma das vantagens primordial da História oral provem da fascinante experiência vivenciada pelo sujeito entrevistado, que faz com que o passado e a entrevista se tornem “um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu” (Alberti, 2015).

Um dos elementos notáveis apresentado por Lucilia Delgado (2003, p. 4), é que a história oral, “questiona a própria História e amplia a perspectiva histórica para além dos documentos oficiais”. Situando o “passado como uma continuidade no presente, e essa condição possibilita a interface entre a linguagem e a memória no momento da narrativa”. A História Oral “devolve a história às pessoas em suas próprias

palavras” e ao lhe “dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesma”. (Thompson, 1998, p.337).

Não há dúvida de que ao trabalharmos com as fontes orais temos possibilidade de construção de “uma história em aberto, criando texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores”, como propõe (Portelli, 1997, p. 27).

Corroborando com Alberti, acredita-se que a principal característica do documento produzido pela história oral não consiste no inédito, tampouco no preencher algumas lacunas deixadas pelos documentos escritos ou iconográficos. A autora afirma que a peculiaridade da história oral como um todo:

decorre de toda uma postura com relação à história e as configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória. O processo de recordar de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e no(s) momentos(s) em que é recordado. (Alberti, 2004, p.23)

Seguindo a proposta metodológica, a escolha das entrevistadas foi guiada pelo objetivo da pesquisa, pois a intenção era entrevistar mulheres desconhecidas, para tanto, entrevistamos: mulheres nascidas nos seringais do Acre e Bolívia, mulheres nascida em outros estados (Ceará), mulheres brancas, negras, mestiças e ribeirinhas. O convite das colaboradoras não se deu por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição da entrevistada na família, no grupo, do significado de sua experiência, de sua vivência e conhecimentos adquiridos no percurso de sua existência no âmbito dos seringais, considerando que cada depoimentos seria representativo e significativo. Geralmente mulheres mais idosas tendem a focar a atenção no que foram e no que fizeram. Em consequência, se sentem mais à vontade para relatar sobre sua experiência e interpretar o passado vivido e até avaliando suas atitudes como uma espécie de prestação de conta. É diante de pesquisadores que as colaboradoras se sentem importantes, pela importância dada a elas.

Escolher quem entrevistar entre os integrantes de uma determinada categoria de pessoas, requer um conhecimento prévio do objeto de estudo, do tema, os atores que, por sua história e por sua participação no contexto da pesquisa, justifique o

investimento que o transforme em entrevistados no decorrer da pesquisa. Diante das narrativas de dona Deolinda Gomes Alves, Nadir Costa Dias e Alzenira A. Araujo, as primeiras entrevistadas, traçamos uma investigação histórica acerca dos temas gerados mediante as narrativas trazidas por elas. A partir dos temas gerados e apresentadas por essas mulheres, redirecionamos o roteiro de perguntas a saber: Investigar a participação da mulher na cultura e na dinâmica social do seringal; o cotidiano nos seringais; a mulher e sua relação com a fé católica; Saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras; Saberes terapêuticos e medicinais; e a alfabetização de mulheres na floresta. Desses temas abordados pelas entrevistas gerou itens importantes, que constituíram a pesquisa.

Para nortear a pesquisa utilizou-se o Manual de História Oral de Verena Alberti (2004) e, o modelo do CPDOC. As gravações foram realizadas no ambiente e datas escolhidas pelas colaboradoras. pode se tornar relevante para a interpretação do leitor. (Alberti, 2004, p.180).

Na passagem da entrevista da forma oral para a escrita, utilizou-se o modelo de transcrição, como base para as etapas posteriores, esse foi o primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado. Todos os esforços foram canalizados para a qualidade do trabalho produzido, o que significa ser o mais fiel possível do que foi narrado. Todos os cuidados foram tidos durante as transcrições. Das narrativas colhidas durante a pesquisa três delas serão apresentadas em anexo.

O trabalho em sua estrutura textual está organizado em três capítulos, além de uma introdução e conclusão.

No primeiro capítulo, apresentamos um balanço historiográfico das representações ou omissões relativas às histórias das mulheres na História do Brasil, Amazônia e Acre, bem como, as inadequações existentes na História ensinada. Dialogamos sobre as duas principais vertentes e suas contribuições dada a história das mulheres: Escola dos Annales e o movimento feminista. E por fim discutimos, a ausências das mulheres no Ensino de história, propondo uma aproximação entre os estudos de gênero e o ensino de História.

No segundo capítulo, intitulado: “Experiências de ser mulher na floresta” descrevemos as narrativas das mulheres trabalhadoras entrevistadas, suas memórias e vivências da (infância, adolescências e vida adulta) no contexto do seringal de Xapuri no Acre, com a intenção de descortinar, as dificuldades que essas trabalhadoras enfrentaram e como resistiram, se reinventando dentro da imensidão



da floresta, aprendendo novas técnicas e formas de viver e trabalhar como extrativistas, na extração do látex, na coleta da castanha, produção da farinha, da pesca, do trabalho de roça, práticas culturais, sua relação com a fé católica, conhecimentos nas práticas de curas (benzedeiras e curandeiras), e outras atribuições, fazendo um entrelaçamento dialógico entre a história narrada e as fontes escritas por autores e pesquisadores sobre o tema, acreditando que a junção dessas fontes históricas, possibilitará uma história mais próxima do real.

Neste capítulo discutimos a necessidade de estudar a História das mulheres no Ensino de História, nas linhas da História e nas entrelinhas de suas memórias desvelando um período na história do Acre que até hoje é motivo de muitos estudos e questionamentos que vão muito além do tema aqui proposto.

No terceiro capítulo, apresentamos a Dimensão Propositiva que trata de ensinar *na/pela/com* a pesquisa. Esse atuar envolve diversas possibilidades metodológicas de ensino-aprendizagens, sendo necessárias ações que visem reflexões sobre o olhar para os sujeitos pesquisado, em relação a cultura, crenças e experiências e espaços que estão inseridos no cotidiano. Considerando esse pressuposto, a proposta apresentada gira em torno de um percurso pedagógico pela experiência de mulheres com a cura através da medicina tradicional com ênfase nas diversidades e sociabilidades e nos conhecimentos empíricos, através da observação, experiencição, análise e reflexão sobre esses conhecimentos.

Diante do percurso que deveria ser trilhado pelo programa de Mestrado ProfHistoria, propus mediante o contexto do programa, elaborar uma proposta pedagógica em formato de Plano de Aula, destinado a alunos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ensino Médio, envolvendo a pesquisa, utilizando como aporte teórico e metodológico a História Oral. Para tanto, a proposta consiste em um Plano de Aula referente ao conteúdo: O segundo ciclo da borracha na Amazônia/Acre e o fluxo migratório, com duração de 10 horas aulas, trabalhando o tema: *“O uso de plantas medicinais na floresta: relato de experiência vivida por mulheres seringueiras do Acre”*,

A proposta pedagógica é justificada por alguns fatores: em primeiro lugar, uma quantidade significativa dos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos EJA da Escola Argentina Pereira Feitosa, são oriundos da zona rural, filhos, netos ou bisnetos de seringueiros, portanto, os alunos poderiam realizar a pesquisa em sua própria comunidade; segundo, parte dos alimentos oferecidos como merenda

escolar, fazem parte de atividades realizadas por essas comunidades “agricultura familiar”, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); terceiro, alguns alunos matriculados, ainda trabalham com a extração do látex, quebra da castanha e outros afazeres oriundos da floresta; e por último, os conhecimentos tradicionais obtidos através de povos originários, e que foram utilizados por maior parte da população da floresta, estão em extinção, precisando ser resgatados.

Para tanto, tomou-se como base as habilidade da BNCC: (EM13CHS101 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais; (EM13CHS504 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.)

Para tanto, buscou-se alcançar alguns objetivos, entre eles: Introduzir a história de vida de mulheres seringueiras, empreendendo que toda a memória humana tem uma história; perceber que a oralidade, objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado; compreender o que é memória e vivências; observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito; compreender que as experiências narradas sobre a medicina tradicional, podem contribuir para aquisição de novos conceitos e conhecimentos; Produzir material didático mediante o conhecimento adquiridos pelos alunos, que possa ser acessado por outros pesquisadores.

Através dos objetivos propostos, pensou-se na possibilidade real de utilizar a história oral como metodologia de investigação histórica, bem como fonte de conhecimento histórico, além de estabelecer uma estreita relação entre o ensino de história e a pesquisa. A intencionalidade dessa proposta não é apenas a repetição de uma coleta de dados infundados do objeto de conhecimento (medicinais tradicionais), e sim, aprender mais sobre o objeto pesquisado, sob uma nova perspectiva. O plano de aula será disponibilizado a professores que trabalham com a história do Acre, podendo ser adaptado a outras modalidades de ensino.

Enfim, de que forma este estudo pode contribuir com as questões gênero no ensino de História? Certamente facilitando a compreensão e o estranhamento do é considerado como normal e natural nas práticas de gênero, nos diferentes contextos históricos incluindo a sala de aula.

O propósito não foi apenas acumular novos conhecimentos e informações, mas propiciar uma perspectiva crítica diante das temáticas discutidas e assim possibilitar mudanças nas práticas educativas.

## **1. AS MULHERES E SUAS HISTÓRIAS: entre silenciamentos e esquecimentos**

Eu me chamo Alzenira Alves, Nasci no seringal Povir nas redondeza de Xapuri, nasci em 61. Em meio essa vida já vivi em muitos lugar. [...] Minha mãe teve 11 filhos. [...] Assim que tinha fio, agente terminava de parir, já tomava água inglesa ou garrafada. [...] Quando adoecia também tinha o remédio caseiro, aprendi usar com a minha mãe que aprendeu com minha vó e a vó aprendeu com as índias. Eu gostava das prantas fazer chá, cozimento, garrafada, lambedor. Quando eu era criança, eu gostava de fugir pro açude, fugia pras casas dos vizin. [...] No seringal tinha trabalho de home e trabaio de mulher. [...] Papai colocava agente pra trabaiar no pesado ajudando os homes. [...] tinha mulher de todo jeito, tinha umas que trabaia como home,só visto, trabaia no corte, difumava, andava horas com borracha na costa, esperava, batia campo, encoivarava, cuidava da prantação do terrero e ainda dava conta da ruma de menino [rir]. Só que elas não recebiam dinheiro, só os homes. [...] Eu gostava mesmo era de cuidar de pranta e horta e às vezes não fazer nada. [...] as mulher sempre teve junto do home trabaiano para viver e ter a terra pra ela e pros fios. Me lembro da época da luta pelas terras, [...] os seringueiros se reunia, home, mulher, velho e criança, tudo junto para impatar a derrubada. [...] Lá onde agente morava, tinha muito festejo, [...] cedo agente chegava pra ajudar, matar pato, matar galinha, fazer bolo, fazer batida de miúdo de porco. Toda comida era as vizinhas que ajudava. Nós era devoto de Santa Inês, mais o padroeiro da cidade era São Sebastião. Mamãe ensinava agente rezar teço, padre nosso, ladainhas e novenas. [...] Eu gostava mesmo era da festa, andar na praça da igreja, no marreteiro, ver gente bonita e bem-vestida. Eita, que época boa!. Me abrasei cedo, [...] papai dizia: essa menina não é flor que se chera [rir]. Eu tinha uns quinze anos, namorei com um rapaz escondido. [...] Meu pai quando soube me bateu e mandou eu ir embora de casa, [...] o cara tinha desaparecido. Foi aí que eu fui amparada por minha irmã mais velha. E depois daí, [...] morei em vários lugares, tive dois maridos e acabei ficando sozinha com minhas fias. (Dona Maria Alzenira, 2023.Entrevista)

Mas por que não estudar e ensinar as histórias das mulheres? Não existem suficientes registros dessas histórias? Boas perguntas! Ah, se têm. A narrativa acima, de Dona Alzenira, é a confirmação que existe e sempre existiu a história das mulheres, narrativas essas que ficaram inviabilizadas, "confinadas no silêncio de um mar abissal", como escreve Michelle Perrot (1998, p.9).

Mas porque o ensino da história das mulheres foi e continua sendo negligenciado? Qual seria o motivo para tal silenciamento? O silenciamento sempre foi uma arma utilizada pela figura do homem, seja pai, seja irmão, seja esposo: “Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor” (Perrot, 1998, p.9).

O silenciamento se tornou uma imposição comum às mulheres, ao longo dos tempos, e algumas ainda, atualmente, são submissas a esse silêncio. E por quê? Seria por suas verdades serem impertinentes, verdades incômodas? Seria por suas histórias exporem facetas indigestas da vida social, das opressões vividas, dos cala bocas recebidos?

Segundo Michelet citado por Morin (2013), reproduzindo um imaginário característico de intelectuais atravessados por dimensões românticas, as mulheres “detêm o sacerdócio”, são dóceis, são mães, vocalizando a figura maternal. Mas será que não são dotadas de algo mais? Não seriam as mulheres “virtuosas e perigosas”? como nos informa Morin (2013):

Os homens tomaram a Bastilha, as mulheres tomaram o Rei”: assim o historiador francês Jules Michelet (1798-1874) resumiu o alcance da primeira grande manifestação política feminina ocorrida na Revolução Francesa – que mudou a dinâmica do processo revolucionário, imprimindo-lhe a marca de uma crescente radicalização. (Morin, 2013, p.92)

O silêncio é algo intrínseco, é um mandamento que permeia longas datas, sendo reiterado através dos séculos, as religiões, os sistemas políticos, as normas e os costumes estabelecidos pela sociedade, a qual infere que mulheres devem ser “comportadas”. Comportadas ou silenciadas?

Desde a antiguidade as mulheres deveriam permanecer caladas na igreja ou no templo; maior rigidez ainda nas mesquitas e sinagogas, as quais mulheres não tinham permissão para participar das orações. Nos espaços públicos, ainda hoje, uma vez ou outra, falas de mulheres são silenciadas, por vezes, caracterizando-a como “histórica”, como grito, pois não fariam, apenas gritariam, desqualificadas, pois seria feita por “desocupadas”. O silêncio permeia até mesmo a vida privada, onde o próprio companheiro, planeja, faz e desfaz, não permitindo a participação da mulher. Elas são afastadas de assuntos que de acordo com alguns são “assuntos de homens”, “são ambientes onde frequentam Homens”, “são atividades unicamente masculinas”, exemplo disso, são pessoas que não votam em mulheres, por ser cargo exclusivo

masculino, isso se dá também na cultura de algumas mulheres, que mesmo votando apenas tardiamente, não votam nas próprias mulheres.

O silêncio circunda as assembleias políticas majoritariamente masculinas, que com sua eloquência e voz grossa abafam a fala dessas mulheres, mesmo tendo algumas poucas que subsistem a tal desempenho, uma hora ou outra são silenciadas. Tivemos episódios no Brasil, de parlamentares misóginos, que sem pudor, xingam e depreciam deputadas mulheres. Tais atos são comuns não só no Brasil, mas em outras partes do mundo.

Conforme Del Priore (2013, p.6), “não importa a forma como as culturas se organizaram”, a diferença em relação aos homens e às mulheres, em diversas sociedades, foi de todo modo hierarquizada. Ela registra na história do Brasil colonial, principalmente, que havia um patriarcalismo que exercia relações de superioridade, sustentando a figura masculina em uma posição mais alta em relação às mulheres, criando uma cultura de violências físicas, verbais e psicológicas, chegando inclusive ao feminicídio, respaldados pela legislação. Essa “desigualdade longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, por estruturas de poder e agentes envolvidos na trama de relações sociais” afirma a Saffioti (1999, p. 83).

A reprodução da cultura patriarcal, segundo Bourdieu (2007, p. 103), esteve garantida, “até época recente, por três instâncias principais, a família, a igreja e a escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”.

A experiência concreta de ser mulher, atravessada por relações patriarcais constituídas na realidade da Amazônia seringueira, foi explicitada pela Dona Pereira quando descrevia as restrições, as censuras, as violências que ela e sua mãe sofriam por serem mulheres, mãe e filha,

Lá em casa o negócio era estreito [...] agente não tinha direito de estudar, ir pra festojo, nem pra'queles de aniversário, quando alguém completava anos, no sabe? Pois é, conversar com gente, nem pensar [rir]. Papai era linha dura e mamãe era submissa, coitada, só chorava quando ele fazia ingnorância [...] era bruto, batia de muchinga, e tinha um negócio de pisar no pescoço. Tu acredita? (Pereira, 2023. Entrevista).

A história de vida de mulheres comuns é pouco registrada, primeiro, pelo fato dessas mulheres não terem conhecimento de si mesmas, alimentadas pelo mito de superioridade do homem que define que as mulheres são social e naturalmente

inferiores ao homem. Em segundo lugar, a maioria dessas mulheres permaneceram em suas casas, confinadas, fora do espaço público durante muito tempo. Dentro das casas, das cozinhas, dando sua contribuição diariamente, robotizadas, fadadas à invisibilidade.

A submissão é reforçada pela determinação das construções sociais e dos papéis de gênero, o qual divaga que os corpos feminizados são ensinados e educados para cumprir a tarefa de responsabilizar-se pela vida dos outros, mesmo tendo que esquecer de viver a própria vida. O tempo, a possibilidade de gerar renda que garanta independência econômica, as oportunidades de estudar e de se qualificar para ter melhores oportunidades no futuro, o poder se dedicar à participação social e política, bem como ao lazer e à recreação, muitas vezes são limitados pelas obrigações impostas com a reprodução da vida. E em terceiro, por não desenvolver a percepção de sua contribuição registrada para as próximas gerações, esquecendo sua própria história, se tornando um sujeito oculto, despindo-se de sua própria identidade e assumindo a identidade do outro “esposo”. Enquanto o homem, é sinônimo de virilidade, homem bom, chefe de família, bom pai.

Saffioti ressalta que ao compreender os papéis sociais historicamente atribuídos aos sexos é possível refletir sobre o escrito por Simone de Beauvoir: "Ninguém nasce mulher, com estereótipos femininos, torna-se mulher pelo aprendizado cultural". (Saffioti, 1987, p.08). Nesse sentido, essa pesquisa pretende colaborar com a afirmação de que, apesar dos intentos de silenciamento, as mulheres vão se inscrevendo na história social, suas trajetórias e suas memórias.

Se a mulher é pouco vista ou pouco apresentada, ela é pouco falada e há poucos registros sobre ela. As fontes escritas e os registros históricos de mulheres são escassos, principalmente em relação ao estudo preterido. Perrot, traz ainda uma importante reflexão sobre as fontes primárias de pesquisa histórica ao constatar poucos registros nos arquivos públicos, normalmente destinados a atos de administração e poder, quase exclusivamente dos feitos dos grandes homens. Ressalta também que os arquivos considerados familiares (como correspondências e diários íntimos), frequentemente são alvos de destruição das histórias do cotidiano, das memórias e dos sentimentos das mulheres, sendo até recentemente pouco valorizados. Assim, a dificuldade de escrever uma história das mulheres deve-se, inicialmente, ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados. (Perrot, 1988, p. 12).

É o olhar que faz a história. No íntimo de qualquer relato histórico, há um desejo, uma vontade de saber. Em relação à história das mulheres, este desejo por muito tempo foi inexistente, o que se sabe é que mesmo as histórias que tiveram notoriedade foram escritas inicialmente pelos homens. Segundo Simone de Beauvoir, em sua obra *“O segundo sexo: fatos e mitos”* (1980), “as mulheres nunca disputaram” o mesmo lugar de fala com eles. Segundo a autora, nem mesmo o feminismo pode ser considerado um movimento autônomo, criado somente por mulheres, já que traz resquícios masculinos.

Nesta virada de século, as verdades, os limites e as noções sobre o sujeito alteraram-se profundamente. O que se observa nos dias atuais são mulheres que mesmo sendo subjugadas, não aceitam as condições que lhes são impostas. Mesmo tendo a escuta como uma postura normal, as mulheres sabem fazer de seu silêncio uma arma.

Seguramente, a inclusão da história da mulher no ensino de história não se trata apenas de corrigir desigualdades passadas, mas também de proporcionar uma compreensão mais rica e completa do desenvolvimento humano. A visão histórica tradicional muitas vezes relegou às mulheres a papéis secundários, ignorando suas contribuições nas ciências, nas artes, na política e em outras áreas. Ao revisitar os eventos históricos sob uma perspectiva mais inclusiva, os estudantes ganham uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais, promovendo uma apreciação mais holística do legado da humanidade.

### **1.1 Considerações acerca da História da Mulher**

Ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram desafios sistemáticos e discriminatórios que afetaram seu acesso à educação, reconhecimento social e participação em eventos históricos significativos. A submissão da mulher está fortemente presente desde as sociedades mais antigas. A história demonstra que os homens buscavam valer sua posição de dominação, impondo às mulheres questões que mantinham a ordem do patriarcalismo. Essa subordinação da mulher “figura como a primeira forma de opressão na história da humanidade”. (Costa; Sardenberg, 1994, p. 81).

Representações dessa subalternidade atribuída às mulheres pode ser encontrada em diversas fontes ao longo do tempo, algumas das quais foram

rapidamente sintetizadas por Belov (2007), ao tratar da “Questão Feminina: Gênero, Identidade e Direitos”:

[...] Aristóteles - A natureza só faz mulheres porque não conseguiu fazer apenas homens. A mulher, portanto, é um ser inferior”. [...] A inteligência é uma virtude transmitida via sanguínea e a mulher perde essa condição todo mês em fluxos mensais sanguíneos”, que é a menstruação. [...] Jean Jacques Rousseau - “Enquanto houver homens sensatos sobre a terra, as mulheres letradas ou intelectuais devem morrer solteiras”. Tomás de Aquino - “Para boa ordem da família humana, uns terão sempre que ser governados por outros, que são mais sábios do que aqueles. Daí a mulher mais fraca quanto ao vigor de sua alma e força corporal, deve estar sempre sujeita por natureza ao homem, em quem a razão predomina. Por isto, o pai deve ser mais amado do que a mãe e o pai devem sempre merecer mais respeito que a mãe, porque a sua participação na concepção da família é ativa e a da mãe é sempre passiva. Prevalecerá sempre a voz do pai”. (Belov, 2007).

Entendo esses fragmentos como apropriados para estimular nossa discussão, pois através deles fica demonstrada que a opressão das mulheres transcende aos séculos e é fruto de construção ideológica poderosa definindo as mulheres como seres sem direitos, sem vozes.

A historiografia sobre as mulheres em larga medida acompanhou esses silenciamentos e ocultamentos, apenas nas últimas décadas a sua representação, o seu lugar no currículo, nas universidades, começou a ser prática estabelecida em muitas partes do mundo. (Scott, 1992, p. 63) devido ao envolvimento das historiadoras com o movimento feminista e suas participações em conferências internacionais, redes vinculadas ao mundo intelectual.

Mas, em que momento as mulheres e suas vozes conquistaram seu espaço na historiografia? Há, pelo menos, duas vertentes que merecem destaque: alguns, trazem suas respostas baseadas nas contribuições deixada pela Escola dos Annales; outros destacam a contribuição advinda do movimento feminista.

A Escola dos Annales, segundo Perrot (2005, p.15), inicialmente expressa por Marc Bloch e Lucien Febvre, mesmo promovendo uma ruptura significativa no campo historiográfico, não reservaram espaços e atenção ao feminino, embora o interesse da Escola dos Annales estivesse centrado nos planos econômicos sociais. Ao examinarmos a terceira geração dos Annales, presenciamos maior receptividade à história das mulheres desde meados da década de 1970, como o caso de Georges Duby que teve sua obra profundamente marcada por uma verdadeira “obsessão” às mulheres (Perrot, 2005, p. 16).



Silva faz uma sustentação:

É necessário admitir que mesmo tendo mantido as mulheres fora das preocupações centrais, a Escola dos Annales, ao direcionar as pesquisas do âmbito político para o social, possibilitou estudos sobre a vida privada, as práticas cotidianas, a família, o casamento, a sexualidade, etc. Temas que permitiram a inclusão das mulheres na história. (Silva, 2008, p. 224).

De outra parte, a segunda vertente, qual seja, o movimento feminista, com suas inquietações e reflexões, influenciou a produção historiográfica sobre as mulheres, tomando como ponto de partida a referência teórico-metodológico assentado nas premissas epistemológicas da história social, fortemente marcada pelo marxismo.

Trazendo contribuições a tornar aparente o trabalho das mulheres e as relações de poder entre os sexos. Tendo o marxismo como instrumental teórico para compreender as desigualdades entre mulheres e homens nas sociedades de classes, os estudos de Heleieth Saffioti, a partir da década de 1970, segundo Guimarães e Hirata (2021), apontavam que as categorias de sexo, raça/etnia e classe eram constitutivas da sociedade, destacando o papel do trabalho nas relações de desigualdade.

Essa perspectiva, de fato, dirigiu o foco a uma história política mais ampla. No início houve uma conexão direta entre política e intelectualidade. Posteriormente, entre a metade e o final de 1970 houve um afastamento da política. A partir de então, segundo Scott (1992, p.64) “ampliou seu campo de questionamento, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, e dessa forma adquiriu uma energia própria”.

Gostaria de argumentar, que muitos dos que narram a história das mulheres permanecem imbricados em um esforço político, para mudar o modo como a história é escrita. Obviamente precisa-se pensar a história das mulheres “como um estudo dinâmico na política da produção de conhecimento” (Scott, 1992, p.64)

O feminismo tem sido um movimento consagrado internacionalmente e, ao mesmo tempo, possui características e atuações particulares regionalmente e nacionalmente. Cabe lembrar que nos Estados Unidos o feminismo ressurgiu nos anos 60, consoante ao movimento dos Direitos Civis e políticas governamentais referentes a estabelecimento do potencial feminino, envolvendo as profissões e a academia, modificando seu conceito inicial de igualdade. Nesse processo, o feminino

passa a obter uma “identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da importância, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sua vida”. (Scott, 1992, p. 68).

É possível analisar que em meados de 1960 e 1970 a denominada segunda onda do feminismo, tanto nos países da Europa, nos Estados Unidos, como nos países abaixo do Equador, veio reacender o movimento feminista. Este movimento centraliza boa parte do seu discurso sobre o significado do trabalho doméstico, formulando uma palavra como diretriz e ordem, trabalho doméstico é trabalho, e indagando a própria noção moderna de trabalho (Souza Lobo, 1991).

Anos posteriores, diversas pesquisas em âmbito (inter)nacional, vêm procurando dar visibilidade à mulher, ignorada pela historiografia tradicional. Além das fontes e dos períodos históricos variados, estudos voltam-se para mulheres de diferentes classes sociais em diversas regiões e situações de vida: do meio rural ao urbano, da freira à prostituta, ricas ou professoras, pobres e analfabetas. Em busca de sinais da existência das mulheres, despontando toda uma preocupação em identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre elas.

Em particular na França, este debate se tornou evidente, por pesquisadoras feministas, como Danièle Kergoat e sua equipe, que realizaram estudos inovadores sobre as operárias, o trabalho e as reivindicações.

A partir de contribuições como as citadas, avançam-se vários estudos com intenção de popularizar a história das mulheres atuando na vida social, reelaborando seu cotidiano, elaborando estratégias de sobrevivência, e resistência à dominação masculina e classista. Conferindo-a um espaço particular de atuação como sujeito histórico, e à sua competência de luta e colaboração na transformação das condições sociais de vida.

Mesmo as mulheres galgando espaço nas academias, o feminismo reassume seu papel de reivindicar mais espaços, recursos para as mulheres e para denunciar a continuidade da desigualdade, mesmo sendo credenciadas por uma academia ou tendo profissões, ainda permaneciam segregadas as profissões subalternas. De maneira idêntica, Segundo Scott,

mesmo obtendo uma identidade coletiva na academia, as mulheres vivenciavam uma experiência compartilhada de discriminação baseada na diferenciação sexual e também admitia que as historiadoras, como um grupo,

tinham necessidade e interesses particulares que não poderia ser subordinado à categoria geral dos historiadores. (Scott, 1992, p. 69).

Conforme a narrativa acima, pressupõem que as historiadoras mulheres eram consideradas diferentes de historiadores homens. O controle e a supremacia masculina estiveram presente nos campos sociais, nos campos ideológicos ou físicos, dificultando a entrada e permanência de mulheres em ambientes acadêmicos e na escrita da história.

Negar a existência da mulher nos acontecimentos históricos, é permitir que a história seja inacabada, inconclusa, defeituosa, imperfeita, mutilada, cortada. A História das Mulheres foi, sim, emudecida, e por vezes camuflada em meio a grandes feitos dos homens, vista de uma forma genérica ou classificada como simplesmente “mulheres”. Estudos que dão ênfase ao reconhecimento da História das Mulheres, os quais obtiveram contribuições da história social e do movimento feminista, ganham espaço e reconhecimento acadêmicos, constituindo-se como uma epistemologia do conhecimento. Margareth Rago afirmava que:

O feminino não apenas produz uma crítica contundente ao modo de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nessa esfera. Além disso, se considerarmos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão dos detalhes, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem se processando, também, na produção do conhecimento científico (Rago, 1998, p.23-24).

A escrita da história das mulheres, de acordo com Scott (1992, p.65), “não requer somente uma narrativa linear, mas um relato mais complexo, que considere, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina de história”.

Se bem é verdade que as principais tendências historiográficas que passaram a lidar, internacionalmente, da história das mulheres transitaram pelo movimento feminista e pela escola dos Annales. No Brasil, inclusão das mulheres no campo da historiografia brasileira de acordo com Rago (1995)

Tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito

universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas. Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos, como a abolição da escravidão, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção. (Rago, 1995, p 81).

Com a participação sobretudo de historiadores homens, a narrativa histórica se privou de inserir os anseios femininos.

Esta distinção e silenciamento não foi uma prerrogativa da historiografia brasileira ou latino-americana, é também observada nos Estados Unidos e França, “onde a busca pelos direitos da mulher e o reconhecimento da condição feminina se deu mais cedo do que entre nós” (Silva, 2008, p. 224).

Ao analisarmos a questão, percebemos que nos primeiros momentos da escrita da história voltada às mulheres alguns dos temas mais pesquisados eram: o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e as formas cruéis desta integração, as condições desumanas às quais eram submetidas, os salários inferiores aos dos homens, o assédio moral, sexual. Temas como esses tomaram espaços nas páginas de autores que decidiram enveredar-se pela história das mulheres, vários identificaram as incalculáveis violências como produtos das determinações econômicas e sociais, vítima das injunções do sistema, dando pouco destaque à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante (Rago, 1995, p.81).

Na historiografia brasileira, desde a colonização do Brasil, encontram-se poucos registros sobre a vivências das mulheres, e o pouco que se acha, em sua maioria, são produções feitas por homens sob o viés eurocêntrico e mesmo passando por diversas adaptações e transformações ainda não contempla a verdadeira história dessas mulheres. De acordo com Souza (2012), resenhando o livro de Mary Del Priore, *Histórias Íntimas*, nos primeiros séculos da colonização, “a ideia de privacidade inexistia” na sociedade brasileira, além do mais, afirma o autor que,

Numa terra em que negras e índias andavam seminuas, seus seios eram vistos apenas como “aparelhos de lactação” e sua nudez era explicada pela pobreza material e cultural em que viviam. Já as mulheres brancas, estas eram mantidas afastadas e vestidas com decoro, o que aumentava a curiosidade e o desejo masculino. Porém, é digno lembrar que a mulher, independente da sua origem social ou étnica, era sempre vista como um “ninho de pecados”, uma perdição para homens incautos (Souza, 2012, p.673).

Há de se ver que através do “Manual do confessor”, segundo Souza (2012, p. 673), criado pelo clero, a Igreja mantinha o domínio e o controle dos atos praticados pelos casais, tornando o relacionamento conjugal distante de “conteúdo erótico e sensuais”, sendo que “o caráter sagrado do matrimônio era mantido por interdições: os *ósculos* (sic.) (beijos), os tocamentos desonestos e o coito interrompido eram proibidos”.

Pouco a pouco o casamento que tinha apenas a função de procriação, em termos de sexualidade (Souza, 2012, p. 673), foi cedendo espaço, em especial no século XIX, para que os homens pudessem viver outras formas flexíveis de sua sexualidade, no que Del Priore, segundo Souza (2012, p. 673), chamou de “hipocrisia do século XIX”, pois era

Um século que reprimia o sexo, vigiava a nudez e impunha regras aos casais, mas, por outro lado, era obcecado pelo tema, olhava pelas fendas das portas e liberava os bordéis. O casamento era sagrado, mas traía-se a olhos vistos. As prostitutas, mesmo discriminadas, salvavam as família burguesa, pois, com elas, os jovens poderiam se iniciar sexualmente e liberar as pulsões na idade adulta, coisas que não poderiam fazer no leito conjugal. Além disso, chocando-se com a rígida moral que procurava se instalar, os homens lideravam a sua imaginação por meio de uma nascente literatura pornográfica, escondidas a sete chaves das mulheres (Souza, 2012, p. 674).

A despeito dessas perspectivas subalternizantes e sexualizadas construídas ao longo do período colonial patriarcal, Del Priore procura afirmar a multiplicidade de mulheres e seu protagonismo na formação histórica brasileira, quando afirma que elas eram “mulheres ativas”, multiplicando-se em “pequenas comerciantes, fazendeiras, vendedoras e fabricantes de doces, rendas e fios, lavadeiras, fiandeiras, escravas, costureiras, prostitutas e parteiras”, muitas das quais “ocupavam-se em desenvolver um artesanato caseiro, com apoio da mão de obra indígena ou negra, que resultava em têxteis, doces em conserva, chapéus, redes, sabão e outros utensílios e produtos de uso corriqueiro” (2010, p. 135).

A experiência de ser mulher compreendia também em viver “com seus filhos legítimos ou ilegítimos, acomodando sob os mesmo teto velhos genitores, escravos e às vezes, um ou outro agregado”, fazendo com que as mulheres não apenas sobrevivessem, mas organizassem as “condições de vida afetiva e familiar para o seu grupo” (Del Priore, 2010, p. 136).

A despeito dessa compreensão historiográfica, quando observamos o século XIX, as representações relativas às mulheres “enxergam” sujeitas desqualificadas.

Uma certa historiografia “tradicional”, de viés positivista, vigente em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, representada por Euclides da Cunha, em especial no seu livro “Os Sertões”(2000), apresenta algumas representações relativas às mulheres sertanejas e de Canudos sendo possível encontrar trinta e duas referências da expressão “mulheres”, sete de “mulher” e uma de “mulherio”, mas a caracterização dessas mulheres retorna frequentemente a imagem de negativa ou de horror à mulher. É o que lemos no trecho abaixo:

Grenhas maltratadas de crioulas retintas; cabelos corredios e duros, de caboclas; trufas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas embaralham-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a coifa mais pobre. Nos vestuários singelos, de algodão ou de chita, deselegantes e escorridos, não havia lobrigar-se a garridice menos pretensiosa: um xale de lã, uma mantilha ou um lenço de cor, atenuando a monotonia das vestes encardidas quase reduzidas a saias e camisas estreadas, deixando expostos os peitos cobertos de rosários, de verônicas, de cruces, de figas, de amuletos, de dentes de animais, de bentinhos, ou de nômias encerrando cartas santas, únicos atavios que perdoava a ascese exigente do evangelizador. Aqui, ali, extremado-se a relanço naqueles acervos de trapos, um ou outro rosto famosíssimo, em que ressurgiram, suplantando impressionantemente a miséria e o sombreado das outras faces rebarbativas [...] (Cunha, 2000, p. 456).

O autor ainda descreve uma figura grotesca da mulher, com detalhes realistas, caracterizando-a como um monstro, abominável, não só a velha senhora, mas também a criança que com ela estava. A leitora e o leitor não ficarão impassíveis diante desse quadro euclidiano, mesmo estando descrevendo um evento traumático, em vários dias de guerra, a meu ver, o autor poderia ter amenizado sua descrição.

Uma megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez destes sertões – a única que levantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores; e nervosa e agitante, ágil apesar da idade, tendo sobre as espáduas de todo despidas, emaranhados, os cabelos brancos e cheios de terra, – rompia, em andar sacudido, pelos grupos miseráveis, atraindo a atenção geral. Tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez. E essa criança horrorizava. A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseado uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, no vácuo de um gilvaz. Aquela velha carregava a criação mais monstruosa da campanha. Lá se foi com seu andar agitante, de atáxica, seguindo a extensa fila de infelizes [...] (Cunha, 2000, p. 457).

Nesse fragmento, o misógino narrador euclidiano se solidariza com as “megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra” deste mundo “aquela velha carregava a criação mais monstruosa”. Convém repetir a sentença de Euclides da

Cunha feito a mulher no primeiro fragmento: “As infelizes, em andrajos, camisas entre cujas tiras esfiapadas se reportavam olhares insaciáveis”.

Os conceitos inferidos pelo autor, incorpora os sentimentos de desprezo, preconceito, repulsa e aversão às mulheres e ao que remete ao feminino. Conceitos como esses continuam sendo transmitidos pelas gerações. Mediante a isso, a misoginia se instala em diversas sociedades e culturas através de comportamentos agressivos, depreciações, violência sexual, objetificação do corpo feminino e morte de mulheres (o feminicídio).

Outro registro desse discurso do fim dos oitocentos é apresentado por Pedro (2006), que pesquisando o Jornal do Comércio, de Florianópolis, Santa Catarina, identificou notas com prescrições às mulheres que buscavam reafirmar a ordem do patriarcalismo. Os dez mandamentos, ao modo de uma oração, deveriam ser lidos doze vezes ao dia, diziam isto:

1º Amai a vosso marido sobre todas as coisas; 2º Não lhe jureis falso; 3º Preparai-lhe dias de festa; 4º Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe; 5º Não o atormenteis com exigências, caprichos e amuos; 6º Não o enganeis; 7º Não lhe subtrai dinheiro, nem gasteis esse com futilidades; 8º Não resmungue, nem finjas ataques nervosos; 9º Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o teu marido; 10º Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines. (Pedro, 2006, p. 285).

Essas representações das mulheres durante o império e mesmo durante a primeira república, dão conta de atribuir-lhes posições de obediência, de constrição das pulsões e de subalternidade em relação ao homem, sobrevivências de uma sociedade assentada no patriarcalismo.

Assim como Pedro (2006) que debruçou-se em fontes do século XIX para sua pesquisa sobre as construções simbólicas que subalternizavam as mulheres, Odila, em seu clássico “Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX”, também encontra as mulheres nas fontes da época, como ocorrências policiais, relatos de viajantes, processos criminais e civis, registros municipais, buscando interpretar como as mulheres viviam em São Paulo no século XIX. Na sua escrita, Odila procura romper com a escrita historiográfica misógina que tratam mulheres com adjetivos pejorativos de insignificância e identificam as relações cotidianas nas famílias como estruturadas patriarcalmente, identificando que a sociedade paulista era, em termos sócio-históricos, era formada pelo protagonismo das mulheres na vida cotidiana conformando relações familiares tendo a mulher como a cabeça dos lares, ganhando

feições não patriarcais mais matriarcais, qual seja, a sociedade se fundamentava na agência de mulheres para se reproduzir, mesmo que as relações de poder e econômicas fossem patriarcais.

Várias categorias de caracterização da identidade masculina e feminina foram construídas ao longo dos anos, cada qual com suas respectivas concepções, para mulheres sugere a empatia, a proteção, solidariedade, preocupações ecológicas, amor, sabedoria e outros. Ao homem cabe o julgamento racional, imparcialidade e o espírito de competição. É tão verdade, que até tão pouco tempo, profissões femininas estavam associadas à educação, o social e a saúde.

Ao discutir a delicada questão que, desde há muito, envolveram estas diferenças, vivenciamos, desde o final do século XX, uma ruptura que culminou em fraturas de velhos conceitos, arcaicos e insignificantes, ao passo que iniciaria uma progressão de combinação de valores, nos centros mais desenvolvidos da sociedade em geral.

Como nos apresenta, Mary Del Priore (2010).

O fim do século XX parece marcar uma ruptura na história da invisibilidade das mulheres. Só lhes falta uma participação maior na representação política. No mais, caminhamos para um pós-feminismo no qual a ideia de combinação, de associação, de mixagem tornou-se um valor fundamental, ético e universal, pois homens e mulheres não podem viver uns sem os outros. Nessa ótica, a diferença de sexos não invalida a igualdade entre sexos, ao contrário, torna-a mais rica, mais densa. Eis porque, em vez de pensar numa guerra entre os sexos, era preciso encarar as relações como uma negociação, uma política de sexos onde as diferenças não fossem falsamente pensadas e racionalizadas em termos de superioridade e inferioridade, mas sim que esse diferencial, essa singularidade, se baseasse nas semelhanças e diferenças entre sexos. (Priore, 2010, p. 151).

Certamente, que a realidade da historiografia tem passado por modificações nas últimas décadas com sucessivas pesquisas e pesquisadores aos quais têm lançado mão de estudos, fontes e interpretações, questionando e refutando perspectivas invisibilizadas das mulheres, e oferecendo novos olhares que percebem e reconhecem as mulheres como protagonistas da história.

Apesar de todos os entraves, pesquisas atuais nos indicam que a dicotomia entre os dois gêneros, estanques e naturalizados, o que costuma ser qualificado como valores/atributos femininos ou masculinos, precisa ser problematizada e superada, desaparecendo a concepção de papéis fixos e abrindo espaço para uma farta



diversidade para que os sujeitos exerçam os papéis com os quais mais se identifiquem.

As mulheres se reconstróem e se tornam protagonistas de sua própria história, adquirindo sua identidade social e assumindo um papel social a desempenhar na comunidade, com intenção de alcançar a equidade das relações de poder, compreendendo a sociedade como um sistema de poderes e interesses que requer negociação, acordos, resistência, concessões.

É importante observar que são narrativas com diferentes metodologias e temáticas com suas particularidades, mas com pontos em comuns que permitem uma aproximação entre si. Como aspectos de convergência, os estudos apresentados destacam uma preocupação em tornar notório a presença de mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não, como sujeitos de transformação. É importante ressaltar que, mesmo com sua particularidade, foi eficaz em questionar o grande mal causado às mulheres pela misoginia entranhada no inconsciente coletivo, em especial masculino, que caracteriza uma forma de desprezo pelo sexo feminino.

A contar da década de 1980 aos dias atuais, amplia-se largamente o leque temático não apenas em relação à incorporação de novos agentes sociais, como mulheres, prostitutas, loucas, crianças, negros, etc., mas principalmente em relação a dimensões da vida social privilegiadas pelos estudos da mentalidade e da sensibilidade.

Temas como a história do corpo e da sexualidade, o poder médico e a loucura, a família, o amor e o pecado, a sedução e o poder, as representações da mulher nos discursos médicos e jurídicos, os códigos da moralidade feminina são incorporados como objetos históricos. Fora da academia, as demandas e reivindicações específicas das mulheres penetram nos movimentos sociais, por força de um feminismo que deixa de aparecer de forma muito localizada para emergir no interior de partidos, sindicatos e inúmeras outras associações.

A partir de então, as pesquisas e a história das mulheres adquiriram estatuto próprio, afirmando-se como área de interesse na academia, e passaram a participar mais intensamente da construção da noção de uma “cultura das mulheres” (Scott, 1992, p.70).

Novas configurações foram percebidas no século XX, incorporações de novas culturas, cultura midiática, espaço que antes não era frequentado por homens e mulheres, passaram a ser (bares, clubes, estádios, escritórios, sindicatos e outros).

Nesse ínterim, as mulheres brasileiras, iniciam a quebra de tabus arraigados há séculos. Nem tudo foi positivo, junto às transformações vieram os impulsos e reações masculinas, com restrições e imposições às mulheres e, de imediato, agressões e crimes passionais, não estranho à história do país, como capas de revistas, manchetes em jornais e internet.

Em busca por uma reelaboração da identidade, as mulheres criam estratégias de ações individuais e coletivas ao enfrentamento ao lugar de subalternidade que lhes é imposto!

## **1.2 Entre ausências e presenças, as mulheres na historiografia amazônica e acreana**

A História da Amazônia, durante muito tempo foi legatária de uma historiografia consagrada, cuja origem das principais narrativas está direcionada ao ciclo da borracha, tendo como os sujeitos envolvidos na dinâmica história apenas homens. Diversos historiadores, ligados a essa tendência, fizeram seus investimentos na história da Amazônia, muitos, não sabe-se por descuidos ou intencionalmente, deixaram de lado as mulheres.

Uma das narrativas mais importante de se conhecer trata exatamente da história das mulheres na floresta, mulheres seringueiras, mulheres trabalhadoras, mães, irmãs, filhas, avós, companheiras que muito distante de olhares redutores ou inviabilizadores de suas trajetórias, elas se embrenharam nas matas, cortavam seringas, defumavam, plantavam roçados, coletavam e quebravam castanha, cortavam lenha, eram parteiras, donas de casa, agricultoras, extrativistas, curandeiras, religiosas entre outras intermináveis funções sociais.

A presença de homens e a ausência de mulheres na historiografia tradicional acaba por expressar uma continuidade epistemológica que teria nascido desde a chegada dos europeus no continente americano, como afirma Albuquerque quando, partindo de Michel de Certeau chama a nossa atenção em relação ao fato de que:

“à escrita da conquista dos novos mundos, o historicismo triunfalista e as vertentes historiográficas certamente ancoram-se na ideia de progresso da história, obtendo com referência a expansão da história e do desenvolvimento europeu” (Albuquerque, 2015, p.2).

Para Albuquerque, acabou por se formatar uma tendência na escrita da História que nada mais fez “que imprimir uma colonização do corpo pelo discurso do poder” (2015, p. 2), isso porque “escrever a história implica em retomar o passado e transformá-lo, profanar sua sacralidade, desconstruir seus altares, restituir a humanidade aos seus santos ou a seus heróis” (2015, p. 2).

Em meio a esse processamento histórico e influenciado pelo tempo presente, deve-se dar ouvidos a vozes e ao silenciamento desses sujeitos, pela história. Essa é a parte que deve ser ouvida, as vozes dos excluídos da história, sobretudo das mulheres da floresta”, que merecem destaque, “fazendo com que sejam ouvidas, conhecidas, discutidas e propagadas além de suas fronteiras. (Montysuma; Cruz, 2008, p. 2). Persequimos esse caminho, seguindo os passos de historiadoras e historiadores comprometidos e envolvidos com a história das mulheres da floresta do Acre.

A historiografia que se debruça sobre a Amazônia dos seringais, majoritariamente produzida por autores, desde pelo menos Euclides da Cunha, trouxe aportes significativos para a compreensão dessa intrincada história, entretanto ela dedicou poucas linhas às mulheres.

O trabalho de Brito (2017), fez um mapeamento dessa historiografia de modo a diagnosticar as ênfases adotadas. Sobre a obra “A Borracha Problema Brasileiro”, de Cosme Ferreira Filho, de 1938, Brito (2017, p. 14), identificou que o autor “apresenta as dificuldades encontradas de exportação da borracha, de mão de obra e produção”, também apresentou “documentos de consumo anual de borracha”, quais eram os artigos “produzidos com a borracha, além de imagens de moradia dos seringueiros e dos patrões” (2017, p. 14).

De outra parte, no livro “Servidão Humana na Selva: O Aviamento e o Barracão nos Seringais da Amazônia”, de Carlos Teixeira, escrito em 1970, Brito (2017, p. 14) identificou que o autor, se debruçando sobre o funcionamento dos barracões, observou o poder que os chamados coronéis exerciam sobre os trabalhadores, os quais eram por vezes denominados cativos. A autora ainda afirma que Teixeira deu destaque aos “nativos indígenas, que já possuíam habilidades de manuseio da borracha” (Brito, 2017, p.31), fabricando artigos a serem utilizados no cotidiano. Outro mecanismo de controle imposto era através do crédito, isso porque “esse sistema tem no controle do crédito a própria chave de dominação dos povos indígenas e não indígenas, pois os imobiliza na relação de trabalho nos seringais da

Amazônia” (Teixeira, 1980 apud Brito, 2017, p. 31). O endividamento acabava sendo a grande ferramenta de submissão do trabalhador seringueiro isso porque, “legalmente, cada extrator de goma elástica era considerado livre, no entanto, a construção de uma dívida que dificilmente seria paga impossibilitava o seringueiro de, na prática, se livrar do seu patrão imediato” (Teixeira, 1980, apud Brito, 2017, p. 31).

A expansão das áreas de cultivo da seringueira, com sua difusão na região amazônica, foi um dos focos, segundo Brito (2017, p. 15), que Barbara Weinstein deu no seu livro “A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)”, no qual, abordou as “dificuldades da rede de aviação” e sua relação com o “enriquecimento da elite regional” (Brito, 2017, p. 15). Apontamento importante é a do crescimento da população que teria aumentado no período de 1850 a 1872, identificando como consequência o aumento da exportação da borracha (Brito, 2017, p. 15). Aqui as questões sobre mulheres extrativistas foram tratadas de forma genérica.

Ao analisar o primeiro e segundo ciclo da borracha, Arthur Cezar Ferreiras Reis no seu livro “O seringal e o seringueiro” (1997), de acordo com Brito (2017, p. 14 e 15), retratou fatos relacionados ao seringal e as questões socioeconômica da Amazônia, abordando a diversidade de trabalhadores da região e os trabalhos realizados por eles. Reis, segundo Brito (2017, p. 15) descreve diversas violências que os patrões exerciam sobre os seringueiros e as formas de controle, entre elas, a econômica.

Importa registrar, a partir de Brito (2017), como parte da historiografia temática sobre o mundo construído ao redor da exploração da borracha, que tanto a historiografia Amazônica quanto a historiografia acreana em sua maioria, a história das mulheres seringueiras estiveram ausentes.

No clássico “A Batalha da Borracha: Segunda Guerra Mundial”, de Pedro Martinello (1988), dá ênfase às questões econômicas da borracha para Amazônia, destacando a importância de sua produção naquele período devido sua procura pelos países industrializados; os períodos de ascensão da procura do látex; o problema de mão de obra na região; analisa ainda a migração nordestina para os seringais enxergada pelo governo, como uma possível solução para a Amazônia sendo subsidiada (Martinello, 1988). Martinello revela o papel das estruturas de governo como mecanismo de transmissão entre os interesses externos e o potencial produtivo interno. Sua preocupação final é a indagação sobre as possibilidades e rumos do desenvolvimento capitalista na região (Martinello, 1988).

Não é incomum encontrar referências às “mulheres inexistentes” nos seringais até dado momento, quando então elas seriam introduzidas. As pesquisas existentes, ou pelo menos as que foram lidas por essa pesquisadora, concordam entre si, que no início a presença de mulheres nos seringais amazônicos era rara. Segundo Guedelha (s.d), que analisou escritos de Alberto Rangel e Ferreira de Castro, dos anos 1908 e 1930, respectivamente, o território dos seringais tinham poucas mulheres, e “as poucas que existiam, todas tinham ‘donos’”, sendo que “meninas, crianças pré-adolescentes” estavam juradas a algum pretendente, às vezes em troca de favores, às vezes por apadrinhamento.

Era uma proibição no primeiro momento levar esposa ou companheira, de acordo com Guedelha (s.d.), segundo “a lógica capitalista do coronel” trazer mulheres seria mais uma despesa na viagem do Nordeste até ali. Ainda existia uma crença que a mulher poderia atrapalhar o andamento do trabalho, e automaticamente a produção seria reduzida, e se a esposa ficasse no sertão, o seringueiro se dedicaria muito mais com o sonho de voltar para casa. Em consequência disto, os seringais se tornaram, supostamente, um espaço praticamente vazio da presença de mulheres, ao passo que aumentava os impulsos sexuais masculinos. Tudo isso, evidentemente, era estratégia de espoliação, pois a estrutura montada nos seringais conspirava para que o sertanejo nunca mais voltasse para sua terra. Consequentemente, premidos pela ausência da fêmea, segundo Guedelha (s.d, p. 3), “os sertanejos eram empurrados pelos instintos a atos extremados de pedofilia, zoofilia, bestialidades e crimes passionais, fartos na literatura sobre os seringais”.

Diante da anunciada suposta “falta de mulheres”, a vida nos primórdios dos seringais se ajustava a dinâmicas um tanto peculiares. Silva no seu artigo “Insolitudes acres, híbridas e fronteiriças” (2015), no qual analisa diversas obras e percebe que esse tipo de discurso permeia textos literários e historiográficos e podem estar relacionadas ao momento histórico vivido, (Silva, 2015, p. 6). O autor sublinha que esse tipo de discurso permeia as obras literárias e historiográficas do Acre, as narrativas com essa característica podem estar relacionadas ao momento histórico vivido, e “essas questões já são bastante conhecidas pela produção historiográfica local”, fazendo parte de “certa memória coletiva herdada que paira sobre o Acre ainda nos dias de hoje” (Silva, 2015, p. 6). Silva, comentando sobre a obra *A Selva*, de Ferreira de Castro, informa que a narrativa apresenta “casos de zoofilia como o cometido pelo seringueiro Agostinho”, aos quais se juntam “relatos de

homossexualismo e pedofilia como saídas para o abasamento sexual masculino diante da falta de mulheres” (Silva, 2015, p. 6).

Pesquisando em jornais do início do século XX, em especial na revista “O Malho”, de 10/12/1904, publicação que tinha como foco a vida política do país, mas a cultura e a crítica de costumes também sempre estiveram presentes tanto nas charges como em artigos escritos por grandes escritores como Olavo Bilac, Pedro e Emílio de Rabelo, Arthur Azevedo, Álvaro Moreyra e outros mais, Silva (2015), localizou a charge “Formação do novo mundo” que, em uma conversa entre senhoras simbolizadas como conversadeiras das coisas do mundo, falam (vide Figura 1):

“- Que desaforo! Mandarem mulheres para o Acre...  
Lá para os confins do Judas, onde o diabo perdeu as botas!...  
Pouca vergonha! Pois não basta irem os homens  
- Não, minha filha, não basta! Aquilo é um novo paraíso: já está cheio de Adões... só falta as Evas... Se elas não forem – babão! – lá se vai o mundo da borracha por água abaixo.”

Figura 1 – CHARGE 01: Formação do novo mundo, O Malho, 10/12/1904, ano III, nº 117, p. 18.



Fonte: Silva (2015, 13)

Esse anúncio da criação de condições para o deslocamento/envio de mulheres ao território supostamente ausente delas, mobilizou sem dúvida, a partir de 1912 e, especialmente, nas décadas de 20 e 30 do século XX, a viabilização do ingresso de um número significativo de mulheres e famílias para a região amazônica, Wolff (1999). Essa chegada de “novas mulheres” relacionava-se também às dinâmicas econômicas que acabaram provocando a crise da economia do seringal no transcurso do tempo, segundo Martinello, (2004, p.226) no período de 1900 a 1910 a região apresentou o maior nível de produção da borracha até então registrado, todavia nos anos seguintes, após 1912, ocorreu o decréscimo na produção. Diante disso, buscaram-se estratégias para enfrentar a situação, pois anteriormente o seringueiro vivia basicamente do corte e coleta do látex e uma hora o outra, a caça e a pesca, e com a nova configuração o seringueiro como homem multifacetado, além de continuar com o corte da seringa, passou a formar roçados, desmatar, fazer aceiro e outras atividades pertinentes a agricultura de subsistência. É nesse cenário que a figura feminina entra em cena como coadjuvante nas tarefas do cotidiano nos seringais. (Wolff, 1999, p.96)

A narrativa do “advento” de mulheres no Acre, foi uma tônica destacada por Silva (2015) ao dizer que:

Essa ausência anunciada permite as mais variadas soluções: envio para o Acre de mulheres acusadas de prostituição no Rio de Janeiro para se tornarem honradas no Acre, segundo as autoridades, como ocorreu em 1904 e 1910 nas revoltas da Vacina e da Chibata. Fictícias prostitutas decadentes de Manaus que chegam ao Acre e tornam-se objetos de desejo, como a personagem Conchita, presente na obra Coronel de Barranco, de Cláudio Araújo Lima. [...] mulheres índias capturadas em correrias para servirem de esposas, concubinas e escravas sexuais aos “brancos” que ali vão se estabelecendo (Silva, 2015, p. 6).

Apesar dessa movimentação para “povoar” o Acre com mulheres, nos anos iniciais do século XX, a representação de que elas ainda estavam ausentes das histórias dos seringais continuava viva na memória do seu Agenor, atual morador de Xapuri/Acre, antigo soldado da borracha, que possivelmente migrou na década de 1940, vindo do Rio Grande do Norte, no segundo auge da produção do látex, e comentava como foram aqueles anos passados:

Nos primeiros tempos, eu ainda era rapazote, vim do Rio Grande do Norte. A gente trabalhava muito, não tinha tempo e nem hora, pra gente desaparecer as ideia e o cansaço, os seringueiros por especialidade, fazia suas festas

cantando e dançando. E como não tinha instrumento, batia nas lata vazia, fazia som na colher..., Mas o mais divertido era a hora da dança. Eu não, mas, meus companheiros dançavam home com home. (Alves Agenor, Entrevista concedida em maio de 2023).

Mas, enfim, quando começou a “aparecer” mulher nos seringais? Se formos observar os relatos analisados acima, a “invenção da ausência” das mulheres teria ocorrido desde os primórdios, com a primeira invasão do território acreano, ainda no século XIX; depois, nas primeiras décadas do XX, essa ausência continuava a ser descrita, tanto que, para superar a situação era informado que haveria o envio, como se fossem coisas, de “Evas”; mas, mesmo com a chegadas delas no “paraíso” em maior número, em meados da década de 1910, em diante, os “adões”, que chegaram nos seringais na década de 1940, continuavam a reclamar que o “paraíso” não estava completo posto que carecia de mulheres!

Parece que parte das histórias e as memórias dos seringais não falam das mulheres, e insistem em fazê-lo, não porque elas não existissem, ou não estivessem em maior ou menor número conformando e construindo essa sociedade, mas sim porque mesmo elas estando aqui, trabalhando ali, sendo escravizada acolá, gerando no ventre filhos e filhas da floresta, no século XIX, nas primeiras décadas do XX, nos anos 40 do XX, em 2024, não querem reconhecer mulheres, mães, trabalhadoras, seringueiras, companheiras empadoras como parte da história dos povos da floresta!

Em busca de escrever outras histórias do Acre, a historiografia passou, pouco a pouco, a encontrar-se com essas mulheres da floresta, Tereza Almeida Cruz (2015), em um desses processos de busca-encontro, a autora reconheceu que:

[...] a constituição histórica do Estado do Acre, a partir da abertura dos seringais no final do século XIX, configurou-se como um território de homens baseado no estereótipo da masculinidade do “cabra macho” nordestino, desconsiderando a participação e contribuição das mulheres. Entretanto, elas estavam presentes desde o primeiro momento, inclusive participando ativamente de todo o processo de produção da borracha (Cruz, 2015, p. 1).

Não deixando dúvida de que as mulheres estiveram “sempre” na história acreana, Cruz nos informa que devemos enxergar que as Mulheres seringueiras têm sua própria História:

[...], todavia, elas estavam presentes em todos os momentos históricos. No caso do Estado do Acre não é diferente. Elas estão presentes de diferentes



formas desde o início da formação da sociedade acreana, nas aldeias indígenas, na constituição dos seringais, mas foram esquecidas pela historiografia tradicional ou quando são lembradas são vistas como objeto de disputa, compra ou prêmios. É uma questão de olhar. (Cruz, 2018 p. 135)

Esse “encontro” da historiografia com as mulheres da floresta passou por diferentes trabalhos. Por exemplo, Cristina Scheibe Wolff, no seu livro, fruto da sua tese de doutorado (Wolff, 1998), “Mulheres da floresta: uma História Alto Juruá, Acre (1890-1945)” (Wolff, 1999), tencionou os estudos que davam ênfase, apenas, à dimensão econômica, o que levava à interpretações que expressavam a “fetichização da mercadoria”, ao contrário, a proposta dela foi a de pensar que as “relações sociais e as experiências vividas por indivíduos, especialmente por mulheres, no cotidiano da floresta” (Wolff, 1999) era constituinte da historicidade daquele território. Ao perceber as mulheres como protagonistas, Wolff colaborou para dar visibilidade às historiadoras e às histórias das mulheres e das relações de gênero na região. Sua pesquisa nos possibilita fazer um entrelaçamento dialogando com as vivências e as presenças dessas mulheres nos seringais do Acre, perspectiva que distancia-se da história tradicional, excludente!

O relato de dona Mira, que nasceu em 1960 e cresceu no seringal Iracema, em Xapuri, filha de mulher seringueira e de soldado da borracha, dá conta de relacionar suas experiências com o mundo do trabalho e com a luta pela sobrevivência, por outro lado, associa esses fazeres com o “lugar” atribuído às mulheres como de menor valor simbólico e econômico.

Me lembro que nois ia trabalhar na seringa, na castanha, mas nois também ajuntava madeira para vender pro home que passava comprando. Só menina que o home não pagava agente não, ele dizia, eu acerto com seu pai. Se acertava não sei, mais nois nunca recebia esse dinheiro, não. As vez agente ficava dias ajuntando sernambi na casa de difumação, quando conseguia vender era uma mixaria de dinheiro. Agente recebia menos que os home que vendia, pros mesmos homes. Hoje acho que isso era por agente ser mulher e mulher era como se num merecesse ganhar como home. (Mira, 2023. Entrevista)

Apesar das relações de gênero pautadas na desigualdade, Ferreira (1996), em sua Dissertação de mestrado “Trabalho Feminino em Seringais do Acre (1960 – 1980)”, enfatiza o trabalho desenvolvido por mulheres seringueiras, e o seu “companheirismo” juntamente “ao esposo na divisão e distribuição do trabalho nos seringais no interior do Acre”, isso porque ao tempo que os “homens cortavam a

seringueira e colhiam o látex”, as mulheres além de colaborar nesses fazeres, fazendo-os, “também cuidavam de plantações de arroz, feijão, macaxeira, legumes e verduras, que serviam para o sustento da família” (Ferreira, 1996, p. 47)! Na busca por encontrar essas mulheres, Ferreira (1996) tomou como base relatos orais em relação aos quais demonstra que as mulheres seringueiras realizavam atividades extrativistas e uma série de outros trabalhos para além do corte da seringa, os quais eram indispensáveis para a reprodução da vida na floresta.

Também recorrendo à metodologia da história oral, Montysuma e Cruz (2008) discutem as visões de gênero no seringal Cachoeira em Xapuri, acerca dos recursos ambientais, permitindo compreender como “mulheres e homens entendidos como extrativistas” se relacionavam com o “meio ambiente, atribuindo significados subjetivos às suas experiências cotidianas no seio da floresta” (Montysuma; Cruz, 2008, p.220). Os relatos orais trazem uma perspectiva diferente das apresentadas por historiadores tradicionais em relação ao papel atribuído à mulher, que anteriormente era simbolizada como debilitada para executar as tarefas realizadas pelos homens. Como vemos, homens e mulheres marcaram a história do Acre, ambos trabalhando na luta pela sobrevivência nos seringais, como descreve Montysuma e Cruz:

Entretanto, nos discursos de muitos homens se reconhece que as mulheres atrevidas subvertem esta normatização, porque realizam todos os trabalhos que os homens fazem, como cortar seringa, quebrar castanha, caçar, em suma realizam todo o serviço pesado.  
(Montysuma; Cruz, 2008, p.235).

Ao analisar o processo de constituição do Movimento de Mulheres Camponesas do Acre, e os significados históricos da participação dessas mulheres, Tereza Cruz ressaltou que as “experiências sociais destas mulheres como seringueiras, ribeirinhas e camponesas” expressava a “busca da construção de outras relações entre mulheres e homens, baseadas no respeito e na equidade de gênero” (Cruz, 2015, p.1). Pensando na atuação de mulheres como Valdiza Alencar de Souza, Eulália Ricardo da Silva, Deusdete Moreira da Silva, Aparecida Melo Smangoszewski e entre outras, Cruz (2010) reconhece a participação delas como protagonistas na articulação e na fundação de grupos de mulheres e sindicatos rurais, iniciativas essas diretamente relacionadas com as famílias de seringueiros e suas lutas pelo direito de permanência em suas colocações de seringa.

Existem diversos desafios em trabalhar com as histórias dessas mulheres camponesas, por diversos motivos, ao serem invisibilizadas e/ou estigmatizadas, acabou por se fomentar uma espécie de censura ou de desvalor na intrincada trajetória das mesmas. Buscando encontrar e publicizar o “fazer-se” e o “tornar-se” mulheres seringueiras, o historiador Carlos Alberto Alves de Souza, sintetizou a complexidade que essas vidas trazem para a escrita da História, diz ele que:

O "fazer-se" de uma história das mulheres seringueiras do Acre se firma por questões metodológicas, como uma prática que deve lidar com sujeitos sociais e coletivos que viveram e que vivem num mundo formado por muitas fronteiras e por diferentes modos de vida. Essas mulheres, em suas lutas, enfrentam problemas e dificuldades de várias ordens, e as saídas encontradas também são múltiplas. Daí a importância de se estudar essas mulheres seringueiras articulando suas vidas em diversos momentos do seu cotidiano, nos seringais, que fortalecem uma tradição que se faz presente no viver dos homens e mulheres da Amazônia. Essas mulheres demonstraram as condições históricas que as designam como parte do que chamamos de "povos da floresta", nesta relação com índios e demais mediadores, resistências formam um viver. As fronteiras de um seringal não estão apenas em seus limites territoriais, estão também no "fazer-se" de suas gentes. Essas mulheres foram vítimas de dominações de todas as ordens, mas também foram agentes de constituição das mais variadas formas de resistência. (Souza, 1999, p. 2)

As questões relacionadas a gênero no cotidiano da floresta, trazem-nos ao conhecimento as vozes das entrevistadas reafirmando o preconceito, descaso e a desvalorização estabelecida dentro dos seringais referente ao trabalho realizados por elas no cotidiano. Michelle Perrot, expõe que as mulheres não estão sozinhas neste profundo silêncio, este silêncio, de acordo com François Héritier, mencionado por Perrot (2005) “envolve o continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento em que se aniquila a humanidade, mas ele pesa mais fortemente sobre elas, em razão da desigualdade dos sexos” (François Héritier apud Perrot, 2005, p.11).

Vasta são as obras que ao referir-se à história da Amazônia e do Acre, quase na totalidade, são imbuídas de relatos fantasiosos, cheio de alegorias, credices, mitos, criam uma Amazônia da maneira como seria mais apropriado ao colonizador. Histórias de grandes heróis, grandes vultos, história associada a conflitos sangrentos e maquiados pelo narrador da história positivista. História que emociona pela maestria da pena do escritor. Mas, não só de datas importantes, guerras e conquistas vive a humanidade. As verdadeiras heroínas, que não receberam menção honrosa de “Soldados da borracha” estão até a presente data pouco vistas, excluídas da História. Mulheres que dedicaram sua infância, mocidade, vida adulta a estarem realizando

suas experiências conjuntamente aos seus pais e companheiros na imensidão da floresta, passando privações e adversidades de toda a espécie. Mulheres que nasceram, cresceram e morreram na floresta. Mulheres que até o hoje, não tem percepção do legado deixado às gerações futuras.

Como as histórias de Donas Alzeniras, Donas Pereiras, Donas Marias, Donas Miras, inúmeras foram as mulheres que impulsionaram a construção de práticas que expressavam intentos de inclusão social e desenvolvimento sustentável na Amazônia. São heroínas silenciadas pela História oficial, mas, lembradas por aquelas e aqueles que tiveram a honra de estar ao lado delas nas trincheiras de luta. Histórias e memórias que não cabem em nenhuma enciclopédia do mundo. As Histórias dessas Marias-mulheres, Raimundas-mulheres, Pereiras-mulheres, precisam ser escritas!

Evidentemente, que quando se trata de mulheres seringueiras, negras ou indígenas, tais conceitos as empurram para o apagamento de suas histórias e memórias, o não lugar, o não merecimento, a não importância, o silenciamento. E ao passo que uma história aqui, outra ali vai surgindo, as personagens femininas em sua maioria são destratadas, incompreendidas, são frutos de uma influência autoral, mas também político-ideológica e cultural de um determinado período histórico.

Diante da discussão apresentada aqui, ocultou-se outra questão elogiável. Na reconstrução da imagem da mulher amazônida ficou claro, como afirma Torres (2005), que “ao contrário do que supunha os historiadores do passado e o grande capital, as mulheres da floresta: indígenas, negras, cafuzas, mestiças e outras não são despolitizadas, tímidas ou retraídas”. A história que se tem é carente, insuficiente, incompleta, necessita ser reescrita.

Essas mulheres foram e são mulheres de lutas, que sobreviveram à mata e ao poder. São mulheres que se organizaram, desenvolveram ideias, ao passo que algumas dessas ideias tornaram-se em leis e decretos viabilizando uma melhor qualidade de vida na floresta.

No rio, assim “como na história”, segundo Albuquerque Jr. (2007, p. 33), “águas passadas movem moinhos e destinos”, cabendo à historiadores “profissional do presente e não do passado, construir em suas narrativas a mediação entre o tempo e diferenciar, o que é atual, o que é próprio do nosso tempo, do que é apenas contemporâneo”, tendo claro “o que está do nosso lado, mas vem de outro tempo, e

talvez intuir a possibilidade de horizontes outros para o futuro” (Albuquerque Jr. 2007, p. 33).

Albuquerque Jr. faz uma comparação do trabalho realizado pelo historiador a um tecelão, quando diz

Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem-ordenado no final. Este trabalho de tessitura é, no entanto, a obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidades de quem narra. (Albuquerque Jr. 2007, P. 31)

Diante de narrativas tão significantes, cabe às historiadoras e os historiadores do presente analisar os escritos do passado e escrever uma nova história do Acre, tratar da relação entre passado e presente, não como apresentada pela historiografia tradicional, machista, misógina, patriarcal, mas com um olhar que reconhece e percebe as histórias de mulheres comuns, mulheres que têm seu merecimento garantindo, mas simplesmente não foram achadas, histórias não contadas frequentemente na historiografia e na memória oficial. Não que essas experiências não existam, mas porque muitos ainda insistem em não quererem achá-las e escutá-las.

### **1.3 Ensino de história e a ausência das mulheres**

Nas últimas décadas, a História e o ensino de História têm vivido um processo de ampliação de suas representações. Muitos personagens antes silenciados nas narrativas historiográficas e escolares vêm ganhando cada vez mais destaque.

A história tradicional privilegia temáticas ligadas à história política, econômica e de domínio público, com fontes oficiais, administrativas e militares, nas quais as mulheres não estão presentes. Nota-se a ausência de figuras femininas ao longo dos anos, tanto na história como nos registros didáticos ao longo de décadas.

A história das mulheres frequentemente foi negligenciada ou silenciada, resultando em uma lacuna na representação de suas experiências, conquistas e desafios. Isso pode levar à percepção de que as mulheres tiveram um papel secundário na história, o que não reflete a realidade.

Como se dar a busca pela democratização do acesso das mulheres na sociedade dentro dos padrões contemporâneos, colocando em pauta a questão dos

direitos das mulheres, formando cidadãs que tenham consciência do seu papel na sociedade, se na escola ela sempre estudou uma “história masculina”, na qual os sujeitos são sempre homens? Como sabido, raramente se encontram figuras femininas como centro da história, e conseqüentemente não as via também na História ensinada.

Quando se analisa o ensino de história no Brasil, notadamente em âmbito escolar, segundo Luna (2021, p.44), percebe-se que este ensino é herdeiro de uma tradição conteudista, o que levou a disciplina a quedar-se a serviço de objetivos e funções traçados pelo Estado, assumindo a função de transmissora de informações, datas, fatos e heróis nacionais, tendo por finalidade formar uma identidade da nação.

Com base nessa informação, tem-se que a história tradicional ensinada, fiel e oriunda dos instrumentos balizadores da educação, tais como: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Orientações Curriculares, Matrizes Curriculares, planos de cursos, livros didáticos, por sua vez, não mantém um diálogo favorável em relação às mulheres como objeto de estudo, muito menos como sujeitos da história. Por ser espaço de inserção não só de saberes intelectuais, o currículo também deve ser espaço de debate da política de gênero e outros grupos sociais não menos importantes, que vivem à margem da sociedade e dos núcleos de poder. Para tanto deve possibilitar a inclusão desses sujeitos históricos, especialmente como forma de trazer isonomia, igualdade e equidade entre culturas.

Ao tratarmos dos documentos oficiais de ordem curricular no Brasil, se pode notar um “aparecimento” gradativo das figuras femininas ao longo das décadas, iniciando esse diferencial em meados da década de 80, quando os documentos apresentavam um ensino diferente dos “métodos tradicionais”. Essas mudanças, em parte, decorrem da ansiedade em diminuir distâncias entre o que é ensinado na escola e a produção acadêmica, ou seja, entre o saber histórico escolar e as pesquisas e reflexões que acontecem no nível do conhecimento acadêmico.

Com o intuito de levar a educação para todos e fornecer um melhor aparato para as instituições escolares na elaboração de projetos, surgiu a necessidade da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, nº 4.024/61, sendo posteriormente reformulada pelas iniciativas dos governos autoritários da Ditadura Civil-Militar-Empresarial com a edição das Leis 5.540/68, a qual, Fixa normas de organização e funcionamento do Ensino Superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências e, a Lei 5.692/71 de 11 de agosto de 1971, que

dispunha sobre as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências, as quais foram substituídas, já sob a nova ordem democrática estabelecida pela Constituição de 1988, pela atual LDB 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diante das atualizações apontadas, o Ministério da Educação (MEC) visando inovar, implementou os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997), que contêm propostas disciplinares e eixos temáticos considerados transversais, para serem debatidos por todos os componentes curriculares (Brasil, 1998).

Com os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados nos anos 1990, o Brasil começou a construir caminhos e diretrizes curriculares para as escolas brasileiras em que enfatizam a necessidade de um currículo que contemple a diversidade social, étnica, cultural e de gênero. Mais especificamente, os PCN de História destacam a importância de incluir múltiplas perspectivas históricas, incluindo as experiências das mulheres, para proporcionar aos estudantes uma compreensão mais ampla e crítica do passado.

Sob esse prisma, os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados e promulgados em um contexto histórico e social distinto, momento ao qual o Brasil estava enfrentando epidemia de HIV/AIDS, um momento atípico. Em relação a esse contexto, muitas pesquisas apontaram problemas em relação ao caráter moralista presente no documento, temas como sexualidade foram apresentados sob uma perspectiva biológica e a abordagem da questão de gênero foi apresentada superficialmente. Mesmo diante desses percalços, é importante reconhecer que este documento traz consigo a legitimação da abordagem da diversidade sexual e de gênero na escola. (Silva, apud Luna 2021). Tem-se, portanto, que às concepções de História presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) filiam-se genericamente às propostas de uma “nova História”, absorvendo inclusive a temática das mulheres.

Costa (2021) refere-se que “o currículo é processo, é momento político, é fala de educação e de projetos sociais, por isso na escola, o professor deve constantemente questionar-se sobre sua missão, e sobre o que ensina, sob pena de reproduzir e/ou reforçar a cultura hegemônica” (Costa (2021, p. 43). A sala de aula, segundo a autora, “é espaço de debate, local de fala”, por isso deve ser propiciado aos discentes a promoção da reflexão e trocas. Fazer isso, é abrir espaço para outros grupos, e outras culturas é democratizar a educação. O professor, nesse processo,

carece reconhecer-se não só como mediador do saber científico, mas entender que o currículo passa pelo seu interesse e da comunidade.

A despeito das discussões, temos a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), documento que norteia a construção dos currículos nos estados brasileiros e que foi dividida em duas partes, Base Comum e a parte diversificada. O objetivo da segunda parte é pormenorizar aquilo que o documento chama de “competências e habilidades”, onde os currículos poderiam inserir conteúdos específicos e de figuras pouco representadas até então, como o caso das mulheres. A ideia é que os novos conteúdos estivessem presentes nos currículos, os quais estariam de acordo com as prescrições estabelecidas pela BNCC.

Na área de Ciências Humanas, que inclui História, a BNCC destaca a necessidade de abordar diferentes perspectivas históricas, reconhecendo as contribuições de grupos marginalizados, incluindo as mulheres, para a construção da sociedade.

Tomando desde logo a BNCC, tem-se que a primeira versão se pautou na busca por uma mudança de mentalidade no ensino de história, a proposta apresentada na primeira versão da BNCC mostrou avanços, já que os pesquisadores trouxeram propostas que questionavam o ensino pautado em uma perspectiva eurocêntrica. Ao que parece, a história que foi abordada nessa primeira versão da BNCC, ressalta a importância do sujeito e a formação de sua consciência histórica, diz respeito às novas demandas da sociedade brasileira contemporânea, priorizando a diversidade e os que foram invisibilizados pela própria história (Luna, 2012, p. 63).

Essa primeira versão foi motivo de grandes embates, sobretudo entre a comunidade de historiadores, intelectuais e especialistas de ensino, a questão girava em torno, se o Brasil deveria ou não ter uma Base Nacional Comum Curricular e sobre os conteúdos que deveriam ou não ser priorizados no documento. Dentro desse contexto, um dos assuntos que realçou debates foi a temática de gênero, ante a resistência de políticos conservadores que insistiam por sua não inclusão na BNCC (Luna, 2021). Seja como for, a terceira versão da BNCC, na área de História, fez constar essa temática, ainda que de modo insuficiente.

Nos embates sobre a construção da BNCC, de modo geral, os percalços citados por Luna (2021), tem-se o destaque ocorrido no ano de 2017, no governo de Michel Temer, que atendendo ao apelo de políticos de setores religiosos, decidiu pela supressão dos termos gênero e sexualidade, o que deixou o conceito de gênero fora



da versão final desse documento para o ensino infantil, fundamental e médio. (Luna, 2021, p. 64-66).

A BNCC em sua versão, dá algum destaque à participação e à relevância de inúmeros grupos na história do Brasil, dessas trajetórias múltiplas foram considerados diversos fatores para a construção das aprendizagens essenciais apresentadas no documento. Em certa medida o documento transita pelas discussões pedagógicas e sociais realizadas nos últimos tempos, o mundo do século XXI e considera as desigualdades sociais e educacionais do Brasil, entre os grupos de estudantes definidos por raça, sexo e condição socioeconômica, e com isso, se apresenta com o objetivo de buscar superá-las para construir uma sociedade mais equânime, inclusiva, justa e democrática, ainda que saibamos não ser um currículo, por si só, o mecanismo para atingir esses objetivos.

Porém, ainda que a BNCC tenha trazido a representação feminina para o centro da discussão, reconhecendo a importância de constar nos currículos, muitos estados ainda deixam a margem tais conteúdos, assim, a ausência das mulheres nos livros didáticos e currículos ainda é um desafio significativo que exige uma abordagem consciente e proativa para garantir uma representação mais equitativa e precisa da história humana. Isso não apenas enriquece a compreensão do passado, mas também promove a igualdade de gênero e empodera as futuras gerações.

Por fim, considera-se tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), importantes documentos orientadores para a educação no Brasil. Ambos reconhecem a importância de uma abordagem inclusiva e equitativa no ensino de história, incluindo a representação adequada das mulheres nos livros didáticos. As orientações dadas por esses documentos e sua real eficácia depende da implementação efetiva nas escolas e da formação contínua dos professores.

Um ponto que merece destaque diz respeito ao livro didático. Esse instrumento de trabalho do discente não tem alcançado a perspectiva do ensino de gênero, o que tem gerado prejuízos para o reconhecimento e esforço de movimentos sociais que lutam pela sua inclusão do tema no seio da sociedade.

A ausência das mulheres nos livros didáticos de História é um problema relevante e multifacetado que afeta o ensino e a compreensão da história, e que vem perpetuando-se a gerações. É de importância básica uma compreensão de que quando se pensa sobre as relações entre produção historiográfica e divulgação de

escritos literários relativos ao feminino no Brasil, a discussão assume uma profundidade amedrontadora, pois o que se tem é uma produção historiográfica de “muitas letras, poucas vozes”, (Bourdieu apud Burke, 1994).

Fonseca (1999) apresenta o livro didático como um instrumento pedagógico de aprendizagem da cultura escolar, o qual traz consigo aspectos de natureza pedagógica, política, econômica e cultural.

O livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos. [...] Atuam, na verdade, como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo (Fonseca, 1999, p. 204).

Segundo Oliveira (2019, p.46), o livro didático como produto produzido e vendido ao Estado, está sujeito às pressões do mercado, e como mercadoria transmite hegemonicamente conhecimento do pensamento ocidental, espelhado na história de homens brancos. Obviamente as mulheres não são incluídas na narrativa dos textos, sua presença se dá de maneira externa (nota de rodapé e pequenos fragmentos de textos). Bittencourt (2004), dispõe que o livro didático constitui um suporte de conhecimentos escolares, também se constitui um instrumento de controle de ensino:

Essa característica faz com que o Estado esteja sempre presente na existência do livro didático: interfere indiretamente na elaboração dos conteúdos escolares vinculados por ele e posteriormente estabelece critérios para avaliá-lo, seguindo, na maior parte das vezes, os pressupostos dos currículos escolares institucionais. Como os conteúdos propostos pelos currículos são expressos pelos textos didáticos, o livro torna-se um instrumento fundamental na própria constituição dos saberes escolares (Bittencourt, 2004, p. 301)

A produção dos livros didáticos de História processou-se de maneira interligada à formulação do conhecimento histórico-científico. Também este saber, durante várias décadas, delineou uma construção identitária única e homogênea, pautada no referencial das camadas letradas europeias.

Afunilando ainda mais, é possível conceber que por muito tempo livros didáticos tradicionais foram escritos predominantemente por homens e tendem a enfatizar as realizações masculinas em detrimento das femininas. Isso cria um viés

histórico que subestima o papel e as contribuições das mulheres ao longo do tempo. A exemplo disso, destacamos a pesquisa realizada em algumas coleções de livros didáticos de história que nos dá uma dimensão dessas ausências:

Um exemplo é a coleção “História, Sociedade e Cidadania”, de Alfredo Boulos Jr. (FTD), a mais distribuída de história pelo PNLD de 2015 para o ensino médio público. Nos três livros que compõem a obra, 789 dos 859 personagens mencionados são homens e 70 são mulheres – 91,8% e 8,2%, respectivamente. As mulheres aparecem muito mais nos rodapés e caixas laterais de textos, ou seja, fora do eixo central da narrativa. Elas também são proporcionalmente menos nomeadas do que os homens e menos propensas a serem sujeitos de ações na história. (Sanchez, 2017)

Ainda são poucos os trabalhos que utilizam explicitamente a categoria de gênero, aparecendo com mais frequência nos estudos antropológicos, ao menos no Brasil. Todavia, não há dúvidas de que a incorporação da dimensão “relações de gênero” ganha espaço nas reflexões dos historiadores, juntamente com um crescente interesse em se realizar estudos interdisciplinares (Rago, 1995). No entanto, há um longo caminho a ser trilhado, no qual o ensino de História terá de encarar grandes obstáculos e desafios, já que a História tradicional contribuiu para reforçar uma cultura eivada de preconceitos e desigualdades de todos os matizes.

Em uma perspectiva de mudança compete a nós historiadores e historiadoras, professores e professoras, percebermos o quanto somos responsáveis quando insistimos nos “antigos modos de ensinar”. (Luna, 2021, p. 52).

Tomando esse direcionamento, é deveras importante, traçar um diálogo entre ensino de história e a inserção de questões de gênero nas salas de aula da Educação Básica. Tais reflexões são oportunas e necessárias sobretudo considerando-se o potencial formativo da história.

Para formar o “povo” é necessário incluí-lo na história e não o educar numa escola que reforça e legitima a sua exclusão. Os alunos e alunas, precisam estudar uma história em que se percebam parte do todo e não meros figurantes no processo histórico (Fonseca, 2003).

Joan Scott (1992) infere que “reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como verdadeiros, ou pelo menos, como reflexão acuradas sobre o que aconteceu no passado” (Scott, 1992, p. 77). Todavia a escola, se apresenta como fundamental nesse debate, a educação para as relações dos gêneros poderá

contribuir para desconstruir relações desiguais de poder entre as pessoas, trazendo novos valores baseados no respeito às diferenças, na empatia e na solidariedade, construindo assim relações mais simétricas, democráticas e, portanto, mais harmoniosas (Luna, 2021, p. 53).

## 2. EXPERIÊNCIAS DE SER MULHER NA FLORESTA

Pierre Nora ocupa-se em discutir os limites conceituais da memória e da história. Para Nora, segundo Oliota e Rocha (2011, p.4), a memória é um fenômeno puramente privado, é sempre um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações e interferências. Em linhas gerais:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

[...] A memória emerge de um grupo que ela une [...] há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p. 09 apud Oliota; Rocha, 2011, p.4).

A narrativa histórica tradicional tem dado pouca dimensão às memórias e histórias das mulheres, justamente pela forma de privilegiar enredos públicos, a guerra, o heroico, a política, espaços pouco ocupados por mulheres na história. Mesmo estando presente na iconografia comemorativa e da estatuária, a mulher é despida de si, são apresentadas como alegorias, coroando grandes heróis ou se prostrando aos seus pés. Michelle Perrot (2005, p.31), descreve que há algo mais grave, “esta ausência no nível da narrativa é acompanhada por uma carência de traços no domínio das “fontes”, nas quais o historiador se alimenta, devido ao déficit de registros primários”. Segundo a autora, durante os séculos XIX e séculos anteriores, por exemplo, os que escreviam sobre a história, registravam pouco sobre as mulheres e seus traços, e quando tomavam nota sobre algum evento frequentado

por mulheres, manifestações ou reuniões, utilizavam estereótipos pejorativos como: mulheres sem valor ou históricas.

Não é diferente a perspectiva hegemônica na história do Acre, a qual em sua maioria enaltece o masculino, ao passo que silencia o feminino. Este capítulo visa desnaturalizar a abordagem que até então foi apresentada na historiografia oficial, a não presença de mulheres nos seringais e na constituição histórica do Acre.

Ao dissertar sobre a memória e história de mulheres seringueiras do Acre, pretendemos compreender a história vivida por essas mulheres no contexto do seringal, com intenção de descortinar: o migrar, as dificuldades que essas mulheres e suas famílias enfrentaram, o processo de resistências, se reinventando dentro da imensidão da floresta, aprendendo novas técnicas e novas formas de viver.

Ao entrevistar essas mulheres, acessamos não somente a suas memórias, pois suas histórias vêm acompanhada de lembranças compartilhadas com outros: família, na lavagem de roupa no igarapé, vizinhos, companheiros de estradas e varadouros, amizades que mesmo não sabendo onde estão, são rememoradas com emoção e apreço. Para Selva Guimarães Fonseca (2006)

A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória da história recente, imediata e distante (Fonseca, 2006, p.127).

Para Bittencourt (2004) “a questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local”. A autora salienta nesta citação, a importância da memória no processo de constituição da história da identidade e do lugar.

Nas últimas décadas vem surgindo movimentos com intenção de repensar o ensino de história e suas metodologias. Uma das possibilidades é o trabalho com fontes históricas como estratégia de aprendizagem da História em sala de aula na educação básica.

Uma forma de oferecer um ensino de história próximo à realidade do aluno é através da memória individual e coletiva, utilizando diversas metodologias, inclusive a metodologia de história oral, aproximando o alunado a conhecerem sujeitos comuns, “cujas ações passadas dão sentido às práticas individuais e coletivas presentes na

sociedade”, segundo Figueira e Miranda, citados por Farias (2018) “A memória desses sujeitos históricos são ferramentas importantes na construção da identidade”. As autoras discutem que:

Mais recentemente, a historiografia passou a considerar a memória individual ou mesmo de grupos sociais como um recurso valiosíssimo para a reconstituição de histórias de vida. Nessa perspectiva, a memória é vista como fonte de conhecimento que possibilita uma reinterpretação do passado das sociedades humanas em que coexistem múltiplas visões e percepções da vivência coletiva. Seu resgate e (re) interpretação permitem outras possibilidades de leitura do campo social e histórico das comunidades humanas (Figueira; Miranda apud Farias 2018, p. 25).

A relevância de se conhecer as vivências desses sujeitos consiste na percepção de que há uma memória coletiva de resistência à marginalização que pode contribuir na formação da identidade desse grupo. Segundo Farias (2018), “o sentimento de pertencimento só é possível a partir do momento em que os sujeitos envolvidos entendem o seu percurso como sendo uma representação do grupo no qual estão inseridos” (Farias, 2018, p.13).

Por meio de narrativas orais, descrevemos aqui os trabalhos realizados por essas mulheres como extrativistas, na extração do látex, na coleta da castanha e na produção de subsistência, também abordaremos a relevância da fé e religiosidade nos seringais, os saberes e práticas nos cuidados à saúde e outras atividades desenvolvidas no contexto do seringal.

De outro parte, ao pensarmos no Ensino de História a partir de histórias silenciadas e que continuam invisibilizadas nos currículos de formação de historiadoras e historiadores, bem como, ausentes das orientações curriculares como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo de Referência Único do Acre, as experiências narradas por diferentes mulheres seringueiras, camponesas, permite perceber a potencialidade de incluir na construção da memória histórica escolar as complexidades, tensões, superações, dilemas, dificuldades, opressões e resistências do se construir mulher camponesa na segunda metade do século XX em diante.

Nos varadouros das memórias e experiências de mulheres que viveram em seringais do município de Xapuri, Acre, como dona Deolinda, dona Cila, dona Nadir, dona Maria Dias, dona Raimunda Silva, dona Aldeyr, dona Maria Francisca, dona Alzenira e outras colaboradoras, veremos como se dava as relações de gênero no cotidiano da Floresta em algumas de suas múltiplas facetas, tomando como aporte

teórico a visão de Joan Scott, para a qual “o gênero é um elemento constitutivo de relação social baseado nas diferenças percebidas entre o sexo, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott,1996, p.11).

A existência no interior do seringal de uma cultura composta de homens e mulheres é, de fato típica, tomando como base pesquisas mais recentes, narrativas desprovidas de estigmas e preconceitos, contrapondo-se aos escritos anteriores, a história oficial. Entendemos aqui que, as relações de gênero não estavam circunscritas a um ou outro momento, mas ele era constituinte de todas as experiências, mas, para facilitar a compreensão desse intrincado processo de ser mulher camponesa, faremos alguns recortes temáticos, como os momentos da vida (infância, adolescência), religiosidade, relações afetivas, entre outras.

## **2.1 Infâncias e adolescências como meninas camponesas**

A história das infâncias vem provocando muitos historiadores contemporâneos, é uma área de estudo promissor, que vem ganhando espaço nas páginas de autores importantes. Esses historiadores das infâncias, pactuam que há aspectos da vivência e experiência das crianças que não pode ser apreendido na sua totalidade, principalmente pela falta de evidência direta. É difícil elaborar uma histórias bem-feitas sobre crianças, pois os registros e fontes são poucos, em comparação a outras temáticas. Porém, atestam que é possível juntar conhecimentos que seja sólido em relação ao passado e sobre as mudanças na natureza da infância.

Tomando como base os estudos de Peter Sterns (2006), realizamos uma aproximação significativa sobre as infâncias vividas por nossas entrevistadas. Objetivamos aqui estudar essas vivências nas linhas da História e nas entrelinhas de suas memórias, desvelando um período na história do Acre que até hoje é motivo de muitos estudos e questionamentos que vão muito além do tema aqui proposto.

Diversas crianças tiveram a experiência de viver a migração nos chamados grandes ciclos da produção de borracha. O relato da dona Nadir Costa, 98 anos, ex-moradora da Resex Chico Mendes, Município de Xapuri/AC, conta-nos suas vivências na travessia do Nordeste para o Norte. Dona Nadir veio para o Acre ainda menina, juntamente com seus pais e um irmão pequeno.

Nasci no Ceará. me lembro pouca coisa, minha mãe gostava de contar essa história de quando agente veio. E algumas coisinhas me lembro, quando agente saiu de Fortaleza, passamos vários dias, acho que uns 21 dias, esperando ter navio para embarcar. Vimo direto de navio tinha um nome meio "loidi", eu acho. Agente embarco nesse "loide", atravessemo uma grande quantidade de água azuzinha. Tinha água para todo lado. Quando agente chego em Belém, agente pernoito na hospedaria do governo, esperando o outro navio pra vi. Fiquemo 10 dias na hospedaria e aí agente vei para a cidade de Boca do Acre e depois entramo no barco menor e viemo para o seringal Iracema. Antes de chegar no Iracema, em cada parada ficava gente daqui gente dali, tinha gente que ficava separado da famia. Ficava distante um do outro. Fiquemo no São Francisco do Iracema, nós e mais cinco famias. Lembro que na viagem, uma menina, acho que de uns 10 anos. Ela ficou doente e não tinha como cuidar dela, so era água, não tinha remédio. A gente via os homes recramando arrependidos, outros pedindo a Deus que chegasse logo. A condição do barco não era boa, a gente comia pouco, não tinha água de beber pra todo mundo, tinha de regrar. Mas graças a Deus que chegemos em paz. (Costa, 2003. Entrevista).

Para a geração de migrantes a desterritorialização foi muito marcante e, para muitas mulheres, se constitui como algo traumático, eventos que jamais se apagam em sua identidade e memória, seu lugar de origem. Seu sentimento, saudade e sofrimento, é diferente do homem, sua perspectiva de cotidianidade na forma de perceber, sentir e viver a realidade a qual se via diante das realidades, por vezes hostis, impostas pela vida na floresta. Dessa forma, as situações vivenciadas na Amazônia, em muito se diferenciavam das vividas em seu lugar de origem.

A infância pode apresentar variações impressionantes, de uma sociedade ou de um tempo para outro, nos lembra Sterns (2006). Algumas sociedades admitem o trabalho da maior parte das crianças pequenas, e, com frequência, trabalho pesado (Nunes, 2018). Nos seringais de Xapuri no Acre, não era diferente do citado, o que predominava era a cultura que se formava junto da família. A introdução na condição camponesa, com a participação nos fazeres da vida extrativista, dava-se pouco a pouco.

As crianças pequenas já faziam pequenas atividades no terreiro, em casa como: colocar milho ou ração para os animais (galinhas, porcos, patos), catar gravetos, carregar pequenas quantidades de água da fonte, e às vezes ir para a estrada de seringa ou roçado quando não tinha com quem ficar na residência. É o que presenciamos na narrativa de dona Maria Lima, que após a morte de seu pai, sua mãe juntamente com os filhos teve que continuar os trabalhos iniciados.

Quando nosso pai faleceu, mamãe chamou os filhos e falou que nós: "nós não podemos deixar acabar o que o pai de vocês começou". Ai a gente tocou as estradas de seringa, o roçado, a farinhada, e tudo que o papai fazia, a



mamãe tomou conta. Os filhos maiores ela colocou pra fazer os trabalhos mais pesados, e os menores para os trabalhos menos pesado. Tivemos que dar conta. Me lembro que até os menorzinhos cinco e seis anos, já ajudava, colocavam comida e água para os animais, quando ia tomar banho na fonte trazia uma vasilha pequena de água. Mamãe dizia que a gente precisa aprender deste pequeno a dar valor as coisas. (rir). (Lima, Maria, 2003. Entrevista)

Na floresta, a fronteira entre trabalho e não trabalho nem sempre fica explícito porque quase todas as atividades da vida cotidiana são necessárias à subsistência, logo, pequenas ajudas são ao mesmo tempo ajuda para a subsistência quanto aprendizado para saber viver, o brincar é atravessado pelo colaborar com a reprodução da vida coletiva.

É o que sentimos na narrativa das colaboradoras: Maria Matos, Cila Brito e Alzenira Alves:

Meu pai e minha mãe, iam para o trabalho pesado, corte da seringa, roçado, e levava meus irmãos maiores. Os pequenos ficavam em casa comigo. Mamãe punia sempre pelos menores, dizia que criança não deve trabalhar cedo demais, pois estão em desenvolvimento. Mas pedia pra eu ficar de olho neles e colocar pra fazer tarefas de crianças. meus irmão menores, três, cinco e sete, passavam tempo brincando de fazendinha, as meninas de boneca de milho e outras brincadeiras e as vezes eu ensinava as meninas a bordarem. (Matos, Maria, 2023. Entrevista)

Nasci na colocação Santa Inês do Seringal Pavilhão, do outro lado do rio Chipamano. Eu e meus irmão vivia para brincar. Quando nossa mãe ia lavar roupa na fonte, ela levava a gente. Lá a gente brincava com argila fazendo panelinha de barro, bolinha de gude e outros objetos. (Brito, 2003. Entrevista)

A gente brincava de boneca, de fazer comidinha no fogão a lenha, brincava com as cinzas do fogão de lenha que minha mãe jogava debaixo do jirau de lavar pratos. A gente nem sabia que se chamava de 'louças'. Minha mãe é quem servia os pratos de esmalte de todos os filhos e a mesa da nossa casa era o chão da casa, o assoalho como falamos no seringal. (Alves, Alzenira, 2003. Entrevista)

Conforme a idade ia passando, novas obrigações mais estritamente associadas ao trabalho produtivo eram apresentadas às crianças e aos adolescentes.

Segundo Dona Marisa:

A partir dos 12 anos papai começava levar meus irmãos para ensinar os trabalhos no corte de seringa, quebrar castanha e trabalhar no roçado. As meninas ficavam para dar suporte a mamãe: colocava comida para os bichos, carregava água, e outros afazeres domésticos. Mas quando era tempo de farinha ou arranca de feijão ou corte de arroz todos mundo trabalhava. (Marisa, 2003. Entrevista)

Dona Mira e dona Maria Lima corroboram com suas experiências:

Lá na colônia meu pai colocava a gente para trabalhar era cedo, tinha umas escoronas que não iam (sorrir para a irmã), as meninas menores tinham um negócio de ficar em casa trabalhando na casa. Eu ia, obrigada mais ia. Cortava com foice, capinava com inchada, tirava lenha, quebrava castanha, roçado bruto mesmo. Nunca gostei de cuidar de menino, lá em casa era muitos meninos. Se fosse pra ficar cuidado de menino, ensinando menino eu preferia ir. (Araujo, Mira, 2003. Entrevista)

Minha mãe sempre dizia: Vocês precisam me ajudar, filhas eu trabalho mais vocês hoje, para que lá na frentes vocês tenham um lugarzinho de vocês. Já, já, eu fico mais velha e não vou poder ajudar vocês. São vocês quem vão cuidar de mim. (Lima, Maria, 2003. Entrevista)

O aprendizado de uma cultura é simultâneo ao participar da construção da mesma, Sterns (2006), deixa claro que muitas características são padronizadas, independente de tempo ou lugar. Segundo Sterns (2006), as crianças necessitam aprender a lidar com determinadas emoções, como raiva ou medo, de forma socialmente aceitável, sendo que sempre e em toda parte, as crianças pequenas requerem que se lhes providenciem alimentação e cuidados físicos.

O cotidiano das crianças era perpassado pelos cuidados das famílias com a saúde delas. Por vezes, a medicina da “cidade” mobilizava a vida das famílias para oferecer às crianças a devida atenção. Nos seringais, devido à distância das unidades de saúde, geralmente o sistema de saúde promoviam atendimentos em lugares de difícil acesso por meio de itinerantes, momentos esse de troca de saberes e práticas entre comunidades. Dona Alcenira (2023), narra um desses atendimentos:

Uma horas de viagem da nossa colocação tinha um local chamado Guajarão, era um local onde tinha muitas festividades: torneio de futebol, carnaval, comícios, lá também eram feitos alguns atendimentos de saúde: vacinação, pesagem e alguns atendimentos médicos e de enfermagem. As crianças eram atendidas e as vezes até ganhavam presentes. Nossa mãe sempre teve cuidado com a saúde dos filhos. Era nove filhos, mas ela conseguia levar todos para ser vacinados. Meus irmãos eram todos comportados, pois minha mãe ensinava direitinho como se comportar longe de casa. (Araujo, Mira, 2003. Entrevista).

Em outros momentos, algumas famílias por morarem distantes desses centros de atendimentos em saúde, não recebiam os cuidados que mereciam, e recorriam às medicinas da floresta e saberes tradicionais, como nos explicita dona Maria Lima:

Minha família sempre morou distante de tudo, longe mesmo. Lá não ia nem mosquito(sorrir). Nossa mãe tratava a gente desde criança, com remédio

caseiro que ela mesma fazia, com ervas da floresta e da horta que ela plantava. A gente só tomava vacina, quando nascia, e quando ia na rua, ou quando passava alguém de saúde na casa, naquela época o pessoal da SUCAM uma vez ou outra. A gente pedia a Deus pra não adoecer, mas quando adoecia era tratado em casa mesmo. Minha mãe tinha leras de plantas medicinais e era lá que ela pegava as folha e raiz para fazer remédio. (Lima, Maria, 2003. Entrevista)

O viver a condição de criança também implicava em ter interações com os adultos e pais tendentes a modular suas condutas, por vezes, elas eram mais violentas, outras mais amenas, não existindo uma única forma dos adultos atuarem.

As famílias nos seringais eram, em geral, famílias com muitos filhos. Algumas famílias aplicavam rotineiramente força física contra as crianças e algumas, o que frequentemente era legitimado pelos adultos como uma “punição” adequada. Dona Mira relata o que passava com ela:

Meu pai era muito violento com os filhos, se não fosse como ele queria, podia aprontar o lombo, as vezes nos batia porque fazíamos suada brincando, as vezes por simplesmente um mal-entendido. Nos batia com muxinga (material feito couro), corda, cinta. O que ele pegasse quando estava com raiva. Me lembro de um dia, que passamos por um lugar, e meu irmão pediu uma laranja pra chupar a mulher da casa. Quando chegamos em casa, meu pai, ainda de corpo quente, chamou meu irmão e açoitou muito. Até hoje meu irmão fala deste dia. (Araujo, Mira, 2003. Entrevista)

Já outras famílias não lançavam mão da violência física contra as crianças, aplicando medidas que não afetam a integridade física das mesmas, como ficar sem brincar, por um período estipulado pelos pais, como relata dona Maria Lima:

“lá em casa, as crianças era criança mesmo, nossa mãe ensinava que a criança deve brincar. As vezes ela nos deixava tomar banho na chuva, brincar de esconde, brincar de roda, contava estória, mais quando a gente se danava ela deixava de castigo” (Lima, Maria, 2003. Entrevista).

A lista de variações e mudanças das características básicas da infância é imensa. Cada comunidade faz a sua leitura de infância conforme sua cultura, e mesmo dentro desta existem as diferentes matizes e, neste caso do castigo físico, desde as primeiras décadas do século XX havia defensores da eliminação, como recurso pedagógico, da violência física contra crianças (Nunes, 2017).

De outra parte, a criança, segundo Sarmiento (2004), ao interpretar a cultura na qual está inserida, protagoniza um processo criativo na construção de saberes e conhecimentos. Nessa perspectiva, o processo de socialização das crianças não é só

uma questão de adaptação e reprodução, pois, em suas relações com os pares e com os adultos, elas negociam, compartilham e criam culturas (Sarmiento, 2004).

A classificação das “idades” da vida, não são delimitadas universalmente, mas no mundo do seringal era comum as famílias admitirem que a infância terminava por volta da puberdade. Com a puberdade, chamada de adolescência, chegam uma série de mudanças físicas, psicológicas e sociais. Apesar do corpo e da mente passarem por grandes transformações em um período relativamente curto, a cultura atravessada por tabus, machismo e preconceitos fazia com que as mudanças se tornassem uma forma de sublimação, em especial, tratando-se das meninas-mulheres.

A cotidianidade na floresta implicava em que a sexualidade das meninas passava a exigir criar espaços de “proteção”:

Meu pai era muito rígido, não deixava a gente frequentar festas e espaço que tinha muita gente. As vezes a gente ia na colocação perto onde tinha festa, mas não deixava a gente dançar nenhuma parte. As únicas pessoas que a gente conhecia e tinha contato era os vizinhos e os trabalhadores que iam em época de adjunto. Mesmo assim, papai mantinha os homens longe das filhas. Lá tinha um paiol velho para os trabalhadores dormirem e a comida era servida na mesa de fora da casa. (Matos, Maria, 2023. Entrevista)

As alterações comuns da adolescência podem não acontecer quando a criança apresenta alguma condição que interfira direta ou indiretamente no crescimento das gônadas, ou na produção dos hormônios sexuais.

Eu tinha 12 anos de idade e ela tinha 11. Ela já estava nascendo peitos e já tinha menstruado, e eu nada. Cada dia eu ficava mais ansiosa. Hoje eu entendo que isso era ansiedade e é normal, mas na época, fiquei com raiva mesmo, depois de muito tempo que eu fui entender, que ela era precoce. (Magalhães, 2023. Entrevista).

Em meados da adolescência, jovens meninas iniciam um ciclo que se estende por grande parte da vida, a menstruação. A primeira menstruação da vida de uma mulher recebe o nome de menarca. Este evento ocorre habitualmente entre os 10 e 14 anos de idade, sendo caracterizada pela descamação das paredes internas do útero quando não há fecundação e faz parte do ciclo reprodutivo da mulher mensalmente.

Na cultura dos seringais era comum as mães não orientarem suas filhas a respeito desta transformação ocorrida no corpo da moça, o que se sabe é que na proporção que a menina tinha sua primeira menarca, se tornaria moça, teria que deixar

de andar nua de cintura para cima, ter mais cuidado ao se sentar, e manter distância da figura masculina.

Eu era mocinha, quando fui tomar banho sozinha na fonte quando percebi sangue escorrendo, ainda bem que fui só. Quando eu me baixei para urinar, o sangue escorreu nas pernas. Eu fiquei desconfiada, com medo, não sabia o que era e o que fazer. Então pensei em lavar para ver se parava o sangramento. Gente, deu uma hora mais ou menos e nada de parar. Resolvi ir para casa, entrei em casa troquei a roupa e fiquei quieta a tarde toda, e a noite não jantei. Aí minha mãe percebeu que tinha algo diferente e me perguntou o que havia acontecido. Então eu falei que estava saindo sangue, foi aí que ela me levou pra dentro, me deu pedaços de pano cortado. Era o absorvente da época. Ela só disse falou uma coisa, “usa esse pano que daqui uns dias passa” (Matos, Maria, 2023. Entrevista).

Menstruei a primeira vez no roçado, estava no sol quente quando desceu uma bolinha de sangue, aí minha tia viu e me levou pra fonte e dar banho. Daí eu não lembro das outras vezes. Mas acontecia que eu esquecia e ia pro sol e minha mãe brigava, porque dizia que dava hemorragia se ficasse no sol quente. Era panos que a gente usava, porque não tinha Modess ainda (Marisa, 2023. Entrevista).

Quando a gente ficava moça a mãe da gente dava uns pedaços de pano e ensinava a gente usar, lavar e guardar para o outro mês. Eu tinha tanta preguiça de lavar aquilo (sorrir). As vezes jogava fora, colocava debaixo do colchão e usava o das minhas irmãs (riu novamente) (Pereira, Maria, 2003. Entrevista).

Quando eu menstruei a primeira vez, não sabia de nada, minha mãe tinha dificuldade de falar essas coisas pra nós. Ela só dizia o que fazer. A gente não sabia o que era menstruação, o povo chamava de bode, “fulano tá de bode”. Era uma mangofa total. Eu andava com medo daquele pano vaziar. Ainda tinha as meninas que ficavam com raiva, por que não era moça ainda (Magalhães, 2023. Entrevista).

Dona Raimunda Silva passou por constrangimentos parecidos com dona Aldeir, mas resolveu não permitir que suas filhas também passassem, ela nos conta que observava suas filhas e lhes dava as orientações necessárias sobre a primeira menarca.

Quando elas completavam 12 anos, eu ficava observando o jeito delas. Quando eu via alguma delas desconfiadas, eu chamava e explicava o que deveria ser feito, mostrava como usar os panos. Cada uma tinha seus paninhos (pedaço de tecido de algodão, cortados no tamanho próprio para ser usados dentro da calcinha). E cada uma dava conta de lavar e guardar seu material. Nunca tive problema com essas coisas. (Silva, Raimunda, 2003. Entrevista)

Não só assuntos como a primeira menarca, mas outros assuntos também eram tabus, escondidos a sete chaves pelas mães que em sua maioria tinham vergonha de tratar desses assuntos com as filhas. Às vezes essa inibição estava

relacionada à cultura dessas mães. O silêncio. É aquela velha questão, “eu aprendi sozinha e será assim até o fim”. Meninas nos seringais, além de não terem uma orientação sobre o seu desenvolvimento como adolescente, também não sabiam o que acontecia após o casamento. Tinham conhecimento que eram moças, e ser moça abria um leque de possibilidades que tencionam a ordem da vida familiar no seringal, na qual, um simples beijo poderia ter consequências gravosas como ser considerada como tendo deixado “de ser moça”, redundando na expulsão de casa.

Meu esposo foi meu primeiro namorado. Meu pai não deixava a gente namorar, eu já tinha 15 anos quando vi esse rapaz pela primeira vez, ele trabalhava na construção da estrada de Rio Branco a Xapuri. Ele ficava em um acampamento próximo a nossa colocação. Eu comecei a conversar com ele escondido de meu pai, chegou até rolar uns beijinho. Quando meu pai descobriu, me bateu e me chamou de vários nomes que não gostaria de falar para você. Ele disse que ia tomar providência com o rapaz. Eu fiquei apavorada! Foi aí que eu com muito medo, coloquei umas roupas em uma sacola e fugi para onde o rapaz estava. Chegando lá contei a história, e ele se viu com muito medo também. Como era sexta feira ele decidiu me levar para casa da mãe dele em Rio Branco. O que é gozado é que eu não sabia como perdía a virgindade. Eu achava que ele já tinha mexido comigo (rir). Resumindo, esse homem me assumiu, não sei se com medo ou porque queria mesmo, mas o que aconteceu foi que ele acabou ficando comigo até o dia de hoje. (Matos, Maria, 2023. Entrevista)

Como não ficar comovida por essa e por outras histórias? Esse foi um dos modelos penosos aos quais meninas ainda adolescentes tiveram de se entregar a homens que nem conheciam, que via uma vez ou outra, ou às vezes nem via, mas eram entregues ao eventual futuro esposo somente porque o cabra era trabalhador e a filha poderia ficar grávida, como sugere dona Cilândia Brito:

Eu era menina ainda, 12 anos, época de fazer coisas de adolescentes, fui acesa para namorar e logo sai de casa fugida. Naquela época a gente não tinha noção de nada. A mãe da gente não orientava. Eu fugi em uma noite, em que meus pais foram para a igreja. Quando eles voltaram, eu já estava longe. Não sabia de nada sobre o que era que uma mulher fazia com um homem. O Cabra só tinha uma rede. Ficamos uns 15 dias juntos, e ele me largou na casa da mãe dele. Até hoje, não sei o paradeiro dele. Me arrependo muito. (Brito, 2003. Entrevista)

As fronteiras de um seringal não estão apenas em seus limites territoriais, como nos afirma Carlos Alberto de Souza (2016), estão também no “fazer-se” de suas gentes. Essas mulheres foram vítimas de dominações de todas as ordens, mas também foram agentes de constituição das mais variadas formas de resistência.

Ainda que o desenvolvimento seja individual para cada sujeito, este é processo se dá no coletivo, no compartilhamento do contexto cultural pela interação com o outro. “Assim, o desenvolvimento individual é incorporado na produção coletiva de uma série de culturas de pares que, por sua vez, contribuem para a reprodução e alteração na sociedade ou na cultura mais ampla dos adultos” (Corsaro, 2011, p. 39).

É possível estabelecer um diálogo com o que defende Stuart Hall (2017) ao tratar das matérias culturais que estão presentes em todos os aspectos da vida diária individual e coletiva, criando inclusive o imaginário de uma única comunidade global. Sendo assim, as identidades sociais são constituídas nas culturas dentro dos sistemas de representação e não fora deles.

Outra dimensão do transitar entre o ser menina e se tornar mulher, nos seringais, passava, dentro de uma cultura marcadamente machista e patriarcal, pelos relacionamentos afetivos, passando pelo flerte, namoro, casamento, relações sexuais, descobertas das mudanças no corpo e que era comumente considerado perpassava o namoro, o abrasamento e a escolha do esposo.

Ao tratarmos a questão sobre namoro, abrasamento e a escolha do esposo, identificamos algumas modalidades citadas pelas entrevistadas: era comum algumas moças, se abrasarem cedo, ainda na adolescência e fugirem; era frequente os pais (homens) escolherem os esposos das filhas, por acharem que o rapaz era decente, trabalhador; ocorriam situações pactos de compromissos entre compadres, redundava no oferecimento de suas filhas aos filhos dos compadres ou a empregados; haviam casos em que a jovem tinha oportunidade de casar-se com quem escolhesse, sendo que essa escolha podia ser bem peculiar, pois podia ser resultado de poucos contatos, “viam uma ou duas vezes e já se casavam”; e, por último, havia casamentos de meninas na puberdade com homens mais velhos.

O depoimento de Dona Helena, uma seringueira da região, inspira a análise de algumas das problematizações acerca do modo de vida das mulheres trabalhadoras dos seringais do Acre.

Quando me casei eu tinha 13 anos, morava no Seringal Filipinas, entre Xapuri e Brasiléia, meu marido tinha 21 anos. Antes de casar eu trabalhava na roça, cortava seringa, cozinhava, quebrando castanha, brocava campo mais meus pais. Conheci meu marido numa festa, e começamos a se gostar. Festa de aniversário de criança no Seringal Filipinas. Agente se conhecemo, poucos dias de conversa, já foi o nosso casamento e nós casamo. Tivemos seis filhos. A gente se separou porque apareceu outra mulher e aí ele me deixou e fugiu com ela. Foi embora. Me deixou com seis filhos. Criei os meninos, brocando

roçados, plantando, cortando seringa, quebrando castanha e as vezes juntava lenha para vender. Criei tudinho, o mais velho tinha dez anos e já me ajudava. Fiquei sozinha na Colocação e como eu já sabia fazer as coisas, continuei fazendo. Eu passei dois anos e oito meses sozinha. Aí eu me amigui com um velho que apareceu por lá. (Silva, Helena, 2023. Entrevista).

O depoimento oral da seringueira Helena, demonstra as dimensões vividas por ela. Ao relatar sua história de vida, Helena demonstra quanto está marcada por uma memória coletiva. Outras mulheres seringueiras podem perfeitamente vivê-las também, não necessariamente tal qual as lembranças trazidas por Helena, pois isto seria exigir demais. Dona Alzenira também, narra suas façanhas:

Eu quando via um home bonito, ficava logo de olho, numa piscadinha de olho eu agarrava mesmo. (rir). Comecei a namorar escondido, acho que com 11 anos. Quando eu tinha 13 anos, namorei com um rapaz também escondido. Nem conhecia ele direito, era amigo do meu irmão. Meu pai quando soube me bateu e mandou eu ir embora de casa. Quando mandei um bilhete para o namorado, o cara tinha desaparecido. Foi aí que eu fui amparada por minha irmã mais velha. E depois daí, eu não sei se fui amaldiçoada, mais morei em vários lugares, tive vários maridos e acabei ficando sozinha com minhas filhas. Até hoje penso que se meu pai tivesse me acolhido de outra maneira, eu teria tido uma vida melhor. Mas ao mesmo tempo penso, que ele não tinha cultura e conhecimento por isso agiu assim. (Alves, Alzenira, 2003. Entrevista)

Observamos no relato a seguir evidências de consentimento dos pais, mesmo a filha estando em idade precoce.

Eu me casei, já conhecia meu marido de muito tempo, era nosso vizinho de colocação. Era de família boa, respeitada. Sempre a gente conversava e um dia ele pediu minha mão em namoro, e como você sabe, tinha que pedir o pai para namorar com uma moça. Naquele tempo ninguém namorava sem ter intenção de casar. Pois bem, passamos uns meses se organizando, nos preparativos e nos casamos. Fomos morar e trabalhar em uma colocação. Lá tivemos nossos primeiros filhos. Era bastante longe. Mas nunca me arrependi de ter casado nova. Nos separamos quando ele faleceu, e até hoje nunca arrumei ninguém. (Silva, Raimunda, 2003. Entrevista)

De acordo com dona Deolinda, ela não tinha necessidade de se casar, estudava no colégio de freiras e durante as férias vinha para a casa de sua madrinha no seringal Sumaré, era tratada como filha. Quando terminou os estudos voltou para o seringal, e lá conheceu seu Mário Agenor, e mesmo não tendo necessidade de formar uma família de imediato, resolveu casar-se.

Eu estudava no Colégio interno Divina Providência, era bolsista, minha madrinha conseguiu uma bolsa para mim. Nas férias eu ia para casa da



madrinha no seringal Sumaré, pois minha mãe já havia morrido. Quando terminei os estudos voltei para o seringal e lá conheci o Agenor. Ele tinha fama de trabalhador. Era um dos únicos que tirava saldo no barracão. Corajoso, bonito. Quando ele vinha fazer o acerto no barracão, sempre vinha na casa da madrinha, pedia água, eu acho que era para me ver (rir). Depois de alguns meses, ele veio e pediu minha mão em casamento. Falei para ele pedir minha mão a meus padrinhos. Minha madrinha conversou bastante comigo, me orientou dizendo: Dio, você não tem necessidade de se casar agora, você pode viver comigo o quanto tempo você quiser. Mas, eu pensei e resolvi aceitar e casar-se. Se você me perguntar se me arrependi? Eu respondo que sim, hoje acho que minha vida poderia ter sido melhor. Mas no mesmo tempo eu penso. É, mas eu não teria meus filhos, né? (Alves, Deolinda, 2003. Entrevista).

### De acordo com Santos (2005)

Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser compartilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou dasaudade, um sentido à vivência do sujeito que narra sua história. (Santos, 2005, p.3)

Diante da necessidade de reproduzir as vozes silenciadas e com tentativa sedenta de reavivar as memórias e as trajetórias dessas entrevistas e outras, é que surge a necessidade deste olhar no que se refere à questão de gênero nesse espaço dos seringais, a fim de oportunizar conhecer o outro lado da história.

## 2.2 Camponesas no cotidiano da floresta

No primeiro momento, o seringal era um ambiente em que predominava homens, com o passar do tempo a maior presença das mulheres modificou os modos de trabalho nestas localidades, que por sua vez, foram reorganizados com a formação de famílias, surgindo assim, novas formas de sobreviver nas colocações (Woortmann, 1988: p.50).

Ao chegarem nos seringais, essas mulheres iniciaram um processo de “acultramento”, muitas eram novas com pouco ou nenhum conhecimento na dinâmica da floresta. Tendo em vista a exploração feita pelos patrões, começam a buscar outras formas de se manter fora das dependências dos barracões, além da borracha, a castanha, a farinha, a roça são exemplos claros de mercadorias que eram

produzidas e vendidas para os regatões e para o consumo próprio. Construíam pequenas hortas, e cuidavam de animais de pequeno porte.

Dona Deolinda Gomes Alves professora aposentada 84 anos, dispõe que:

Quando casei-me, estive que morar em uma colocação, oferecida por meu padrinho um grande seringalista da época. Eu já era alfabetizada, havia estudado no colégio das freiras. Já tinha terminado os estudos que havia no município de Xapuri, oferecido as meninas. Então como você pode perceber, foi bastante difícil, pra mim, morava com meus padrinhos que me tratavam como filha. A única tarefa que eu realizava era cuidar das crianças. Imagine a mudança de cultura. Precisei ser aculturada em relação aos saberes dos seringais. Eu não sabia acender o fogo, não conseguia ficar só no casebre “barraco”, eu morria de medo de ficar sozinha. Na primeira noite na colocação, apareceram porcos-espinhos, em grande quantidade. Fiquei apavorada. Diante disto, preferia ir com o Agenor para a estrada de seringa, cortar seringa, roçado, pescar e caçar. Não foi fácil. Mas eu preferia ir do que ficar sozinha. (Alves, Deolinda, 2022. Entrevista)

Marisa Fernandes 62 anos, professora aposentada e filha de Soldado da Borracha, nos conta que se lembra às vezes que tivera que ir com seu pai, para a mata cortar seringa desde bem pequena, por não ter com quem ficar em casa.

Quando eu era pequena, acho que com 5 e 6 anos, papai me levava para a estrada de seringa, eu não tinha com quem ficar. Minha mãe havia se separado de meu pai e cada um ficou com uma filha. Quando a gente ia para a estrada de seringa, lembro bem, papai forrava o chão e me sentava em cima, ou atava a rede de uma galho pro outro, me dava alguma coisa para brincar e ficava trabalhando, sempre de olho em mim. Quando terminava o trabalho naquele local, papai me colocava nas costa e partíamos para outras árvores. E continuava assim o dia todo, até a hora de voltar para casa. (Marisa, 2023. Entrevista)

Acrescenta ainda:

Papai teve que se reinventar, pois era acostumado a trabalhar sozinho ou às vezes com outros seringueiros. Mas agora estava de posse de uma criança, e mesmo assim conseguiu cuidar de mim. Depois papai se casou e passei a morar com ele e a mulher dele. É outro problema, o pai da gente se casar com outra mulher, sem ser a mãe da gente. Mas é assim mesmo! Depois fui morar na rua com a madrinha, para estudar e depois vi morar com dona Cacilda em Rio Branco para estudar. E hoje estou aqui, graças a Deus e a maneira que papai encontrou de se organizar para dar conta de trabalhar e cuidar de uma menina. (Marisa, 2023. Entrevista)

Obviamente que o caso do pai de Francisca Ferreira, não era comum nos seringais, o que se tem conhecimento da composição tradicional familiar é de famílias congregando mãe, pai, filhos e filhas, ou famílias numerosas ou ampliadas ocorrendo

diversos tipos de arranjos (mãe e filhos morando com parentes que não o pai das crianças; crianças vivendo com parentes que não os pais; mulher/homem que se separa de antigo/a companheiro/a, passando a viver com familiares e seus filhos, ou formando nova família com novo/a parceiro/a, entre outras composições. Ou seja, para sobreviver nos seringais, foram necessários passarem por diversas transformações.

O viver das mulheres nos seringais era estabelecido e regido por uma cultura fortemente fixada ao patriarcado, à misoginia e ao machismo. Tais características se estendiam a todas as mulheres, fossem elas membros da família dos seringalistas ou dos seringueiros. Nesse cenário a vida social e cultural das mulheres, as suas ações, os seus espaços, definiram-se, sempre, pela e sobre a perspectiva do homem, conforme ilustrado no trecho a seguir:

O seringueiro a chamava de patroa, mas na verdade era uma escrava de noite e de dia. Acontecia que o homem explorado e humilhado descarregava sobre a mulher todas suas frustrações (...). O homem quase não deixava a mulher acompanhar a conversa sobre os assuntos sociais: ali o homem quase não queria palpite de mulher, era ele quem puxava a conversa sobre qualquer assunto, durante o qual as mulheres iam cuidar da cozinha ou das crianças. O barraco do seringueiro e a casa do colono tinham dois lugares distintos e com entrada diferente: a cozinha para as mulheres, e a sala para os homens. (Pertinez; Lombardi, s/d).

O que está posto, é que o viver nos seringais “é um viver de lutas e de sacrifícios que estas mulheres foram obrigadas a enfrentar” (Souza, 1999). Um viver de lutas contra dominações, um viver de necessidades, dificuldades, de doenças e incompreensão. Ao mesmo tempo, um viver de festas, passeios e trabalhos, onde homens e mulheres elaboram e constituem culturas, modos de vida.

Souza nos adverte que,

tornar realidade uma história das mulheres seringueiras do Acre custou, para nós historiadores, um enfrentamento com fortes "inimigos". Tivemos de sustentar uma posição teórico-metodológica, além das tentativas depreciativas e desqualificativas de pesquisadores tradicionais da região. (Souza, 1999).

A reflexão e a preocupação em relação aos estudos que envolvem mulheres, não é simplesmente descrever seus modos de vida, mas tentar apresentar os conflitos emocionais, as lutas que empreenderam para a superação de suas necessidades físicas, moral e psicológicas. Foram momentos em que essas mulheres tiveram de

constituir suas próprias resistências na luta contra seus pais, irmãos, maridos e companheiros, ocupando lugares antes não imaginados ou permitidos.

No âmbito da memória, destacamos, as vivências, as experiências, as lembranças e as histórias das mulheres nos seringais, considerando-se que a memória envolve experiências, emoções e sensibilidades. Este trabalho de aproximação de relatos sobre a vida de pessoas de setores subalternos, ganha muito quando recorre à entrevista (Brito, 2020)

Tentar mostrar como foi possível uma história de mulheres seringueiras na Amazônia também nos possibilita conhecer o comportamento de uma certa historiografia que tanto excluiu mulheres de seus escritos. Não foi a documentação, mas historiadores tradicionais que excluíram essas mulheres e outros sujeitos da escrita da História (Souza, 1999).

Como apontou Aldenira Ferreira de Almeida, pesquisadora da região do Acre na década de 1980, em sua dissertação de Mestrado “Mulheres trabalhando em seringais acreanos” (2016), as mulheres ao chegarem nos seringais aos poucos aprendiam e se envolviam nos trabalhos que antes eram realizados por homens, extração do látex, cultivo, roçados, pesca e criação de animais domésticos. Segundo a autora, essas mulheres trabalhavam em longas estradas de seringas ajudando seus esposos ou pai.

De início o seringueiro vivia exclusivamente da troca da borracha produzida por ele, por mercadorias extremamente caras, repassadas pelos patrões e uma vez ou outra, a caça, pesca. Com o passar dos tempos, esses homens e suas famílias tiveram que se reinventarem na floresta, agora em uma nova configuração: agricultura, criação de pequenos animais, o artesanato e a extração de outros produtos da natureza, como madeira, óleos vegetais, pele de animais e outros. Tudo em função da luta pela sobrevivência na floresta. É o que nos conta dona Maria Pereira.

Hoje no lugar que é o Cachoeira, quando nós chegamo era tudo floresta. Nós tivemos que abrir a colocação, fizemo derrubada pra fazer a casa e daí fumo trabalhar nas estradas de seringa. Era muita árvores. Eu tinha medo de ir pra mata, tinha medo de gogo de sola (macaco) e de jiboia (cobra), era muito comum pessoas morrerem de picada de cobra, pois era só mata. A gente andava de sapato de seringa pra se proteger. A primeira vez que fui pro corte, andamo meio-dia de ida cortando e colocando tigela pra colher o leite, e mais meia tarde pra voltar recolhendo as tigelas. E não parava por aí não, quando a gente chegava ia tirar todo leite da tigela para difumar, depois eu ia me lavar

e fazer a janta. No seringal era assim minha filha, todo dia a mesma coisa. (Pereira, Maria, 2023. Entrevista)

De acordo com Cristina Scheibe Wolff (1999), foi nas “artes de fazer”, inventadas no cotidiano, que as mulheres criaram estratégias de sobrevivências de suas famílias na imensidão da mata. Muitas ou em sua maioria aprendia a viver na floresta pelo contato com as culturas ensinadas pelas mulheres indígenas que povoaram a região.

Dona Nadir da Costa narra que:

Antes dagente vi pra colocação nova depois de casada, já sabia fazer comida, fogo, tratar galinha e outros trabalhos. O certo é, minha mãe me ensinou o que sabia, tudo que ela aprendeu com a mãe dela e com outras mulheres. Mais menina, quando chego na mata bruta fiquei desesperada, o bicho pegou! Tive aprender muita coisa. As vez ou outra aparecia alguma mulher, aí eu perguntava mesmo: como faz isso? Quando fiquei de bucho do primeiro menino, meu marido fez o parto, não tinha ninguém lá, só nois, sei lá mulher, sei nem como agente não morre, né? Com três dias que veio uma parteira lá em casa. (Costa, 2003. Entrevista)

Nessa tarefa de fazer aprendendo no cotidiano, Cristina Wolff, constatou em sua pesquisa, e como pude constatar em minha própria pesquisa de campo, que algumas mulheres tinham seus filhos sozinha, cuidavam dos filhos, cuidava da casa, cortavam seringa, algumas caçavam, roçavam capoeira, plantavam roçado, horta, de igual modo que os homens e outras mais ousadas ajudavam os esposos em derrubadas.

Dona Magalhães (2023) nos revela que: “até hoje eu faço de tudo na minha colônia, roço pasto, cuido do gado “arrendado”, planto roçado, cuido dos bichos, dou conta de tudo. Meu marido hoje é deficiente e só tenho um neto comigo aqui”

Logicamente que, nem todas as mulheres realizavam trabalhos desta maneira, em muitas famílias a divisão de trabalho era estabelecida, os homens realizavam os trabalhos que demandavam maior força física, que exigiam esforço físico e a esposa e filhas ficavam a realizar tarefas que, apesar de não exigirem tanta força, eram intensas e intermináveis no cotidiano, como relata a dona Alcemira Araújo:

Lá em casa minhas irmãs não gostava de trabalhar no roçado e nem no corte, tinha um negócio de ficar trabalhando em casa Eu não gostava de ficar fazendo trabalho de casa, eu gostava era de trabalhar no pesado: foice, tirava lenha, quebrava castanha, roçado bruto mesmo. Nunca gostei de ficar em casa e nem cuidar de criança. Meu pai e os outros, saia cedo para a estrada de seringa, eu ia também. Mamãe e as filhas mulheres cuidávamos de brocar campo, e cuidar do roçado. A gente brocava, coivarava, tocava fogo e depois

plantava: macaxeira, arroz, feijão e milho. A gente fazia farinhada, torrava arroz, pilava arroz, até café agente plantava (Araujo, Mira, 2023. Entrevista).

Dona Deolinda Gomes Alves narra que após se estabelecerem em uma colocação e o nascimento dos filhos, que ao todos eram 11, ela e os filhos menores realizavam as tarefas de menor porte: roçado, horta, cuidar dos animais (porco, galinha, pato, capote), cuidar dos afazeres domésticos e ainda estudava e lecionava em uma escola próximo a sua terra.

José Sávio da Costa Maia, em seu artigo intitulado, “Seringueiros, globalização e a história: necessidade de novos paradigmas?” (2008). Infere que o seringueiro vive e sobrevive através de sua experiência no cotidiano da floresta.

[...] o homem que se esgueira pela mata, o seringueiro-coletor é um homem que vive a sua experiência e vivência outras experiências. Não constitui novidade que, mesmo na solidão da mata, ele goste de ouvir o rádio de pilha e de comer carnes enlatadas, fumar cigarros industrializados e torcer por times de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo sem nunca ter vislumbrado a possibilidade de deslocamento até lá. Só o faz, porque de alguma forma isso lhe foi passado e conseqüentemente, assimilado. Todos esses, sabemos nós, são produtos claramente distantes do seu microcosmo. (Maia, 2018. p. 160)

O autor acrescenta ainda:

Esses focos de interculturalidades, todavia, nos remetem à discussão sobre a validade da interpretação corrente de que vivemos num mundo que apresenta como característica principal, sua divisão em dois movimentos sociais e culturais, que parecem estar em permanente oposição: o primeiro, apontando com o apoio massivo dos meios de comunicação, para a ideia de mundialização; e o segundo, apresentando uma tendência à revalorização do que é local, próprio e específico de cada povo, grupo social, geração, raça, sexo, tradição cultural e/ou religiosa. (Maia, 2018. p. 160)

Nas colocações dos seringais, as resistências das mulheres se apresentam nas suas mais diversas interfaces. Os encontros com outras mulheres nos igarapés e rios quando das lavagens de roupas, nos encontros de preparação das festas, casamentos, batizados, festas religiosas e juninas, novenas, preparação de comidas, dentre outros, oportunizam a teia de relações que aí se estabelecem. Longe do olhar vigilante do marido, essas mulheres encontram o espaço para suas queixas, desilusões e ideais reprimidos. Os encontros eram ainda a oportunidade de trocarem receitas de culinária, remédios, novas rezas (ladainha e catecismos realizados pelas beatas), rituais de magia, métodos contraceptivos e até métodos abortivos.

Nos aproximando das narrativas que dão conta da experiência de ser mulher seringueira, dona Maria Pereira, de 88 anos, que residiu por 25 anos nos seringais de Xapuri, disse que:

Não tinha essa de ser mulher não. Eu e outras companheiras trabalhava igualzinho os home. Três e meia eu me levantava pra fazer o quebra jejum, colocava na lata e saía com escuro, tudo molhado da garoa da noite. Daí não tinha hora para voltar. (Pereira, Maria, 2003. Entrevista)

Dona Nadir Costa antiga moradora do seringal Sibéria, diz ter suas próprias seringueiras, que seu pai deixava para ela cortar, e ficar com o dinheiro da venda:

Eu desde cedo ajudei meu pai no trabalho de corte da seringa e no tempo da castanha eu também ajudava. Eram muitas arvore de seringueira pra meu pai dar conta sozin, por isso, eu ia ajudar. Lá no início da estrada, meu pai deixava nove árvore pra me cortar pra juntar um dinheirinho pra mim. Eu sempre dividia com a Neném minha irmã. Quando a gente ajuntava bastante sernambi agente vendia. O curioso é que o sernambi que agente vendia era mais barato do que o sernambi que aos homens vendiam, o mesmo tanto, o preso era outro, menor. Na epra eu não entendia o porquê. (Costa, 2003. Entrevista)

Sem dúvida essa narrativa deve ser interpretada do ponto de vista das relações de gênero, pois tudo infere que o baixo valor atribuído ao produto vendido era devido simplesmente a que ele fora produzido por mulheres.

Tereza Almeida Cruz defende que desde a constituição dos seringais do Acre, mesmo em uma época de extremo machismo, do chamado cabra macho, desde o primeiro momento as mulheres estiveram presentes “inclusive participando ativamente de todo o processo de produção da borracha” (Cruz, 2015, p. 1).

É o que percebemos na narrativa de dona Maria Dias.

Nós moramos em vários seringais, Pavilhão, Sumaré e Sibéria perto do São João do Guarani. Alí foi um dos lugares mais difícil, lá no Guarani, eu trabalhava com meu pai, meu irmão e um senhor que morava com a gente. Era seringueira que não se acabava mais. Acordava muito cedo, quebrava o jejum às quatro e meia da madrugada. Eu vestia uma calça comprida e um vestido por cima, porque naquele tempo, tinha de vestir vestido, pois calça era roupa de homem. A gente trabalhava cortando até meio dia, e parava pra comer, a comida vinha em latas de leite, as vez era feijão, jabá, arroz e farinha e as vez uma banana maçã, tinha também garrafa de água da fonte. Quando a gente terminava, as vez dava uma soneira, e uma preguiça, mas a gente ficava um pouquinho descansando e já continuava. Naquela época eu via, mulher que não gostava de trabalhar no corte de seringa e nem na castanha. Mas eu preferia ir do que lavar roupa e cuidar de menino. (Dias, 2023. Entrevista)

Dona Raimunda em sua narrativa, menciona que havia mulheres que ela denominou de “mulher macho”, expressão usada para denominar mulheres que realizavam as mesmas tarefas de homens.

Menina, o que eu lembro é que tinha mulheres que trabalhava como homem, mulher macho mesmo, tinha família que só as mulheres faziam os trabalhos da colocação, fazia até farinha com os filhos. Lá em casa as mulheres e crianças descascava, e os homens adultos ralava, colocava na prensa para espremer, colocava a lenha no fogo e torrava no forno. Era uma ruma de mulher, lá a conversa rolava, a fofoca também e as vezes a gente aprendia novas comidas, remédios e cantar cantigas novas. Mas o trabalho pesado, nós deixávamos pros homens (Silva, Raimunda, 2023. Entrevista).

Cila de Brito, antiga moradora do seringal Cachoeira, 65 anos, hoje moradora do projeto de assentamento Nova Promissão, relata que, quando tinha 15 anos, se juntou com o segundo esposo e foi morar no seringal, lá se deparou com um trabalho que antes não realizava quando morava com os pais.

Eu tinha medo de ficar em casa só, então preferia ir com meu marido trabalhar, mas não saía do pé dele (rir). Meu marido e eu trabalhamos muito, a borracha era vendida para o seringalista, vendida não! Trocava por comida, só dava pra pagar aviação do mês (alimentos). As vezes a gente precisava fazer outros trabalhos pra poder vi a rua pelo menos no vinte de janeiro, ver a família e comprar alguma coisa. (Brito, 2003. Entrevista)

É igualmente importante destacar que o povoamento das terras acreanas se constituiu baseado na estrutura do seringal com seu barracão, as colocações, e estradas de seringa, seguindo uma estrutura social baseada no relacionamento entre a figura do patrão ou seringalista e os seringueiros, ou trabalhadores.

Quando eu morava no seringal, era muito difícil a gente vim na rua, só vinha na rua, as vez uma vez por ano, anos e anos dentro da floresta. O que a gente precisasse era só encomendar, no barracão tinha de tudo. Mas a gente comprava só o que precisava, para ver se sobrava um pouco, mas que nada, tudo ilusão. Todo mês a gente ficava na dívida. Era esquisito aquilo! (Lima, Maria, 2003. Entrevista)

Dona Maria Pereira nos traz sua angústia a esse respeito:

Por um lado, era bom morar no seringal, mas por outro era ruim. Era ruim porque a gente trabalhava muito, e não via resultado, mas ao mermo tempo, era muita saúde naquele lugar. Criei meu filhos lá, dentro da mata. Nós tinha boa relação com nosso patrão, mesmo sabendo que a gente era empregado, quando a agente precisava de alguma coisa que não tinha, o patrão não esquecia de nós. Mas teve lugar que trabalhamos com patrão que a gente nunca viu a cara dele, tudo era o capataz. (Pereira, Maria, 2023. Entrevista)



Acrescenta:

Nossa vida veio melhorar, depois que agente teve nosso lugar. Você morar no que é seu, é muito bom. Mesmo trabalhava no corte das seringueiras que não era nossa, era bom assim mesmo. Porque enquanto meu esposo trabalhava com borracha e castanha, eu e os meninos colocava roçado, descascando macaxeira pra fazer farinha, fazer goma, fazer biju, fazer bolo de macaxeira, plantava feijão de corda, batata doce, taioba, plantava milho e cuidava de galinha, e porco. Gado a gente não tinha ainda. (Pereira, Maria, 2023. Entrevista)

Diante dessa estrutura, o lucro obtido da exploração da borracha estabelecia vínculos com o sistema de opressão nos seringais. Seringalista usavam os recursos necessários para manter o seringueiro e sua família submissos ao trabalho compulsório e à própria sorte.

Assim, na batalha pela sobrevivência, muitos seringueiros e famílias sucumbiram à mercê de doenças como o malária, ferradas de cobras, acidentes e outros. Os dados orais são, nesse termo, uma das primícias em elucidar esses fatos ocorridos. Pode-se deduzir que os que conseguiram escapar do sistema predatório dos seringais, devem ser considerados verdadeiros soldados. É o que nos aponta dona Maria Pereira:

Morei e trabalhei nos seringais de Xapuri, seringal Pavilhão e o outros tantos. No seringal eu trabalhava no corte da seringa, carregava a borracha nas costas até a beira do rio, onde era vendida, trabalhei abrindo campo e colocando roçado de macaxeira, feijão rosinha, arroz, fazia farinha. Como já disse, meu esposo morreu, mas me deixou a aposentadoria dele de soldado da borracha, hoje dá para viver, não sei até que dia, mas o pior já passou. Eu sinto saudade do seringal, até hoje. (Pereira, Maria, 2003. Entrevista)

Cristina Scheibe Wolff em “Mulheres da Floresta” (1999), destaca que as mulheres e crianças passaram a ter uma importância muito grande nessa composição familiar. E ao perceberem o quanto as mulheres participavam ativamente dos trabalhos relacionados ao mundo das colocações, juntamente com homens (esposo, parentes), os próprios patrões abriam espaço e incentivavam o seringueiro a ter uma família, pois assim o seringueiro formava vínculo com a terra, e isso automaticamente serviria de lucro para o patrão.

Dona Maria Matos, conta que seu pai veio sozinho para o Acre e depois de alguns anos encontrou sua mãe que morava com a madrinha no seringal Sumaré. “Meu pai veio trabalhar para o padrinho da minha mãe, e lá se conheceram e se casaram”.

Minha mãe contava que quando se casou, com 5 dias foram para o seringal, a casa que foram morar era cobertura de palha e não tinha paredes, dormiam em rede, tinha 2 panelas pra fazer comida. Ela chegou a questionar por que meu pai tendo trabalhado tanto tempo, não possuía posse alguma. Após algum tempo ela percebeu que o trabalho de seringueiro não era valorizado como ela pensava, pois a borracha tinha o custo baixo em relação aos produtos que eram consumidos no seringal. Meu pai trabalhava muito e quase não tirava saldo no final do ano. (Matos, Maria, 2023. Entrevista)

Outra lembrança importante surgiu no momento da entrevista, “me lembrei que o meu pai um dia me falou que quando foram fazer a aviação pra ir pro seringal, minha mãe, que sabia ler e escrever, pediu um lápis e anotou o que precisava levar para o seringal. Disse que ficou apavorado, pois ela comprou até um “pinico” pra mijar (rir). Pinico corresponde a um vaso para urinar e dejeções.

Dona Magalhães, narra que desde pequena ajudava seu pai e seus irmãos no corte da seringa, mais que quando precisava da ajuda dos irmãos nos serviços domésticos eles também a ajudavam, “desde pequena ia ajudar papai no corte, mas acontecia também de meus irmãos me ajudarem nos trabalhos de casa, mais isso, quando eu pedia com jeito” (Magalhães, 2023). Dona Magalhães revela que, quando seu pai conseguiu comprar uma colônia, mesmo assim continuou no corte de seringa. Segundo ela, enquanto os homens trabalhavam com a borracha, sua mãe e as filhas trabalhavam no roçado.

Meu pai e os trabalhador, saia cedo para a estrada de seringa. Mamãe e as filhas mulheres cuidava de brocar campo, e cuidar do roçado. A gente brocava, coivarava, tocava fogo e depois plantava: macaxeira, arroz, feijão e milho. A gente fazia farinhada, torrava arroz, pilava arroz, até café agente plantava. Também tinha um pouquinho de tudo: galinha, pato e porco. Meus irmão as vezes ajudava. (Magalhães, 2023. Entrevista)

Sobre a questão da divisão sexual do trabalho, Souza (2010) apresenta que:

Quando se fala em “soldado da borracha” ou quando se fala de trabalho nos seringais, fala-se somente de homens. Os historiadores se esquecem de que um grande número de mulheres também veio para o Acre durante a 2ª Guerra Mundial. [...] Essas mulheres [...] cortaram seringa, chefiaram a casa, tomaram conta dos irmãos, dos pais e sustentaram a família com seu trabalho. [...] No máximo, foram lembradas por historiadores como esposas e filhas dos “soldados da borracha”, tratadas como se fossem estorvos ou “atrapalhos” para o nordestino migrante. (Souza, 2010, p. 101).

Acrescenta ainda que:

Elas trabalharam no corte, coleta, e defumação do látex; nos roçados, na agricultura de subsistência, nas caças e pescas, sem isentarem-se do trabalho doméstico, do zelo e da assistência aos filhos, sobretudo, os pequenos. Embora, considerados trabalhos masculinos, pesados e árduos, os trabalhos das mulheres na economia gomífera perduraram ao longo do século XX. (Souza, 2010, p. 30)

Seguimos com esse pensamento ao percebermos, por exemplo, que o trabalho na roça, a produção da farinha para a troca e consumo, a castanha todos foram evidenciados como um trabalho muito pesado, cansativo e muito bem separado entre serviço do homem e da mulher, juntamente com as crianças, conforme percebemos no depoimento de dona Maria Pereira ao descrever um dos processos de fazer a farinha era realizado por sua mãe, filhas e amigas vizinhas:

Outro serviço comum que a gente fazia era cuidar da roça. Primeiro tinha que fazer toda a limpeza na terra, plantava maniva, com o passar do tempo a macaxeira estar pronta pra arranca. No tempo de farinhada, precisava do esforço de todos da família. Passava dois três e até cinco dias fazendo farinha. Primeiro a gente arranca, depois descasca tudinho. Enquanto uns descascam outros já vão lavando e ralando. Outros já separam a água da mandioca, para fazer tucupi e goma. Depois desse trabalho, aí vem o processo da peneira e da torragem, no forno. Precisa ter força e coragem. O cabra passa o tempo todo mexendo a farinha com um rodo, até ficar no ponto. (Pereira, Maria, 2023. Entrevista)

Raimunda Silva evidencia a participação da família no trabalho da fabricação da farinha, corroborando com o primeiro depoimento, neste caso, com maior participação das mulheres no processo.

Tinha família que só as mulheres faziam a farinhada. Lá em casa as mulheres e crianças descascava, e os homens adultos ralava, colocava na prensa para espremer, colocava a lenha no fogo e torrava no forno. Era uma ruma de mulher, lá a conversa rolava, a fofoca também e as vezes a gente aprendia novas comidas, remédios e cantar cantigas novas. (Silva, Raimunda, 2023. Entrevista)

Dentro de todas essas etapas, percebemos o grau de exigência desses processos, tendo em mente que sem a ajuda de toda família, e em alguns casos de ajuda de outras famílias, neste processo a participação maior eram das mulheres e crianças, já que os homens passava horas dentro da mata cortando seringa e quando não estava no tempo de cortar, este auxiliava em outros serviços importantes e de maior urgências, como construir casa de farinha, construir paiol para estocar grãos, galinheiros, arrumar uma cerca e outros.

O processo da castanha também demandava tempo e disposição, era um serviço em sua maioria realizado por mulheres, quando os homens não estavam cortando seringa, eles também ajudam neste serviço, principalmente na quebra do ouriço. “Quando não era tempo de cortar, chegava o tempo da castanha, castanha não dava todo tempo, tinha um tempo para tudo, assim como seringa não era cortada o tempo todo, havia um tempo para realizar cada serviço”. (Brito, 2023. Entrevista)

Souza (2010, p. 30), deixa claro que as mulheres foram protagonistas da produção, do trabalho que sustentou e proveu homens em batalha, manteve ininterrupta e em expansão a economia da borracha. Uma das entrevistadas narra que trabalhou por 31 anos em três seringais diferentes, relatou que saiu do último no interior de Xapuri, porque o dono um fazendeiro os expulsou de lá sem nenhum direito. Veio para a cidade, tentar a vida e pleitear uma aposentadoria rural, pois a idade avançada a impede de trabalhar

Durante longo período inúmeras mulheres permaneceram trabalhando silenciosamente nos mais longínquos seringais da região amazônica e foram, por muitos, esquecidas. Nos seringais da Amazônia Acreana, os acontecimentos vividos por essas mulheres foram intensos, sem reconhecimento, perigosos e, de certa forma, especiais, pois a cada relato exposto é possível compreender o universo feminino com um olhar direcionado às suas experiências e anseios no mais íntimo de cada momento experimentado.

Tendo em vista que a história é um processo diacrônico, em que os acontecimentos são seguidos por outros, obedecendo uma ordem cronológica, é que realizamos a travessia de época anteriores a momentos mais atuais na história de vida dessas mulheres.

De acordo com Dona Raimunda Silva, 90 anos, após a época em que prestou seus trabalhos no seringal, passaram a viver em colônias, onde mesmo trabalhando, ajudando o esposo, tinha mais vigor e entusiasmo por saber que a terra era sua e garantida. Diferente do estilo de vida nos seringais, onde em sua maioria, os seringueiros e suas mulheres eram meros trabalhadores, sem direito ao patrimônio.

Dona Raimunda nos agracia com suas palavras:

Sou Raimunda da Silva, tenho 90 anos, completei agora, tenho 12 filhos, todos muito bem graças a Deus. Morei muitos anos em seringal. Primeiro morei no Cachoeira, depois fui para a Bolívia, lá pelo Chipamano, seringal Adélia também na Bolívia, depois moramos no Porto Rico e no Olho D'água. Depois de muitos anos o João meu marido conseguiu comprar uma colônia

pra nós, mais perto de Xapuri. Vivi muitos anos nas colocações no seringal, depois vi para nossa colônia onde terminei de criar meus filhos. E hoje sou avó, bisavó. Hoje sou cuidada pelos meus filhos, e sou aposentada. Mas tenho saudade do meu velho (chora), tenho saudade de viver na colônia. Mas é assim mesmo, nem tudo é como a gente quer minha filha. (Silva, Raimunda, 2003. Entrevista)

Dona Deolinda nos traz sua contribuição narrando:

Em 1972, conseguimos comprar nossa primeira colônia. Foi uma mudança grande pra nós, principalmente em saber que não estávamos trabalhando como simples seringueiros, sem uma moradia fixa. Agora, tínhamos um lugarzinho nosso. Passamos a desbravar a mata, colocar roçados. Trouxemos alguns animais pequenos. E com alguns anos, já conseguimos a comprar algumas cabeças de gado e a viver melhor. (Alves, Deolinda, 2003. Entrevista)

Continuando sua narrativa, dona Deolinda acrescenta:

Como eu havia dito, ao vir para colônia nova, como eu já tinha o ensino fundamental completo, chamado de primário e ginásio, fui convidada para trabalhar em uma escola de zona rural. Em seguida fiz a matrícula para estudar o curso de ensino médio pelo Projeto Logos II. Após receber o diploma de ensino médio, realizei o vestibular da Universidade Federal do Acre e consegui ser aprovada no curso de curta duração de O.S.P.B. Que hoje compreende: História, Geografia e Sociologia. Importante lembrar que durante esse percurso fui: seringueira, colonheira, mãe, professora, rezadeira e outras atribuições mais. Hoje sou aposentada, meu esposo é Soldado da Borracha, também aposentado. (Alves, Deolinda, 2003. Entrevista)

Sabe-se que em sua maioria, as mulheres eram analfabetas, por não terem oportunidades de estudarem. Dona Deolinda e dona Raimunda Silva são exceções. Mas podemos inseri-las no rol de mulheres empoderadas, que não mediram esforços para conseguirem uma formação e uma qualificação para exercerem a função de professoras.

Nos dias atuais com o advento da internet os encontros são escassos. Segundo Dona Cila Brito em seu relato descreve: “hoje voltei a estudar, faço meus trabalhos de aula, uso o celular pra pesquisar e até já faço pix de vez em quando. Hoje quase não tenho tempo pra ver minhas conhecidas”. De acordo com Dona Magalhães (2023), “antigamente, quando não tinha celular e energia, a gente se encontrava nas comemorações da igreja, nos batizados e no forró, nem isso agente ver mais”. Dona Nadir Costa, lembra de antigamente com pesar:

“na época do seringal, mesmo morando longe, agente conversava com os vizinho. Quando a gente fazia adjunto, vinha todo mundo pra ajudar, homem, mulher e até meninos, tudo trabalhando. Despues veio a luz, aí a gente não fazia o que fazia antes (jogar dominó, baralho, contar estórias, forro com candieiro), agora chego o celular, bagunço tudo. Hoje moro na rua, perto de muitas casas e não recebo visita de ninguém, só quem vem aqui é minhas filhas, todo mundo parece que ficou doido, só no celular” (Costa, 2003. Entrevista)

Essas mulheres eram multifacetadas, suas lutas eram as mais variadas possíveis, algumas com implicações mais estritas e tensionando as relações de poder cotidianas outras com repercussões políticas mais perceptíveis, o que as fazia mulheres de luta, camponesas de luta! Uma das expressões desse empoderamento esteve manifesto, mas também em muito silenciado na memória coletiva e histórica, nos empates, conforme passamos a analisar!

### **2.3 Mulheres de luta: empates, territórios e sobrevivência**

O debate sobre Socioambientalismo está relacionado ao momento vivenciado pela população da floresta, as quais foram imersas no cenário nacional, especificadamente partir da década de 1960, mediante a intervenção da política desenvolvimentista do governo federal, na cultura dos povos da floresta, apoiando projetos da mineração, na construção de hidrelétricas, construções e pavimentação de rodovias e principalmente na área da agropecuária.

Motysuma e Cruz dispõe, que o socioambientalismo:

sustenta-se no reconhecimento e na valorização da biodiversidade e da sociodiversidade, de forma articulada e sistêmica sob a influência do multiculturalismo, do humanismo e do pluralismo jurídico. Por isso, defende os bens e os direitos socioambientais como os direitos territoriais especiais das chamadas minorias étnicas (povos indígenas, quilombolas) e as populações da floresta. (Montysuma; Cruz, 2008, p. 221).

Óbvio que em uma análise, esses projetos trouxeram inúmeros transtornos ambientais, sociais e econômicos, deixando expostos e em risco a sobrevivência física e cultural da população da floresta: seringueiros, índios, ribeirinhos. Os conflitos permearam toda uma história, as lutas e revoltas eram constantes, desde o início do povoamento no Acre, uma imensa quantidade dessa população não sobreviveram aos conflitos gerados pelos diferentes projetos de ocupação e exploração da região amazônica patrocinado pelos governos federal, estadual e municipal.

As populações que sobreviveram aos conflitos, alguns não resistiram e saíram de seus territórios, foram expulsos de suas terras, mas uma quantidade significativa de seringueiros permaneceram em busca de seus ideais, em busca de uma identidade reconhecida como homens e mulheres seringueiros, como observamos na narrativa de Dona Maria Helena “ Cheguei a participar em 1988, de movimentos organizado pelo sindicato, nós saiu a pé da colocação Altamira, com mais de 100 pessoas ou mais, tudo pra impatar os fazendeiros a derrubar a mata, para manter nossa floresta em pé”. (Helena, Silva, 2023).

Há de se crer, que houve resistência, e muitos companheiros morreram durante os conflitos, como o Líder Chico Mendes e Wilson Pinheiro, simplesmente por resistirem e lutarem pelos direitos aos territórios nos quais a vida da população seringueira se desenvolveu. Os Empates explicitaram a resistência implementada pelos próprios seringueiros, como pode ser visto na figura 2.

Figura 2 – Trabalhadores reunidos em seringal de Xapuri/ AC, momento do Empate



Fonte: Castelo (2014)

Stone citado por Cancela (2006), apresenta que na maioria das vezes, “o homem chefe de família é o único membro da família que o representa em associações comunitárias da Amazônia, e quando a mulher participa das assembleias comunitárias, muitas vezes permanece em silêncio” (Stone, 1989, apud Cancela, 2006).

A retórica anterior apresentada pelo autor, não se aplica a essa população que vivia nos seringais de Xapuri no Acre, onde as mulheres em sua maioria participavam, nos meados da década de 80, das manifestações, associações e sindicatos rurais, como é o caso da seringueira Dercy Telles de Carvalho Cunha, moradora do ex seringal Sibéria, Colocação Semitumba, Zona Rural de Xapuri – AC, primeira mulher eleita presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre, em 1981, e outras mulheres, símbolos de luta e bravura.

O seringal Cachoeira no município de Xapuri, foi um dos principais palcos da luta pela defesa da floresta, seus moradores foram vivamente marcados pela luta por suas terras. São memórias e vivências que permeiam a lembrança de homens e mulheres que participaram dos confrontos, como estão explícitas na narrativa da senhora Maria Pereira que hoje tem 88 anos e lembra como se o evento tivesse ocorrido no momento da narrativa.

Hoje em dia não se fala mais nesse assuntos. Mas nois que morou no Cachoeira, lembra do que estou falando. E muitas pessoas que moraram ali, ainda sinto a emoção daquela época. Quando os fazendeiros que viero de fora chegaram e compraro as terras para colocar gado. Uma das primeiras coisas que fizeram foi derrubar a mata pra colocar gado. Eles não respeitava que aqui já tinha gente morando. Quando começou a derrubada aqui no Recanto, fomo orientado a não deixar. Os companheiro se reuniram direto, nois também mulheres e até crianças. Juntamos toda mulherada e fomos empatar a derrubada. (Pereira, Maria, 2023. Entrevista)

Dona Maria Matos, nos traz sua contribuição:

As lutas eram direto, nós morávamos de primeiro na Bolívia e vivia como eles queria. Depois que viemos pro seringal da Sibéria tinha muita briga de fazendeiros com os trabalhadores seringueiros, as vezes até confronto com arma e tudo, na fazenda Bordon era comum. No seringal Cachoeira era comum os empates, era empatar o desmatamento da floresta. As mulher sempre estava no meio sim. A gente acompanhava os marido e os filho. (Matos, Maria, 2003. Entrevista)

Esses confrontos que comumente são nomeados como “Empates” tiveram grande repercussão na região. Tinham objetivo de empatar o desmatamento da floresta, causado pelos pecuaristas, que compravam os seringais, local de sustento dos seringueiros, para o desenvolvimento da pecuária. Temendo serem expulsos novamente de suas terras, um dos meios que encontraram para reagir, foi o ajuntamento de pessoas, homens, mulheres e crianças.



Passamos por muito perrengo, quando nos morou no Cachoeira tinha essa coisa de saí de arribada, pois era que, os fazendeiro comprava as terra e nós tinha que caí fora. Se lembro bem desse tempo. A gente enfrentava mesmo, fazendeiro, jagunço, era mulher corajosa de verdade. Pegava facão, terçado e partia pra impedir a derrubada. Agora se caso isso acontecer, todo nego corre (rir). Ninguém ajuda ninguém. Acabou isso de ajudar. Hoje temo a Reserva, mais pouca ajuda do governo. A gente vive de aposentadoria e quando não, de bolsa família. (Brito, 2003. Entrevista).

Sobre um desses empates, Maria Pereira descreve que:

Me alembro do dia que tinha muitos policiais, acho que uns 25 a 30 protegendo os pião do fazendeiro. Nós éra umas 50 mulher, saímo de madrugada, as mulher na frente e os homens atrás, tinha companheiras que trazia os filhos também. A gente ia pra impedir que derrubasse as arvres. Chegano lá, já tinha vários homens com motoserra, outros com eu não lembro o que, acho que era gasolina, não sei bem. E outros com armas, era comum usar arma na mata. Os policiais lá. Teve vez que a gente se abraçava com a árvres e não tinha quem derrubasse [rir]. (Pereira, Maria, 2023. Entrevista)

Como se observa nos relatos, não somente o seringal Cachoeira foi alvo dos fazendeiros. A fazenda Bordon, foi cenário de lutas e empates em favor da terra, pelos seringueiros daquela região, liderado pelos líderes do Partido dos Trabalhadores, esses empates contaram com o apoio da imprensa e figuras que mais tarde teriam destaque no cenário brasileiro, como de Marina Silva, e outras mulheres com significativa participação no território mais com menos projeção nacional.

Diante dos acontecimentos invisíveis aos olhares de outros meios de comunicação do estado, o jornal O Varadouro, figura 3, veio denunciar a opressão, a fúria e o derramamento de sangue, que havia no Acre, possibilitando um espaço onde as minorias pudessem fazer sua defesa e críticas, veio ser o lugar, a voz de um discurso popular, discurso de resistência.

Figura 3 – Jornal Varadouro. Edição Nº 16



Fonte: Castelo (2014)

Em meio a pesquisa, observamos nos varadouros das fontes orais, que para alguns habitantes da cidade de Xapuri, esses movimentos eram simplesmente “politicagem”, “queria derrubar o governo”, essas e outras narrativas encontramos na voz de mulheres e homens ditos letrados, moradores da área urbana de Xapuri. Uma professora, moradora de Xapuri, com 88 anos, que não gostaria de ser identificada, constrói uma narrativa que busca desqualificar a luta dos povos da floresta e legitimar os supostos fazendeiros que queriam retirar esses povos de seus territórios tradicionais, falou a dona M.J.F.:

Chico Mende não passava de um arruaceiro, tudo era politicagem, queria tornar seu nome conhecido. Ele e outros companheiros não queriam o desenvolvimento do Acre. Mulher até na pavimentação da estrada de Rio Branco pra Xapuri eles queriam empatar. Veja se isso não era perseguição desse povo. Além do más os fazendeiros compravam as terras, pagavam e eles não deixavam derrubar. E onde o fazendeiro ia colocar o gado? Acho que eles tiveram o que mereciam e pronto. (M.J.F. 2023. Entrevista)

Algumas vozes como esta, se verbalizam e se adjetivam geralmente em tons de arrogância e prepotência, objetivando afirmar, não sei se por desconhecimento ou pela própria estupidez, que os conflitos e homicídios ocorridos nos seringais de Xapuri, foram causados unicamente pelos seringueiros liderados por Chico Mendes.

A partir dessa ambivalência apresentada acima é possível afirmar, portanto, que as Reservas Extrativistas foram idealizadas pelos seringueiros, em meio as suas organizações e lutas de resistência, envolvendo homens e mulheres, contra a expropriação dos territórios que ocupavam (Castelo, 2014). Tal projeto foi espelhado no modelo das reservas indígenas.

Dona Marlene Teixeira de Oliveira, moradora a colocação Boa Vista, Seringal Cachoeira, município de Xapuri/Acre, em entrevista concedida a Marcos Fábio Freire Montysuma (2006), destaca a união da população seringueira, articulada principalmente pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a criarem estratégias de enfrentamento à situação estabelecida entre os trabalhadores, polícia e fazendeiros da região.

A gente lutou muito pra conseguir essa mata, nós tivemos muito trabalho, foi se reunindo, tendo boas conversas, mas conseguimos ficar com a área, se não hoje não tinha nada disso, a nossa floresta que nós tiramos o pão de cada dia. Enfrentamos polícia e soldados só com fé em Deus e o pé no chão. Teve empate lá no recanto, a gente foi. Como pode fazer a gente empatar? A gente se reuniu, bota as mulher e as crianças na frente, põe as mulher sem criança mais atrás e os homens mais atrás. Quando avistar a polícia armada na frente, eu não tinha medo, aí vamos cantar o hino nacional. E assim nós fizemos, conseguimos dessa forma empatar a derrubada. (Oliveira, 2006. Entrevista)

Dona Maria Helena Silva, nascida no Seringal Porvir, em Xapuri, 1964, relata que após o casamento, presenciou de perto os movimentos em favor da terra. Segundo a entrevistada, seu marido se envolveu na luta dos seringueiros que lutavam pela floresta, passando a frequentar as reuniões e ao Sindicato. Dona Helena acrescenta que começou a acompanhar o marido nas reuniões, pois ele não sabia nem ler e nem escrever, naquele tempo, fala dona Helena que era bom ter conhecimento sobre o assunto, para não virar uma “Maria vai com as outras”.

Já casada e com filhos, fomos morar mais longe ainda, para o Seringal pra dentro. Pouco depois, meu marido se envolveu com a luta dos seringueiros, lá pras bandas do Fazendinha no Cachoeira, em defesa da terra, passamos a frequentar os sinicatos. Eu comecei também a ir com ele, pois ele não sabia nem ler nem escrever, e aos poucos começou a fazer parte de reuniões maior com o povo do Incra e órgãos públicos. Nós participamos sim, contra a jagunçada dos fazendeiros que queria tomar nossas terras. Era muito perigoso, mas a gente ia, uma ruma de mulher e home, até criança agente levava. Se não fosse desse jeito hoje não tinha terra demarcada pra nós. (Silva, Maria, 2023. Entrevista)

Há de informar que nem todas as mulheres seringueiras participaram na linha de frente, nos confrontos. Havia mulheres que davam sua contribuição de maneira diferente, não menos importantes, como as que ficavam fazendo comida, organizando o ambiente para o encontro e reuniões. Havia aquelas que costumeiramente preferiam aconselhar seus esposos. Mas tudo indica que em sua maioria essas mulheres atuaram como verdadeiras participantes na luta em busca de melhores condições de vida na floresta. Mulheres que poderiam ser condecoradas como “heroínas”, mas até o presente momento não são apreciadas nos livros didáticos de história do Acre.

Dona Clarice e dona Marlene citadas por, Montysuma e Cruz (2008), moradoras do Seringal Cachoeira, foram mulheres que sustentaram seringueiros em batalha, passaram meses cozinhando juntas para suprir as necessidades daquela gente, que segundo elas “era muita gente”. Conforme a narrativa destas mulheres, não tinha dia e nem hora, elas sempre estavam prontas. Relatam que de uma hora para outra surgia um chamado, uma reunião de emergência. Teve caso em que precisaram levantar a noite para fazer comida para os companheiros seringueiros que se abrigavam em suas casas. Tudo pela causa!

A resistência ganhou uma configuração mais coletiva, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, pela sindicalização, organização e “empates”, os seringueiros resistiram contra a expropriação de seus territórios levada a cabo pelo processo modernizante dos militares que buscava ampliar a fronteira agrícola para a Amazônia.

Assim, através do Decreto N° 99.144 de 12 de março de 1990, combinado com o Artigo 3° do Decreto n° 98.897 de 30 de janeiro de 1990, foi criada a Reserva Chico Mendes, no Acre, apresentando uma possibilidade de terras públicas “de forma definitiva” para não indígenas. Abaixo, pode-se observar o que ficou estabelecido no Decreto n° 98.897.

Art. 4°. A exploração autossustentável e a conservação dos recursos naturais será regulada por contrato de concessão real de uso, na forma do art. 7° do Decreto-Lei n° 271, de 28 de fevereiro de 1967.

1°. O direito real de uso será concedido a título gratuito.

2°. O contrato de concessão incluirá o plano de utilização aprovado pelo IBAMA e conterá cláusula de rescisão quando houver quaisquer danos ao meio ambiente ou a transferência da concessão intervivos.

Art. 5°. Caberá ao IBAMA supervisionar as áreas extrativistas e acompanhar o cumprimento das condições estipuladas no contrato que trata o artigo anterior (Brasil, 1990).

De acordo com Castelo (2014, p. 44), a partir desse evento, todas as decisões relativas ao território das reservas extrativistas passariam a ser tomadas por “Conselhos Gestores” e não mais pelos seringueiros como previsto anteriormente. O art. 18, § 2º da Lei 9.985 passou a estabelecer que:

[...] a Reserva Extrativista será gerida por um Conselho Deliberativo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade (Brasil, 2000).

Diante do exposto, ao que refere-se aos Projetos de Assentamento Agroextrativistas (PAE's), pode-se afirmar que surgiram no Acre como alternativa de regularização da situação de muitos seringueiros que resistiram nos anos 1970 e 80 do século passado à expropriação de suas colocações. Os seringueiros apontaram os problemas e o INCRA decidiu implantar essa alternativa em áreas de conflitos sociais pela terra. Proposta que se desenvolveu no âmbito do Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), com assessoria do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS).

Nos relatos coletados para esse trabalho suscitaram algumas falas que evidenciam problema da falta de autonomia dos seringueiros (principalmente dos moradores da Reserva Chico Mendes, em Xapuri), como pode ser percebido pelo fragmento da fala de dona Magalhães e dona Eveline Ribeiro que estava na ocasião da entrevista, de acordo com a narrativa das participantes “quem manda em tudo é o IBAMA e o ICMBio” “aqui agente não pode fazer nada, que tudo eles ver, não sei por onde, mas ver (RIBEIRO,2023). “Parece que não tem o que fazer, quando chegamo aqui o outro morador, já tinha feito a derrubada, eu é que peguei a muta” (Magalhães, 2023).

Percebe-se que a região escolhida para pesquisar (no Município de Xapuri, no Acre) trata-se de um local onde aconteceu os primeiros diálogos e montagem de conversas, de organização, de aglutinação e convencimento dos seringueiros para a resistência coletiva contra a expropriação acontecida no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. Por isso mesmo, Xapuri é considerada área de significativa relevância na historiografia acreana. (Castelo, 2014).

Neste cenário ainda conturbado e pouco compreensivo, a figura dos seringueiros autônomos tornou-se frequente. A partir de então, seringueiros, homens e mulheres, passaram a produzir e comercializar borracha por conta própria, sem a

dependência e o pagamento de renda para o patrão. Seringueiros que, além da produção de borracha, intensificaram a combinação de outras atividades produtivas como a coleta de castanha, a pesca, e a criação de pequenos animais. Isso conforme suas necessidades e características do mercado (Alegretti, 2002).

O mais importante de tudo, talvez, é que a posição há muito estabelecida por historiadores tradicionais, que em suas narrativas, discutem o homem como o protagonista da história do Acre, está praticamente rejeitada. Tendo em vista que este modelo histórico tem se modificado, a partir de evidências de sucesso de mulheres que conseguiram serem vistas e notadas, por sua organização, alcançaram um maior prestígio e influências não só no Brasil, mais em todo o mundo.

Os resultados são surpreendentes da mobilização coletiva das mulheres entre todos os grupos sociais, e com isso, têm aumentado sua confiança e empoderamento, para lutar pelos direitos, aos recursos e ao poder em diversas áreas, como meio de garantir formas de subsistência sustentáveis para suas comunidades e famílias.

## **2.4 Mulheres de Fé**

Igualmente difícil de descrever ou analisar é a relação entre as estruturas do cotidiano e a fé que compõem a subjetividade das mulheres da cidade de Xapuri, Acre.

De acordo com Gomercindo Rodrigues (2009),

As “almas milagrosas” estão por toda a Amazônia e normalmente, são os “santos seringueiros”, “anjos” que protegem e auxiliam os habitantes da floresta [...] outra questão interessante na questão da fé dos seringueiros, diz respeito à força dos rezadores ou rezadoras nos seringais de antigamente. Não era só uma questão de fé, era na verdade, uma necessidade, pois naqueles tempos além de não existirem médicos, quando estes existiam era só nas cidades, muito distantes dos seringais (Rodrigues, 2009 p. 59-63).

De acordo com os relatos de seringueiros e seringueiras que colaboraram com essa pesquisa, muitos acreditam que existe uma matriarca da seringueira. Segundo os seringueiros, a cada passo dado na estrada de seringa, a matriarca os observa. Acrescentam que conforme as regras da matriarca, o seringueiro necessita ter conhecimento, sobre o manejo e utilização das ferramentas de forma apropriada, de maneira branda. Nenhum seringueiro poderá aprofundar o caule da árvore com a sua faca, sobre juramento de ser punido. Diz que a mãe não perdoa, e pode puni-lo ao ponto de negar o leite a esse extrator. Para que isso não ocorra, o seringueiro

necessitará fazer uma promessa de sempre preservar as filhas da mãe seringueira. A mitologia amazônica é parte indissolúvel do ser dos entes seringueiros.

A metodologia estabelecida nos seringais, são parte integrante de suas vivências, herança que se perpetua por gerações e estão impregnadas na cotidianidade das colocações e em suas representações simbólicas. Marqueline Santana, pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas “Modos de Vida e Culturas Amazônicas”, colabora com sua citação descrevendo como era feita a oferenda à mãe seringueira.

Ao redor do tronco da simbólica árvore eram deixadas uma diversidade de oferendas iluminadas à luz de velas, e nessa sagrada mito-ritualística poetizante, o seringueiro saía dali com a divinal certeza de que a sua produção de látex aumentaria milagrosamente[...] entranhado nesse imaginário privilegiado da natureza estetizante e imbricado nessa desmesurada exaltação dos sentidos, essa encantatória relação de exuberância cósmica entre o homem e a terra, nos remete à beleza de um sublime sustentáculo espiritual que também nos leva a um encontro de pureza da percepção entre o ente seringueiro e a sua inebriante substância ontológica de fé e devoção à imaculada Mãe-da-seringueira. (Santana, 2023, p. 1)

Em Xapuri e, especificamente, nos seringais, o universo das crenças transitava por dimensões que envolviam a conversão da natureza, dos santos oficiais e de santos populares católicos, que entrelaçavam-se entre si, em substrato para a conformação de um fantástico mundo no qual o sagrado imbrica-se à vida. A crença está envolta a uma necessidade diária, devido a não existência da presença do médico nestas localidades de difícil acesso. Não havia a quem recorrer nesse espaço longínquo, embrenhados na mata, se não a devoção aos santos. Para os que viviam dentro dos seringais, depositar sua fé nos santos era uma forma de sossegar suas vidas duras e sofridas.

A fé no seringal é tudo. A gente vive na fé. Lá tinha muita devoção, não sei se é porque a gente fica sozinhos, desprotegidos, mas sei que todos lá por perto, naquela época eram católicos. A gente rezava pra tudo, mesmo. E cumpria os sacramentos: batizava, crismava, primeira comunhão e se casava na igreja, e participava das comemorações de Santo Antônio e São Sebastião e outros santos (Ferreira, Cecília, 2003. Entrevista)

Lima e França em “Milagre da Flecha: devoção a São Sebastião”, inferem que a devoção está além das barreiras religiosas e se concebe a partir do cotidiano de homens e mulheres que, envolvidos por uma relação direta com a natureza,

desenvolveram um modo de vida próprio, e por consequência, lutam contra as endemias presentes na floresta. Carlos Alberto Alves de Souza em seu livro “Trópicos Rebeldes” (2016) nos conduz ao entendimento que:

Existem duas doenças que a seringueira Maria de Almeida Melo curava somente com rezas: o chamado “sapinho”, uma espécie de infecção bucal da criança e a conhecida “vermelha”, espécie de furúnculo que aparece nas pernas dos seringueiros, chegando a causar febre e dores no corpo. Para tais moléstias, a mulher incorporava sua fé cristã, como católica, rezava e narrou com orgulho que Deus lhe concedeu o dom da cura através das rezas aprendidas por ela em um livro que traz todas as orações da Igreja Católica (Souza, 2017, p.128)

A fé se constituía uma maneira de sobrevivência na maioria das ocasiões. Nos dias atuais encontra-se outra configuração de fé nessas comunidades, muitas mulheres que permanecem na floresta são de religião evangélica. Segundo dona Maria Pereira: “eu era da religião católica por muitos anos. Mas agora sou da igreja dos crentes”; ao ser perguntada qual o motivo, respondeu: “antigamente tinha só igreja católica, mais agora os crentes é que visita a gente, dá assistência a gente”, “tem igreja pertinho de casa”, “a gente sabe que Deus é um só, mas hoje prefiro ser evangélica.” Dona Deolinda mesmo crescendo nos conhecimentos da fé católica, depois dos 70 anos de idade, resolveu se vincular a uma igreja evangélica

Fui desde criança católica, aprendi tudo de bom que você possa imaginar, vivia com as freiras, missa todo domingo pela manhã, era do Sagrado Coração de Jesus, mas faltava alguma coisa. Foi aí que resolvi investir na minha vida espiritual e hoje sou feliz, mas cada um deve ficar onde se sente bem. (Alves, Deolinda, 2002. Entrevista)

A despeito das mudanças na adesão a esta ou aquela denominação religiosa, o culto, crença e a devoção aos santos católicos, atravessa décadas. Sempre são invocados em momentos de extrema necessidade e apertos pelos quais passam seus seguidores. São Sebastião é um dos santos que perpassa gerações, inclusive, em momentos extremamente caóticos da humanidade, como de “pestes e epidemias” (MEJÍAS, 2016). O culto de São Sebastião é registrado por De Varazze (2003, p.182) desde o século VII, sendo que esse santo, hoje, tem grande circulação mundial e as súplicas a ele integram os mais variados territórios geográficos, obtendo para si muitos seguidores devotos.



São Sebastião é uma figura impregnada de significado na memória coletiva dos moradores de Xapuri. Além de São Sebastião, a devoção se estende a Santa Marias, São João do Guarani, Santa Inês, Santa Terezinha e outros.

Como Santo padroeiro da cidade, chama atenção por trazer uma gama de significados, representações, imagens e expectativas. De acordo com Williams (1979), “sua configuração imagética é gerada a partir das vivências e práticas cotidianas da comunidade, sendo uma composição de aspectos do passado ligados ao presente”.

A devoção dos moradores da cidade de Xapuri a esse santo, faz parte da construção identitária da comunidade xapuriense, que se robustece e ressignifica a sua religiosidade através de características regionais que circundam seu cotidiano.

Lima e França (2020), em “Milagre da Flecha: devoção a São Sebastião”, inferem que a devoção está além das barreiras religiosas e se concebe a partir do cotidiano de homens e mulheres que, envolvidos por uma relação direta com a natureza, desenvolveram um modo de vida próprio, e por consequência, lutam contra as endemias presentes na floresta.

Ao abordar a temática, Araújo (2000), afirma que o seringal formou a unidade econômico-social com bastante vivacidade, arquitetando-se como a primeira unidade de produção da Amazônia, com responsabilidade de produzir mudanças no modo de viver da região e dos habitantes. Os seringais e os seringueiros, eram referências na produção do látex. Há de se lembrar, que Xapuri – AC, localizada na Amazônia Sul Ocidental, pertencia à Bolívia, era povoada por brasileiros, o que ocasionava vários conflitos entre Brasil e Bolívia.

De acordo com Rogério Cavalcante (2015):

Toda essa importância fez com que a região fosse palco de intensos entraves entre a Bolívia (país que, de acordo com o Tratado de Ayacucho eram donos das terras do Acre) e os moradores que ali habitavam, sendo grande parte composta por brasileiros oriundos do Nordeste. A Bolívia exigia a saída dos moradores e passou a enviar tropas para ocupar a região (Cavalcante, 2015, p. 145-146).

Como resultado, a Bolívia via-se com autoridade sobre os brasileiros, com intenção de expulsá-los e, por outro lado, os brasileiros que habitavam no território, lutavam pela posse da terra. Diante de vários conflitos, os brasileiros liderados por

José Plácido de Castro conquistaram Mariscal Sucre, hoje Xapuri, em 6 de agosto de 1902, dia da comemoração de Independência da Bolívia, ocorrida em 1825

Foi em Xapuri, que se iniciou os conflitos da chamada “Revolução Acreana”, embates travados por brasileiros e bolivianos em disputa das terras, hoje acreanas. Contudo, acredita-se que foi nesse clima conflituoso que os povos que habitavam na região depositaram sua fé, em busca da conquista esperada por todos os seringueiros que ali moravam.

Conta-se que seis meses após o início da “Revolução Acreana”, um grupo de fiéis em torno de cem pessoas saíram em procissão pelas poucas ruas que havia na cidade e, a partir deste evento, São Sebastião foi aclamado padroeiro da cidade de Xapuri, iniciando uma das mais significativas celebrações religiosas do Acre: o “Vinte de janeiro”, figura 4.

Figura 4 – Foto da Festa de São Sebastiao – Xapuri – Acre



Fonte: Guerra. Antonio Teixeira, 1958. Disponível: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=46284>. Acesso: maio de 2023.

A devoção a São Sebastião está encravada na vivência e experiência de mulheres da comunidade xapuriense. A Igreja Católica iniciou suas atividades de

evangelização no município de Xapuri, concomitantemente com a chegada dos primeiros nordestinos que ancoraram na região.

Em janeiro do ano de 1902, segundo relatos orais, um grupo de 100 pessoas se reuniu para homenagear São Sebastião, santo considerado protetor contra os flagelos, doenças, a fome e a guerra. Oito meses depois eclodiu a Revolução Acreana. A partir de então, a manifestação se repetiu indefinidamente, se tornando uma das maiores do estado e uma das mais conhecidas da Região Norte. A celebração da Festa de São Sebastião em Xapuri antecede, portanto, a criação da própria paróquia, o que aconteceu apenas a partir do ano de 1910.

Em 1921, após a criação da Prelazia do Acre e Purus, confiada à Ordem dos Servos de Maria, foi designado para a paróquia de Xapuri o padre Felipe Gallerani, que nesse mesmo ano convidou as Irmãs Servas de Maria Reparadoras, que já tinham uma comunidade em Sena Madureira, para também formarem uma comunidade religiosa em Xapuri. A partir de então, a Igreja caminhou com mais firmeza e as Servas de Maria, trazendo as experiências de sua terra natal, iniciaram vários movimentos religiosos implantando-os em todo o Acre e também na Paróquia São Sebastião de Xapuri, juntando-os aos já existentes: Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Confraria Nossa Senhora das Dores, São Vicente de Paulo e Cruzada Eucarística. Foi nas comemorações de São Sebastião de 1945, que a primeira pedra do novo templo foi colocada e, em onze de janeiro de 1953 foi inaugurada oficialmente a nova matriz com uma bonita celebração eucarística. (História Multimídia de Xapuri, 2021)

Figura 5 – Igreja de São Sebastião de Xapuri-Acre



Fonte: <https://www.guiadoturismobrasil.com/hospedagem/2/AC/xapuri/222>. Acesso: maio de 2023.



De acordo com Carlos Alberto de Souza (2016), foi da Itália que veio a primeira imagem de São Sebastião. O jornal “A Tribuna” de 2017, divulgou que o poeta e escritor, Gabrielle D’Annuzio e o compositor francês Claude Debussy, foram os doadores da imagem, que até os dias atuais é homenageada por fiéis. A mais de cento e vinte anos, as comemorações de São Sebastião continua presente no cotidiano da comunidade xapuriense. É a celebração religiosa que se tornou o evento anual mais importante e mais simbólico do município de Xapuri, figura 6.

Figura 6 – Foto da Festa de São Sebastiao – Xapuri – Acre



Fonte: Imagem disponível no blog da Diocese de Rio Branco 22 de Janeiro de 2020. Acesso: junho de 2024.

“O Vinte”, assim, é conhecido por muitos, a celebração de São Sebastião, que ocorre no dia vinte de janeiro. É uma celebração que agrega elementos sagrados e profanos, dentre os quais a Procissão ou Romaria que se constitui elementos sagrados e as festas, o comércio popular, que existe desde que a festa foi implantada na cidade como relatou dona Alzenira Alves:

A partir do mais tardar dia 15, 16 já começava chegar pessoas. Dos seringais era trazidos: borracha, sernambi, muita castanha, animais pra vender (galinhas, porcos), com intenção de arrumar dinheiro. Essa época que eu estou falando, era até 1980, tinha muita gente do seringal e das colônias. Tempo que era mais difícil, não tinha rodagem, nessa época, era mais difícil o transporte, mas vinha gente de todo canto, de onde podia vir. Dos seringais

vinha todo mundo, das colocações com vários dias de viagem, andavam um, dois dias inteirinhos pra chegar aqui, pra vir pra procissão. Do rio Xapuri descia de barco, do rio Acre descia de barco. Quem morava pra baixo vinha de barco, de canoa. Naquele tempo era o transporte, e quem morava no seringal vinha de animal, de burro, de cavalo e a pé. Era um tumulto de gente. (Alves, Alzenira, 2003. Entrevista)

Dona Deolinda nos conta que ela e sua família passava o ano inteiro trabalhando para que no dia 20 de janeiro de cada ano pudessem estar presentes na procissão de São Sebastião. Como vemos em sua narrativa:

Passávamos o ano inteiro nos preparando na colônia para irmos ao município para as festividades do vinte. Nós vínhamos participar das comemorações do Vinte, principalmente da procissão. Era também a época de comprar roupas, calçados e o que precisávamos e também ver pessoas que há muito tempo não víamos. Era durante a festividade que vinham muitos comerciantes marreteiros para a cidade. Era um Deus nos acuda, pois cai no inverno e pra chegar na cidade tinha que enfrentar muita chuva. Mas como disse nós vínhamos sempre. (Alves, Deolinda, 2003. Entrevista)

No seringal todo mundo tinha uma relação com a fé, a maioria no início eram católicos. Minha família era devota de Santa Inês, lá tinha uma capela de Santa Inês, isso na colônia nova. Mas como já disse, o padroeiro era São Sebastião. Tinha as datas comemorativas para cada santo e a gente seguia. As vezes passava por lá uns ajudantes de padres. Mas o Vinte era sagrado, todo mundo trabalhava pra vi pro vinte (Araujo, Mira, 2023. Entrevista)

Antes da abertura da BR 317 e da estrada que liga a rodovia à cidade, os praticantes iam ao São Sebastião através do rio Acre ou rio Xapuri, e alguns mais ousados vinham por via aérea. A quantidade de embarcações, ancoradas no porto, dava uma grande grandiosidade à cidade, que um dia foi chamada de princesinha do Acre.

De acordo com as narrativas desde o início do mês de janeiro já começava a preparação da festa de São Sebastião: “aqui onde hoje é minha casa, existia uma hospedaria. Era sempre cheia, vinha pessoas de vários lugares: Porto Velho, Manaus, Rio Branco e até do Rio de Janeiro”. (Araujo, Mira, 2003); “aqui perto, também tinha um forró, e dos bons”. Dona Maria Matos relata que tinha um forró de propriedade de seu padrinho, que era bastante visitado pelos seringueiros.

Tinha o forró de propriedade da família Galo. Lá pelos dia 15 de janeiro era o local onde os seringueiros iam dançar. Não pagavam entrada, só pagavam à bebida. Já mais tarde, tinha o forró do Agenor, seu Frauzino e também o forró que chamava “epoca chato”, tudo lotado do dia 16 ao dia 21 de janeiro as vezes ia mais dias. Sem contar os marreteiros que traziam muitas

novidades. Era lá que os seringueiros e a população da cidade, faziam suas compras de roupas e sapatos para toda a família. As vezes era a única oportunidade, pois era mais barato. (Matos, Maria, 2023. Entrevista)

Dona Nadir nos conta sobre o forró que frequentava com as filhas.

Naquela época era muito bom, tinha uns farró animado, com safona mesmo, agente dançava a noite toda, as vezes eu ia só pra levar minhas moças. Na Sibéria, ali na cabeça do barranco tinha um forró ajeitado. Às vezes eu nem dançava ia só pra ver as pessoas dançar. Uma vez ou outra tinha briga, mas era só de cachaceiros, gente decente não bebia e nem brigava. Tinha também uma festa de rico no Bilhar, essas nois não ia não. No vinte tinha festa em todo canto e vinha muita gente, enchia a cidade. Mas tinha lugar reservado para os seringueiros e outros para os ricos. (Costa, Nadir, 2003. Entrevista)

No vinte era o lugar de encontro de pessoas que só se viam nestas comemorações, como lembra dona Magalhães e dona Alzenira:

Eu pedia a Deus que chegasse o vinte, principalmente pra ver meus tios e tias e os primos que vinha dos seringal de longe e de fora. Passava o ano intero pra ver de novo. A casa da gente ficava gente por todo canto, mas todo mundo cedinho levantava e ia pra rua passear, fazer compras ou visitar os parentes. Depois do vinte ficava tudo vazio. (Magalhães, 2023. Entrevista)

Eu gostava mesmo era do pizeiro (rir), forró, andar na praça da igreja, no marreteiro. Era gente que não se acaba mais. Época animada, hoje com a estrada o povo vem no mesmo dia e volta. Poca gente fica os dias todo. (Alves, Alzenira, 2003. Entrevista)

Após três anos sem procissão por conta da pandemia da Covid-19, a tradicional festa de São Sebastião em Xapuri, interior do Acre, volta a ter a caminhada religiosa pelas principais ruas da cidade no ano de 2023. Em cumprimento aos protocolos sanitários, nos últimos anos, os organizadores substituíram a procissão por uma carreata para evitar a disseminação da Covid-19.

A festa de São Sebastião, iniciou-se, no dia 11 de janeiro e seguiu até o dia 20 de janeiro de 2023. Além da procissão, os fiéis participaram também de missas com a igreja lotada, leilões, quermesses, entre outras programações.

Outro santo que congrega os fiéis é São João do Guarani!

São João do Guarani é um Santo de grande prestígio na comunidade católica de Xapuri, é conhecido como o Santo da Floresta. Está associado a memória coletiva das comunidades da floresta, em especial os moradores da Reserva Extrativista-RESEX Chico Mendes. Dia 24 de junho, é um dia em que a comunidade festivamente

expressa sua devoção a um santo anônimo, que foi convertido e mantido por ela mesma. Ou seja, por homens e mulheres que depositaram sua fé e praticam suas orações atribuindo ao João do Guarani uma simbologia que independe do olhar e dos interesses externos.

A gente sempre teve muita fé. Fé em Deus pai e fé nos santos de nossos pais, a gente ia pro vinte de janeiro (festa de São Sebastião), por duas vezes fomos andando 3 dias pra procissão do São João do Guarani, uns andando outros montados em bicho (cavalo, burro), naquela época não tinha esse estradão. Era menino, mulher, homem, era toda gente andando, e rápido se não, não conseguia chegar a tempo. Os pé ficava rachado e inchado, mas a gente ia (Magalhães, 2023. Entrevista).

E não se trata de um evento recente. A celebração é realizada a mais de cem anos por moradores da região e dedicada ao “Santo da Floresta” ou Santo Seringueiro

As colaboradoras, Deolinda, dona Nadir e dona Leuda nos contam que a crença em São João do Guarani deve-se ao fato de que no ano de 1906 na cidade de Xapuri, alguns seringueiros que estavam caçando se perderam na floresta, esses seringueiros conheciam bastante o lugar onde estavam caçando, mesmo assim se perderam. A história contada pelos antigos segundo elas, é que esses homens tinham matado caça sem precisão, mais do que o necessário para sobreviver, e quando isso acontecia o caboclinho da mata não deixava barato. Então o grupo de seringueiros voltava da caça no meio do varadouro. Foi aí que encontraram uma cruz embaixo de uma castanheira. Apavorados decidiram ir por outro caminho, temendo ser uma assombração. Foi aí que não conseguiram achar o caminho de volta pra casa. Entraram noite adentro rodando em círculo, estavam apavorados de medo, quando um dos seringueiros lembrou de um seringueiro chamado de João do Guarani. De acordo com relatos esse João era um bom homem, trabalhador, honesto. João também era um homem sozinho, não tinha mulher somente um cachorro que lhe fazia companhia. Um dia João adoeceu por meio de uma febre muito alta, e como morava sozinho, veio a óbito. Como João não apareceu para trabalhar, seus companheiros vieram até a casa de João, chegando lá perceberam que havia morrido. Seus companheiros cavaram uma cova e enterraram João enrolado na própria rede.

Diante da lembrança do bom homem, João do Guarani, um dos perdidos fez uma prece a João que intercedesse a Jesus Cristo, para que encontrassem o caminho de volta para casa. O relato conta que após a reza, logo avistaram o varadouro para casa.

A partir de então segundo Castelo (2014),

a tradição ganhou força e João se tornou uma das mais conhecidas almas milagrosas da região de Xapuri, sendo considerado pelos seringueiros locais como o “Santo da Floresta”. Todos os anos, no dia 24 de junho é realizada uma grande festa em sua homenagem na “comunidade do Guarani”, cuja programação reúne atividades religiosas, culturais e esportivas. (Castelo, 2014. p.310)

São João do Guarani até a presente data, unifica muitos devotos, que fazem suas petições e acreditam serem respondidas. Dona Deolinda nos conta que antigamente passou um dia e meio a pé para chegar no santuário de São João do Guarani, figura 7, mas hoje com a estrada ampliada, os devotos fazem o percurso em poucas horas de carros ou motocicleta. Mas o que vale segundo dona Leuda é “pagar a promessa feita e alcançada” (Magalhães, 2023. Entrevista)

Figura 7 – Foto da Capela de São João do Guarani – Xapuri - Acre



Fonte: Castelo, 2012. Acesso: junho 2023.

A partir da ideia geral apresentada acima, observa-se que até os dias atuais a devoção ao santo padroeiro em Xapuri, agrega centenas de pessoas, devotas de todo o estado e até mesmo de outras regiões.



Por muito tempo a vida no seringal seguiu um percurso normal, com muito trabalho, muitas dificuldades e algumas alegrias, mas, com a crise da borracha, houve mudança no modo de vida e os habitantes da floresta tiveram que encontrar outros meios de sobrevivência, e um desses meio era a Fé.

## 2.5 Mulheres de cura: parteiras, benzedadeiras e rezadeiras

A “cultura popular”, assim como os saberes populares, como afirma Burke, é a “cultura do povo” (1994, p. 21), e podemos dizer que são os saberes do povo, e um e outro (cultura e saberes) são inerentes a todas as regiões do Brasil, incorporando uma imensidão de conhecimentos perpassados por gerações, reconfigurados, ressignificados, sendo que não estão diretamente associados à formação acadêmica.

A palavra benzer, vem do latim *bene dicere*, que tem sua tradução, dizer bem de alguém e fazer o bem. Rezadeira é comumente relacionada na literatura como mulher que realiza a cura por meio de benzimento, apresentada por uma figura de uma senhora que tem conhecimento ou poderes de cura, portanto é respeitada por toda a comunidade em que vive. Alguns a define como cientista popular, possuindo seu próprio modo e conhecimento, utilizando conhecimentos empírico, misticismo da religião e o conhecimento da medicina popular (Calheiro, 2017).

No seringal tudo era difícil, quando a gente ficava doente, meu pai andava quase um dia para arranjar um rezador para rezar em nós. Naquela época existia a questão de quebrante, vento caído, acontecia do nada. Me lembro que um dia, estava balançando a rede com meu irmão e o cachorro latiu forte, o menino se assustou. E só melhorou com a reza da vovó Flora, que o papai foi buscar na outra colocação, umas 4 horas de viagem. Pra nós era como se fosse médico mesmo, assim que chegava rezava e a criança logo melhorava. (Araujo, Mira, 2003. Entrevista)

Segundo Oliveira (2018), as rezadeiras ou benzedadeiras são consideradas figuras da cultura familiar e religiosa, que carregam consigo o poder e o dom da cura, trazendo alívio para os que necessitam de seus fazeres.

Diante das discussões deveras importantes sobre a fé e o cotidiano na floresta, destacamos aqui a narrativa de Deolinda Gomes que diz ter recebido de seu pai a reza para ossos desconjuntados, termo usado para designar luxações, desarticulações e deslocamento ósseos.

Desde adolescente, recebi essa dadiwa de rezar para ossos desconjuntados. Não tinha osso que eu rezasse que a pessoa não ficasse curada. No seringal e na colocação nova, as pessoas vinham de longe para receber a cura através da minha reza... era dedo desconjuntado, braços, pernas, até dor de dente [...] meu pai me ensinou pegar um pedaço de pano, dobrar e ir costurando enquanto rezava[...]. Só não posso dizer quais palavras eu dizia durante a reza... (rir). (Alves, Deolinda, 2003. Entrevista)

Corroborando com a narrativa de Deolinda, Nadir Costa, narra como utilizou-se da fé diante de uma enfermidade a qual seu filho foi cometido.

Na mata, a gente não podia contar com ajuda de ninguém, médico nem pensar. Olha, era muito difícil, difícil mesmo. Meu filho mais novo adoeceu de uma hora pra outra no seringal, uma colocação distante. E nós não tinha nem cibalena pra dar pra ele. Passamos a noite em claro, rezando e tratando dele com chá. De manhã meu velho saiu com escuro chamar as vizinhas, ele achava que era doença de criança. Aí quando as vizinhas chegaram, começemos um teço e entramos em outro. Eu estava desesperada. Aí a cumade Izaura vendo o desespero, pediu pra fazer uma reza que ela tinha aprendido, para vento caído e mal de criança. Mulher, no desespero que eu tava, deixei. Ela pediu três ramo de trevo roxo, e benzeu meu filho. Não sei se foi os dois terços ou a reza, mas sei que o menino dormiu e até o dia de hoje tem uma saúde de ferro. (Costa, Nadir, 2003. Entrevista)

A prática da reza, como cultura popular, é uma prática em sua maioria realizada por mulheres, com exceção de alguns homens (Santos, 2009). As rezadeiras, benzedoras ou até mesmo curandeiras, como queiram chamá-las, são mulheres que utilizam as benzeduras com o objetivo de curar o sujeito adoecido de suas mazelas e enfermidades. Diante de tal ato, essas mulheres aliam a fé católica popular por meio de rezas e o sincretismo religioso.

Nós católicos, levamos sim para rezar, principalmente nas crianças com vento caído, quebrante e outras doenças que aparecem em crianças, meus meninos eu sempre levei, mas era difícil achar uma, quando tinha era distante, as vezes quando o João ou os meninos iam buscar, ela já estava em outra casa (Silva, Raimunda, 2003. Entrevista)

Dentre as rezas mais corriqueiras algumas especialidades se destacam segundo as entrevistadas: espinhela caída, mal olhado, ventre virado, cobreiro, benzimento de crianças (quebrante, vento caído e doença de criança), dor de cabeça, moleza no corpo, ossos desconjuntados, dor de dente entre outros.

Dona Cila Brito nos conta que sua mãe teve um aborto espontâneo em uma área de difícil acesso, onde não entrava nenhum meio de transporte, ela nos conta que:

Era um dia de muita chuva. Minha mãe sagrava muito. Então meu pai resolveu tentar chegar com ela na rua. Na viagem minha mãe gritava muito de dor, vinha eu com uns 13 anos, meu pai e dona Rosa que vinha com a gente. Papai resolveu parar o barco, para pedir ajuda. Quando subimos no barranco, era a casa de uma conhecida nossa, que rezava para todo tipo de coisa. A mulher fez um caldo de caridade e deu para minha mãe, e depois pediu pra rezar nela. Meu pai mesmo sendo católico, não contou conversa e disse: pode sim. A mulher rezou, benzeu com uns trevo roxo e logo minha mãe desocupou, saiu todo resto do parto, pois a criança já estava com 6 meses. No outro dia voltamos pra casa, nem fomos mais pra rua. (Brito, 2003. Entrevista)

Essas e outras histórias envolvendo cura por meio da reza são comuns na fala de homens e mulheres da floresta. Alguns nos contaram que por morarem em colocações muito distantes, o único meio de cura era ir em busca de um rezador. Contam também que às vezes não conseguia encontrar a tempo essa ajuda e que houve ocasião, que mesmo achando que não tinha o dom para rezar, algumas mães desesperadas, rogavam por seus filhos e obtinha a cura imediata.

Além das funções do dia a dia da floresta, algumas mulheres se destacavam por exercerem atividades como parteiras, rezadeiras, feiticeiras ou curandeiras.

Criei os meninos brocando, cortando seringa, plantando roça, lavando roupa no garapé e cuidava dos bichos. Eu fazia tudo isso e ainda era parteira. Peguei muitas crianças, não sei nem quantos meninos. As vezes ia de três dias de viagem fazer parto, três pra ir e três pra voltar. Minha filha mais velha cuidava dos irmãos. Eu tinha que ir ajudar as mulher na necessidade delas, eu nunca cobre por nada. (Costa, Nadir, 2003. Entrevista)

Essas mulheres exerciam influências sobre os demais habitantes da mata. Para Wolff (1999), “foram elas que acudiram as espinhelas caídas, os peito aberto, mal de reza, mal de mulher, dor de dente, dor de goela, zipra, cobreiro, quebrante e foram elas que fizeram os partos, fácies e difíceis dos muitos filhos dos seringais”. (Wolff, 1999, p. 134).

### **2.5.1 Mulheres de cura: Saberes terapêuticos e Medicinais**

A floresta amazônica é detentora de um número significativo de espécies vegetais com fins terapêuticos e medicinais. Aprecia-se que o Brasil possua em torno de 15 a 20% da diversidade mundial de espécies vegetais, sendo que a maioria dessa diversidade encontra-se na floresta Amazônia (Lewinsohn; Prado, 2002). Essas biodiversidades estão inseridas em ambientes naturais e um número substancial

estão categoricamente alterados pela ação do homem. A utilização e uso destes recursos vem sendo desenvolvidas pelos povos desde as civilizações primitivas, onde os conhecimentos populares são passados de geração a geração (Garlett; Irgang, 2011).

Observa-se como já descrito, que o registro do uso terapêutico de plantas medicinais principalmente pelas civilizações da China, Índia, Egito e Grécia, desde os tempos mais remotos. A partir de então, diversas populações vêm utilizando-as com a finalidade de tratar e curar diversas patologias, a utilização da cura através das plantas está intrinsecamente relacionada com a própria evolução do homem, no qual mitos, lendas e tradições refletem o vasto emprego de plantas medicinais em todas as camadas sociais (Alves, 2013). Após a segunda metade do século XX, apesar dos grandes desenvolvimentos tecnológicos da medicina industrial e a expansão da indústria farmacêutica, o emprego e uso de plantas para tratamentos em saúde ainda é muito, em especial, por populações menos favorecidas, distantes do acesso a centros de atendimentos hospitalares, as quais têm dificuldades na realização de exames e acesso à medicamentos comercializados, mesmo assim, por vezes, preferem a utilização do tratamento tradicional ao invés do medicamentoso.

Alguns estados brasileiros tiveram iniciativa de incorporando, Programas de Fitoterapia na atenção primária em saúde, com o intenção de ampliar as opções terapêuticas e suprir carências medicamentosas de suas comunidades e, assim, melhorar a atenção à saúde e sua oferta aos usuários da rede pública. (Ibiapiana *et al* 2014). Diante disto, o Ministério da Saúde, em 2006, aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, passando a incentivar a prática do uso das plantas medicinais entre a população (Brasil, 2006). Nesse sentido, torna-se relevante que as práticas de saúde tradicionais e historicamente utilizadas em relação ao uso de plantas medicinais, sejam compartilhadas com as novas gerações, a fim de orientá-los sobre os benefícios da utilização de plantas medicinais, aliando o conhecimento popular.

Ter o conhecimento sobre ervas medicinais e poder de cura trazido por elas, simboliza, muitas vezes, o único recurso curativo de acesso pelas comunidades e grupos étnicos, principalmente na Amazônia. É o que observamos na narrativa da ex-seringueira Cila.

Remédio caseiro era o único meio da gente tratar e curar as doenças no seringal, eram usados: ervas, folhas, raízes, cascas, frutos e sementes, tudo era aproveitado. Minha mãe que me ensinou usar, ela aprendeu com a mãe dela. Era como fosse uma escola, uma ensinando para as outras. Pois é, tudo era curado com plantas: gripe, bronquite, dor no peito, cachumba, febre, catapora, dor de dente, dor de barriga, caganeira (diarreia), picada de cobra e outras doenças. Para cada doença tinha um remédio que fazia com ervas, era só saber qual a erva certa. As vezes a gente não tinha uma planta, mais sempre um vizinho ou outro tinha. Havia aquelas que só o homem experiente conhecia e ia buscar na mata, muito dentro, principalmente as cascas: jatobá, unha de gato e outras lá. (Brito, 2003. Entrevista)

Dona Cila e as outras entrevistadas são todas do estado do Acre, nativas do município de Xapuri, sendo descendentes de nordestinos, amazonenses, seringueiros e indígenas, que adquiriram seus conhecimentos e experiências de seus ancestrais. Os nordestinos que migraram para a região para trabalharem no corte da seringa ao chegarem, ampliaram seus saberes conhecendo as plantas medicinais através das populações tradicionais da Amazônia, compreendendo a importância da conservação e manutenção das espécies nativas.

O Acre destaca-se como um dos estados brasileiros com maior conservação da cobertura vegetal nativa, inclusive de espécies terapêuticas. No entanto, com o avanço da urbanização trouxe como consequência a destruição de parte da vegetação em algumas regiões, ocasionando a perda do conhecimento tradicional sobre as propriedades terapêuticas de algumas plantas medicinais. (Martins; Paiva; Bantel, 2013, p. 8).

O universo amostral das participantes, aqui trabalhado, está compreendido em 13 mulheres, numa faixa etária entre 50-95 anos. Do total, 98% constituíram famílias e apenas 48% transmitiram seus conhecimentos sobre utilização e preparo das plantas medicinais a alguns de seus descendentes. De acordo com as entrevistadas os motivos por não terem passado aos seus descendentes esses conhecimentos é, sobretudo a falta de interesse por parte dos filhos e netos, dificultando assim, a transmissão da cultura terapêutica tradicional. Como observamos na narrativa de Dona Alzenira (2023): “Minhas filhas nunca tiveram a curiosidade de ver como eu preparo um chá, lambedor e as garrafas que ainda faço”.

Ao serem questionadas sobre a difusão e a procura por esses conhecimentos, relataram que houve um declínio na procura pela utilização das plantas, na prevenção e cura de doenças e isso deveu-se ao aumento da comercialização dos medicamentos sintéticos. Segundo Dona Raimunda Silva (2023), “hoje tudo tem que ser da farmácia, porque se não for, não serve”, as vezes escuta os filhos dizerem: “mamãe, remédio

caseiro custa a gente ficar bom, o da farmácia é rapidinho”. Esses e outros comentários são formulados erroneamente pela maior parte da geração do presente, por desconhecerem a eficácia dos remédios caseiros e também desconhecem que os remédios alternativos possuem menos contraindicações que os fármacos industrializados.

Nas tabelas 2 e 3, descritas abaixo, estão explicitadas as ervas e plantas medicinais mais utilizadas pelas entrevistadas, como devem ser usados e sua indicação.

Tabela 2 – Ervas e plantas medicinais mais utilizadas pelas entrevistadas – parte 1

<b>Plantas Mediciniais</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Forma De Uso</b>	<b>Indicação</b>
<b>Mastruz</b>	Chenopodium Ambrosioides),	Suco, chá, lambedor	anti-inflamatória, analgésica e cicatrizante
<b>Copaíba</b>	(Copaifera Langsdorffii		anti-inflamatória, cicatrizante, antisséptica, antibacteriana, germicida, antitumoral, analgésica, diurético e expectorante.
<b>Boldo</b>	(Vernonia Condensata Baker,	Chá	Possui ainda propriedades diuréticas, hepáticas, antioxidantes e anti-inflamatórias.
<b>Hortelã</b>	Mentha Arvensis	Chá	ação antiespasmódica, analgésica, antisséptica, anti-inflamatória, calmante, digestiva, anestésica e expectorante.
<b>Erva Cidreira</b>	Melissa Officinalis	Chá	possuem efeitos calmantes, sedativos, relaxantes, antiespasmódicos, analgésicos, anti-inflamatórios e, principalmente, antioxidantes
<b>Cajueiro</b>	Anacardium Occidentale	Chá, garrafadas	anti-inflamatório e antibiótico
<b>Jatobá</b>	Hymenaea Courbaril	Chá da casca, Garrafadas	anti-inflamatório, antibiótico e antigripal
<b>Crajirú Cajuru, pariri</b>	Fridericia Chica L. G. Lohmann	Chá, emplastro e garrafadas	tem propriedades anti-inflamatórias, adstringente, antiespasmódico
<b>Algodoeiro</b>	Gossypium Hirsutum		ação diurética, anti-inflamatória, homeostática, estimulante da cicatrização, galactogogo e anticatarral.

Tabela: Sistematização de dados pela autora

Tabela 3 – Ervas e plantas medicinais mais utilizadas pelas entrevistadas – parte 2

<b>Plantas Mediciniais</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Forma De Uso</b>	<b>Indicação</b>
<b>Malvarisco</b>	Plectranthus Amboinicu	Suco, chá garrafadas	anti-inflamatório, antisséptico bucal, demulcente e balsâmico,
<b>Folha de graviola</b>	<i>Annona muricata</i>	Chá	Anti-inflamatório
<b>Gengibre</b>	Zingiber Officinale	Chá e lambedor	possui a capacidade analgésica, anti-inflamatória, antioxidante, digestiva e termogênica
<b>Alfavaca</b>	Ocimum Basilicum L.	Chá	tem ação microbiana e anti-inflamatória
<b>Agrião</b>	Nasturtium Officinale R.	Chá	suas propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes
<b>Algodão Roxo</b>	Gossypium herbaceum	Chá	Antitérmico e Anti-inflamatório
<b>Alecrim</b>	Rosmarinus Officinalis L.	Chá	contem atividade antisséptica, antifúngica, inseticida, antioxidante, adstringente, antimicrobiana, anti-inflamatória e antitumoral
<b>Capim Santo</b>	Cymbopogon Citratus	Chá	antiespasmódico, analgésico, anti-inflamatório, diurético, bactericida, antifúngico, anti-helmíntico e antimutagênico.
<b>Caieba</b>	Piper Umbellatum L.	Chá	cicatrizante, anti-inflamatório, antimicrobiano.
<b>Carmelitana</b>	Lippia arborícola	Chá	Calmante, antitussígena, digestiva, antiespasmódica, hipocolesterolemia, anti-hipertensiva e antitérmica.
<b>Folha da laranja</b>	Citrus aurantium L.	Chá	antiespasmódico, antigripais, relaxante, calmante, expectorante, digestivo, diurético, sedativo, afrodisíaco, imunidade.
<b>Unha de Gato</b>	Uncaria tomentosa	Chá	Anti-inflamatório
<b>Quina quina</b>	Cinchona Spp	Chá	febrífugas, antimaláricas, tonificantes, adstringentes e cicatrizantes.

Tabela: Sistematização de dados pela autora

Segundo as autoras das entrevistas, utilizavam também outras plantas e ervas que foram trazidas por imigrantes e incorporadas na cultura amazônica.

Em relação à maneira de preparação dos fitoterápicos encontramos a maior prevalência nos chás por infusão e lambedores, frequentemente utilizados como analgésicos e antigripais. Sua forma de preparo é a combinação de plantas com outros ingredientes como alho, o mel de abelha, banha extraída da galinha, óleos vegetais (copaíba e outros), além de outras plantas. Para que o chá se torne um lambedor, é necessário permanecer por um grande período em fervura e adicionar açúcar e mel.

Em segundo lugar, observou-se a prevalência nas garrafadas. As garrafadas consistem em uma combinação de plantas medicinais podendo ser de (cascas, folhas, flores) associadas a bebida alcoólicas, sendo o vinho e a cachaça as mais utilizadas. Usava-se também outras bebidas como: vinagre, mel e água. Costumeiramente essas preparações são utilizadas com finalidade terapêuticas diversas. E sua administração era feita por via oral ou duchas femininas, e inalação. Para preparação das garrafadas a matéria-prima extraída da natureza (cascas, flores e folhas) deveriam ser higienizadas, colocadas em um recipiente para fervura e posteriormente colocada em garrafas ou recipientes fechados para ser curtido e utilizada.

A garrafada para engravidar era bastante utilizada por mulheres com dificuldade de conceber filhos, dona Nadir Costa, que também era parteira, narra que quando morava nas colocações e até a sua vinda para a cidade, era comum a encomenda dessa garrafada. Afirma que, muitas mulheres que beberam a garrafada feita por ela tiveram boas experiências. No entanto adverte que a usuária deve estar atenta aos componentes, a quantidade que será utilizada, o modo de preparo e o passo a passo da ingestão, a fim de não provocar efeitos nocivos à saúde. Segundo dona Nadir, o processo é extremamente simples.

Aqui vai a receita da garrafada para engravidar: Ingredientes: 2 inhames com a casca, 2 xícara de açúcar mascavo, 1 punhado de unha de gato, 1 punhado de uxi amarelo, 1 romã tamanho médio, 4 cravo da índia e 1 litro de vinho branco. Depois deve ser colocado no fogo, coloca açúcar mascavo em uma vasilha e leve ao fogo. Coloque o vinho. Assim que derreter o açúcar, desligar o fogo, coloca mais vinho. Mexa, mexa até misturar tudinho. Em seguida coloque o resto dos ingredientes cortados em pedaços pequenos e colocados dentro de uma garrafa limpa com tampa. A mistura deve ser colocada dentro da garrafa e deve ficar pelo menos duas semanas guardada antes de tomar. Há menina, eu digo para as mulheres essa mistura deve ser tomada em dois período só. Duas vezes só. Depois de passar dois dias, deve fazer uma nova. (Costa, Nadir, 2003. Entrevista)

Quando perguntada como funciona a garrafada apresentada, dona Nadir responde que “ela ajuda a diminuir os problemas que pode existir na mulher como:



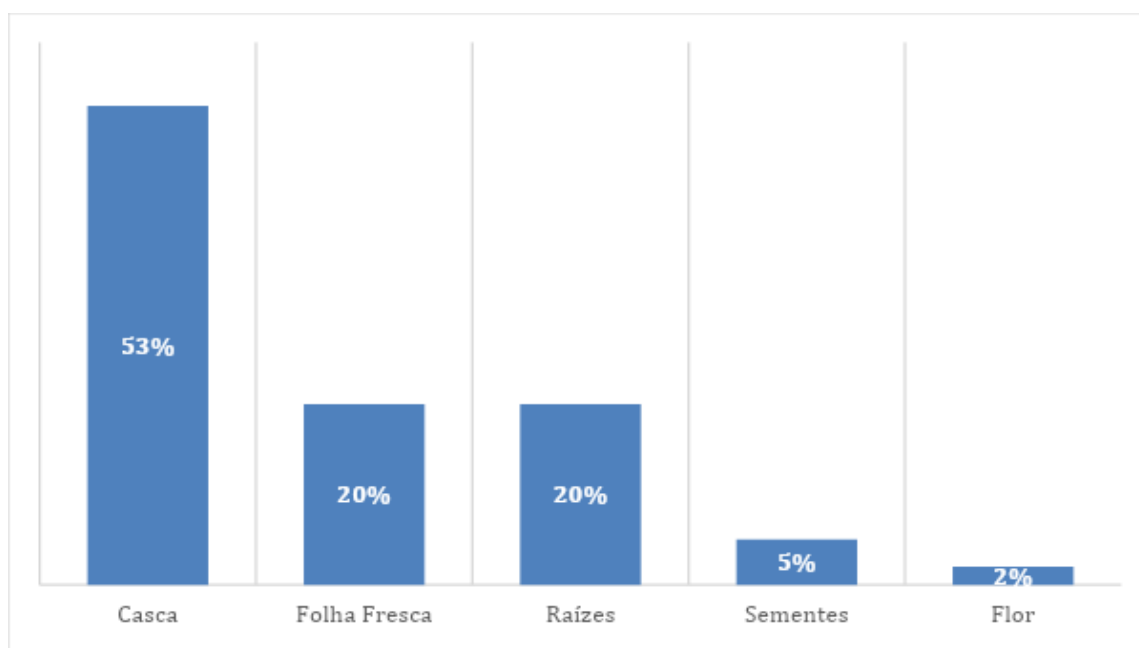
mioma, inflamação no útero, ovário e trompa e outras que podem atrapalhar uma mulher engravidar” (Costa, Nadir, 2023).

Garrafadas anti-inflamatórias era a mais utilizada para várias enfermidades apresentadas no dia a dia da floresta. Dona Alzenira nos mostra a forma de como preparar um Anti-inflamatório natural para garganta e gripe:

Eu coloco a água para ferver com quatro dentes de alho cortado. Tiro do fogo e acrescento o suco de limão, o gengibre e o mel. Depois você coa em um pano ou coador mesmo e em seguida servi. O que eu uso: 4 dentes de alho descascados e cortados ao meio; 1/2 xícara de suco de limão; 1 cm de raiz de gengibre; 3 xícaras de água; Mel de abelha ou de cana de açúcar para adoçar. (Alves, Alzenira, 2003. Entrevista)

Na cultura do seringal as plantas fitoterápicas utilizadas pelas entrevistadas são apresentadas no gráfico 02.

Gráfico 2 – Plantas fitoterápicas utilizadas nos seringais xapurienses



Fonte: Sistematização de dados das entrevistas pela autora

Como pode ser verificado no gráfico 2, mais de 50% dos materiais utilizados para a formulação de produtos fitoterápicos eram constituídos de casca de árvores, sendo que folhas frescas e raízes, juntas, constituíam 40% desses ingredientes.

Ao mencionar uma determinada planta verificou-se que de uma mesma planta pode ser subtraindo várias partes, podendo também ser empregada para diversidades

de enfermidades, como no caso citado pela dona Alzenira, “tem ocasião que de uma mesma planta, a gente usa a folha, o sumo, a casca e até a raiz”

Na Amazônia o uso de folhas é uma prática bastante utilizada no preparo de remédios, pois as plantas não são armazenadas ou compradas, sendo colhidas no jardim ou hortas da residência quando necessário. Na região, grande parte da população mantém em seus quintais uma grande biodiversidade de espécies alimentícias e medicinais, o que contribui para o retorno da diversidade biológica e da manutenção cultural das populações tradicionais.

Dona Mira até os dias atuais, mesmo morando da cidade, tem sua horta de plantas medicinais e outras hortaliças. A entrevistada enfatiza que quando morava em colocações distantes, as plantas, raízes e folhas eram produtos utilizados para tratamento de diversas doenças.

Na floresta era só o que usamos. Para tudo existia cura através das plantas, o povo é que não conhece. Problema de mulher, esse negócio de cólica, resto de parto, inflamações, tudo isso a gente curava com banho de assento, chá e garrafada feitas de cajuru, casta de jatobá, casca de cajueiro e de algodoeiro. Era tira e queda. Minha mãe teve 11 filhos e nunca vi reclamação de cólica, inflamação. Quando ela tinha filho, tomava água inglesa ou garrafada. (Araujo, Alcenira, 2003. Entrevista)

Dona Cila Santana relata que:

A cura para tudo era extraído da floresta: para dor de estomago a gente fazia chá de boldo. Quando o filho nascia, logo a gente dava chá de erva-doce e hortelã. Se tivesse dor no peito, espinhela caída, dor debaixo das costelas ou o pulmão roncando, porque isso era comum no seringal, a gente curava com mastruz, biotônico Fontoura, e quando tinha, um leite condensado, era bater e ver. La em casa não faltava biotônico, usava para tudo. (Brito, 2003. Entrevista).

Tais narrativas nos conduz a uma reflexão sobre a reprodução das práticas de saúde e cuidado, as quais estão em sua maioria sob a égide feminina, a questão de gênero se constitui como um fator determinante, pois as práticas e os cuidados, principalmente no âmbito familiar, em sua maioria são tarefa realizadas por mulheres, a partir da divisão sexual do trabalho.

Juliana de Almeida Costa, em sua Dissertação de Mestrado “Mulheres rurais e plantas medicinais: Saberes, socialidades e autonomia feminina” (2019) nos traz sua contribuição afirmando que:

a manipulação das plantas medicinais no contexto doméstico acabou sendo, historicamente, compreendida e desenvolvida como uma tarefa protagonizada na maioria das vezes pelas mulheres. Embora muitos homens conheçam as ervas e saibam suas ações no organismo, geralmente quem prepara os remédios e os administra aos enfermos “de casa” são as mulheres. Isto porque, não é também por acaso, que o ofício de curar, as práticas de curandeirismo, o ato de atender ao público fica bem mais restrito aos homens, mesmo no que se refere às plantas medicinais, pelo fato destes serem socializados a partir de uma educação voltada ao ambiente público, ao contrário das mulheres, a quem é atribuída uma socialização voltada ao ambiente doméstico. (Costa, 2019, p, 18)

Em todas as narrativas que citei, evidentemente o diferencial destas mulheres com quem desenvolvi a pesquisa, está pontualmente no aspecto da coletividade da solidariedade adquiridas ao longo do caminho palmilhados por elas, pois embora somente uma ou outra desenvolva as práticas de saúde alternativa como ofício, em sua maioria essas mulheres têm transmitido esses saberes e práticas, através de suas ações na comunidade e movimento social.

Além disso, essas mulheres têm compreensão que esses saberes devem ser perpassados a futuras gerações e compreendem, do mesmo modo, que estes saberes se constituem patrimônio cultural da humanidade. Desta maneira, esses saberes populares gerenciados pelas mulheres da floresta estão sendo colocados no centro das discussões que envolve a biodiversidade, os saberes populares em saúde e a indústria química farmacêutica.

A população participante do estudo, utilizava plantas medicinais frequentemente, além de as indicar para familiares e amigos, o que contribui para o desenvolvimento da medicina popular na comunidade. A maioria aprendeu sobre o poder das plantas medicinais e suas indicações de uso com as mães e avós e cerca de 31 espécies de plantas foram citadas como utilizadas para os mais variados tipos de tratamento, sendo que a maioria as utilizava em forma de chás. Elas expressaram acreditar, que a prática do uso de fitoterápicos, podem colaborar com a melhora do estado de saúde de quem faz uso delas e que acreditam no poder de cura, pois tiveram experiências próprias a partir do uso.

Essa valorização, diante da dimensão de conhecimentos trazidos por essas mulheres, se dá por um conjunto de fatores que envolvem a trajetória destas mulheres, “o fato de viverem em proximidade geográfica com o que ainda existe de plantas nativas, por trabalharem na agricultura e por serem detentoras de muitos saberes que fazem parte das práticas do cuidado”. (Costa, 2019, p, 22).

## 2.6 Mulheres de letras

O fazer-se de uma história das mulheres seringueiras do Acre, como nos afirma Carlos Alberto Alves de Souza (1999):

Se afirma por questões metodológicas, como uma prática que deve lidar com sujeitos sociais e coletivos que viveram e que vivem num mundo formado por muitas fronteiras e por diferentes modos de vida. Essas mulheres, em suas lutas, enfrentam problemas e dificuldades de várias ordens, e as saídas encontradas também são múltiplas. (Souza, 1999, p.1261)

Pelo que sugere esta citação, tais memórias são relevantes e devem ser investigadas pelo historiador oral, o quanto antes. Memória aqui é representada, como uma janela, uma porta para o passado no qual certas lembranças aparecem, tanto quanto os esquecimentos fazem experiências não serem revisitadas.

Tomando como base a perspectiva da História Social considerando as múltiplas evidências do cenário analisado, em busca de apreender a complexidade das experiências educativa em seu trajeto histórico, percebe-se nesta ocasião o surgimento de um projeto envolvendo a educação popular, influenciada pelas ideias e práticas da Teologia da Libertação e de uma dada perspectiva do sindicalismo rural no Acre, que veio contemplar os povos da floresta. (Souza, 2011).

O Projeto Seringueiro implantou uma rede de escolas nos seringais do Acre a partir da iniciativa de um grupo de jovens educadores, firmando-se como política oficial de ensino ao produzir grade pedagógica específica para a realidade das comunidades que viviam na floresta. A primeira escola, recebeu o nome de Wilson Pinheiro, foi construída na colocação Já Com Fome, no seringal Nazaré, hoje Reserva Extrativista Chico Mendes, mas na época fazia parte da Fazenda Bordon.

A opção por iniciar o projeto pelo seringal Nazaré foi estratégico. A fazenda Bordon também foi palco de lutas entre seringueiros e fazendeiros, contra o desmatamento. A Bordon era considerada na época como carro chefe, por ser uma das maiores fazendas, quando iniciava o processo de desmatamento, as demais fazendas seguiam. Uma das estratégias dos idealizadores do projeto era trazer a conscientização aos estudantes através da educação, serviços de saúde e noções de cooperativismo.

O contexto político, social e econômico era de dominação e tensão. A expansão das fazendas e o desmatamento da floresta para constituição de pastagens

para a criação de gado, obrigavam os extrativistas a uma reação. Nesse interim os empates continuaram.

A Escola Wilson Pinheiro começou a funcionar com catorze alunos, todos adultos. A colocação havia sido reaberta pelo grupo do CTA, que ao observar a dependência do trabalhador local aos intermediários, os marreteiros, especialmente quanto à aquisição de alimentos, compra e venda de produtos da floresta. Formalizaram uma proposta pedagógica de acordo com a realidade das comunidades. Apoiados no Método Paulo Freire, em 1981, profissionais desenvolveram a Cartilha Poronga, como livro didático de acesso aos alunos.

Na cidade de Xapuri, zona urbana, existia o Colégio Interno “Divina Providência”, coordenados pela Freiras da Igreja católica, onde estudava filhos de seringalista e da alta sociedade. Por meio de caridades, não sei ao certo, algumas crianças órfãos conseguiam a estudarem nesta escola.

Era comum ouvir Chico Mendes dizer que a alfabetização das crianças da floresta no início, era o pai ensinar a criança a “sangrar uma seringueira, a colocar um roçado, virar homem ainda criança” (Mendes, 1990). Para o ativista mais importante do estado do Acre, se não do mundo, os patrões e donos de seringais não tinham interesse de criar escolas para alfabetização dos seringueiros nem de seus filhos. O trabalho era compulsório, não tinha idade e nem sexo, todos eram envolvidos nas atividades estabelecidas no seringal pelo patrão. Isto explica em parte, o porquê de não existir escolas nos seringais. Primeiro pelo fato de os seringueiros continuarem na submissão a qual eram expostos; segundo, ao ser alfabetizados saberiam se posicionar diante dos enganos em pagamentos feitos pelos patrões, pois o pêndulo da balança nunca era favorável ao seringueiro; e terceiro, as crianças deveriam ajudar os pais na extração da borracha.

É sabido que essas famílias não tinham condições de enviarem seus filhos para a cidade em busca de escolas. Viviam da seringa, caça, pesca e pequenos roçados. Sem contar que a cidade mais próxima ficava distante e ainda tinha um agravante: só estudava crianças filhas de famílias que tinham condições para pagar pelos estudos ou crianças órfãs que viviam em regime de internato.

Segundo a narrativa abaixo, o único meio de sobrevivência da maior parte das famílias que moravam nos seringais era advindo da venda da borracha produzida por eles e vendida ao patrão. Dona Nadir conta-nos que tinha ocasião que era necessário burlar o sistema de aviamento para poder obter algum tipo de mercadoria que faltava.

No seringal a gente passava baixo. Comia de acordo com o saldo, tinha época que dava mais, e outras dava meno. A gente tinha que se virá nos trinta (rir). As vezes era só caça do mato mesmo. Nós sempre fomos virados, mesmo não tendo tempo, a gente pescava, caçava e plantava um roçado de macaxeira. Mas chegou época que a gente tinha que esconder umas bolinha de sernambi para vender a parte. A gente não roubava, o que a gente fazia, era para gente manter nossos filhos. (Costa, Nadir, 2003. Entrevista)

Estudar era coisa de barão, filho de seringueiro aprendia o trabalho do dia a dia. O que a gente ensinava era coisas como: ser educado, comer direito, rezar, respeitar os mais velhos e ser honesto. Mas ler e escrever era luxo. (Pereira, 2003. Entrevista)

Segundo a narrativa de dona Nadir, essa era uma das estratégias de burlar a vigilância e adquirir bens de consumo mais em conta, e para isso, o único meio era vender parte da produção aos comerciantes menores, os regatões. Esses comerciantes eram concorrentes do seringalista, e nutriam um comércio ativo na região, vendiam mercadorias a preços mais baixos e recebiam outros produtos produzidos pelos seringueiros como pagamento.

Como produtores de lembranças, os relatos desses sujeitos, são discursos sobre o passado que permitem o acesso a outras memórias e reinscrevem eventos, pessoas e lugares (Cunha, 2004) como aqueles expressos pela dona Maria Lima:

Desde mocinha comecei a cortar seringa, com minha mãe, meu pai faleceu eu ainda era bem pequena. Na verdade, eu queria era ir para a escola, mais não tinha, né! Passei uns nove a dez anos ajudando a cortar e colher o leite e minha mãe e um ajudante faziam a defumação. Quando eu comecei, eu colocava só as tigelas e levava a água. Isso no Seringal Sibéria, no outro lado do rio Xapuri, rumo a fazenda Bordon. Morar no seringal naquela época não era nada fácil, a gente vivia no trabalho duro, não tinha escola, as vezes aparecia um ou outro lá que ensinava o alfabeto, os número, escrever nomes de animais e até umas frases pequenas, a gente usava carvão, porque não tinha giz como na rua, era assim que a gente aprendia um pouquinho. Pra gente ter alguma coisa diferente: um lápis, caderno, uma roupa pra um dia vir a rua, a gente tinha que trabalhar muito mesmo, além de ajudar em tudo, eu tinha que ajuntar madeira, ajuntar castanha ou sernambi. A gente fazia qualquer trabalho. E como nossa mãe não sabia ler, acredito que ela era enrolada pelo patrão. Nunca tirava saldo, pois é, tinha essas dificuldades (Lima, Maria, 2003. Entrevista)

Conforme a narrativa acima, pressupõem que a presença da escola nos seringais dificultaria o forte controle exercido sobre a força de trabalho para maximizar a produção com o apoio dos demais seringalistas e do poder público regional e estadual, como destacaram alguns autores.

De acordo com Dourado de Sousa (2011):

para que um filho de seringueiro tivesse acesso a uma dessas escolas, teria que contar com a benevolência do patrão seringalista que, às vezes, em função de relações de apadrinhamento, consentia que o filho do seu compadre viesse morar na sede do seringal na condição de agregado, e assim pudesse estudar. Mas isto não o isentava de cumprir certas obrigações. Tinha que trabalhar e talvez em piores condições, já que não recebia pagamento, em virtude do benefício dos estudos (Sousa, 2011, p.81).

Dona Deolinda Gomes Alves se encaixa neste apadrinhamento, segundo ela era órfã de mãe quando seu pai lhe entregou para o seringalista, seu padrinho. Deolinda afirma que era comum essa prática de deixar os filhos aos cuidados dos padrinhos para receberem a educação.

Quando minha mãe faleceu, meu pai me entregou aos cuidados do meu padrinho seu Mario Soares e minha madrinha dona neném. Foi com eles que tive oportunidade de ir para o internato na cidade de Xapuri, colégio Divina Providência, lá estudei. Vinha para a sede do seringal nas férias. O trabalho que eu realizava no seringal era somente olhar as crianças. Sou grata por ter tido eles com padrinhos. Hoje sou professora aposentada de dois contratos efetivos e mantenho minha família. O que me deixou triste é que meus filhos não têm a mesma dedicação que eu sempre tive de estudar, Mas cada cabeça uma sentença. (Alves, Deolinda, 2003. Entrevista)

Hoje a estante lotada de livros, demonstra que dona Deolinda amava estudar. Seringueira, órfão de pai e mãe, casada com soldado da borracha, se configurou em uma das mais fascinantes professoras de geografia da cidade de Xapuri, no Acre, ela e seus mapas cartográficos que sempre estavam em meio ao material didático. Ao pesquisar o dia a dia dessa professora encontramos diversos relatos de quando estudou como bolsista no Colégio de Freiras, mesmo sendo órfã, conseguiu com êxito os estudos oferecidos. Ouvimos também relatos de gratidão aos ex-alunos que concebe-a um título de “Professora Memorável”. A ex-seringueira Deolinda Gomes, se emociona ao falar de sua trajetória como professora e diretora de escola.

Até o dia de hoje, eu recebo menção honrosa de meus ex-alunos. Uns mandam cartões, fotos, mensagens de textos, e outros vem em minha casa, quando visitam a cidade. As vezes até me confundo, pois alguns mudaram a afeição, mas no andar da carruagem acabo lembrando quem é, de quem é filho e aí minha amiga, vamos conversar. (Alves, Deolinda, 2002. Entrevista)

Com o declínio da economia da borracha, houve a decadência dos seringalistas e o abandono dos seringais. Neste contexto, ocorreu o fracasso dos seringueiros, cuja sobrevivência estava vinculada a quem assegurava o

funcionamento do sistema do seringal: o patrão. Ao passo que o seringalista sai de cena, os seringueiros e suas famílias são sujeitos a buscar outras formas de viver.

Nesse contexto chega à escola nos seringais de Xapuri no Acre, com a implementação do Projeto do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), iniciado na década de 1980. Em entrevista divulgada pelo programa Memória Brasil, da rádio Nacional do Rio de Janeiro, Chico Mendes falou sobre o Projeto Seringueiro.

Nós iniciamos um trabalho de educação popular nos seringais na década de 80, baseado na metodologia de Paulo Freire, e conseguimos criar a cartilha chamada Poronga. Poronga é o aparelho que o seringueiro usa de noite para iluminar seu caminho. Daí o nome. Dessa forma, o seringueiro vai, assim, aprendendo as primeiras letras, como também a iluminar a floresta. (Mendes, 1990)

Dona Maria Pereira nos conta que:

No primeiro dia de aula, na escola União, hoje fica na Reserva, fui só pra expiar. Achava que não conseguia aprender nadinha. A escola era uma casinha de palha, pisava no barro. O professor fazia umas brincadeiras legal, fazia a gente pensar. Ajudava a gente pegar no lápis, folhear a cartilha e aprender as primeiras letrinhas. Meu Deus, menina foi difícil. O pessoal caçoava dizendo “papagaio velho não aprende a falar”, e eu ia assim mesmo, com a lanterna na mão, as vezes com a poronga, mas ia. Olha o que deu. Aprendi a fazer meu nome, a ler um bocadinho e escrever. Hoje leio a Bíblia com facilidade. (Pereira, Maria, 2003. Entrevista)

As escolas ganharam estruturas e foram incorporadas à rede estadual de ensino. A Escola que dona Maria Pereira estudou, hoje é composta por salas de aula, banheiros, refeitório e outras repartições. Por ser escola rural, os alunos adquirem habilidades de leitura e escrita e educação ambiental.

Apesar de todos os entraves enfrentados por ser mulher e ter nascido na floresta, dona Raimunda Silva e dona Marisa nos contam:

Eu estudei assim mesmo na zona rural, em escola itinerante. Mobral depois logos I e logos II, e logo passei a lecionar na Escola Domingo Jatene I, quando vi pra cidade, fui trabalhar no Anthero Soares Bezerra, Sempre gostei de ensinar. Ensinei meus filhos e uma ruma de meninos na colônia e na cidade. (Silva, Raimunda, 2003. Entrevista)

Eu iniciei meus estudos na zona rural, escola bem precária. As crianças matriculadas eram de idades diferenciadas, umas com idade bem avançada. Morei muito tempo na colônia, e minha mãe era uma das professoras da Escola Domingo Jatene, hoje era escola foi demolida, lá eram salas multisseriadas, primeira e segunda série em uma sala e terceiro e quarto na outra, o professor colocava as crianças separadas por séries e dividia o quadro em duas partes, cada lado para uma série. As crianças vinham dos ramais de perto e de longe, as vezes a pé ou montadas em animais. Tenho



orgulho de ter estudado nos programas e ter conseguido vir para a cidade e continuar a estudar. Tive o privilégio de estudar pedagogia semipresencial, e já sou pós-graduada em ensino especial. Trabalhei muitos anos em coordenação dos projetos de alfabetização de zona rural. Hoje sou aposentada. (Marisa, 2003. Entrevista)

Ao apresentar fragmentos de suas memórias sobre um momento particular da história dessas mulheres, percebemos o quanto a educação foi importante em suas realizações pessoais como mulheres.

As fronteiras de um seringal não estão apenas nos limites territoriais, estão também na história de sua gente. Enquanto algumas das entrevistadas tiveram êxito nos estudos, outras mulheres seringueiras não conseguiram aprender a ler, escrever ou assinar o nome. Diante da biografia das entrevistadas, dona Nadir Costa de 95 anos, ex-moradora do seringal Sibéria, narra sua história de uma forma sutil, todavia, envolvente e consistente em relação a sua vivência e bravura na floresta.

Lá onde agente vivia não tinha escola. Quando casei fui pra mais longe ainda. A vida foi de trabaio, pra criar meus filhos. Não estudei porque não deu, mas meus filhos todos estudaro, tentei sempre morar perto de onde tinha uma escola, as vezes eles andava uma hora e meia até chegar à escola, mais ia. Quando estavam maiorzinhos começaram a vir pra cidade estudar e hoje tenho até filho enfermeiro. (Costa, Nadir, 2003. Entrevista)

Invisibilizar a existência da mulher nos acontecimentos históricos, é permitir que a história seja inacabada, inconclusa, defeituosa, imperfeita e mutilada. Discutir temas relacionados a vivência das mulheres seringueiras de Xapuri é uma tarefa importantíssima na construção de memórias essenciais e significativas na elaboração de novos conceitos, novos olhares e novas perspectivas em relação as futuras gerações de estudantes. Principalmente quando se pensa nos modos de vida, de lutas e de sacrifícios, juntamente com seus pais, irmãos, maridos e filhos, recriando sua maneira de viver no cotidiano da floresta e nas práticas sociais, concomitante com os conceitos de fraternidade e solidariedade ao próximo, e contra as dominações existentes.

As mulheres representam metade da população amazônica, e dado que o seu conhecimento, trabalho e compromisso são essenciais para garantia de um futuro sustentável, seus esforços para fortalecer sua voz e sua organização na administração dos recursos da floresta merecem maior atenção e apoio em futuras pesquisas.

### 3. O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES SERINGUEIRAS DO ACRE

No conjunto de narrativas anteriores direcionou-se o foco da pesquisa para o estudo das memórias e histórias de mulheres seringueiras do Acre, com intenção de compreender suas vivências e experiências no contexto do seringal. Superado essa etapa, neste capítulo, compartilharemos uma experiência realizada pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos, do Ensino Médio, Módulo III, da Escola Argentina Pereira Feitosa, através de uma proposta de aula, utilizando a metodologia de História Oral, através de entrevistas realizadas com mulheres da comunidade, que tiveram experiências adquiridas nos seringais do Acre relacionada ao tratamento de doenças através da medicina tradicional. O objetivo primordial aqui, é trazer esses conhecimentos oriundos das comunidades tradicionais, sobre as plantas medicinais, ao ambiente escolar. Destacando que em época anteriores, os seringais eram espaços habitados distantes das cidades e os contatos com outras comunidades davam-se por varadouros estreitos onde passavam-se pessoas a pé, animais de carga ou via fluvial, dificultando o acesso aos serviços nas unidades básicas de saúde municipais e estaduais. Acredita-se que essas experiências, esses conhecimentos, que vêm sendo passados de geração a geração não devem ser esquecidos, mas trazidos ao conhecimento da comunidade escolar.

Quando tratamos da disciplina de História é comum que nossos alunos demonstrem, em muitas situações, um acentuado desinteresse, concebendo-a como portadora de um conhecimento distante de suas vidas e suas práticas, que se constitui de pura memorização. De fato, essa visão tradicionalista do ensino de História, que se apoia em um modelo positivista de ensino e, que propõe a mesma como sendo objetiva, voltada para a exaltação de heróis e uma datação puramente cronológica, ainda está presente em nossas salas de aula, como descreve Bittencourt (2004):

Ao referir-se ao “método tradicional” professores e alunos geralmente o associam ao uso de determinado material pedagógico ou a aulas expositivas. [...] o aluno recebe de maneira passiva uma carga de informações que, por sua vez, passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral ou por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros. (Bittencourt, 2004, p. 226)

Neste universo que se expande e se fragmenta, há uma necessidade crescente de orientação e reestruturação da metodologia adotada por professores da educação básica, principalmente. Diante dessa necessidade, optamos por inserir a metodologia de história oral na pesquisa realizada pelos alunos, possibilitando um diálogo com sua própria vivência e seus antepassados.

A escolha da temática a ser pesquisada ocorreu devido a alguns fatores: primeiro, uma quantidade significativa dos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Argentina Pereira Feitosa, são oriundos da zona rural, filhos, netos ou bisnetos de seringueiros, portanto, os alunos poderiam realizar a pesquisa em sua própria comunidade; segundo, parte dos alimentos oferecidos como merenda escolar são oriundos do trabalho da “agricultura familiar”, realizado pelas próprias comunidades, através do Programa de Aquisição de Alimentos levados adiante pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em parceria com estados e municípios (PAA); terceiro, alguns alunos matriculados, ainda trabalham com a extração do látex, quebra da castanha e outros afazeres oriundos da floresta; e por último, os conhecimentos tradicionais obtidos através de povos originários, e que foram utilizados por maior parte da população da floresta, estão em extinção, precisando ser resgatados.

Diante da Matriz Curricular do Estado do Acre, que auxilia na construção do Plano de curso e posteriormente o plano de aula e sua execução em sala de aula, apresenta em sua composição assuntos sobre a História do Acre, somente no quarto bimestre do Módulo III da EJA, do ensino médio, os seguintes conteúdos: o segundo surto da borracha no Acre e a evolução política e; fluxo migratório no Acre, como demonstrado na tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Matriz Curricular do Estado do Acre – Educação de Jovens e Adultos (EJA) Composição assuntos sobre o a História do Acre

PERÍODO DE APLICABILIDADE: ( ) N1 ( ) N2 ( ) N3 (X) N4				
CAPACIDADES	CONTEÚDOS	METODOLOGIA	RECURSOS	AValiação
<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender os aspectos gerais que culminaram com a Segunda Guerra mundial – causas, desenvolvimento e consequências.</li> <li>Identificar as causas do Segundo Surto da Borracha no Acre. Entender os motivos dos fluxos migratórios no Acre.</li> <li>Entender as características e aspectos gerais da Guerra Fria.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contextualizar e analisar a 2ª Guerra Mundial - motivos, países envolvidos, desenvolvimento, causas e consequências.</li> <li>Segundo Surto da Borracha no Acre e a evolução política e administrativa do Acre (movimento autonomista). E os fluxos migratórios no Acre.</li> <li>Reconhecimento e análise da Guerra Fria – Guerra (1946 – 1989).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aula expositiva e dialogada sobre os temas propostos.</li> <li>Realização de resumos, esquemas ou mapas conceituais no quadro, sobre os conteúdos expostos, para que o aluno faça o registro no caderno.</li> <li>Pesquisa em livros, internet e outros suportes sobre a 2ª Guerra Mundial.</li> <li>Atividade de pesquisa e elaboração de linha do tempo, marcando e descrevendo os principais acontecimentos da História do Acre, relacionado com aspectos da República brasileira do período: instalações urbanas da primeira metade do século XX (estação ferroviária, escola, prefeitura, farmácia etc.), nomes de ruas e praças que rememoram personagens ou fatos republicanos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>TV.</li> <li>Multimídias.</li> <li>Livros, revistas, jornais.</li> <li>Cartolinas, tesoura, cola, papel, papel madeira.</li> <li>Livro didático.</li> <li>Pincel.</li> <li>Quadro branco.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Registro no caderno, dos resumos, esquemas e mapas conceituais expostos no quadro ou em slides pelo professor.</li> <li>Produção textual individual, em formas de um texto descritivo/narrativo.</li> </ul>

Fonte: SEE/Coordenação de Jovens e Adultos e Programas Especiais (COEJAPE) - Reformulado em 2018

Diante do percurso que deveria ser trilhado sobre o fluxo migratório e constituição do Acre, e a necessidade de construir um instrumento didático pedagógico exigido pelo programa de mestrado ProfHistoria, propus diante do contexto do programa, elaborar uma proposta pedagógica em formato de Plano de aula, envolvendo a pesquisa, utilizando como aporte teórico e metodológico a História Oral. Com objetivos de: Introduzir a história de vida de mulheres seringueiras, empreendendo que toda a memória humana tem uma história; perceber que a oralidade, objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado; compreender o que é memória e vivências; observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito; compreender que as experiências narradas por esses sujeitos, podem contribuir para aquisição de novos conceitos e conhecimentos.

Mediante ao objetivo proposto, optamos por trabalhar com a história de vida, através de entrevistas feita pelos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), partindo do entendimento que a História Oral permitirá aos estudantes analisarem a experiência de pessoas mais velhas no município que possam contribuir com suas experiências e vivências nos seringais. (Portelli, 1997, p. 30). A intenção desta proposta pedagógica abrange também, fazer com que os estudantes tenham contato

com a história oral, por meio de diálogo com pessoas mais velhas, documentários, leituras, pesquisa e produção textual, tomando como ponto de partida o conhecimento prévio dos estudantes, possibilitando a compreensão que a sociedade em si é formada por pessoas que pertencem a diferentes grupos étnico-raciais, e que cada grupo possui cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, sua própria história e a história da nação brasileira.

Para Morán (2015):

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (Morán,2015, p.17)

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza “combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença” (Brasil, 2018. p.567)

É imprescindível, portanto, que enquanto professores sejamos capazes de propor, aos alunos, aulas de História mais interessantes e atrativas, envolvendo metodologias que propiciem maior engajamento, fazendo-os sentirem-se sujeitos do processo de construção do saber histórico.

### **3.1 Discentes da EJA: A Importância de conhecer a própria história**

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade integrante da educação básica, também atendida pela rede pública de ensino do estado do Acre, tanto na zona urbana como na zona rural. A Resolução CEE/AC Nº 201/2013 fixou as normas de sua organização e oferta, referendando seus eixos norteadores, no âmbito da realidade local. O objetivo precípua da EJA é assegurar o direito à educação escolar

a jovens e adultos que, pelas razões mais diversas, não tiveram a oportunidade de frequentar ou de concluir a educação básica. Desse modo, a EJA resguarda as especificidades inerentes ao seu público-alvo, que é o aluno trabalhador (Acre, 2021, p.49)

Essa modalidade de ensino, também, atende educandos que por algum motivo não estudaram ou não completaram em tempo regular o ensino fundamental e médio. Ao falar da EJA é necessário fazer referência a realidade dos estudantes: suas histórias de vida e suas especificidades no contexto em que estão inseridos, para então construir uma metodologia que atenda esse aluno de modo singular. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica deixa explicitado que:

A instituição da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido considerada como instância em que o Brasil procura saldar uma dívida social que tem para com o cidadão que não estudou na idade própria. Destina-se, portanto, aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. (Brasil, 2001, p. 40).

É bastante encorajador, pensarmos em possibilidade de construir uma nova história, basta que o aluno inserido na Educação de Jovens e Adultos, tenham oportunidades e acesso a uma educação de qualidade, como infere Paulo Freire:

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da educação como prática da liberdade, o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma pedagogia do oprimido. (Freire, 2005, p.8).

Os alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos, chegam com objetivos claros, estudar e conquistar algo que perderam com o passar do tempo. Alguns vem com interesses distintos: “terminar os estudos” como dizem, outros até arriscam em falar em uma faculdade, ainda tem aqueles que não conseguiram se encontrar no tempo e no espaço em sala de aula. Em resumo, mesmo estando implícito, todos tem um ideal como meta de vida. Isso corrobora com o que Paulo Freire sensibiliza o leitor quando destaca que:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência,

sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (Freire, 1996, p. 58).

Em concordância com o autor citado, acredita-se que é preciso que o aluno conheça sua origem, valorize sua história, narrem suas experiências, tomando consciência de sua existência e que sua realidade não o torne inferior a outros alunos, e tão pouco seja motivo de vergonha para os que o cerca, os que se utilizam de termos pejorativos “seringueiros” como categoria desprovidos de conhecimento.

Paulo Freire nos estimula a essa reflexão:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender, é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdo a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (Freire, 1996, p.69-70).

No Currículo de Referência Único do Acre, para a etapa do ensino médio, apesar de que é anunciada uma suposta concepção de ensino e aprendizagem na qual o estudante seria o protagonista de seu próprio processo de escolarização, considerado sujeito de sua própria aprendizagem, as críticas direcionadas ao mesmo, apontam que esse suposto protagonismo é muito menor do que o anunciado (Acre, 2021). Isso significa, nesse sentido, que serão desenvolvidas competências que possibilitem aos estudantes sua inserção em um mundo cada vez mais imprevisível e complexo, de forma responsável, criativa, crítica e ativa, tornando viável o seu projeto de vida e permitindo-lhe continuar aprendendo para se adaptar às mudanças futuras.

É importante salientar que o Currículo de Referência Único do Acre aborda, em seu desenvolvimento, estratégias de ensino, fazendo uso da interdisciplinaridade, reforçando que essa abordagem possibilita aos estudantes um diálogo amplo entre as diferentes áreas do conhecimento e seus conceitos, promovendo uma complementação de apoio ao aprendizado, integrando uma gama de conhecimentos não fragmentados, com o objetivo de dar um sentido mais significativo aplicado à realidade dos estudantes. Esta estratégia, inclusive, é citada em um dos dez planos de ação para a aprendizagem, afirmando que as redes de ensino podem “decidir sobre

formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (Acre, 2021, p.16).

Uma das preocupações encontradas por professores de história está relacionada ao fato de que os alunos, muitas vezes, não têm compreensão dos motivos e do porquê estudar história. Em parte, isso acontece por não se conectarem ou não se veem como participantes e protagonistas no contexto histórico.

Às vezes a gente acha que tá velho pra estudar, mas velho é o mundo né, professora. Tenho 65 anos. Pois é, por muito tempo pensei assim, mas a gente tem que ser forte, né? Passei por muita coisa na vida, quando era pequeno só trabalhava, as pessoas diziam que eu tinha problema na cabeça, que eu não aprendia. Sempre fui esquecido. Ainda não sei bem ler. Escrever estou pelejando, mas a aula tá muito boa. Esse trabalho por especialidade, tinha coisa que nem lembrava mais (pensativo), mas o ano que vem vou continuar. (Belizário,2023. Aluno da EJA).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), documento que trata da normatização curricular da Educação Básica, está explícito que:

Um dos importantes objetivos da História é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania (Brasil, 2018, p. 400).

Na BNCC, ainda observamos nas competências, seis e nove uma proposta de valorização das diversidades de saberes e vivências culturais e o exercício da empatia:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p. 12).

Nesse contexto, a BNCC afirma o seu compromisso com a educação integral:



Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (Brasil, 2018, p. 16).

Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes. De forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas, seringueiros, ribeirinhos, negros, quilombolas, LGBTQIA+ e outros.

Eu passei muitos anos sem estudar, lá onde a gente morava não tinha escola. Depois de 14 anos de idade vi pra escola, não sabia ler e nem escrever. Foi na escola rural, ainda era programa de ensinar alfabetização. Mas acho que depende da gente querer aprender. Tem gente que acha que tá velho, por isso não vem estudar, mas a escola hoje é pra quem quer. Aqui a gente tem professor que se preocupa com a gente, ensina, pega na mão, trata todo mundo igual: preto, branco, seringueiro, gente da colônia que vem de ônibus, do ramal e da cidade. Hoje aqui na escola, passei a ver as coisas diferente dos tempos pra trás. (Gregório, 2023. Aluna da EJA).

Thompson afirma que a História Oral “devolve a história às pessoas em suas próprias palavras, e ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. (Thomson, 1998, p.337). De acordo com Portelli, ao utilizarmos as fontes orais temos possibilidade de construção de uma história em aberto, criando “texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores”, como propõe (Portelli, 1997, p. 27).

Deste modo, reforça-se a importância de adequar a oferta do Novo Ensino Médio para a EJA, de maneira que modifique o contexto social de seus estudantes, possibilite a educação integral e desenvolva um ensino cada vez mais qualitativo e corresponda sempre às demandas e anseios de cada estudante desta modalidade (Acre, 2021, p.60).

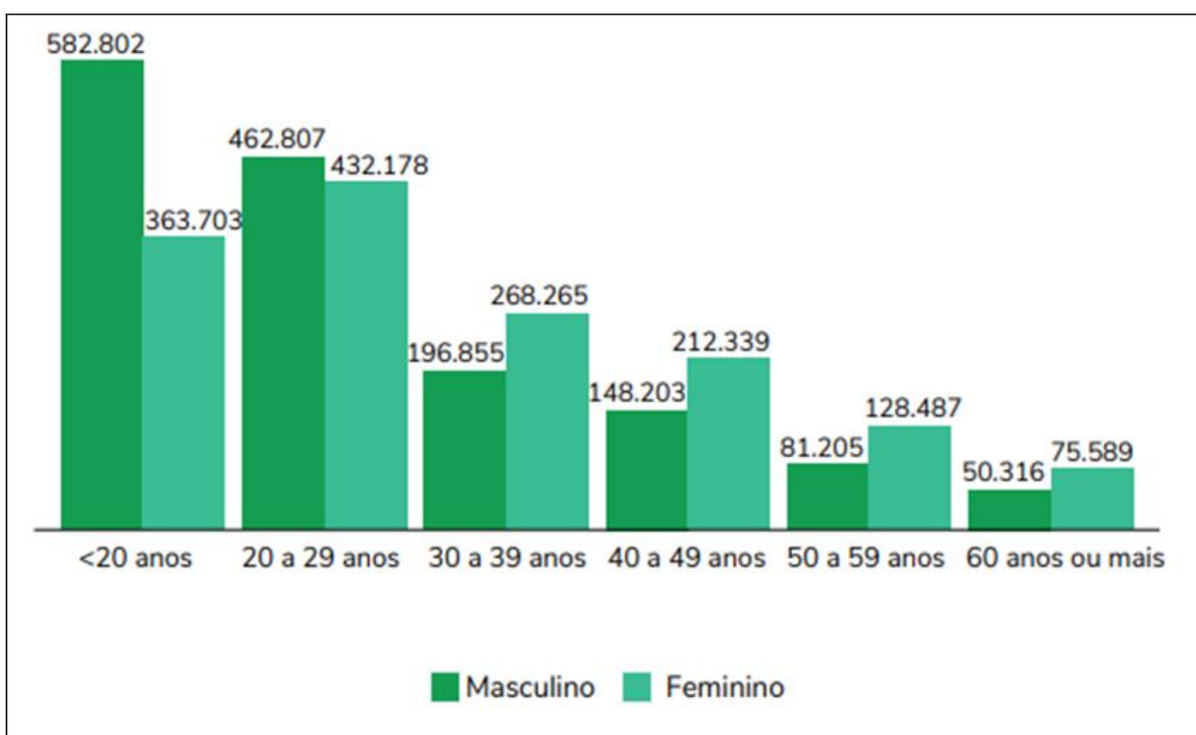
Cabe ressaltar que o Novo Ensino Médio para EJA, no Acre, ainda não foi completamente implantado nesta modalidade de ensino, fazendo com que tomássemos como base para a proposta da atividade didática a matriz curricular vigente, de 2008, com ajustes realizados pela Secretaria de Educação em 2023.

### **3.2 Por que ensinar história das mulheres na EJA?**

Por que ensinar História das mulheres na educação de Jovens e Adultos? Por vezes, na experiência em sala de aula, nós professores somos questionados pelos alunos sobre o motivo de estudarem História. Essa questão tem raízes profundas na historicidade da disciplina, nos diferentes objetivos que assumiu no decorrer do século XIX e XX (Bittencourt, 2007). Porém, consideramos que anterior a uma resposta aos alunos, o professor deve ter bem fundamentado suas próprias motivações. Pois, se não há segurança acerca dos objetivos de nossa prática enquanto professores, como pode-se esperar que o aluno perceba sentido naquilo que está sendo proposto que aprenda? Boa pergunta. Pois, diante dos dados do Censo da Educação Básica e do Censo Escolar (Brasil, 2021), que são deveras preocupantes, precisamos responder essa indagação.

A EJA é composta, predominantemente, por alunos com menos de 30 anos, que representam 61,3% das matrículas. Nessa mesma faixa etária, os alunos do sexo masculino são maioria, representando 56,8%. Por outro lado, observa-se que as matrículas de estudantes acima de 30 anos são predominantemente compostas pelo sexo feminino, representando 59,0%, como observamos no gráfico 3:

Gráfico 3 – Número de matrículas na educação de jovens e adultos, segundo a faixa etária e o sexo – BRASIL – 2020



Fonte: Elaborado por Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica.

Com base nos dados do Censo da Educação Básica e do Censo Escolar (2020), o número de matrículas da educação de jovens e adultos (EJA) segue em tendência de queda, reduzindo 8,3% no último ano e chegando a 3,0 milhões em 2020. E as escolas de pequeno porte (até 50 matrículas) são mais encontradas nas regiões Norte (36,9%) e Nordeste (25,4%). Os estados com o maior percentual de escolas de pequeno porte são Acre (48,2%), Roraima (44%) e Amazonas (43,8%). (Brasil, 2021, p. 9).

A reflexão sobre a prática de atuação nas salas de aula pode contribuir nesta relevante questão, ao auxiliar os professores a posicionarem sua forma de atuar sobre a realidade e perceber se como autores das aulas que constroem junto aos estudantes estão ou não distanciando do agir como ferramentas de uma escola mecanicista ou se estão movidos pela vocação. A todo momento o exercício da docência implica em escolhas!

Paulo Freire (1987) contribui com a visão que uma prática educacional, promove a liberdade, dialoga com o universo temático dos alunos. Nesta perspectiva a aula é anterior a si mesma, ocorrendo inicialmente como um futuro possível idealizado no horizonte de expectativas (Koselleck, 2006) do professor, em níveis de

possibilidades a serem percorridas. Sendo relevante a participação dos estudantes com os saberes e conhecimentos acerca do passado que possuem, fruto de suas trajetórias (Ferreira, 2018).

Candau (2008) discute que a questão cultural está no “chão da escola” e potencializa a aprendizagem ao valorizar e reconhecer cada sujeito envolvido e ao combater “todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou subalternização de determinados sujeitos socioculturais” (Candau, 2008, p.179).

A partir de nossa experiência na docência e dos aportes teóricos sobre o ensino de História, compreendemos que ele precisa ocorrer a partir da historicização do tempo presente e mobilização de conceitos históricos (Ferreira, 2018) na “incorporação da experiência histórica – do passado – ao espaço de experiência dos estudantes” (Koselleck, 2006).

Observa-se que em pleno século XXI, a ausência de igualdade de oportunidades entre mulheres e homens ainda evidencia um grande desafio para toda a sociedade brasileira. Essa desigualdade impacta em diferentes aspectos da vida das mulheres, como educação, saúde, trabalho, vida familiar, entre outros. Nesse sentido, observa-se também, que, apesar das transformações sociais que ocorreram ao longo do último século no âmbito do gênero masculino/feminino, como maior participação das mulheres no mercado de trabalho, crescente presença no ambiente escolar, maior acesso à informação, as mulheres continuam em situação de desigualdade de direitos em relação aos homens.

Inseridas nesse cenário estão as mulheres da EJA, que são atravessadas pelas experiências sócio-históricas, que retornam para a escola em busca da formação da Educação Básica e trazem para a sala de aula suas histórias, suas memórias e suas experiências de vida, constituídas de um passado de dificuldades permeadas por exclusões de direitos básicos.

Portanto, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, para o Ensino Médio, propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

Trazer a discussão da história das mulheres na floresta da Amazônia acreana é abrir uma possibilidade de reverberar a voz de todas as mulheres que empreenderam suas ações em busca da emancipação do Estado e contribuíram com

o processo de regionalização e inserção cultural no Acre. Essas mulheres são exemplos de força e resistência e cabe ao ambiente da sala de aula, enfatizar esses atos, bem como romper com os discursos hegemônicos colonizadores, e passar a dar voz aos silenciados e excluídos da história.

Enfim, ensinar História na Educação de Jovens e Adultos, partindo de uma abordagem da História das Mulheres contribui para a reflexão acerca dos vários lugares sociais ocupados pelas diversas personalidades femininas. Além disso, permite que sejam notadas as formas de dominação ainda persistentes na sociedade ajudando para a desconstrução de posturas e discursos androcêntricos (Sousa, 2019, p. 14).

### **3.3 Dialogando com mulheres seringueiras e sua relação com o currículo de história**

De que forma as mulheres seringueiras são apresentadas no ensino de História do Acre?

A História da Amazônia e Acre, em sua maioria, é resultado de uma historiografia, como analisado nos capítulos um e dois desta dissertação, cuja origem das principais narrativas está direcionada ao ciclo da borracha, tendo como sujeito de destaque o homem. Historiadores fizeram seus investimentos na história da Amazônia, porém alguns, não sabe-se se por descuidos ou intencional, deixaram de incorporar em seus escritos uma das narrativas mais importante de se conhecer, a história das mulheres na floresta do Acre e suas experiências na imensidão da floresta.

Tereza Almeida Cruz, em “O Despontar de novos horizontes para as mulheres camponesas do Acre: os muitos aprendizados” (2015), destaca que elas “estavam presentes desde o primeiro momento, inclusive participando ativamente de todo o processo de produção da borracha” (Cruz, 2015, p. 1). As mulheres dos seringais do Acre, tiveram uma importante participação dentro do processo de construção histórica do Acre. Dentro da floresta, em diversas atividades que supostamente seriam “de homens”, mulheres e crianças tiveram suas participações ativas. Muitas vezes faziam trabalhos de igual rigor em relação à força física masculina.

Como já analisado, a busca de vestígios da presença de mulheres trabalhando nos seringais tem atraído alguns estudiosos, que vêm desmistificando a

ausência das mulheres nas estradas de seringais, nos roçados, na quebra da castanha e em outras atividades do cotidiano. Cristina Scheibe Wolff, Tereza Almeida Cruz, Ligia T. L. Simonian, entre outros, são pesquisadores da atualidade que dão destaque e visibilidade a esses sujeitos históricos, sendo que Simonian, ao dissertar sobre a presença da mulher na extração da borracha, afirma: “Já não há como negar o fato de que as mulheres têm desempenhado um importante papel nesse processo produtivo”. (Simonian, 2001, p. 72).

A vida no mundo do seringal, não era uma vida com divisão de funções intransponíveis, em especial para os povos da floresta. A mulher fazia de tudo um pouco, ou de tudo bastante! Como uma vida total, integral, abrangendo todas as suas dimensões, as mulheres seringueiras viveram integralmente essas experiências senão vejamos o relato da dona Nadir Costa:

trabalhei na borracha. Agente fazia assim: você sai bem cedinho pra estrada, quando chega na árvore você risca, se tiver de riscar, mais o menos um palmo sabe, aquele risco e aí coloca a tigela, o leite cai na tigela, leite da seringueira, aí você risca todinho, tem estrada que tem até cem madeira até mais. Comecei a trabalhar com vinte tantos anos. Eu já era casada quando aprendi, porque meu pai não deixava nós trabalhar, tinha os empregados né, pra trabalhar na seringa. Ele dizia que mulher tem que trabalhar no manero. Resolvi trabalhar, mas quando me casei, nós não tinha nada e o que ele ganhava não dava pra sustentar o conforto que a gente tava acostumado. Aí eu achei melhor eu ir ajudar ele pra criar meus filhos. Eu me casei com dezessete anos, não tinha mais pai quando me casei. Aí minha mãe morreu. Quando minha mãe morreu eu já tinha casado, com pouco tempo ela morreu, aí eu tive que ajudar ele (marido) pra ver meus filhos bem. Eu trabalhava na seringa, defumava, quebrava castanha, cuidava do roçado e dos filhos também. (Costa, Nadir, 2023. Entrevista).

Neste relato, observamos que o mundo do seringal não se restringe ao cortar seringa, ainda que a extração de riqueza através da seringa seja um fator fundamental na sociedade constituída ao seu redor, e seja na extração direta do látex, seja em outros afazeres indispensáveis à vida na floresta, o protagonismo da mulher era evidente e necessário. Observa-se também no relato que quando criança e adolescente as atividades eram menos exaustivas, e, depois do seu casamento passou a pertencer a esse universo bastante imenso como “mãe-mulher-seringueira”, no qual, também trabalhar na extração do látex, pelo “riscar, muitas árvores de seringueira”, adicionado às múltiplas funções que desenvolvia na subsistência e manutenção da casa.

A história das mulheres seringueiras começa a surgir por trás de um silêncio marginalizador, através da fala e manifestações delas próprias. Na realidade elas jamais negariam sua participação no cenário, elas simplesmente carecem de quem as ouça, precisam ser instigadas por pesquisadores em busca de suas experiências de vida e de trabalho. Exemplos não faltam (vide relatos no capítulo 2) como relata dona Dona Maria Helena ao perguntada sobre quem ia para a estrada de seringas extrair o látex, respondeu que “tinha família que ia a família toda, inclusive a mulher e as filhas e ainda fazia farinhada e trabalhava no roçado”. Mesmo não indo cortar a seringa diretamente, como relatou Dona Marisa que na suas experiências “lá em casa ia só homem, mulher e criança não iam”, o trabalho de sua mãe e as irmãs em outros afazeres, roçando, plantando, brocando ao redor da casa e outras atividades domésticas, eram indispensáveis à reprodução da vida no mundo do seringal.

Isso nos leva a um diálogo com o trabalho de Marcos Montysuma e Tereza Almeida Cruz (2008), sobre essa múltipla tarefa da mulher, como ser mãe, esposa, seringueira, cuidar das crias, do roçado e ainda exercer o trabalho de parteira.

[...] uma situação que nos permite deduzir porque as mulheres sempre se referem ao cortar seringa numa estrada pequena, que cortavam umas duas estradinhas pequenas, em distinção aos homens, que cortavam estradas longas. É que as mulheres cortavam estradas pequenas para poder ficar mais tempo em casa, para poder atender aos serviços domésticos. Ainda que fizessem outros serviços pesados, se ainda cortassem estradas longas, os serviços ditos da casa, como a comida, por exemplo, não seriam atendidos a tempo de servir ao esposo que estava na chamada atividade econômica principal. (Montysuma; Cruz, 2008: 226).

Maurício Guedes de Negreiros em “família nos seringais: costumes e afazeres” (2014) expõem que:

O silêncio ensurdecedor, o triste apagar da História de histórias de mulheres e crianças que se embrenharam dentro das estradas das seringueiras, com o mesmo ímpeto dos seringueiros homens e, a bem da verdade, trabalhando muito mais que os homens — pois tinham seus afazeres corriqueiros no roçado, na casa, nas crias, entre outros — vem sendo reconhecido e combatido dentro da historiografia amazônica por pesquisadores que estão entrando mais profundamente nas memórias silenciadas e que estão fazendo grandes descobertas, principalmente quando buscam os relatos orais de pessoas que viveram este período. Dar ouvidos a essas pessoas faz toda a diferença: possibilita quebrar o silêncio no que diz respeito às mulheres e às crianças trabalhadoras nos seringais. (Negreiro, 2014, p.11)

A invisibilidade das experiências das mulheres seringueiras dentro dos seringais no ensino de História no Acre, ainda hoje, expressa a manutenção de um

processo histórico discriminatório que persiste e precisa ser superado. Essas mulheres não fazem parte da “história ensinada” sobre a formação sócio-histórica acreana!

O que se tem nas últimas décadas é a presença de historiadores, pesquisadores e professores comprometidos com a história das mulheres e a produção de novas propostas e documentos produzidos que trazem a luz a história das “Novas Amazônidas” (Torres, 2005), que nos possibilitam a reescrever uma nova história, que deve ser incorporada ao ensino de história do Acre e Amazônia.

De fato, como nos comunica Souza (2019), “por meio de narrativas que protagonizam o feminino, o ensino de história contribui para um ensino plural em que a atuação de homens e mulheres seja percebida de forma equitativa”. Portanto, deve-se “buscar compreender as possíveis mudanças, sob a ótica da experiência vivida e narrada pelos próprios sujeitos da ação histórica” (Souza, 2019 p.2). Há de se perceber que tal iniciativa, constitui-se relevante para o conhecimento histórico e acadêmico.

De outra parte, observando o novo Currículo do Estado do Acre para o Ensino Médio, a presença das mulheres é absolutamente lateral, sendo mencionada apenas uma única vez, como um “OBJETO DE CONHECIMENTO”, assim descrito: “O papel da mulher na sociedade, uma longa história pela conquista de direitos iguais” (ACRE, 2021, p. 322). Quando buscamos temas relacionados à História do Acre e dos seringais, as mulheres seringueiras são um rotundo e absoluto silêncio.

### **3.4 Dimensão propositiva**

Neste tópico, descrevo a dimensão propositiva do trabalho, que consiste em um plano de aula com duração de 10 horas aulas, divididas em 2 encontros de três horas em sala de aula, 2 encontro de uma hora, em sala de aula e duas horas aulas voltadas para as atividades de entrevistas (extraclasse).

Esse plano será disponibilizado a professores que trabalham com a história do Acre. Para que essa proposta tenha êxito, deve-se utilizar como aporte teórico metodológico a história oral, utilizando a técnica da entrevista com pessoas mais velhas, de preferência mulheres, em busca de experiências e conhecimento sobre ervas medicinais e os remédios caseiros, a intenção é possibilitar aos alunos o contato com essas experiências, obtendo informações sobre plantas medicinais, medicina



tradicional e como se davam as práticas de curas no interior da floresta. É importante lembrar que esse plano de aula pode ser utilizado tanto na Educação de Jovens e Adultos, quanto no ensino regular. A intencionalidade dessa proposta não é apenas a repetição de uma coleta de dados infundados do objeto de conhecimento (medicinais tradicionais), e sim, aprender mais sobre o objeto pesquisado, sob uma nova perspectiva.

### 3..4.1 Proposta Pedagógica

<b>PLANO DE AULA</b>	
<b>TEMA:</b> O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA FLORESTA: relatos de experiências vividas por mulheres seringueiras.	
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História	
<b>PERÍODO DE APLICABILIDADE:</b>	
<b>PERÍODO DE EXECUÇÃO:</b>	
<b>Carga Horária Prevista:</b> 10h/a, distribuídas conforme a disponibilidade da disciplina e horas aulas semanais.	
<b>TURMA:</b>	
<b>SEGMENTO:</b>	<b>MÓDULO:</b>
<b>HABILIDADES:</b>	
<p>(EM13CHS101 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</p> <p>(EM13CHS504 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.)</p>	

**OBJETO DE CONHECIMENTO:**

História, memória, cultura, identidade e diversidade; Produção do conhecimento histórico; Ser humano como ser histórico; O papel da mulher na sociedade, uma longa história pela conquista de direitos iguais.

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA:** Conhecer as memórias de mulheres seringueiras; Problematizar as relações de gênero na floresta e na construção da sociedade acreana; Identificar como se dava as práticas de curas através das plantas medicinais na floresta.

**OBJETIVOS:**

- ✓ Valorizar a vivência e experiência das pessoas mais velhas;
- ✓ Compreender o que é memória.
- ✓ Informar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito;
- ✓ Compreender que as experiências narradas das mulheres seringueiras em geral e, em especial, sobre a medicina tradicional, como essas memórias podem contribuir para aquisição de novos conceitos e conhecimentos.
- ✓ Produzir material didático mediante o conhecimento adquirido pelos alunos, que possa ser acessado por outros pesquisadores.

**Recursos Didáticos necessários:**

- Cópias dos textos que serão utilizados em sala;
- Data show;
- Notebook;
- Celulares;
- Computadores com internet
- Documentário “Seringueiras”
- Papel A4;
- Impressora;
- Revistas, livros e ebooks

**SITUAÇÕES DE APRENDIZAGENS****1ª Aula****Total de horas: 3hs/a**

1º Momento - Deve-se instrumentalizar os alunos de informações sobre “O Segundo Ciclo da Borracha na Amazônia/Acre e o fluxo migratório”, fazendo um recorte da história da migração dos trabalhadores e das trabalhadoras recrutados pelo exército brasileiro para virem a Amazônia produzir borracha para os Estados Unidos se manter na Segunda Guerra Mundial, pois o Brasil deu sua contribuição, durante a Guerra enviando homens em batalha e outros e outras foram recrutados para o corte da seringa para produção da borracha consumida na fabricação de material bélico. Destacar que homens e mulheres vieram para a região e ambos trabalharam na extração do látex. Deve-se possibilitar diálogo aberto, para que os alunos possam expressar-se sobre o assunto, expondo o conhecimento que cada um tem sobre o tema, lembrando que em sua maioria esses alunos, são filhos ou netos desses trabalhadores e trabalhadoras.

Em seguida, deve-se apresentar a proposta pedagógica aos alunos, observando, se há interesse e conhecimento prévio sobre a temática a ser pesquisada. A partir de então o professor(a) deve destacar os objetivos da pesquisa e a metodologia da história oral a qual será utilizada pelos e pelas discentes nas suas atividades.

Para esclarecer e contribuir com a utilização da história oral como atividade pelo corpo discente, deverá ser projetado, em sala, o vídeo “Como utilizar a história oral para preservar memórias? Carla Lira Santos” (<https://www.youtube.com/watch?v=S1QA51ubxQU> ) (Santos, 2021), que oferece breves orientações sobre como realizar uma entrevista e a elaboração do roteiro de perguntas, entre outros cuidados.



Como utilizar história oral para preservar memórias? Carla Lira Santos  
#ArquivoNossodeCadaDia

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1QA51ubxQU>

**2º Momento** - Fazer a leitura coletiva de uma pequena apresentação do documentário “Seringueiras” retirada do portal de notícias web “A Gazeta do Acre.com” (A Gazeta do Acre.com, 2022) (disponível em: <https://agazetadoacre.com/2022/08/noticias/geral/documentario-seringueiras-retrata-historias-de-luta-de-mulheres-na-amazonia/>), cuja intenção era propiciar uma familiarização com o assunto e a entrevista, mostrar para eles o quanto é possível realizar pesquisa.

<https://agazetadoacre.com/2022/08/noticias/geral/documentario-seringueiras-retrata-historias-de-luta-de-m>

AGAZETA DO ACRE

GAZETA R\$ 3,99M Ouça agora 18 de junho de 2024

## Documentário ‘Seringueiras’ retrata histórias de luta de mulheres na Amazônia

A produção, ainda em fase de desenvolvimento, promoverá uma apresentação prévia do filme, nesta sexta-feira, 8, às 17 horas, em Rio Branco

por Assessoria - 23/08/2022

“Eu cortava seringa, quebrava castanha, brocava, derrubava os pau mais fino, tocava fogo, plantava, colhia... Às vezes eu penso: como foi que eu aguentei?”, conta Dona Maria, uma das protagonistas do documentário “Seringueiras”.

Fonte: A Gazeta do Acre.com, 2022

Na sequência, fazer a exibição do documentário “Seringueiras”, idealizado pelo ativista acreano Abrahim Farhat.



Vídeos Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=kH0mb4j2r64> .

Neste momento, deve-se permitir que os alunos(a) comentem sobre suas percepções sobre o vídeo, fazendo inferências sobre o assunto apresentado. Expôr aos alunos que a pesquisa que irão realizar é semelhante a que acabaram de assistir, deve-se assegurá-los, que a atividade que irão realizar é importante e possível de ser realizada por eles. Deixar claro que a pesquisa pode ser apresentada em vários formatos (visuais, verbais, sonoras e gestuais), e vídeos-minutos (podcasts), e-book e outros, conforme a escolha do grupo.

O documentário foi idealizado pelo ativista acreano Abrahim Farhat, falecido em maio de 2020. Após um reencontro com uma ex - seringueira, que havia conhecido a bastante tempo, Abrahim Farhat, teve a brilhante ideia de resgatar a memória de mulheres acreanas que deram sua contribuição para o desenvolvimento dos seringais do Acre. Dona Maria, como era chamada, frequentava as Oficinas de Expressão Livre Artística do Centro de Convivência e Cultura Arte de Ser, na cidade de Rio Branco Acre.

Abrahim Farhat propôs uma parceria com o psicólogo e fotógrafo Fabiano G. de Carvalho para juntos seguir com o Projeto de registrar sobre a história de luta nos seringais sob a perspectiva das mulheres.

Em 2017, iniciaram-se as primeiras articulações para a produção do documentário. Em 2018, a socióloga e artista Amanda Schoenmaker se juntou ao projeto para produzir os primeiros registros em áudio, vídeo e foto. Em 2019, iniciou-se a captação de imagens de um primeiro encontro entre as protagonistas, com a parceria de amigos profissionais do cinema. Em 2020, a jornalista e documentarista

Maria Emília Coelho foi convidada para contribuir na produção, roteiro e direção. Em 2022, o projeto foi contemplado com recursos do Edital 001/2021 do Fundo Municipal de Cultura, área de Arte, da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer Garibaldi Brasil, da Prefeitura de Rio Branco, para avançar nas etapas de captação de imagens, roteiro e edição. Com a divulgação do teaser, a equipe pretende alavancar a captação de recursos para sua finalização.

**2ª Aula****Total de aula: 3h/a**

1º Momento - Dividindo as tarefas com os alunos.

Este é o momento de divisão de tarefas. Deve-se organizar os alunos em pequenos grupos, ou individual se preferir, sendo que todos os alunos devem ser inseridos. Esse é um momento importante de acolhimento para que todos os alunos(as) sejam envolvidos na atividade. Use sua criatividade.

2º Momento - Elabore com os alunos, um roteiro de perguntas e um termo de consentimento de depoimento oral. Após ter o roteiro pronto, promova uma simulação na qual você será o entrevistado e os alunos, os entrevistadores. Nesse momento, crie situações possíveis de serem vividas numa entrevista para ver como os alunos se saem. Ao finalizar a aula, deve-se fazer uma resenha sobre a aula do dia, estimulá-los a utilização de redes sociais para planejar e estruturar melhor a atividade.

Nesta proposta didática você professor(a), deverá orientar seus alunos a localizarem pessoas que tenham vivido em seringais e que tenham experiências com plantas medicinais e remédios caseiros.

Da mesma forma é necessário ressaltar os aspectos éticos e cuidados na realização, registro e utilização das entrevistas. Deverá ser apresentado o Termo de Consentimento (segundo o modelo abaixo, mas podendo ser adaptado) à turma e cada discente deverá solicitar o seu preenchimento e assinatura das pessoas a serem entrevistadas.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE  
 DIVISÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA  
 ESCOLA ARGENTINA PEREIRA FEITOSA

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, autorizo a utilização da minha narrativa para produção de material didática, permito também que esses dados sejam utilizados para qualquer fim educacional.

Capixaba Acre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da entrevistada

**3ª Aula – Extraclasse**

**Total de aula: 2h/a**

Realização da entrevista. Pedir aos alunos que no dia da realização da entrevista verifiquem se todos os instrumentos necessários para a realização da entrevista estão disponíveis: celular/filmadora/gravador e roteiro da entrevista. Os alunos deverão ser orientados sobre: quem fará as perguntas; deverão estar cientes da ordem em que deverão se pronunciar; pedir a assinatura do termo de consentimento a entrevistada ao término da entrevista; transcrever as narrativas na íntegra, com cuidado para não perder a essência e características peculiares; se a entrevista for em formato de áudio ou vídeo, deve-se realizar a produção e edição dos mesmo.

**4ª Aula**

**Total de aula: 1h/a**

1º Momento - Nesta quarta aula, deve-se agendar a sala de informática e biblioteca para que os alunos possam realizar as tarefas necessárias (digitação, impressão e outros). Cabe mencionar que neste encontro pode-se utilizar vários exemplos de atividades: o professor(a) poderá pedir aos alunos(a), que pesquise o nome científico das ervas e plantas mencionadas pelas entrevistadas, a forma de uso e indicação, podem dessecarem ervas, organizar a amostra das plantas e ervas através de planilhas, cartazes, vídeos, ebooks e outros, conforme o interesse e as

habilidades da turma. É importante o Professor(a) auxiliar os alunos(as) a se organizarem para a culminância do trabalho, bem como, fazer uma listagem do que ainda precisa para o último encontro.

De acordo com a BNCC (2018 p. 475) “é preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais”.

### **5ª Aula**

**Total de aula: 1h/a**

Momento destinado a culminância/apresentação do trabalho realizado pelos alunos. Você, professor(a), deve usar sua criatividade na realização do evento. Dicas: os alunos podem convidar as entrevistadas para estarem presente no evento, podem convidar outras turmas ou seus familiares para assistirem. É um momento único, podendo ser realizado nas dependências da escola, em ambiente externo, ou na própria sala de aula.

### **AVALIAÇÃO:**

Serão avaliados: Conhecimentos prévios trazidos pelos alunos; interação entre os alunos; compromisso com a pesquisa, conhecimento adquiridos ao longo da pesquisa, demonstração do produto final e, a autoavaliação oral e escrita, feita por eles sobre o que aprenderam.

### **3.4.2 Proposta pedagógica e execução do plano de aula.**

O plano de aula “O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA FLORESTA: relato de experiência vivida por mulheres seringueiras do acre”, foi executado no quarto bimestre do ano letivo de 2023, em duas turmas da Educação de Jovens e Adultos EJA, Ensino Médio, Módulo III, da Escola Argentina Pereira Feitosa, no município de Capixaba estado do Acre. O Plano de Aula foi inserido dentro do conteúdo “O Segundo Ciclo da Borracha na Amazônia/Acre e o fluxo migratório”, conteúdo sugerido pelo Currículo de Referência Único do Acre.



Diante da proposta buscamos alcançar alguns objetivos, entre eles: Introduzir a história de vida de mulheres seringueiras, empreendendo que toda a memória humana tem uma história; perceber que a oralidade, objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado; compreender o que é memória e vivências; observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito; compreender que as experiências narradas sobre a medicina tradicional, podem contribuir para aquisição de novos conceitos e conhecimentos; Produzir material didático mediante o conhecimento adquiridos pelos alunos, que possa ser acessado por outros pesquisadores. Através dos objetivos propostos, pensou-se na possibilidade real de utilizar a história oral como metodologia de investigação histórica, bem como fonte de conhecimento histórico, além de estabelecer uma estreita relação entre o ensino de história e a pesquisa.

Para elaborar essa proposta pedagógica, foi necessário escolher qual público seria selecionado, metodologia utilizada, instrumentos e técnicas, que perguntas deveriam ser feitas (estruturadas ou semiestruturadas), tratamento com os dados, análise dos dados, tempo de execução e culminância da proposta.

Para que o desenvolvimento das habilidades propostas se tornasse executáveis e dinâmicas, as novas tecnologias educacionais e suas diversas ferramentas foram importantes, mas não podem ser vistas como o ator principal no processo de aprendizagem. Assim, “ofertar estas ferramentas é garantir a democratização do acesso a uma mediação crítica, em uma sociedade informacional em que os objetos sociotécnicos e as novas mídias transitam em diferentes campos sociais”. (Acre, 2021 p. 291).

Diante da temática abordada, inserimos a proposta pedagógica, seguindo alguns passos: Primeiramente apresentamos a proposta aos alunos, para sentir o clima de interesse, se era viável tendo em vista que em sua maioria são alunos trabalhadores e trabalhadoras oriundos da zona rural, bem como, observar se os alunos(as) da zona urbana demonstram também interesse pelo tema.

Após a receptividade positiva, partimos para o segundo passo: Introdução da história do Acre, como pano de fundo e contexto histórico da pesquisa. Em seguida trabalhamos aspectos relacionados à história oral, explicando o que é, a importância dessa proposta de investigação, quais são seus objetivos, as questões mais importantes e outros. Na sequência trabalhamos as perguntas que seriam utilizadas na entrevista; depois a seleção dos entrevistados e, por último, como se daria a

análise das entrevistas e a culminância (apresentação do trabalho em sala de aula). Assim, no decorrer do texto, apresentamos toda a estrutura do projeto e suas fases.

Como explicitado anteriormente, uma preocupação para o professor de história está relacionada ao fato de que os alunos da EJA, muitas vezes, ainda não têm a total compreensão da importância de estudar a disciplina de história. E dessa forma, torna-se um desafio constante para os professores de história, utilizar métodos pedagógicos que propiciem aos alunos uma compreensão de que a história é uma disciplina elementar para compreensão da realidade em que eles vivem.

Ao trabalharmos temas relacionados à cultura das mulheres seringueiras, consideramos relevante neste cenário histórico. Todavia pretendemos possibilitar aos estudantes, dialogar com essas vivências, investigando principalmente as práticas de curas através da medicina tradicional utilizadas na floresta.

Nesta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa e utilizamos as histórias de vida orais como instrumento de investigação, visando compreender as significações multiculturais que os alunos da EJA atribuem às suas aprendizagens. Os vinte e dois alunos participantes, do III Módulo da Eja do Ensino Médio, com idades entre 22-65 anos. Dos vinte e um alunos matriculados neste módulo ou etapa, quinze são mulheres, acima de 30 anos de idade. Essa diversidade de idade, sexo e interesses, tornaram o ambiente investigado mais rico e diferenciado.

Schwartz (2010, p.13 apud Andrade, Maurício, 2016, p. 1), assinala que as turmas da EJA também “[...] acolhem sujeitos com nível cultural e educacional diferenciado, o que faz do espaço de sala de aula um ambiente rico e marcado pela diversidade, em que o foco está nas práticas comprometidas com a igualdade, solidariedade e sustentabilidade”.

Ao utilizarmos as histórias de vida como instrumento de investigação pode-se perceber como essas mulheres narram suas experiências e aprendizagens, e suas histórias de desenvolvimento pessoal e até mesmo profissional. Diante dessas narrativas, encontramos um conjunto de características semelhante ao contexto vivenciado pelos alunos pesquisadores os quais aprenderam e utilizam-se dos saberes e da cultura tradicional nos dias atuais.

Alice Casimiro Lopes (1997) define o saber como conhecimento plural e multifacetado, segundo a autora esses conhecimentos perpassam as academias e centros de pesquisa, está presente nos movimentos políticos organizados, em nossas ações cotidianas. A cultura, todavia, é concebida sob a perspectiva da pluralidade

como forma de combate à tendência dominante de uniformizar as diferenças culturais, constituindo hierarquias culturais, como no caso entre cultura culta e cultura popular. Como diferentes saberes possuem contextos nos quais atuam, devem se considerar as disputas e ocultamentos que surgem no interior desta convivência entre contextos e suas respectivas culturas.

Diante do exposto, esta proposta pedagógica se torna importante tendo em vista que as mulheres foram protagonistas da aquisição de culturas envoltas nos seringais, da produção, do trabalho que sustentou e proveu homens em batalha, mantiveram ininterrupta e em expansão a economia da borracha, além de:

trabalharem no corte, na coleta, e defumação do látex; nos roçados, na agricultura de subsistência, nas caças e pescas, sem isentarem-se do trabalho doméstico, do zelo e a assistência aos filhos, sobretudo, os pequenos. Embora, considerados trabalhos masculinos, pesados e árduos, os trabalhos das mulheres na economia gomífera perduraram ao longo do século XX. (Souza 2010, p. 30)

Entretanto, sabemos que nem todas as mulheres que moraram nos seringais passaram pela vivência do trabalho direto com a produção da borracha mesmo estando diante da cultura de um seringal, mesmo sendo seringueira (Souza, 2010, p.31). Mas em relação à cultura tradicional sempre estavam inseridas.

Diante desse arcabouço cultural adquirido, as atividades femininas tiveram pouca ou nenhuma valorização, ainda que essas mulheres tenham uma rotina de trabalho extremamente cansativa, também eram curandeiras, parteiras e desenvolviam a arte de produzir remédios caseiros eficazes, conforme apontam às fontes e as narrativas das entrevistadas (Dona Brito, 2020, p. 5).

Tendo o supracitado como base, tem-se que as mulheres eram multifacetárias, contribuindo de maneira direta nos cuidados com a saúde da comunidade do seringais e região.

Para tanto a escola que acolhe jovens e adultos deve ser um espaço que permita a esses estudantes:

compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história; combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença; valorizar sua participação política e social e a dos outros, respeitando as liberdades civis garantidas no estado democrático de direito;

e construir projetos pessoais e coletivos baseados na liberdade, na justiça social, na solidariedade, na cooperação e na sustentabilidade (Brasil, 2013).

Assim, no Ensino Médio, o estudo dessas categorias deve possibilitar aos estudantes compreenderem os processos identitários marcados por territorialidades e fronteiras em históricas disputas de diversas naturezas, mobilizar a curiosidade investigativa sobre o seu lugar no mundo, possibilitando a sua transformação e a do lugar em que vivem, enunciar aproximações e reconhecer diferenças ((Brasil 1998, p. 37).

Para tanto nesta proposta, nos baseamos na habilidade da BNCC: (EM13CHS101 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais; (EM13CHS504 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.).

Nessa perspectiva, não é possível pensar em realizar um ensino meramente superficial, mas um ensino que, de fato, tenha na aprendizagem o desenvolvimento significativo através de ampla mudança nas propostas metodológicas aplicadas em sala, como prevê a BNCC: “Ressignificar os conteúdos curriculares como meios para constituição de competências e valores, e não como objetivos do ensino em si mesmos” (Brasil 1998, p. 37).

Alinhado a BNCC, o Currículo de Referência Único do Acre preconiza o acolhimento de práticas pedagógicas que levem em consideração “O compromisso com a formação e com o desenvolvimento humano integral em todas suas dimensões (intelectual, física e afetiva); a “urgência de construir uma escola como um espaço para a aprendizagem da cultura e da democracia, que responda ao desafio da formação do estudante para atuar em uma sociedade altamente marcada pela tecnologia e pela mudança” (Brasil, 1998, p. 38). Ainda propõe o “acolhimento das pessoas em suas diversidades e singularidades, o combate à discriminação e ao preconceito em todas as suas expressões, o respeito às diferenças pessoais, sociais, linguísticas, históricas e culturais”. (Brasil, 1998, p. 38).

### 3.4.3 Aplicação e Resultados

#### Plano de Aula

**TEMA:** O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA FLORESTA: relatos de experiências vividas por mulheres seringueiras.

**CONTEÚDO:** O Segundo Ciclo da Borracha na Amazônia/Acre e o fluxo migratório.

**COMPONENTE CURRICULAR:** História

**PERÍODO DE APLICABILIDADE:** 4º Bimestre

**PERÍODO DE EXECUÇÃO:** 20/11/2023 a 22/12/2023

**Carga Horária Prevista:** 10h/a, distribuídas em 2 encontros semanais de 3hs em sala de aula + 2 encontros de 1h em sala de aula + 2h/a para a realização das Entrevistas (extraclasse).

**SEGMENTO:** 3º SEGMENTO

**MÓDULO:** III do Ensino Médio EJA

#### HABILIDADES:

(EM13CHS101 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS504 - Currículo de Referência Único do Acre - Novo Ensino Médio - 2021) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.)

**OBJETO DE CONHECIMENTO:** História, memória, cultura, identidade e diversidade; Produção do conhecimento histórico.

Ser humano como ser histórico. O papel da mulher na sociedade, uma longa história pela conquista de direitos iguais.

**COMPETÊNCIA ESPECÍFICA:** Conhecer as memórias de mulheres seringueiras; Problematizar as relações de gênero na floresta e na construção da sociedade acreana; Identificar como se dava as práticas de curas através das plantas medicinais na floresta.

**OBJETIVOS:**

- ✓ Valorizar a vivência e experiência das pessoas mais velhas;
- ✓ Compreender o que é memória.
- ✓ Observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito;
- ✓ Compreender que as experiências narradas das mulheres seringueiras em geral e, em especial, sobre a medicina tradicional, como essas memórias podem contribuir para aquisição de novos conceitos e conhecimentos.
- ✓ Produzir material didático mediante o conhecimento adquiridos pelos alunos, que possa ser acessado por outros pesquisadores.

**Recursos necessários:**

- ✓ Cópias dos textos que serão utilizados em sala;
- ✓ Data show;
- ✓ Notebook;
- ✓ Celulares;
- ✓ Computadores com internet
- ✓ Documentário “Seringueiras”
- ✓ Papel A4;
- ✓ Impressora;
- ✓ Revistas, livros e ebooks

**AValiação:**

Foram avaliados: Conhecimentos prévios trazidos pelos alunos, interação entre os alunos; compromisso com a pesquisa, conhecimento adquiridos ao longo da pesquisa, demonstração do produto final e, a autoavaliação oral e escrita, feita por eles sobre o que aprenderam.

#### 4. SITUAÇÕES DE APRENDIZAGENS (RELATÓRIO)

##### 1ª AULA

Buscou-se instrumentalizar os alunos de informações sobre “O Segundo Ciclo da Borracha na Amazônia/Acre e o fluxo migratório”, fazendo um recorte da história da migração dos trabalhadores e das trabalhadoras recrutados pelo exército brasileiro para virem para a Amazônia produzir borracha para os Estados Unidos se manter na Segunda Guerra Mundial, pois o Brasil deu sua contribuição, durante a Guerra enviando homens em batalha e outros e outras foram recrutados para o corte da seringa para produzir a borracha consumida na fabricação de material bélico. Enfatizamos que homens e mulheres vieram para a região e ambos trabalharam na extração do látex.

Possibilitamos o diálogo aberto, para que os alunos pudessem se expressar sobre o conhecimento que cada um tem sobre o assunto, pois em sua maioria são filhos/filhas ou netos/netas desses trabalhadores e trabalhadoras. Em seguida, apresentamos a proposta pedagógica aos alunos, observando se havia interesse e conhecimento prévio sobre a temática a ser pesquisada. Também foi apresentado o objetivo da pesquisa e a metodologia que seria utilizada; explicou-se, calmamente, sobre a importância do diálogo com essas vivências, sobre o local da pesquisa, expondo que a pesquisa poderia ser realizada com pessoas do convívio familiar do aluno(a); explicou-se, também, o que iriam investigar, qual seja, as práticas de curas através da medicina tradicional utilizadas na floresta. Ainda na mesma aula os alunos assistiram ao vídeo “Como utilizar a história oral para preservar memórias? Carla Lira Santos” (<https://www.youtube.com/watch?v=S1QA51ubxQU> ) (Santos, 2021), sobre como realizar uma entrevista e a elaboração do roteiro de perguntas para sua realização.



Como utilizar história oral para preservar memórias? Carla Lira Santos

#ArquivoNossodeCadaDia

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1QA51ubxQU>

Antes de iniciar o roteiro das perguntas, fizemos a leitura coletiva de uma pequena apresentação do documentário “Seringueiras” retirada do portal de notícias web “A Gazeta do Acre.com” (A Gazeta do Acre.com, 2022) (disponível em: <https://agazetadoacre.com/2022/08/noticias/geral/documentario-seringueiras-retrata-historias-de-luta-de-mulheres-na-amazonia/>) cuja intenção era propiciar uma familiarização com o assunto e a entrevista, mostrar para eles o quanto é possível realizar pesquisa.



Fonte: A Gazeta do Acre.com, 2022. Acesso maio 2023.

Após discutir o texto referente à sinopse, exibimos o documentário.





Aspecto do Documentário Seringueiras

Vídeos Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=OHaNjCPXp8A&t=456s>.

Na sequência, abriu-se para o diálogo, onde os alunos(a) tiveram sua participação sobre o que observaram, fazendo inferências sobre o assunto e muitas perguntas. Após o diálogo sobre o vídeo, foi explicado que a pesquisa que iriam realizar é semelhante àquela que acabaram de assistir. Deixando claro que a pesquisa que eles elaborariam poderia ser apresentada em vários formatos (visuais, verbais, sonoras e gestuais), e vídeos-minutos (podcasts), Ebook e outros, conforme a escolha do grupo.



Imagens 01- primeiro aula discutindo a proposta

## 2ª AULA: Dividindo as tarefas com os alunos

Dividi as tarefas em pequenos grupos, com bastante atenção para não excluir nenhum aluno(a), nesse formato conseguir envolver todos os alunos(as), em diferentes ações, todas centradas na possibilidade de observar, conhecer, analisar, comparar, ler e produzir textos.

Iniciamos elaborando coletivamente, com a turma, presencialmente, o roteiro de perguntas, que consistiu em um tópico de identificação da entrevistada e três perguntas específicas no “Roteiro de Entrevista” (ver abaixo), o qual seria posteriormente utilizado pela turma nas entrevistas com mulheres idosas conhecidas deles.



**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE  
DIVISÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -EJA  
ESCOLA ARGENTINA PEREIRA FEITOSA**

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### **IDENTIFICAÇÃO**

Nome:

Idade:

Data do nascimento:

Quantos anos morou no seringal:

Qual seringal morou?

Quantos filhos a senhora teve? Quantos nasceram no seringal?

#### **PERGUNTAS**

1. Gostaria que a senhora nos falasse sobre o que era feito quando uma pessoa adoecia no seringal?

2. Quais ervas a senhora usava como remédios caseiros? A senhora ainda usa remédio caseiro? Quais tipos (chá, lambedor, cozimento)?

3. Gostaria que a senhora nos contasse uma experiência de cura através de remédios caseiros, na época que a senhora morava na floresta.

Assinatura da equipe:

Após ter o roteiro pronto, iniciamos o contato e o agendamento das entrevistas. Combinamos com os grupos sobre as datas das visitas. Em seguida, foi definido o que precisaria e como seria a dinâmica da entrevista:

- I. Como se comportar diante da entrevistada, questões éticas?
- II. Quem faria as perguntas?
- III. Como seria a gravação, e quem ficaria responsável por essa tarefa?
- IV. Quem faria as transcrições?
- V. Organizar e seguir um roteiro de agendamento com o professor(a) ou pessoa responsável para acompanhar a atividade, caso seja necessário, e quem iria ficar responsável pela assinatura do termo de consentimento?

Ressaltamos os aspectos éticos e cuidados na realização, registro e utilização das entrevistas. A turma tomou conhecimento do Termo de Consentimento e cada discente foi orientado a solicitar o seu preenchimento e assinatura das pessoas a serem entrevistadas.



**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE  
DIVISÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -EJA  
ESCOLA ARGENTINA PEREIRA FEITOSA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

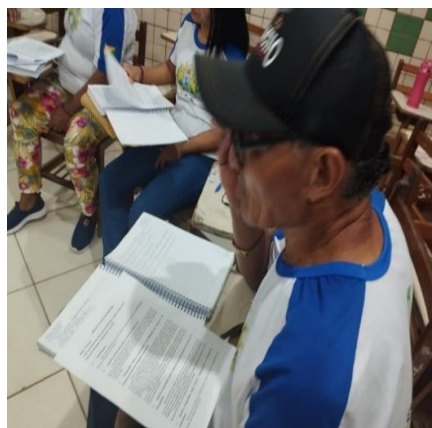
Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, autorizo a utilização da minha narrativa para produção de material didática, permito também que esses dados sejam utilizados para qualquer fim educacional.

Capixaba Acre, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da entrevistada

No segundo momento da aula, realizamos o ensaio com as duplas de entrevistadores: Dica 1: promovemos uma simulação na qual a professora era colocada como entrevistada e os alunos(as), como os entrevistadores, criando situações possíveis de serem vividas numa entrevista para ver como se saíam.

Ao finalizar a aula, realizamos uma resenha sobre a aula do dia, estimulando-os a utilizarem a ferramentas digitais para planejar, estruturar e executar as tarefas planejadas, pois na EJA é necessário sempre realizar uma síntese das atividades do dia.



Imagens do Imagem do segundo encontro

### **3ª Aula – Extraclasse**

Momento da realização da entrevista. Foi solicitado aos alunos e às alunas que no dia da realização da entrevista verificassem se todos os instrumentos necessários para a realização da entrevista estariam disponíveis: celular/filmadora/gravador e roteiro da entrevista. No momento da entrevista, foi orientado aos alunos, caso achassem pertinente, fazerem outras perguntas, poderiam fazer, entretanto, fazer isso com cuidado e que não causasse constrangimentos à entrevistada.

Ao término da entrevista, os responsáveis pela equipe pediram que a participante assinasse o termo de consentimento. Em seguidas, realizaram a transcrição das narrativas das entrevistadas, com cuidado para não perder a essência e características peculiares.

Alguns discentes registraram a entrevista em formato de áudio; outros optaram por fazer o registro em vídeo o que demandou posterior edição (Imagens abaixo com aspectos das entrevistas gravadas em vídeo).



Imagem: Dona Noémia Carvalho  
de Almeida, 78 anos. Capixaba, 2023.



Imagem: Dona Maria Francisca D'Avila,  
de Almeida, 80 anos, 2023.

#### 4ª Aula em sala de aula:

Nesta quarta aula, agendamos a sala de informática para que os alunos pudessem realizar as tarefas que ainda estavam pendentes, isso porque, de acordo com a BNCC (2018 p. 475), “é preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais”.

Nesta aula os alunos(as) realizaram pesquisas direcionadas ao nome científico de plantas, forma de uso e indicação. Outras duplas, utilizaram o material pesquisado e transformaram em planilhas, dessecação de plantas, cartazes e vídeos. Outros trabalharam na produção de um ebook sobre plantas medicinais mencionadas pelas entrevistas. Essa aula estendeu-se os três horários. Ao encerrarmos a aula do dia, e guardar os materiais, fizemos uma listagem do que ainda precisaria para o último encontro.





Imagem: sala de informática da escola

### 5ª Aula em sala

Momento da culminância e avaliação do trabalho realizado. A culminância foi realizada por meio de apreciação das produções culturais, no formato de exposição do trabalho dos alunos, onde cada dupla de entrevistadores fizeram uma síntese da pesquisa. Este foi um momento curioso, houve duplas que apresentaram as narrativas transcritas e apresentação de uma erva medicinal escolhida pela dupla. Outros apresentaram as narrativas escritas em forma de portfólio, outros apresentaram a entrevista em vídeo e outra turma produziu um ebook digital sobre as 10 ervas utilizadas pelas entrevistadas.

Alguns Materiais produzidos pelos alunos:

Equipe 01



Equipe 02



## Equipe 03



Organizadora: Professora Angela Paula  
 Coordenação Pedagógica: Luzia Gomes  
 Gestores: Afonso Barros e Patrícia Macedo

## Pesquisadores:

ALESSANDRA MAIA DE OLIVEIRA  
 BRUNA LETÍCIA DE MORAES  
 CLEICIANO ARAUJO DOS SANTOS  
 DALVAN NABI  
 EDILHENO OLIVEIRA DA SILVA  
 EMILLY BARBOSA DA SILVA  
 FELIPE OLIVEIRA CARDOZO  
 FELIPE RIBAMAR DA CUNHA  
 ILYSON MAYAM SAUL MACHADO  
 JOEL BORGES DE LIMA  
 KAROLINE DOS SANTOS GOMES  
 LARISSA DE SOUZA LINHARES  
 LARISSA REBECA RIBEIRO  
 MAICA CAMPOS  
 MATEUS CUNHA DA COSTA  
 PABLO DA SILVA BARBOSA  
 VALCICLEIA BRASIL DA SILVA  
 MATEUS DA COSTA LIMA  
 CURAS PELAS PLANTAS



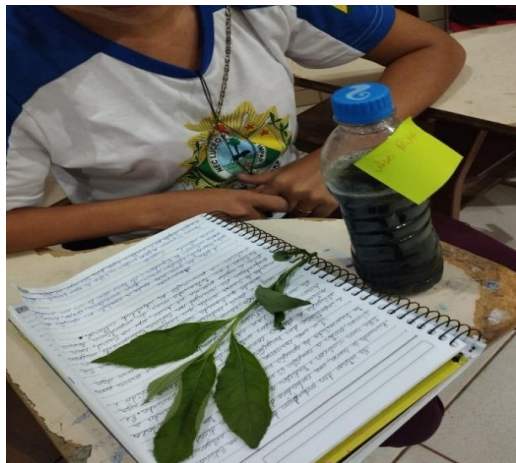
Imagem: Capa do Ebook Cura pelas plantas. Produzido pelos alunos disponível:  
<https://www.capixaba.ac.gov.br/post/eja-realiza-projeto-denominado-cura-pelas-plantas-10-ervas-medicinais-que-n%C3%A3o-podem-faltar-na-sua>.

### Equipe 04

A equipe quatro organizou cartazes apresentando as ervas usadas pelas entrevistadas, fizeram também, degustação de vários chás. Fazendo uma exposição das ervas selecionadas pela equipe.



Equipe 05 - Cada aluno levou uma erva medicinal, destacou a suas características, indicação e demonstração de chá, para a turma.



Degustação de chá

### Momento da Avaliação

Após a conclusão da proposta, a avaliação consistiu em uma roda de conversa para que todos se manifestassem sobre o momento de aprendizado. Foi avaliado: a interação; o produto apresentado; o conhecimento adquirido ao longo da pesquisa; e, a autoavaliação feita por eles sobre o que aprenderam.



Frente às discussões e reflexões, produzidas pela atividade proposta e realizada, verificou-se o real interesse dos alunos(as) pela pesquisa e discussão desta. Houve diálogo aberto e franco, ao qual os alunos além de discutirem a atividade de campo, trouxeram suas próprias histórias de vida, uma vez vivida por eles, outras vezes história narrada pela mãe, pai e avós. Como observamos na narrativa do aluno Neto:

É verdade. A gente aprende muito com os mais velhos. Sempre ouvi minha mãe falar da época que ela morou no seringal, quando a gente era pequeno, ela falava que quando alguém adoecia no seringal, era muito difícil, porque não era como hoje, qualquer coisa vai para o hospital, no seringal não, porque não tinha quem ajudasse. Ela conta que quando alguém da casa adoecia a mãe dela mandava alguém de burro não sei quanto tempo, buscar ajuda. Às vezes o remédio caseiro que fazia, as gororobas não davam certo (rir), e quando não ficava bom tinha que levar para o rezador. (Neto, 2023. Aluno do III Módulo da EJA)

Eu, até o início não tinha me interessado por esse assunto de pesquisar pessoas mais velhas, mas depois que comecei passei a me interessar. O nome da minha mãe é Marilza Lopes, ela morou nos seringais da Bolívia, ela aprendeu muito com antigos moradores, com as índias da Bolívia, ela disse que aprendeu a fazer chá de muitas ervas medicinais, que as índias ensinavam pras mulheres e essas mulheres ensinaram pra filhas dela e assim todos aprendia, foi assim que ela aprendeu. Segundo ela, o conhecimento das plantas que faziam remédios caseiros é o que curava a gente, quando alguém rezava ou usava remédio caseiro era o remédio e a fé que curava. Ela disse que usava chá de folha de laranjeira para quando a gente tinha febre e começo de gripe, chá de casca da laranja e a folha da goiabeira para diarreia e dor de barriga. Usava também, hortelã, malvarisco, cidreira e outros, também como chá e sumo. E hoje em dia, né? A gente só quer comprar remédio na farmácia. (Nabi, 2023. Aluno da EJA).

Seu Belisário tem 65 anos e está matriculado na II Etapa do Ensino Fundamental. Seu sonho é terminar o ensino médio:

Professora, tinha coisas que eu nem lembrava que passei na mata, mas com a entrevista a dona Francisca, a mulher que entrevistei. É minha conhecida de muito tempo, lá na colação Barra. Pois é, lá a gente usava todo tipo de plantas (ervas), porque lá, num sabe! a gente não tinha como vir pra rua, tudo era distante, né? Pois bem. Nesse tempo eu bebia umas cachaças, hoje não bebo mais! Pois é, eu bebia umas cachaças e no outro dia caía no chá de boldo, era tira e queda, ficava bonzinho. E a febre, naquela época a gente usava o chá da folha da laranjeira com cibalena, quando tinha. Quando eu levei esse golpe de terçado (mostra a cicatriz), tomei muito remédio caseiro. Tanto bebia, como colocava na ferida. Hoje, né? Quase a gente não vê mais gente usando remédio caseiro. Qualquer coisa corre na farmácia. (Freitas, 2013. Aluno da EJA)

Alessandra Maia, ao apresentar o resultado de sua entrevista relata:

a senhora que entrevistei, falou que era muito difícil trazer a pessoa doente pra rua, porque era longe. Mas usava ervas medicinais: o chá de hortelã que disse que serve pra cólica menstrual, resfriado, sinusite, gripe, asma, dor de cabeça e diminui o enfezo na cabeça, principalmente das crianças. (Maia, 2023. Aluna EJA).

Após a realização da pesquisa e retorno a sala de aula, houve troca de conhecimento entre os alunos, tanto oralmente quanto em forma de escrita. Alguns alunos têm dificuldade de utilizarem a oralidade como forma de expressão, portanto propomos que escrevessem sobre a atividade realizada por eles. Trago abaixo, alguns fragmentos de escritas elaboradas por alunos.

Escola Estadual Argentina Pereira Feitosa

IV MÓDULO Ensino MÉDIO EJA

Nome do aluno(a): Thaynara maia de Oliveira

Professora: Angela Paula

Data: 26/12/2023

1) Diante da pesquisa feita por você sobre as ervas medicinais, descreva com suas palavras o que você aprendeu sobre cultura tradicional, medicamentos fitoterápicos. Formulando seu próprio conceito sobre o assunto, dando exemplo de ervas que você conhece?

Eu aprendi e vi muitos ervas medicinais e descobri muita coisa sobre isso e pra que elas serve tem varios chá tipo cravo de defunto, eichura, hortela, lomemila, chá preto e varios outros a importancia desse chá são muito bom o chá de hortelã pode se utilizi zedo, para mau habito, alivio de calico menstrual, intestino, gases e varios outros coisa todos os chá são muito importante para varias doença isso e muito legal ter ervas medicinais em casa

Escola Estadual Argentina Pereira Feitosa

IV MÓDULO Ensino MÉDIO EJA

Nome do aluno(a): Barbosa de Sousa Vinhas Lima

Professora: Angela Paula

Data: 26/12/2023

- 1) Diante da pesquisa feita por você sobre as ervas medicinais, descreva com suas palavras o que você aprendeu sobre cultura tradicional, medicamentos fitoterápicos. Formulando seu próprio conceito sobre o assunto, dando exemplo de ervas que você conhece?

No estudo feito sobre, ervas medicinais aprendi que muitas plantas servem para vários problemas de saúde e conheço várias como cidreira, canela, Ansa-peixe, folha de laranja entre outras.

Antigamente como os hospitais eram de difícil acesso muitas pessoas eram tratadas com chá de ervas e isso comprovou de a melhora quando tomava, na minha casa tem vários e gosto muito de chá.

Escola Estadual Argentina Pereira Feitosa

IV MÓDULO Ensino MÉDIO EJA

Nome do aluno(a): Felipe Oliveira Cardoso

Professora: Angela Paula

Data: 26/12/2023

- 1) Diante da pesquisa feita por você sobre as ervas medicinais, descreva com suas palavras o que você aprendeu sobre cultura tradicional, medicamentos fitoterápicos. Formulando seu próprio conceito sobre o assunto, dando exemplo de ervas que você conhece?

Eu aprendi que as ervas medicinais servem muito para nossa saúde, durante muito tempo uma erva vem ajudando pessoas, conheço o chá de canela que possui propriedades calmante, regula o intestino e acelera o metabolismo, e também ajuda no controle da diabetes. São plantas que ajudam muito nossas vidas.

O conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais faz parte da cultura de povos que vivem em comunidades regionais e que têm uma relação adjacente com a natureza. Esses conhecimentos foram e são passados por gerações e, a estas, muitas vezes compete a responsabilidade para transmissão de crenças e valores, uma vez que organizam modos de vida específicos do grupo.

Diante do contexto vivido na EJA acerca da complexidade dos cenários multicultural e ambiental percebemos a necessidade de uma práxis que invista nas mudanças de práticas pedagógicas, repensando as lutas e conquistas [...] dos grupos minoritários que chegam à escola no processo de inclusão (Candau, 2008).

Cabe ao ensino de história em particular, possibilitar aos alunos a pesquisarem suas próprias histórias e de sua comunidade, promovendo valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se destes conhecimentos e experiências que lhes possibilitem entender as relações próprias do mundo em que vivem. O diálogo com experiências e vivências de pessoas idosas possibilitou o exercício da empatia, diálogo, e conseqüentemente a produção de novos valores. Na escola, a história vivida surgiu a partir das interações entre presente e passado, e o processo de aprendizagem ocorreu na forma de experiência. Ou seja, a aprendizagem se deu na transformação subjetiva do estudante, e não na velha máxima cartesiana de acúmulo de conhecimentos, informações, conceitos e memorização. Portanto, concluída essa etapa, partimos do entendimento que a metodologia aplicada foi eficiente. Evidentemente, que diante de proposta como a apresentada, há sempre algo mais que poderia ser feito. Certamente, esta proposta abre-nos possibilidades, e por óbvio não fechar questões.

Enfim, esta dissertação assim como encaminhada até aqui é resultado da necessidade em promover indagações sobre os desafios do ensino e da aprendizagem de História na escola básica, a partir do desdobramento das discussões realizadas no Mestrado Profissional em Ensino de História. Diante das disciplinas cursadas tive a oportunidade de debruçar em teses, dissertações, artigos e ensaios que foram selecionados e tornaram-se fundamentais à minha formação e escrita deste trabalho de conclusão. Cada capítulo elaborado e escrito, é nascido dessas problematizações suscitadas nas aulas da pós-graduação. Portanto, diante da expressão livre dos alunos e os resultados obtidos na proposta pedagógica aplicada, acreditamos que o ensino de História, pautado em uma metodologia tradicional,

precisa passar por um processo de modificação, uma vez que não mais é compatível com a realidade dos alunos e da sociedade atual em seus anseios, que não estão ali contemplados. Uma proposta para essa inserção de novos elementos, são as metodologias ativas associadas ao ensino de História, como meio de proporcionar envolvimento e identificação do aluno em relação a disciplina.

A atividade aqui proposta, possui elementos capazes de proporcionar tal aproximação. Através da história oral, os alunos foram capazes de desenvolver diferentes habilidades fundamentais na disciplina de História. Ao seu modo, essa atividade pode se adequar a diferentes realidades e ser replicada em outras escolas e em outras modalidades de ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação foi atravessada pela busca de reconhecer o protagonismo de mulheres seringueiras camponesas na região do Acre, com foco em suas experiências de viver na floresta amazônica sul ocidental, acreana, na busca de compreender e interpretar essas vivências e fazer chegar essas Histórias de vida, de batalha, de superação e de vitória, nos anais do Ensino de História.

Em que pese ser atribuído às mulheres o papel de figurantes, elas nunca estiveram ausentes da história. Ademais, que mesmo tendo sido esquecidas pela historiografia oficial, elas sempre estiveram e fizeram parte da história. Em resgate a esse protagonismo, aconteceu nas últimas décadas, um despertar de consciência de pesquisadoras(es) que passaram a se debruçar sobre os estudos da História das Mulheres e suas lutas em todos os processos civilizatórios.

Essa postura do historiador de perceber as mulheres como protagonistas, ensejando o aparecimento da História das Mulheres, tem levado a movimentos de renovação da própria história que, distanciando-se da história tradicional e volta-se a se preocupar por traçar um caminho interessado muito nas diferentes trajetórias, coletivas e/ou individuais, o que aplicou um olhar mais engenhoso no quadro da evolução da sociedade, gestado pelas efervescência das instituições, o que por sua vez alterou costumes, comportamentos e a própria coletividade.

Dentro desse contexto, pode-se reconhecer as novas abordagens e perspectivas históricas trazidas pela escola dos Annales, que trouxe consigo, notadamente com colaboração de outras ciências, a substituição da História simplesmente narrada, pela História – problematizada e reflexiva, e não só isso, mas trouxe para o palco do debate acadêmico a crítica às narrativas históricas tradicionais, que davam destaque à História factual ou a grandes “personagens” ou “acontecimentos”, com ênfase particularmente na história política ou econômica. Outro ponto digno de nota é o movimento feminista que desde a década de 1960, trouxe uma bandeira de luta pela necessidade de visibilizar as mulheres e o seu protagonismo na história. Com esse feito, rompeu-se a ausência e o silêncio dessas sujeitas históricas, o que colocou as lutas das mulheres no cenário do protagonismo, antes apagado pela cultura androcêntrica no decurso dos acontecimentos históricos.

Sob essa nova visão, a História tradicional que anteriormente era constituída sob o pálio dos documentos considerados fidedignos, por sua vez canonificados sob o viés do masculino, onde o papel das mulheres era permeado por sua invisibilidade, abre-se com esses movimentos para o estudo dessa ausência da mulher no palco da história, dando-lhe assim visibilidade e participação como realmente deve ser considerado pela ciência humana.

Amparado nessa postura de criticidade, a presente dissertação traz consigo o despertar de mais uma vez apresentar para a sociedade a necessidade de superar as narrativas históricas de “improdutividade” declinados às mulheres, vistas ainda como seres em silêncio por sua própria natureza, relegadas ao papel inferior na divisão do trabalho, sendo direcionada sua atuação a procriação, aos cuidados da casa, dos filhos, da agricultura, da domesticação dos animais, do servir-cuidar-nutrir, perdendo assim sua capacidade como sujeito histórico.

Superando essa visão subalternizante, vê-se, com as narrativas inseridas nesta dissertação, mulheres com atuação totalmente ao contrário do descrito pelos historiadores tradicionais positivistas, que com eloquência mantinham o controle dos fatos ao âmbito dos homens heróis, enclausurando as mulheres a papel ínfimo, e até mesmo ao silêncio histórico de séculos.

Assim, pela necessidade de ressaltar esse papel de atuação da mulher no cenário históricos, é que se destaca a narrativa de dona Maria Pereira, de 88 anos, que residiu por 25 anos nos seringais de Xapuri, notadamente quando diz:

Quando nós chegamo era tudo floresta. Nós tivemo que abrir a colocação, fizemo derrubada pra fazer a casa e daí fomo trabalhar nas estradas de seringas. Eram muitas árvres. [...] A primeira vez que fui pro corte, andamo meio-dia de ida cortando e colocano tigela pra colher o leite, e mais meia tarde pra voltar recolheno as tigelas. E não parava por aí não, quando a gente chegava ia tirar todo leite da tigela para difumar, depois eu ia me lavar e fazer a janta. No seringal era assim, todo dia a mesma coisa. Trabalho, e muito trabalho. (Pereira, Maria, 2003. Entrevista).

Do som audível declinados acima, fica cristalizado que as mulheres fazem história, sim. História que vai muito além do espaço privado de seus quartos, das quatro paredes de suas residências. Estas, por certo, são resistentes, destemidas, valentes, desassombradas, afoitas, animadas, fortes. Não há sinônimos que possam descrevê-las.

Diante da pesquisa realizada fica nítido que essas mulheres seringueiras/colaboradoras têm consciência de que o trabalho desenvolvido por elas é importante. Do registro de suas labutas, tem-se que essas caminharam por varadouros exaustivos dentro dos seringais, trabalhando para manter as suas famílias, tendo que tomar decisões importantes, e até mesmo criar estratégias de sobrevivências, se eximindo e se mantendo longe do consumo proporcionado pelo barracão, passando diversas necessidades e privações. Mas elas sempre estiveram lá.

Outrossim, que a história dessas mulheres se contrapõe aos relatos tradicionais sobre a Amazônia, que só viam em seu imaginário mulheres fantasmáticas, inexistentes, apagadas. Inobstante, elas estavam lá, cortando seringas, na quebra da castanha, defumando o látex, desbravando a mata para plantar roça!

Este estudo também expôs outras características comuns relacionadas ao modo de viver dessas mulheres. Das 13 entrevistadas, 61,6% ainda permanecem na zona rural do município de Xapuri, 38,4%, hoje residem na zona urbana, algumas por não conseguirem permanecer na zona rural pela idade, outras por vontade própria. Em relação à participação na dinâmica do trabalho, das 13 entrevistadas, 80% trabalharam diretamente no corte da seringa, quebra da castanha e atividades relacionadas à agricultura. Os 20% restantes realizaram atividades domésticas e algumas tarefas na agricultura familiar. Em relação à fé católica, 100% das entrevistadas, em algum momento socorreu-se a um Santo católico, uma reza ou uma promessa. Segundo as entrevistadas, a fé fazia parte do cotidiano no seringal. Em relação aos saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras nos cuidados à saúde, foram unânimes, 100%, relataram experiências vivenciadas por elas ou por outros em relação a práticas da reza e da benzedura. No que diz respeito aos saberes terapêuticos e medicinais, 100% das entrevistadas fizeram inferências às práticas de cura através dos remédios caseiros.

A partir dessas informações, verifica-se que é de deveras importância traçar um diálogo entre ensino de história e a inserção de questões de gênero nas salas de aula da Educação Básica. Tais reflexões são oportunas e necessárias sobretudo por considerá-las como de potencial formativo para aqueles que vão se apropriar do conhecimento externalizado na sala de aula.



Para formar o “povo” é necessário incluí-lo na história e não o educar numa escola que reforça e legitima a sua exclusão. Os alunos e alunas, precisam estudar uma história em que se percebam parte do todo e não meros figurantes no processo histórico (Fonseca, 2003).

Joan Scott (1992) infere que “reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como verdadeiros, ou pelo menos, como reflexão acuradas sobre o que aconteceu no passado” (Scott, 1992, p. 77).

A presente reflexão nos faz questionar o ensino de história e seu esforço para corrigir tais distorções. Nesse sentido, faz-se necessário reafirmar, não só nas academias, mas também nas escolas públicas, que são espaços de construção de pensamento e identidade, a construção de uma educação inclusiva e igualitária, promovendo assim, um ensino de História com ênfase nas pessoas comuns, que compõem a real identidade brasileira.

Compreender o ensino da História nessa direção, implica avaliar a função social da disciplina na prática docente, com foco na transformação do saber histórico em orientação para a vida prática, buscando dar sentido ao passado e, principalmente, considerando as alunas e os alunos inseridos no processo ensino aprendizagem. Trazer o ensino de história para esse centro de resistência, é desnaturar as narrativas hegemônicas de invisibilidade das mulheres que chegaram até o presente. Nesse sentido, o ensino de História passa a possibilitar, através de seus conteúdos organizados didaticamente, a elevação do nível de consciência dos alunos, dando voz a setores historicamente destinados aos rodapés das histórias.

Nesse sentido, pensar em formas alternativas, instigantes e atrativas de inserir a história das mulheres nas práticas educativas em sala de aula é fundamental quando se objetiva promover uma educação mais igualitária, que visibilize e dissemine a importância das atividades e produções femininas na construção da sociedade. A escola, nesse aspecto, se apresenta como ambiente fundamental de debate, sobretudo para trazer equidade nas relações de gêneros, contribuindo assim para desconstruir relações desiguais de poder entre as pessoas, ao tempo em que lhes ensinam novos valores baseados no respeito às diferenças, na empatia e na solidariedade.

Sendo assim, a experiência adquirida no percurso da pesquisa, foi um combustível potente para a aproximação da prática investigativa com a realidade dos alunos, cuja articulação de saberes é componente inestimável no ensino de história.

De grande importância foram os diálogos das memórias reavivadas por meio da história oral aqui introduzida, algo que demonstrou salutar para os discentes, provando que é possível sua inserção na prática pedagógica, bem como no cotidiano escolar. Trazer os alunos para o exercício da pesquisa, sobretudo por meio do contato com a história oral, faz com que a história seja construída pela vivacidade inerente à vida das pessoas. E a prática de pesquisa, nesse sentido, possibilita essa atuação em grau muito maior, notadamente ao transformar o processo educativo em um momento de troca, abrindo espaço para que outras epistemologias adentrem nosso espaço escolar.

Por fim, a presente dissertação não nega que houve pequenas transformações no estudo e inclusão de conteúdo de gênero nos currículos escolares, porém, esse conteúdo ainda é tímido, o que prova que esse trabalho só vem a contribuir com a causa. A despeito disso, e visando transformar o modo de ver, agir e pensar dos discentes, faz-se necessário alterações nos materiais didáticos reformulados, sobretudo que dialoguem com a temática de gênero em voga. Nessa conjuntura o papel das universidades e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História é crucial, pois sendo ambiente de debate por excelência possibilitará formação de docentes conscientes no enfrentamento da mudança dessa realidade. Cumprido essa tarefa, por certo as discussões em âmbito escolar serão muito profícuas, ante o debate que o tema propiciará na sala de aula.

A questão deve ser ampla, com repercussão tanto no ensino básico quanto na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por certo, o cenário de mudança tencionará com as antigas estruturas, diga-se de passagem - arcaicas e superadas. Por outro lado, essa retomada histórica suscitará múltiplas possibilidades de transformação, o que será propiciado pela nova abordagem dos conteúdos da História a serem ensinados na escola.

Por fim, incluir a temática de gênero no ensino de História, tem justamente essa contribuição de desconstruir estereótipos sobre os quais historicamente foram alicerçadas as masculinidades e feminilidades. E, mais do que isso, questionar as práticas ditas como *normais* ou desviantes de se exercer o gênero, desestabilizando visões ainda atreladas a uma perspectiva androcêntrica no cotidiano escolar. Por

reconhecer a importância dessa temática para as ciências humanas, o Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória traz a lume sua contribuição para a mudança dessa realidade.

## REFERÊNCIAS

A GAZETA, do Acre.com. **Documentário ‘Seringueiras’ retrata histórias de luta de mulheres na Amazônia.** 2022. Disponível <https://agazetadoacre.com/2022/08/noticias/geral/documentario-seringueiras-retrata-historias-de-luta-de-mulheres-na-amazonia/>. Acesso: jun. de 2024.

ACRE. **Currículo de Referência Única do Ace: Educação de excelência para todos, Ensino Médio.** Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esportes. 2021. Disponível: <https://drive.google.com/drive/folders/184pmpVbWyT43gl6jJF0WGD4VKbG7-xYN>. Acesso: maio de 2024.

ALBERTI, Verena. **História oral : a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. Disponível: <https://repositorio.fgv.br/items/1cc6fd5a-1ac2-4389-b5a2-c5df9090384e>. Acesso: 2022.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história.** IN: PINSKY, Carla Bessanezi. (org.). **Fontes Históricas.** 3 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. Disponível: <https://pt.scribd.com/document/586430491/ALBERTI-Verena-Fontes-orais-a-historia-dentro-da-historia>. Acesso: março 2022.

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral.** FVG, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado, ensaios de Teoria da História.** Bauru (SP): Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica do progresso.** Revista Tropos, vol. 1,n 4, dezembro de 2015. Acesso: 20 de julho de 2023 <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/342>.

ALLEGRETTI, Mary H. **A Construção Social de Políticas Ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental). UNB. Brasília, 2002. Disponível: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/04T00006.pdf>. Acesso: 22 de abril 2023.

ALMEIDA, Aldemira Ferreira de. **O trabalho feminino em seringais do acre (1960 – 1980).** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, 2016. Disponível: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5445/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Aldemira%20F.%20Almeida.pdf>. Acesso: 02 de fev. 2023.

ALVES, L. F. **Produção de fitoterápicos no Brasil: história, problemas e perspectivas.** Revista Virtual de Química, 2013. Disponível: <http://static.sites.s bq.org.br/rvq.s bq.org.br/pdf/v5n3a08.pdf>. Acesso: maio de 2023.

ARAUJO, Wladimir Sena, **Lugares de Memória da Princesinha do Acre**. Revista Labirinto, Porto Velho (RO), Ano XVIII, Vol. 29 (Jul-Dez), N. 1, 2018, p. 125-150. Disponível: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/3805/2629>. Acesso: 12 de março 2023.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BELOV, Graça, Palestra. **A questão Feminina: Gênero e Direito**. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2mJeFPNHnCA>> A Questão feminina Pt2. Acesso em: 20 de abril 2023.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível: <https://www.mediafire.com/file/v1pni86s81dwadc/BENJAMIN%2C%20Walter.%20Obras%20escolhidas%2C%20vol.%20I.%20Magia%20e%20t%20E9cnica%2C%20arte%20e%20pol%EDtica.pdf>. Acesso: Maio de 2023.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Cortez editora, 2004.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Identidades e ensino da história no Brasil**. In: CARRETEIRO, Mario et al. (Org.) Ensino da história e memória coletiva. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BITTENCOURT, Jane. **Mestrados profissionais e desenvolvimento profissional da docência: uma análise do Programa ProfHistória**. Revista Brasileira de Pós-graduação (RBPG), Brasília, v. 18, n. 39, p. 1-21, jan./ jun., 2022. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1965/967>. Acesso em: 1 dez. 2023.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Coleção Antropologia eBook Kindle. Petrópolis, Vozes. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. Disponível em: [basenacionalcomum.mec.gov.br](https://basenacionalcomum.mec.gov.br). Acesso em: 3 set. 2023.

BRASIL, **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso: 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2020: notas estatísticas**. Brasília, DF: INEP, 2021. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso: maio de 2023.

BRITO, Agda Lima. **Mulheres no Seringal: Experiência, trabalho e muitas história (1940-1950)**. 2017. p. 139. Dissertação de mestrado - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/13825/Dissert-agda-lima-brito.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 10 de ago. 2022.

BURKE, Peter, **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1994

CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: Um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. Universidade Federal de Alagoas. IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mestreseconselheiros2017/52335-a-cura-atraves-da-fe--um-olhar-sobre-as-benedeadasrezadeiras-alagoanas>. Acesso em: 3 set. 2023.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha. Belém (1870-1920)**. Tese (doutorado em História social) defendida na USP, 2006, p. 182-239, 285-318. Disponível: <file:///C:/Users/angel/Downloads/tesecristina.pdf>. Acesso: 11 de março 2023.

CANDAU, Vera. **Memória (s), Diálogos e Buscas: Aprendendo e Ensinando Didática**. Revista Educação Unisino vol.12, volume, número 3, setembro/dezembro 2008. Disponível: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5323/2569>. Acesso: Jul.2023.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. O Capital Internacional no Aquiry: Sangue e Lodo na Formação Econômico-social do Acre. In: AGUIAR, V. A. S.; SILVA, F. B. (org.). Fronteiras Amazônicas: cultura e ensino de história. Porto Velho: EDUFRO, 2016. p. 29-42. Disponível em: [https://edufro.unir.br/uploads/08899242/ebooks/ebook\\_frenteiras\\_amazonicas\\_volum\\_e\\_2%20cultura\\_16.5.16.pdf](https://edufro.unir.br/uploads/08899242/ebooks/ebook_frenteiras_amazonicas_volum_e_2%20cultura_16.5.16.pdf). Acesso em: 21 de março de 2023.

CASTELO, Carlos Estevão Ferreira, **Experiências de seringueiros de Xapuri no Estado do Acre e outras histórias**. Tese de doutorado. São Paulo. 2014. Disponível: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17102014-190007/publico/2014\\_CarlosEstevaoFerreiraCastelo\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17102014-190007/publico/2014_CarlosEstevaoFerreiraCastelo_VCorr.pdf). Acesso: abril de 2022.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados: UFGD, 2019. 748 p.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011.

COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília M. **Teoria e práxis feministas nas ciências e na academia: Os núcleos da mulher nas Universidades Brasileiras.** *Revista Estudos Feministas* Edição Especial, Florianópolis-SC, UFSC, 1994. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16171/14722>. Acesso: 2023.

COSTA, Juliana de Almeida. **MULHERES RURAIS E PLANTAS MEDICINAIS: saberes, socialidades e autonomia feminina.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, RS, 2019.

COSTA, Camila Frota da. **AS MULHERES EXISTEM: teoria feminista, estudos de gênero e história das mulheres na formação de professores de história.** Dissertação de mestrado apresentado a Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Ananindeua Programa de Pós Graduação em Ensino de História Mestrado Profissional em Ensino de História. Disponível em: [https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/699590/2/CamilaCosta\\_Disserta%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/699590/2/CamilaCosta_Disserta%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf). Acessado em 12 de abril 2024.

CRUZ, Tereza Almeida. **Movimento de Mulheres Camponesas do Acre: 25 anos de organização e lutas.** Diálogos sobre história, cultura e linguagens/ organização Francisco Bento da Silva, Sérgio Roberto Gomes de Souza. Rio Branco: Nepan, 2018. p. 135-148. Disponível: [https://www.academia.edu/38084132/Di%C3%A1logos\\_sobre\\_Hist%C3%B3ria\\_Cultura\\_e\\_Linguagens](https://www.academia.edu/38084132/Di%C3%A1logos_sobre_Hist%C3%B3ria_Cultura_e_Linguagens). Acesso: 12 de maio de 2023.

CRUZ, Tereza Almeida. **Mulheres Trabalhadoras Rurais em Movimento: Uma História de Resistência – Vales do Acre e Médio Purus, 1988-1998.** Rio Branco: EDUFAC, 2010.

CRUZ, Tereza Almeida. **O despontar de novos horizontes para as mulheres camponesas do Acre: os muitos aprendizados.** In.: XXVIII Simpósio Nacional de História. Anais digital do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis SC. 2015. Disponível: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945016\\_ab6583aab0988de17f10149d9d3dfaf4.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945016_ab6583aab0988de17f10149d9d3dfaf4.pdf). Acesso: maio de 2023.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CUNHA, Euclides da. **À Margem da História.** LITERATURA BRASILEIRA Textos literários em meio eletrônico À Margem da História, de Euclides da Cunha. Disponível: <https://www.sosestudante.com/livro-a-margem-da-historia>.

DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea: vida de santos.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Mulheres, Mulheres: ontem e hoje.** In: Academia Cearense de Letras. **A Mulher na Literatura: criadora e criatura.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. p.133-153. Acesso em 12/09/2023 Disponível em:

[https://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/Colecao\\_Diversos/Mulher\\_Literatura/ACL\\_A\\_Mulher\\_na\\_Literatura\\_15\\_Mulher\\_mulheres\\_ontem\\_e\\_hoje\\_MARYDE\\_L\\_PRIORE.pdf](https://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/Colecao_Diversos/Mulher_Literatura/ACL_A_Mulher_na_Literatura_15_Mulher_mulheres_ontem_e_hoje_MARYDE_L_PRIORE.pdf)

DELGADO, Lucília A. N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25. Disponível: <https://pt.scribd.com/document/315526982/DELGADO-Lucilia-Historia-Oral-e-Narrativa>. Acesso: 2023.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São no Século XIX**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DISTANTE, Carmelo. **Memória e Identidade. Tempo Brasileiro** (95). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Presença das mulheres em Canudos**. In: Fernandes, Rinaldo de (org.) O clarim e a oração: Cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002. P. 367-377.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Qual a relação entre a história pública e o ensino de História?** In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.). Que história pública queremos? São Paulo: Letra e Voz, 2018.

FERREIRA, M. Liège Freitas. **Mulheres no seringal: submissão, resistências, saberes e práticas (1940-1945)**. Disponível: <https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anas8/artigos/MariaLiegeFreitasFerreira.pdf>. Acesso: 20 de março de 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História**. Revista História Oral, v.9, n.1, p.125-141, jan-jun 2006. Disponível: <file:///C:/Users/angel/Downloads/193-Texto%20do%20artigo-564-1-10-20120122.pdf>. Acesso: 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados** - Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico - Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARLET, T. M. B.; IRGANG, B. E. **Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta**, Rio Grande do Sul, Brasil: Revista Brasileira de Planta Medicinai, v.4, n.1, p.9-18, agosto, 2001.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. "A mulher na sociedade de classes: inspirações e impactos internacionais". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 1, e71394, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n171394>> Acesso em: 28 de março de 2023.



GUEDELHA, Carlos A. Magalhães. **O abrasamento sexual nos seringais Amazônicos por Alberto Rangel e Ferreira de Castro**. Revista Eletrônica de Literatura O Guari. s/d. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/7545665.pdf> Acesso: 12 de maio de 2023.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. *Educação & Realidade*, 22(2), 2017 Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514> Acesso: 20 de outubro de 2023.

HISTÓRIA Multimídia de Xapuri. **Paróquia de Xapuri: Igreja Católica**, 2021. Disponível: <https://historiamultimidiadexapuri.blogspot.com/2012/01/sao-sebastiao-como-surgiu-devocao-em.html>. Acesso: 20 de julho de 2023.

IBIAPINA, W. V., LEITÃO, B. P., BATISTA, M. M., & Pinto, D. S. (2014). **Inserção da fitoterapia na atenção primária aos usuários do SUS**. Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança, 12(1), 60-70. Disponível: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/449/340>. Acesso: maio de 2023.

KERGOAT, Danièle. Lutas, dizem elas. Danièle Kergoat: coordenação editorial de: Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira: tradução de: Eliana Aguiar. Recife: SOS corpo, 2018. LINK: <https://soscorpo.org/?p=12279>. Acesso: 10 Jan. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: PUC Rio/Contratempo, 2006.

LAGE, Mônica M. L; MORGA, A. E. Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91 - 104, jan. / jul. 2015. Disponível: [https://www.academia.edu/11712032/Mulheres\\_nos\\_seringais\\_do\\_Amazonas\\_sociedade\\_e\\_cotidiano](https://www.academia.edu/11712032/Mulheres_nos_seringais_do_Amazonas_sociedade_e_cotidiano). Acesso: abril de 2023.

SANCHEZ, Giovana Romano. **Mulheres são menos de 10% dos personagens em livro de história usado em escolas públicas**. Revista digital Gênero e Número. Disponível: <https://www.generonumero.media/reportagens/no-rodape-da-historia-mulheres-sao-menos-de-10-de-personagens-em-livro-didatico-usado-nas-escolas-publicas/>. Acesso: abril 2024.

LEWINSOHN, T.M.; PRADO, P.I. **Biodiversidade Brasileira: Síntese do estado atual do conhecimento**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002. 176 p.

LIMA, Ramon N. de, FRANÇA Jardel S. **“Milagre da flecha”: devoção a São Sebastião em Xapuri – Ac**. Das Amazônias/Revista Discente de história da UFAC. Rio Branco – Acre, v.3, n.2, (ago-dez) 2020, p. 103-112. Disponível: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4335/2566> Acesso: 14 de fev. 2023.

LOPES, Alice R. Casimiro. **Conhecimento Escolar: processos de seleção cultural e de mediação didática**. Revista: Educação e Realidade. Jan/jun.1997. p. 95-111. Disponível:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71466/40542>.

Acesso: setembro de 2023.

LUNA, Elineide Rodrigues de. **Gênero na BNCC: debates contemporâneos e propostas de sequências didáticas para o ensino de história**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/601521/2/ELINEIDEDELUNA-PROFHISTORIAUDESC.pdf>. Acessado em 12 de abril 2024.

MAIA, J. S. da Costa. **Seringueiros, globalização e a história: necessidade de novos paradigmas?** In: Diálogos sobre história, cultura e linguagens / Organização Francisco B. da Silva, Sérgio R. G. de Souza. – Rio Branco: Nepan, 2018. p. 150-165. Disponível:

[https://www.academia.edu/38084132/Di%C3%A1logos\\_sobre\\_Hist%C3%B3ria\\_Cultura\\_e\\_Linguagens](https://www.academia.edu/38084132/Di%C3%A1logos_sobre_Hist%C3%B3ria_Cultura_e_Linguagens). Acesso: 12 de maio de 2023.

MARTINELLO, Pedro A. **Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico**, Rio Branco: Ufac, 1988.

MARTINELLO, Pedro A. **Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial**. Rio Branco:EDUFAC, 2004.

MARTINS, O. M. W; PAIVA, S. F.; BANTEL, A. C. **Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal na microrregião do Vale do Juruá, Acre, Brasil**. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v. 9, n. 16, 2013. Disponível: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2013a/multidisciplinar/etnoconhecimento.pdf>.

Acesso: março de 2023.

MAURÍCIO, W.P.D; ANDRADE, I.C.F. Educação de Jovens e Adultos: Histórias de vida orais de homens e mulheres, 2016. Disponível:<https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/2858/2643>. Acesso: setembro de 2023.

MEJÍAS, Laura Díaz. **Las prácticas religiosas en la medicina popular del siglo XVIII**. In: Meditaciones en torno a la devoción popular. Cordova – Argentina. Ed: Asociación "Hurtado Izquierdo", 2016. p. 114-129. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5594879.pdf>

MELO, Patrícia Alves. **Crônica de gente pouco importante VI: Alexandrina, a aprendiz de naturalista, publicada**. Por Amazônia Real. Publicado em: 22/12/2015, Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/cronica-de-gente-pouco-importante-vi-alexandrina-a-aprendiz-de-naturalista/>, acesso: 20 de agosto de 2023.

MENDES Chico. “A luta dos povos da floresta” In: **Geografia: Pesquisa e Prática Social**. Editora Marco Zero. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Terra Livre. Número 7, 1990. Disponível: <https://pt.slideshare.net/slideshow/tl-n7-a-luta-dos-povos-da-floresta-chico-mendes/15218397>. Acesso: fevereiro 2023.

MONTYSUMA, Marcos; Cruz, Teresa Almeida. (2008). **Perspectivas de gênero acerca de experiências cotidianas no seringal Cachoeira - Acre** (1964-2006). História Unisinos. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5432>> Acesso em: 15 de março de 2023.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015. Disponível: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod\\_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf). Acesso: junho de 2023.

MORIN, Tania Machado. *Virtuosas e Perigosas: as mulheres na Revolução Francesa*. SÃO PAULO: ALAMEDA, 2013. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rh/a/nFrRpMZZM3qcq9TWZcYKsDk/>. Acesso: maio de 2023.

NEGREIRO, Marcelus A. M.P. de. **Trajetória e memória sobre a saúde dos soldados da borracha em seringais no Acre**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2011, 189p. Disponível: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-25072011-141706/publico/Tese\\_MARCELUS.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-25072011-141706/publico/Tese_MARCELUS.pdf). Acesso: maio de 2023.

NUNES, Eduardo Silveira Netto. **O trabalho infantil em debate na América Latina: primeira metade do século XX**. In: AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco B. de; SOSENSKI, Susana. (Org.). *Infâncias e Juventudes no Século XX: histórias latino-americanas*. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2018, p. 307-334.

NUNES, Eduardo Silveira Netto. Niños y adolescentes: sujetos de la historia y del proceso educativo en Brasil (S. XX). **História de la Educación**, 36, 123–141. <https://doi.org/10.14201/hedu201736123141>

OLIVEIRA, Mônica Cordeiro Ximenes de. et.al. **Cura e Reza, o Papel das Rezadeiras no Projeto Quatro Varas**. *Investigação Qualitativa em Saúde*, Volume 2. 2018. Disponível: <https://docplayer.com.br/109392577-A-arte-de-curar-saberes-e-praticas-de-rezadeiras-e-bezendeiras-no-cuidar-da-saude.html>. Acesso: março de 2023.

OLIOTA, Rúbia. ROCHA, Larissa L. **Memória, História e Documentário: Delimitações e Interações Conceituais**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Maceió – AL – 15 a 17 de junho 2011. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0521-1.pdf>. Acesso: 12 de junho de 2023.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres públicas**. Tradução de Roberto L. F. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERTIÑEZ, J.; LOMBARDI, M. História da Prelazia do Acre e Purus. Ordem dos Servos de Maria. Rio Branco – AC, s/d.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significação na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade**. Projeto História, São Paulo, n.14, p.7-24, fev.1997. Disponível:

[https://www.academia.edu/59004190/Forma\\_e\\_Significa%C3%A7%C3%A3o\\_Na\\_Hist%C3%B3ria\\_Oral\\_A\\_Pesquisa\\_Como\\_Um\\_Experimento\\_Em\\_Igualdade](https://www.academia.edu/59004190/Forma_e_Significa%C3%A7%C3%A3o_Na_Hist%C3%B3ria_Oral_A_Pesquisa_Como_Um_Experimento_Em_Igualdade). Acesso: maio de 2023.

RAGO, Margareth. **Descobrimos historicamente o gênero**. Cadernos Pagu (11) 1998: pp.89-98. Disponível:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>.

Acesso: maio de 2023.

RAGO, Margareth. **AS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**. SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81-91.

Disponível: <https://pt.scribd.com/document/106099756/RAGO-Margareth-As-Mulheres-Na-Historiografia-Brasileira>. Acesso: maio de 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: A intriga e a narrativa histórica**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. v. 1.

RODRIGUES, Gomercindo. Caminhando na Floresta. Rio Branco: Edufac, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo em Perspectiva, p. 82-91, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S0](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0)> Acesso em: 26 de março de 2023.

SANTANA, Marquelino. As veias abertas da mãe da seringueira – <https://newsrondonia.com.br/noticias/2023/07/02/as-veias-abertas-da-mae-da-seringueira-por-marquelino-santana>.

SANTOS, Antonio Cesar de A. **Fontes Oraís: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Departamento de História Universidade Federal do Paraná. SC: 2005. Disponível:

<https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>. Acesso maio de 2023.

SANTOS, C. Lira. **“Como utilizar a história oral para preservar memórias? Carla Lira Santos”** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1QA51ubxQU>. Acesso: jun. de 2024.

SANTOS, Francimário Vito. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar.** Revista CPC, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15647/17221>.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34. Disponível: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/etch/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf>.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres.** In. BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas.** Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP. 1992. p. 63-96.

SECRETO, M. V. **A Ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007, p. 115-135. Disponível: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1288/431>. Acesso: março de 2023.

SERINGUEIRAS. Direção: M. Emília Coelho. Produção: Amanda Schoenmaker, M. Emília Coelho. Fundo Municipal de Cultura, área de Arte, da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer Garibaldi Brasil, da Prefeitura de Rio Branco, 2021 Vídeos Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=kH0mb4j2r64>. Acesso: agosto 2023.

SILVA, Francisco Bento da. **Insolitudes acres, híbridas e fronteiriças: as disputas pelas identidades.** Palestra apresentada durante o I Congresso - Métodos Fronteiriços: objetos míticos, insólitos e imaginário realizado entre os dias 08 e 10 de abril de 2015, Porto Velho – RO (Brasil). Disponível: [https://www.academia.edu/31096949/O\\_Acre\\_ins%C3%B3lito\\_pdf](https://www.academia.edu/31096949/O_Acre_ins%C3%B3lito_pdf). Acesso: Jan.2023.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajatória da historiografia das mulheres no Brasil.** Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista, V. 8, n 1, p.223-231, 2008. Disponível: <https://core.ac.uk/download/pdf/236654964.pdf>. Acesso: maio de 2023.

SIMONIAN, Lígia T.L. **Mulheres da Amazônia Brasileira: entre o trabalho e a cultura.** Belém, UFPA/NAEA, 2001).

SORJ, B. **O Feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade.** In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.15-23.

SOUSA, Priscila Cabral de. **A história das mulheres no ensino de história: reflexões acerca de uma educação para a igualdade de gênero.** ANPU-Brasil – 3º Simpósio Nacional de História-Recife, 2019. [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565273973\\_ARQUIVO\\_AHistori](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565273973_ARQUIVO_AHistori)



adasMulheresnoEnsinodeHistoria-reflexoesacercadeumaeducacaoparaaigualdadedegenero.pdf

SOUZA LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexo: trabalho, dominação e resistência**. Apresentação de Helena Hirata. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de – Mulheres nos seringais acreanos: a construção de muitas fronteiras. **Anais do XX Simpósio Nacional de História - ANPUH**, Florianópolis, julho 1999. Disponível: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1547483135\\_d6acb7db333167cc0faf33fb53d5370e.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1547483135_d6acb7db333167cc0faf33fb53d5370e.pdf). Acesso: 15 de fev. 2023.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de, **Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre**. Rio Branco: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2010.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Trópicos Rebeldes: homens e mulheres da floresta e suas resistências contra as dominações na Amazônia Ocidental (Séc. XIX e XX)** – Rio Branco – Acre: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas. 2016.v1.

SOUZA, Denir Silva de. **Representações do papel da mulher no seringal nas narrativas de Terra Caída e “Maibi**. 2018.p. 116. Dissertação de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Tefé-AM, 2018. Disponível: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/2210/1/Representa%c3%a7%b5es%20do%20Papel%20da%20Mulher%20no%20Seringal%20nas%20Narrativas%20Terra%20Ca%3%adda%20e%20e2%80%9cMaibi%e2%80%9d..pdf>. Acesso: 2023.

SOUZA, José Dourado de. **Entre lutas, porongas e letras: a escola vai ao seringal -(re) colocações do Projeto Seringueiro (Xapuri/Acre - 1981/1990)**. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011. 259f. Disponível: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-8M7MST/1/tese de jos dourado de souza entre lutas porongas e letr.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-8M7MST/1/tese%20de%20jos%20dourado%20de%20souza%20entre%20lutas%20porongas%20e%20letr.pdf). Acesso: 2023

SOUZA. Francisco das Chagas Silva. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. **Caderno de Pesquisa**. 42 (146), p. 672-678, agosto de 2012. Resenha de Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil. de MARY DEL PRIORE, São Paulo, Planeta, 2011. Acesso em 08/05/2023 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/DtmpkDgwLtstPwtvjd8T55h/?format=pdf&lang=pt> STEARNS, Peter N. **A Infância**. ed. Contexto. 2006.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. / Losandro Antonio Tedeschi. – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. 144p. Disponível: <https://omp.ufgd.edu.br/omp/index.php/livrosabertos/catalog/view/56/60/208>. Acesso: julho 2023.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. **A disciplina de História no Império brasileiro**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n. 17, p. 1-10, mar. 2005. Disponível em: . LINK [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5238/art01\\_17.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5238/art01_17.pdf). Acesso em: 15 de março de 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TORRES, Iraíldes, Caldas. **As Novas Amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História/Foucault Revoluciona a História**. Brasília. Ed. UNB, 1998.

VIANA, Cibele A. **Perdura o eurocentrismo no ensino de história?** Cadernos de Pós-graduação, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 73–85, 2020. DOI: 10.5585/cpg.v.19.n1.14913. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/14913> . Acesso em: 22 mar. 2023.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Disponível: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/03/raymond-williams-marxismo-e-literatura.pdf>. Acesso: 07 de out.2023.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta Alto Juruá, Acre 1870-1945**. 1998. 284f. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo-SP. 1998. LINK: <https://core.ac.uk/download/pdf/30433326.pdf>, Acesso: 20 setembro 2022.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. Hucitec, São Paulo, 1999, 296p.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: outras tantas histórias**. Revista Estudos Amazônicos • vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40 Disponível: [https://leiaufsc.files.wordpress.com/2017/03/1-vi-2-2011-scheibe\\_wolff.pdf](https://leiaufsc.files.wordpress.com/2017/03/1-vi-2-2011-scheibe_wolff.pdf). Acesso: 20 de setembro de 2022.

WOORTMANN, Ellen F. **Colonos e Sitiantes: um estudo comparativo do parentesco e da reprodução social camponesa**. 1988. Tese (Doutorado em Antropologia) - UNB, Brasília, 1988.

O MALHO. **Formação do novo mundo**, 10/12/1904, ano III, nº 117, p. 18. Disponível:<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=3807> Acesso: maio de 2023.

**Fontes Orais**

ALVES, Alzenira de Araujo. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 08 de junho de 2023.  
ANDRADE, Marisa Fernandes de. Fontes Orais. Xapuri Acre 19 de janeiro de 2023.  
ARAUJO, Alcenira Farias Alves de. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 05 de junho de 2023.  
BRITO, Ceilândia Santana de. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 12 de janeiro de 2023.  
COSTA, Nadir Dias da. Fontes Orais. Xapuri, Acre 05 de agosto de 2023.  
FERREIRA, Raimunda. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 10 de maio de 2023.  
SILVA, Maria Raimunda F. da. Fontes Orais. Acre 02 de junho de 2023.  
LIMA, Maria Dias de. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 21 de maio de 2023.  
MAGALHÃES, Ana L. Fontes Orais. Xapuri, Acre 02 de junho de 2023  
MATOS, Maria Aldeir Pereira de. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 05 de junho de 2023.  
PERREIRA, Maria da Silva. Fontes Orais. Xapuri, Acre, 06 de agosto de 2023.  
SILVA, Maria Helena G. da. Fontes Orais. Xapuri, Acre 13 de Junho de 2023.  
SILVA, Raimunda G. da. Fontes Orais. Xapuri, Acre 20 de junho de 2023.  
GOMES, Deolinda A. Fontes Orais. Xapuri, Acre, março/abril 2022.  
ALVES, Mário Agenor, Fontes Orais. Xapuri, Acre, Abril de 2022.



## ANEXOS

### Anexo I – Entrevistas

#### I - Maria Alzenira Alves

**Entrevistadora: Angela Maria A. de Paula (P.A)**

**Entrevistada: Maria Alzenira Alves (A.M)**

**Entrevista concedida em: Xapuri-Ac 08 de junho de 2023.**

**Local de Residência: Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), Comunidade Sibéria, uma das maiores comunidade, de Xapuri, interior do Acre.**

Eu me chamo Maria Alzenira Alves, nasci no Seringal Pavilhão divisa com a Bolívia no ano de 1961, morei na Colocação Água Limpa, Fazendinha, depois vi parar aqui na Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), até hoje. Minha mãe era do Pará e meu pai veio do Rio Grande.

Pois é como eu disse. Em meio essa vida já vivi em muitos lugar quando pequena morei num lugar chamado água Limpa, depois que fui morar com a minha irmã fui pro Fazendinha, Bom água, você sabe onde é né? Ali rumo ao entrocamento, [faz aceno com as mãos], ali tudo era mata. Despues fui morar no Sumaré, e na colocação Santa Inês e hoje to aqui na minha terrinha na Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex).

No seringal era bom e ruim né? Minha mãe teve 11 filhos, os primeiros todos no seringal. Eu nasci na rua, mais morrei muitos anos lá no seringal. Quando eu era criança, eu gostava de tomar banho no açude, ir pra casa dos vizin onde tinha menina pra brincar, dava comida pras galinhas, porco, as vezes ia pro roçado, isso pequena né, porque quando ficamo grande tinha de ir mesmo [rir]. Minha infância acho que foi boa, a tirar da gente passa privacidade né? A gente ajudava nos trabaio, mas brincava também. Já maiorzinha a gente tinha os serviços certos, ajuntava lenha para o fugão, descascava arroz, batia no pilão, a gente pescava, esperava paca, nambu, descascava mandioca para farinha e as vezes a gente ajuntava sernambi pra vender pros marreteiros, pra ganhar um trocado [rir], mais até hoje nunca vi um tustão, meu pai ficava com tudo.

No seringal tinha trabalho de home e trabaio de mulher. Papai colocava a gente pra trabaiar no pesado ajudando os homes, obrigava mesmo. Pois é! trabaiar na roça não é pra qualquer um não. Eu gostava mais de cuidar dos bichos e da horta. Lá, tinha mulher de todo jeito, tinha umas que trabaia como home, só visto, trabaia no corte, difumava, andava horas com borracha na costa, esperava, batia

campo, encoivarava, cuidava da prantação do terrero e ainda dava conta da ruma de menino [rir]. Só que elas não recebiam dinheiro, só os homes. Como eu já disse né? O papai sempre obrigava a gente ir, mas eu sempre me escorava pra não ir (rir). Eu gostava mesmo era de cuidar de pranta e horta e as vezes não fazer nada.

Quando mocinha (adolescência), quando fiquei moça (primeira menstruação) não sabia de nada, nem minha mãe falou, nem as meninas mais velhas falaram. Chegou um dia, eu vi descer sangue bem vivinho nas pernas, aí eu desconfiada, falei pra dona Zefa que tava lá na casa, aí, ela me explico, e falou pra minha mãe, aí minha mãe trouxe uns pedaços de pano velho, mas limpo, como um sistema de frauda, e me ensinou colocar na calcinha, ensinou a lavar e passar no ferro de brasa. Dona Zefa era uma velha que ia ajudar a mamãe quando tinha neném, a gente só faltava endoidar essa velha. Deixei de ser moça logo, e nem me lembro como (rir). Se piscasse o olho eu tava namorando. Pegava peia direto. Se eu achava o home bonitos, eu namorava, lembro do Zé Augusto era bonito [pensativa] era toda acesa pra ele, mas acho que ele tinha a cabeça no lugar, e não quis namorar comigo.

Lá onde a gente morava, tinha muito festejo, sim. Mas era a gente que fazia, na casa do cumpade fulano de tal, na casa do outro cumpade fulando de tal. Engraçado que aniversaro sempre tinha um teço e muita gente. E despois acabava com forró. Mas cedo, a gente chegava pra ajudar, matar pato, matar galinha, fazer bolo, fazer batida de miúdo de porco. Toda comida era as vizinhas que ajudava. E quando era na casa do outro, a gente fazia do mesmo jeito. Como já disse, toda comemoração tinha uma missa, um teço, uma reza e forró. Nós era devoto de Santa Luzia, mais o padroeiro era São Sebastião. Mamãe ensinava a gente rezar teço, padre nosso, ladainhas e novenas. A gente acendia velas para os vivos e mortos também (rir).

Em janeiro, tinha o vinte né, agente via da colônia a pé, uma lama que dava no meio da canela. A partir do mais tardar dia 15, 16 já começava chegar pessoas. Do seringal trazia: borracha, sernambi, muita castanha, animais pra vender, pra arrumar dinheiro pra fazer compra. Essa época que eu tô falando, era até 1987, eu acho, tinha muita gente do seringal e das colônias. Tempo que era mais difícil, não tinha rodagem, nessa época, era mais difícil o transporte, mas vinha gente de todo canto, de onde podia vir. Dos seringais vinha todo mundo, das colocações com vários



dias de viagem, andavam um, dois dias inteirinhos pra chegar aqui, pra vir pra procissão. Do rio Xapuri descia de barco, do rio Acre descia de barco. Quem morava pra baixo vinha de barco, de canoa. Naquele tempo era o modo de vir, e quem morava no seringal vinha de animal, de burro, de cavalo e a pé. Era um tumulto de gente. Eu gostava da festa, andar na praça da igreja, no marreteiro, ver gente bonita e bem-vestida. Eita, que época boa!

Me abrasei cedo, como já disse, era muito danada, papai dizia: essa menina não é flor que se chera [rir]. Eu comecei a dar umas olhadas pros rapaz quando tinha uns 13 anos, eu acho, nessas festa de casa de cumpade e quando eu tinha uns quinze anos, namorei com um rapaz escondido. Nem conhecia ele, era amigo do meu irmão. Meu pai quando soube me bateu e mandou eu ir embora de casa, porque era assim antigamente, se visse a gente conversar com um home, o pai já queria que casasse. Pois bem, quando mandei um bilhete pro namorado, o cara tinha desaparecido, acho que foi avisado que meu pai era valente. Foi aí que eu fui amparada por minha irmã mais velha, lá no Fazendinha. E despois daí, eu não sei se fui *panemada* [riu], nunca tive um marido que prestasse, acabei ficando sozinha com minhas fias. As vezes fico pensando [pensativa], será que se meu pai tivesse me aceitado de volta, eu tinha tido uma vida melhor? Mas deixa as *caramiolas* pra traz, né? [...]

Voltando pro trabaio! Pois é, as mulher sempre teve junto do home trabaio para viver e ter a terra pra ela e pros fios. Me lembro da época da luta pelas terras, lá nas bandas do cachoeira era comum os fazenderos despois que comprava as terras, fazer derrubada grande. Nessa época os seringueiros se reunia, home, mulher, velho e criança, tudo junto para impatar a derrubada. A gente chamava empate, é de impatar mesmo, empatar a derrubada. Foi assim que acho que o Chico e o outros morreram, briga com os fazendeiros pela terra. Meu pai antes de morrer disse que valeu a pena o esforço e a morte do Chico, se não hoje em dia, os seringueiro nem tinha onde morar. Na epra não tinha esse negócio de home trabaio só não, a mulher ia pra mata também, despues que me ajuntei, eu acordava umas três e meia da manhã pra fazer o quebra jejum pra levar, aí saía eu o home que morava comigo e o meiero, a gente só hora pra sair, volta só quando terminava a estrada e ainda voltava colhendo as tijelas, e despejar no balde o leite e quando chegava, ele e o meiero ia defumar e eu ia fazer a boia pra jantar. Todo dia era isso.

Lá no seringal as famílias é grande, muito menino e as vezes os meninos adoecia e era um Deus nos acuda. Não só as criança, mais agente mesmo, picada de cobra, furada de espim, malária, dor de dente, espiela calda. Tinha doença que dava em criança, se não cuidasse morria crianças, vento caldo, quebrante, doença de criança, mal olhado, cobrero e as vezes só ficava bom se rezasse. As vezes tinha de andar dias atrás de um rezador, essas mulher, era muito ocupadas no seringal, vivia ajudando os outros e na rua também tinha rezador. Quando adoecia também tinha o remédio caseiro, aprendi usar com a minha mãe que aprendeu com minha vó e a vó aprendeu com as índias que morava no rumo do seringal da divisa da Bolívia.

Eu gostava das prantas fazer chá, cozimento, garrafada, lambedor. As mais usadas eram: folha da laranjeira, capeba, capim santo, alecrim, algodão roxo, Agrião, alfavaca, gengibre, folha de graviola, malvarisco, algodoeiro, crajirú, jatobá, cajueiro, mastruz, usava também: carmelitana, erva cidreira, hortelã, boldo, copaiba, quinaquina, unha de gato e banha de galinha, óleo de copaiba, mel de cana de açúcar e mel de abelha. Toda doença e a cura pra tudo, tudo era extraído da floresta: para dor de estomago a gente fazia chá de boldo. Quando o filho nascia logo a gente dava chá de erva-doce, camomila e hortelã. Se tivesse *peito aberto*, *espinhela calda*, e dor no peito, porque menina era muito gelado, sai cedinho para a mata trabalhar, ia com escuro, se a gente não cuidasse pegava doença do pulmão e aí a gente curava com mastruz, biotônico fontora e quando tinha, um leite condensado, era bater e ver. [...] Até hoje eu gosto de mexer com prantas, tem pranta que a gente usar a folha, mais também usar a casca e usa a raiz. Problema de mulher, esse negócio de cólica, resto de parto, inflamação, a gente curava tudim com garrafada de crajuru, casta de jatobá, casca de cajueiro e de algodoeiro. Era tira e queda. Assim que tinha fio, a gente terminava de parir, já tomava água inglesa ou garrafada.

Pois é vivi assim. Quando a escola vei pra perto da gente, porque tinha gente que dava aula na casa, acho que chamava programa de alfabetizar, eu deixei pras meninas, minha vida era muito sofrida, vivia de cabeça quente, acho que nem aprendo mais. Tem amiga que hoje estuda na escola de aduto, mas acho que já deu, o que tinha pra aprender, já aprendi. Não tenho remoso não. Tá bom. Já sei assinar o nome e escrever um pouquinho. Minha neta me ajuda nas receitas. [encerrou a fala], mudou de assunto.

Hoje mulher, tá tudo diferente. As coisas tá muito mais boa no seringal, hoje quase tudo é reserva né? hoje tem estrada de cascalho, ramal bom, onde só via *grutião* hoje é tudo limpo, quase todo mundo que ainda mora no cachoeira tem mota, gado, nem pranta mais, tudo compra na rua. A gente só ver mota pra lá, mota pra cá, tem telefone. Até pros meninos vi pra aula, tem ônibus, na minha época a gente ia a pé ou montada em burro ou cavalo. Mas hoje o que pioro foi que em Xapuri não tem hospital grande mais, naquela epra a gente tinha menino era lá, até operação de cesáre fazia. Hoje tudo leva pra Brasileia e Rio Branco.

Xapuri-Ac 08 de junho de 2023.

M<sup>rs</sup> ALZENIRA ALVES  
Maria Alzenira A Alves  
Entrevistada

Angela M<sup>rs</sup> Alves de Paula  
Angela Maria A. Paula  
Entrevistadora



## II – Deolinda Gomes Alves

**Entrevistadora:** Angela Maria A. de Paula (P.A)

**Entrevistada:** DEOLINDA GOMES ALVES (A.D)

**Local da entrevista:** Rua Coronel Brandão,

**Data:** Xapuri, Ac, 02 de Abril de 2022.

**Idade:** 88 anos no dia da entrevista

Deolinda Gomes Alves nasceu em Xapuri, no ano de 1939, filha de pai nordestino e mãe amazonense. Morou no seringal com seu pai até a idade de 8 anos de idade e depois foi entregue aos padrinhos seringalistas para ser cuidada e alfabetizada. Casou-se com um seringueiro, teve 13 filhos, morou no Pavilhão, Sumaré, Olho D'agua, Filipina e na data da entrevista morava em Xapuri, na rua coronel Brandão. Dona Deolinda Gomes Alves veio a óbito após um ano que havia concedido a entrevista.

Eu me chamo Deolinda Gomes Alves, nasci em 19 de agosto de 1939, tenho 83 anos de idade, não conheci minha mãe, fui criada por meu pai, tive dois irmãos, o Raimundo que faleceu a uns 19 anos atrás e a Francisca que faleceu esse ano (2022).

Morei no seringal desde criança, meu pai era seringueiro, trabalhava em grandes estradas de seringas no Pavilhão. Quando minha mãe faleceu, ele me entregou para minha madrinha, Dona Neném e o Seu Mário Soares, meu padrinho era dono de grandes seringais, homem muito rico, e naquela época era de costume permitir que os filhos que tinham mãe serem educados pelos padrinhos. Foi meu caso.

No seringal com o papai era muito bom, mesmo ele saindo cedo para trabalhar, sempre nos deixava com alguém de confiança, ou quando era perto de casa ele nos levava com ele. Quando eu estava na idade escolar, meu pai levou-me para ser educada por meus padrinhos.

Lá no seringal de meus padrinhos era muito sofisticado, tinha o barracão surtido de mercadoria, a casa era muito bonita, organizada, tinha muitos empregados, era muito bom. Meu padrinho conseguiu uma bolsa de estudo para mim. Fui estudar no colégio interno, hoje Divina Providência no regime de internato na cidade de Xapuri,

lá estudei o primário e o ginásio. Quando era período de férias eu vinha para a sede do seringal Sumaré. A madrinha sempre me considerou como uma filha.

Minha infância e adolescente foi boa, época de aula eu passava no colégio e as férias eu vinha para o seringal, mesmo estando no seringal tinha minhas obrigações de estudar para o outro semestre, eu brincava, andava de cavalo, tomava banho de açude e ajudava a madrinha. Tanto no colégio como no seringal eu me sentia muito feliz. No colégio era super organizado, tinha horário para tudo: horário de rezar, de estudar, aula de prenda, recreação, e horário da missa.

O trabalho que eu realizava no seringal era somente olhar as crianças, fazê-las dormir. Quando chegava a época de voltar para o colégio eles me traziam. No colégio eu realizava algumas tarefas de rotina: limpar o pátio, cuidar dos banheiros, dobrar as cobertas e outras. As meninas que não pagavam pelos estudos tinham essa rotina para cumprir. Mas não faltava motivos para brincarmos, colocar apelidos, zoar com a freira (dona Raimunda), nós chamávamos de bodó, ela ficava irada.

Quando fiquei adolescente, 12 anos tive minha primeira menstruação. Quem estuda em colégio interno é orientada sobre a descoberta do corpo e desenvolvimento na adolescência. Quando menstruei a primeira vez, já sabia direitinho das regras. Lá também usávamos panos de tecidos e cada menina era responsável por seus materiais.

Minha educação foi muito rígida, não namorava, não conversava com meninos. Eu só via meninos aos domingos na missa, mas lá também éramos separados, não tínhamos contatos. No colégio era todos separados, menino para um lado e meninas para o outro ainda tinha, as internas separadas das meninas filhas de seringalistas e de comerciantes.

Quando saí do colégio voltei para o seringal Sumaré e lá conheci o Agenor. Ele tinha fama de trabalhador. Era um dos únicos que tirava saldo no barracão. Corajoso, bonito. Quando ele vinha fazer o acerto no barracão, sempre vinha na casa da madrinha, pedia água, eu acho que era para me ver (sorrir). Depois de alguns meses, ele veio e pediu minha mão em casamento. Falei para ele pedir minha mão a meus padrinhos. Minha madrinha conversou bastante comigo, me orientou dizendo:



Dio, você não tem necessidade de se casar agora, você pode viver comigo o quanto tempo você quiser. Mas, eu pensei e resolvi aceitar e casar-se, já tinha 22 anos.

Quando me casei, tive que morar em uma colocação, oferecida por meu padrinho um grande seringalista da época. Lá eu trabalhei de ombro a ombro ajudando meu esposo. Lá no seringal, eu conheci a mata de verdade, eu tinha muito medo de ficar no barraco, tinha onça, muito quandú, cobra, quando o Agenor saía, eu me atrepava no sótão, que ele fez, a casa não tinha parede no início, eu nem ia na fonte com medo da onça. Me vi um peixe fora da água, naquele lugar, precisei me reinventar na imensidão daquela mata. Eu tinha tanto medo, que pedia pra ele carregar água pra lavar roupa dentro de casa. E se faltasse água eu não descia.

Muitas vezes preferia ir para a estrada com ele, levantava cedo fazia a comida e saía, voltava só a noitinha. Eu tinha meu dinheiro. Quando os trabalhadores iam defumar, tirar o leite dos baldes eu ficava pra fazer a limpeza e tudo que sobrava eles me davam, tudo virava sernambi, ali eu vendia e comprava as coisinha no marreteiro ou no vinte de janeiro.

Mas quando os meninos começaram a nascer, ficou mais difícil, tinha que ficar em casa, a casa já estava pronta, aí eu me trancava, passava a tramela na porta e ficava lá dentro. Quando os mais velho cresceram, já me ajudava pegar água na fonte e a cultivar horta, plantar arroz, feijão, macaxeira e cuidar dos animais. Meu marido era muito trabalhador. Você acredita que só dormimos na rede os primeiros dias. Depois de alguns meses de trabalho, junto com o mateiro ele fez a casinha, construiu camas de madeira, pegou algodão que lá tinha muito, palha e fizemos os colchões e os travesseiros. Eu sabia costurar muito bem, era só comprar o "corte" como era chamado na época, e fazer os lençóis e as roupas das crianças. Até encanação de água ele fazia, com taboca, com paxiúba, pegava um camburão colocava na cozinha e canalizava a água da vertente que cala dentro de casa.

Com o passar do tempo nos mudamos para outro lugar, Filipina, colocação próximo ao igarapé Hina, lá tive 2 filhos que morreram de doença de criança, são sepultados no olho d'água. Pois é, com muita luta o Agenor na década de 70 conseguiu comprar uma terra e viemos morar perto da cidade, para os meus filhos estudarem. Essa terra ficava depois do entroncamento, hoje é da professora Elietes.



Chegando ali, como eu sabia ler e escrever, construíram uma escola e fui contratada para trabalhar na Domingos Jatene. Trabalhava com turma multisseriado, primeiro ano e segundo eu dava aula e terceiro e quarto outra colega.

Em relação a conflitos de terras, eu nunca participei, mais me lembro muito bem dos conflitos nos Seringais cachoeira, Bordon que foram os maiores confrontos entre fazendeiros e seringueiros, nessa época eu já morava na cidade, Chico Mendes morou em minha hospedaria por 9 meses, e tinha noite que ele passava andando sem conseguir dormir. Mas acredito que se os seringueiros não tivessem lutado por seus direitos e empatado o desmatamento eles não teriam conseguido um espaço para morar no dia de hoje.

Então como você pode perceber, foi bastante difícil, pra mim que morava com meus padrinhos que me tratavam como filha. E a única tarefa que eu realizava era dar banhos nas crianças, colocá-las para dormir e ler uma historinha para elas. Imagine a mudança de cultura. Precisei ser aculturada em relação aos saberes dos seringais. Eu não sabia acender o fogo, não conseguia ficar só no casebre "barraco". Morria de medo de ficar sozinha. Tinha noite que eu chorava, bem baixinho. Me arrependi muito de minha decisão. Diante disto, preferia ir com meu esposo para floresta, cortar seringa, roçado, pescar e caçar. Não foi fácil.

Lá eu aprendi com índias, nordestinas, bolivianas e acreanas a viver na floresta, aprendi costumes, culinárias, utilizar ervas medicinais como remédios e a fazer o melhor para minha família. Aprendi muito com essas mulheres. Eu não sabia o que fazer com as roupas encardidas, foi elas que me ensinaram a ensaboar e colocar para quasar no sol; a defumar aprendi com minhas companheiras e meu esposo, pois eu nunca podia chegar perto pra ver essa atividade ser realizada quando morava com a madrinha; pelar caça do mato, meu Deus! Ter filho sozinha sem ajuda de parteira, foi outro sacrifício; e enterrar o umbigo na porteira também aprendi com elas (era costume enterrar o umbigo na porteira, não poderia deixar o rato roubar, porque se o rato roubasse o menino ficaria ladrão). Quando os meninos adoeciam sempre usávamos raízes e folhas para fazer remédio caseiro: Chás, lambedor, garrafada, cozimento. O mais usado era os chás. As ervas mais usadas eram: Hortelã, casca de cajueiro, casca de jatobá, crajirú, algodoeiro, malvarisco, carqueja, gengibre,

alfavaca, babosa, folha de laranjeira, olho de goiabeira; óleos: banha de galinha, copaíba; mel: de cana de açúcar, mel de abelha, lambedor.

Quando não era o remédio usávamos a fé. Sempre fui católica, hoje não. Hoje sou evangélica. Mas foi difícil eu sair do catolicismo, pois passei quase toda minha vida de devoção aos santos católicos. São Sebastião, São João do Guarani eram meus favoritos. Como lhe disse eu era devota de Maria e do sagrado coração de Jesus, meu esposo era devoto de Santa Inês. Na adolescente, recebi de meu pai o conhecimento de rezar nas pessoas, uma dádiva de rezar para ossos desconjuntados. Não tinha osso que eu rezasse que a pessoa não ficasse curada.

No seringal e na colocação nova, as pessoas vinham de longe para receber a cura através da minha reza. Eu rezava em dedo desconjuntado, braços, pernas, até dor de dente. Eu utilizava um pedaço de pano, uma agulha de costura e linha, conforme eu alinhavava dizia algumas palavras e ia costurando, mas tinha que rezar três vezes para ser curado. Sempre deu certo.

Principalmente na zona rural distante, era se pegar a fé mesmo. Sempre gostei de participar das comemorações do vinte de Janeiro, era meu mês preferido, todas as procissões eu estava presente até 2004. Em 1980 viemos para a cidade e tínhamos hospedaria que enchia de pessoas de todos os lugares para a festa de São Sebastião. A cidade ficava em festa por muitos dias. Na minha hospedaria vinha gente de todo lugar, dia 15 de janeiro em diante já chegava gente, que os quartos não cabiam.

Hoje sou evangélica, mas quando eu morava no seringal e na colônia agente passava o ano inteiro nos preparando para vir ao município para as festividades de São Sebastião dia 20 de janeiro. Sempre tinha que pagar as promessas. Era também a época de comprar roupas, calçados e tudo que precisávamos. Era durante a festividade que vinham muitos marreteiros para a

Como já disse estudei, no colégio interno. Depois que casei-me e saí do seringal, época em que quase todos os filhos já havia nascido, voltei a estudar. Fiz a matrícula para estudar o curso de ensino médio pelo Projeto Logos II. Após receber o diploma de ensino médio, realizei o vestibular da Universidade Federal do Acre e

consegui ser aprovada no curso de curta duração de O.S.P.B. Que hoje compreende: História, Geografia e Sociologia. Nessa época fui contratada para ser professora na zona rural próximo minha colônia. Trabalhei na escola Domingos Jatene e quando vi para a cidade trabalhei na Escola Anthero Soares Bezerra por muitos anos. No ano de 1999 fiz uma pós-graduação e não fiz mestrado porque não tinha (riu). É importante lembrar que durante esse percurso eu bem estudava, dava aula, trabalhava na roça e ainda rezava em quem chegasse. Hoje sou aposentada de dois contratos de professora, meu esposo é aposentado de Soldado da Borracha.


Hoje não estuda quem não quer. Hoje tudo é mais fácil, o carro vai até a porta das casas, os ramais estão trafegáveis, tem mototáxis pra lá e pra cá. Mas hoje também, não vemos quase roçados, horta, legumes, verduras e animais. O povo vem comprar até arroz na cidade. Nós não. Nossa colônia era autossuficiente, tinha arroz, feijão, batata doce, macaxeira, o óleo era banha de porco, tirávamos a goma pra fazer tapioca. Hoje em dia o povo vem comprar até banana na rua [rir].

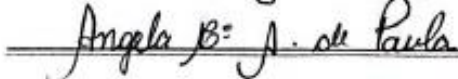
#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vou aproveitar a oportunidade de dizer que hoje sou grata pelo seu Mário e a madrinha Neném. Hoje sou professora aposentada de dois contratos efetivos e mantenho minha família, graças a amabilidade deles em me acolherem.

Graças aos meus estudos, até o dia de hoje, eu recebo menção honrosa de meus ex-alunos. Uns mandam cartões, fotos, mensagens de textos, e outros vem em minha casa, época do vinte de janeiro, quando visitam a cidade. As vezes até me confundo, pois alguns mudaram a afeição, mas no andar da carruagem acabo lembrando quem é, de quem é filho e aí minha amiga, vamos conversar.

Xapuri, Ac, 02 de Abril de 2022.

  
Entrevistada

  
Entrevistadora



### III – Nadir Dias da Costa

**Entrevistadora: Angela Maria A. de Paula (P.A)**

**Entrevistada: Nadir Dias da Costa (C.N)**

Idade: 98 anos

Residente: Rua Major Salina Xapuri Acre

Xapuri Acre, 02 de junho de 2023

Eu me chamo Nadir Dias da Costa, tenho 95 anos de idade, sou aposentada de soldado da borracha, tenho cinco filhos, todos nasceram no seringal. Tive 4 meninas e um menino. Quando perguntada em quantos seringais morou. Responde:

Vixi! Perdi as contas [rir]. Eu sempre vivi no seringal. Moremo em vários seringal, seringal da Bolívia, São João do Guarani, isso com meu pai. Quando me casei fui mais pra dentro, pra onde hje é o "Vai quem quer", era tudo mata, num sabe? e depois terminei os meus dias de trabalho aqui na Reserva Extrativista Chico Mendes. O lugar mais difícil foi abrir colocação no Guarani, lá onde o Judas perdeu a bota [rir]. Hoje tô aqui né? Sendo cuidada por minhas filhas.

Nossa vida era do trabalho, trabalho que não tinha fim. Eu trabalhava com meu pai, meu irmão e um senhor que morava lá em casa. Cortava seringa, era seringueira que não se acabava mais. Agente levantava muito cedo, quebrava o jejum as quatro e meia da madrugada. A gente trabalhava cortando até três hora e voltava colhendo o leite das tigelas e ponhando no balde, comia por lá mesmo, farofa na latas de leite as vezes era jabá, feijão, arroz e farinha, tinha também garrafa de água da fonte, é! [pensativa]. Na volta agente tirava o leite da tijela e colocava no balde e via embora.

Era muito trabalho, as costa chega dava um nó [pausa], o pior é que trabalhava e nada de sobrar saldo [gesticulando com a mão]. Nois tinha que comer o que vinha na aviação e as vez quando matava caça. E quando faltava, às vezes a gente chegava a vender o samambi escondido, pescava [pausa], as vezes em época de necessidade agente fazia duas ou três bolinhas de samambi que era para o patrão não descobrir, escondia e vendia. Acho que ele desconfiava, nois também ficava desconfiado [rir]. Quando passava o atravessador agente vendia ou trocava[pausa], agente não robava, agente fazia pra mode manter a nossa necessidade no seringal. E isso os outros também faziam [pausa]. todos faziam do mesmo jeito.

Quando meu marido morreu [emociona] eu fiquei com meus filhos, um dos menino nasceu moco, foi outro problema. Criei os meus filhos brocando campo, ajudava os home na derrubada, cortando seringa, as vezes sozinha, plantando roça, as meninas ajudava em casa, lavava roupa no garapé, cuidava dos bichos e dos irmãos menor. Fazia tudo isso e ainda era parteira, é! [pensativa], peguei não sei nem quantos meninos. As vezes ia de três dias de viagem fazer parto, três pra ir e três pra voltar. Minha filha mais velha cuidava dos irmãos. Eu tinha que ir ajudar as mulher na necessidade delas.

Antes de casar, na casa do papai agente ia pra festa com ele, dançava a noite toda se aguentasse, sempre tinha um sírio, uma comemoração ou um forró. Mesmo quando casei quando dava eu levava minhas filhas para dançar. Eu levava elas na festa, tinha uns forró animado, com sanfona mesmo, levava pra elas brincar e dançar. Na maioria das vezes eu ia so pra acompanhar minhas moças. Levava na Sibéria, ali na cabeça do barranco tinha um forró animado. Uma vez ou outra tinha briga, mas era só de cachaceiros, gente decente não bebia e nem brigava. Tinha também uma festa de rico no bilhar, essas nós não ia não. Na maioria das vezes eu ia só pra acompanhar minhas moças.

Quando eu me casei, eu tinha 15 anos e fui morar no seringal com meu marido. Antes de ir pra colocação no seringal, quando me casei, minha mãe me ensinou o que sabia, tudo que ela aprendeu com a mãe dela e com outras mulheres, ela me ensinou, mas morando com ela eu nem ligava, mas quando cheguei no seringal, o bicho pegou! Tive de lembrar de muita coisa. [repetição] pois é! quando conheci meu nego, fomos morar longe do meu pai, lá em casa não tinha responsabilidade de nada, ajudava naquilo que ele mandava. Mais quando fui morar sozinha.

Ai meu Deus! nós trabalhava muito, tudo que você imaginar a gente trabalhava, eu e meu marido. Eu tive que aprender tudo com ele, não sabia nem acender o fogo. Logo, logo começou a chegar os fios, Quando veio o primeiro menino, minha mãe não pode ir, tive que ter filho sozinha com meu marido, ele que fez tudo sozinho, eu ensinando. Com três dias que veio uma parteira lá em casa. Eu não deixava meus filhos pequenos ir pra mata, não. Tinha muito bicho, arrumava alguém



pra deixar eles. A gente saía com escuro, pegava a lata de farofa que eu fazia antes de saf e partia para a estrada de seringa, voltava só à tardinha e as vezes a noitinha.

Trabalhei na borracha, agente fazia assim (explicou com fazia),: você sai bem cedinho pra estrada, quando chega na árvore você risca, se tiver de riscar, mais o menos um palmo sabe, aquele risco e aí coloca a tigela, o leite cai na tigela, leite da seringueira, aí você risca todinho, tem estrada que tem até cem madeira até mais. Era o jeito mulher. Agente não tinha nada e o que ele ganhava so dava pra comer. Aí eu achei melhor eu ir ajudar ele pra criar meus fios. Depois meu marido teve malária e morrei os meninos ainda criança, a maiorzinha tinha 12 anos. Daí eu continuei o trabalho, se não a prantação ia morrer. Minhas meninas me ajudava, só o menino que era moco me dava trabalho imenso.

Me lembro, minha mãe quando agente adoecia, curava a gente fazendo remédio caseiro. Ela dizia que tinha aprendido com as bolivianas e as índias que morava lá, ela tanto fazia como ensinava agente fazer, mamãe conhecia todo mato da floresta, sabia pra cada um sevia, ela tinha uma horta de plantas, todo mundo vinha buscar lá em casa. Aquela gente que tem preguiça de pratar, né? A gente só tomava vacina, quando nascia [riu], naquele tempo tinha uma espécie de pistola, tipo de gado [rir] e aplicava nagente [rir], parecia bicho. Naquela época o pessoal da SUCAM uma vez ou outra ia era chamado de "DDT", era horrive, ficava tudo branco e fidido.

Como disse. Minha mãe tinha leras de prantas pra fazer remédio casero e era lá que ela pegava as folha e raiz para fazer remédio. As prantas mais usadas eram: carmelitana, erva cidreira, hortelã, boldo, copaiba, folha da laranjeira, capeba, capim santo, algodão roxo, alfavaca, gengibre, folha de graviola, malvarisco, algodoeiro, crajirú, jatobá, cajueiro, mastruz. Usava raiz, folha, batata, as vez a fror e óleo de copaiba, banha de galinha, mel de abelha e mel de cana de açúcar também. Cada erva tinha uma especialidade que agente aprendia. Quando menino ficava com febre fazia chá de folha de laranja com ASS, gripe agente fazia lambedor, verme agente fazia purgante de manona, catarro no peito agente tirava o sumo do mastruz e dava pra tomar, dor no figo era boldo e chá de casca de laranja seca. Pra ver, tudo agente aprendia, era o jeito [pensativa]. Aprendi muita coisa com as bolivianas e as índias (reza, remédio e comida).

Ainda sei de cabeça como fazer uma garrafada que aprendi com minha mãe, e ensinei pras minhas filhas. Se lembro da garrafada pra pegar barriga (sorrir). Tinha mulher que não pegava barriga, aí a gente fazia uma garrafada pra ela. A gente usa Ingredientes: 2 inhames com a casca, 2 xícara de açúcar mascavo, 1 punhado de unha de gato, 1 punhado de uxi amarelo, 1 romã tamanho médio, 4 cravo da Índia e 1 litro de vinho branco. Depois coloca no fogo, coloca açúcar mascavo em uma vasilha e leve ao fogo. Coloque o vinho. Assim que derreter o açúcar, desligar o fogo, coloca mais vinho. Mexa, mexa até misturar tudinho. Em seguida coloque o resto dos ingredientes cortados em pedaços pequenos e colocados dentro de uma garrafa limpa com tampa. A mistura deve ser colocada dentro da garrafa e deve ficar pelo menos duas semanas guardada antes de tomar. Há, eu digo pras mulheres essa mistura deve ser tomada em dois período só. Duas vezes só. Depois deve fazer uma nova.

Maria me ajuda aqui eu lembrar o que a gente usava (pedindo ajuda a Maria sua filha). A gente usava: óleos de copaíba, mel de abelha e as prantas: folha de graviola, malvarisco, algodoeiro, carmelitana, erva cidreira, hortelã, boldo, copaíba, unha de gato, folha da laranjeira, capeba, capim santo, algodão roxo, alfavaca, gengibre, crajirú, casca de jatobá, casca de cajueiro, Sumo do mastruz.

Vivi esse tempo todo e não consegui estudar não. Não estudei porque não deu. Mas meus filhos todos estudaram, tentei sempre morar perto de onde tinha uma escola, mesmo que eles andavam as vezes uma hora e meia até chegar na escola. Quando estavam maiorzinhos começaram a vir pra cidade estudar e hoje tenho até filho enfermeiro, tudinho tem profissão, menos o moco, mas é aposentado, e agora tudinho cuida de mim na velhice.

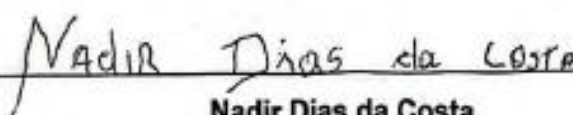
Sempre tive fé [pega no terço do pescoço], agente sempre se ajuntava pra rezar, ensinei meus filhos as ladainhas, como rezar o terço todo, novena, creio em Deus pai. A gente sempre foi católico. Hoje está tudo desbundado um pra lá outro pra cá[pensativa], mas quando morava comigo eu fazia gosto de levar pra comunidade rezar.

Na mata, a gente não podia contar com ajuda de ninguém, médico nem pensar. Olha, era muito difícil, difícil mesmo. Meu menino mais novo adoeceu de uma hora pra outra no seringal, uma colocação distante. E nós não tinha nem cibalena pra

dar pra ele. Passamos a noite toda, rezando e tratando dele com chá. De manhã meu velho saiu com escuro chamar as vizinhas, ele achava que era doença de criança. Aí quando as vizinhas chegaram, começemos um teço e entramos em outro. Eu estava desesperada. Aí a cumade Izaura vendo o desespero, pediu pra fazer uma reza que ela tinha aprendido, para vento caído e mal de criança. Mulher, no desespero que eu estava deixei. Ela pediu três ramo de trevo roxo, e benzeu meu filho. Não sei se foi os dois terços ou a reza, mas sei que o menino dormiu e até o dia de hoje tem uma saúde de ferro.

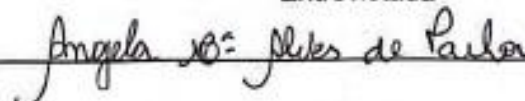
Na época do seringal, mesmo morando longe, a gente tinha mais contato com os vizinho. Quando a gente fazia adjunto, vinha todo mundo pra ajudar, home, mulher e até meninos, tudo trabalhava. Depois chegou a luz, aí a gente não fazia o que fazia antes (jogar dominó, baralho, contar estórias, forró com candieiro), agora chegou o celular, bagunço tudo. Hoje moro na rua, perto de muitas casas e não recebo visita de ninguém, só quem vem aqui é minhas filhas, todo mundo parece que ficou doido, só no celular.

Xapuri Acre, 02 de junho de 2023

  
\_\_\_\_\_

**Nadir Dias da Costa**

Entrevistada

  
\_\_\_\_\_

**Angela Maria A. Paula**

Entrevistadora



Deus, obrigado pelas vitórias conquistadas, e por possuir os meios e as condições para avançar mais e mais!